

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

NOEMIA MARIA QUEIROZ PEREIRA DA LUZ

**OS CAMINHOS DO OLHAR
Circulação, Propaganda e Humor
Recife, 1880-1914**

RECIFE/ 2008

NOEMIA MARIA QUEIROZ PEREIRA DA LUZ

OS CAMINHOS DO OLHAR
Circulação, Propaganda e Humor
RECIFE, 1880-1914

Tese apresentada como requisito parcial a obtenção do grau de Doutor em História ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Paulo Rezende.

RECIFE/ 2008

Luz, Noemia Maria Queiroz Pereira da
Os caminhos do olhar : circulação,
propaganda e humor Recife, 1880-1914. –
Recife: O Autor, 2008.
328 folhas : il., fig., fotos, mapas

Tese (doutorado) – Universidade Federal de
Pernambuco. CFCH. História, 2008.
Inclui: bibliografia, apêndices e anexos.

1. História. 2. História local. 3. Cidade. 4.
Tradição e Modernidade – Recife (1880-1914).
4. Imprensa. 5. Circulação. 6. Propaganda. 7.
Humor. I. Título.

930
900

CDU
(2. ed.)
CDD (22.
ed.)

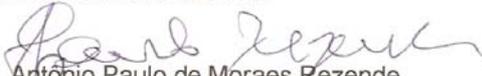
UFPE
BCFCH2008/10

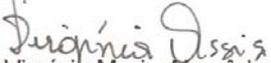


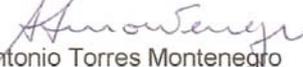
ATA DA DEFESA DA TESE DA ALUNA NOEMIA QUEIROZ PEREIRA DÂ LUZ.

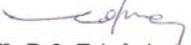
Às 09:00 h do dia 28 (vinte e oito) de fevereiro de 2008 (dois mil e oito), no Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, a Comissão Examinadora da Tese para obtenção do grau de Doutor apresentada pela aluna **Noemia Maria Queiroz pereira da Luz** intitulada **“Os Caminhos do Olhar: Circulação, Propaganda e Humor – Recife, 1880-1914”**, em ato público, após argüição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder à mesma o conceito **“APROVADA”**, em resultado à atribuição dos conceitos dos professores doutores: Antônio Paulo de Moraes Rezende (orientador), Virginia Maria Almoêdo de Assis, Antonio Torres Montenegro, Edvânia torres Aguiar Gomes e Lúcia Leitão Santos. Assinam, também, a presente ata o Coordenador, Prof. Dr. Antonio Torres Montenegro, e a Secretária do Deptº de História, Rogéria Feitosa de Sá, para os devidos efeitos legais.

Recife, 28 de fevereiro de 2008.

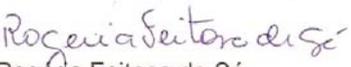

Prof. Dr. Antônio Paulo de Moraes Rezende.


Profª. Drª. Virginia Maria Almoêdo de Assis


Prof. Dr. Antonio Torres Montenegro


Profª. Drª. Edvânia torres Aguiar Gomes


Profª. Drª. Lúcia Leitão Santos


Rogéria Feitosa de Sá.

Para a Marina dos meus olhos

AGRADECIMENTOS

Este estudo é fruto de um olhar sobre as imagens iniciado na década de 1990, quando participo do Projeto Recife em Imagens, a convite da professora Dr^a. Maria do Rosário de Fátima Andrade Leitão. Devo a Rosário e aos estagiários do projeto a oportunidade do contato diário com a teoria e com a organização do acervo iconográfico sob a guarda do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano. Desde então, a leitura de estudos nesta área do conhecimento aliada ao trabalho prático e a escrita de textos sobre imagens ampliam a minha convicção da importância dos documentos imagéticos para a escrita da história das cidades. Convencida que aspectos do cotidiano podem ser explicados a partir de desenhos, pinturas, mapas, anúncios e fotografias, me motivo a ingressar no Doutorado em História.

O tempo para a elaboração da tese é partilhado com familiares, amigos, professores, psicólogos, alunos e companheiros de trabalho. Agradeço a todos que me acompanham nesses anos de construção do trabalho e de reconstrução da vida, pela oportunidade de aprender com eles fraternidade, afetividade, humanidade, sentimentos que se solidificam no exercício de viver. Agradeço, em especial:

Ao professor Dr. Antônio Paulo Rezende, orientador e amigo pela sensibilidade, dedicação e crítica ao trabalho durante todo o seu desenvolvimento.

Aos professores Dr. Antônio Torres Montenegro e Dr^a. Edvânia Torres Aguiar Gomes, pela leitura do texto, críticas e balizamento dado ao trabalho durante o exame de qualificação.

Ao professor Dr. José Luis da Mota Menezes por me ensinar história do urbanismo e da arquitetura do Recife e abrir seu arquivo particular onde encontro e disponho de fontes raras.

Aos amigos e professores Alcileide Cabral do Nascimento, Anna Izabel Queiroz Pereira da Luz, Anselmo Cabral da Silva, Lucia Regina Silva, José Valério de Carvalho Monteiro, Rubiane Xavier e Tiago Reis pela leitura pontual do trabalho, sugestões e correções em diversas fases de sua elaboração. Agradeço também a Tiago Reis pela formatação da tese e a Lucia Regina Silva pela correção da escrita e a Anna Izabel Queiroz Pereira da Luz pela revisão do texto.

A Capes pelo apoio financeiro.

Ao Curso de Pós-Graduação em História da UFPE, na pessoa de seus professores e funcionários a quem devo a construção desse trabalho. Aqueles com quem compartilho as disciplinas do curso, colegas que ao longo do tempo tornam-se amigos e com quem desfrutei momentos de discussões enriquecedoras para esse trabalho e de alegria para a vida, em especial a Flavio José Silva Soares, Alcileide Cabral, Ana Maria Carvalho dos Santos Oliveira e Sara Oliveira.

Ao coordenador e aos meus colegas, amigos e funcionários do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano, que lutam diariamente contra o descaso do Estado no que diz respeito ao patrimônio documental para preservar e dar acesso às fontes ali guardadas, especialmente a Lindinalva Costa dos Santos que dedica a vida a zelar pela hemeroteca.

Aos funcionários Marja do Socorro Serpa Brandão Acioli Lins e Carlos Ramos Magalhães da Coordenação de Iconografia e Documento Textuais da Fundação Joaquim Nabuco pelo cuidado com as fontes e o pronto atendimento aos pesquisadores.

Ao professor Anselmo Cabral da Silva e aos alunos Priscila de Almeida Vieira, Daniela Martins de Meneses, Plínio Marcos do Vale Rodrigues que me auxiliam na pesquisa das fontes.

As pessoas que dão brilho ao meu olhar: os amigos de sempre Norma, Renata e Helena Oliveira Campos, Rubiane Xavier, Alcileide Cabral, Lucia Regina Silva, meu afilhado Vinicius, minhas irmãs Anna Izabel, Lydia Cristina e Lucia Raquel Queiroz Pereira da Luz e minhas sobrinhas Rachel e Luisa Queiroz Nogueira.

Aos psicólogos, Djalma de Carvalho e Ana Maria Ferreira de Assis por me ajudarem a realizar nesse período o trabalho de me reconstruir como pessoa.

E, por fim, a Marina, minha filha, que com seu amor faz belos todos os meus dias.

SUMÁRIO

ÍNDICE DE IMAGENS	VIII
RESUMO	XXVII
ABSTRACT	XXVIII
INTRODUÇÃO	29
I OS CAMINHOS DO OLHAR: A CIDADE E A CIRCULAÇÃO. RECIFE, 1880-1914	58
1. 1 A CIDADE	74
1. 2. A CIRCULAÇÃO	105
II A CIDADE SOB O OLHAR DA PROPAGANDA. ÁLBUM ARTISTICO, COMMERCIAL E INDUSTRIAL DO ESTADO DE PERNAMBUCO. RECIFE, 1913	140
III O OLHAR DA CRÍTICA. JORNAIS HUMORÍSTICOS DO RECIFE, 1880 - 1914	194
3.1 O HUMOR E OS HUMORISTAS	198
3. 1. 1 <i>As Farpas de Jonio</i>	206
3. 2 . OS JORNAIS HUMORÍSTICOS	211
3. 3. OS ASSUNTOS DOS JORNAIS DE HUMOR DO RECIFE	227
3. 3. 1 <i>A Política</i>	229
3. 3. 2 <i>Ações do Governo</i>	233
3. 3. 3. <i>O Trabalho</i>	237
3. 3. 4 <i>Modernização, máquinas e equipamentos</i>	247
3.3. 5. <i>Sexualidade e sensualidade</i>	249
3. 3. 6. <i>Jogos</i>	259
3. 3. 7. <i>A propaganda</i>	261
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	270
APÊNDICES	294
ANEXOS	323

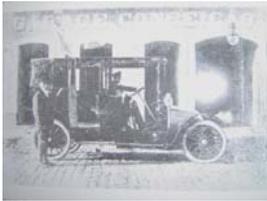
ÍNDICE DE IMAGENS

Número	Fonte	P.
Figura n. 01 	FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. Álbum Artístico, Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco. SNT. (Recife, 1913). Fotografia, em preto e branco, da placa da Liga Commercial Dantas Barreto.	36
Figura n. 02 	TONDELLA, Manoel. Afogados: Photographia Popular. 1903. Cartão-postal, em preto e branco.	64
Figura n. 03 	Planta Cidade do Recife. 1906, reduzida do levantamento da cidade feito por Sir. Douglas Fox e sócios e H. Michell Whitley, membros do Instituto de Engenheiros Civis de Londres.	66
Figura n. 04 	GALVÃO, Sebastião. Dicionário Chorográfico Histórico e Estatístico de Pernambuco. 2. ed. Rio de Janeiro Imprensa Nacional, 1921. Planta da Cidade Recife de 1920. Anexo.	67
Figura n. 05 	Recife: 1915. Foto, em preto e branco, da Rua do Imperador esquina com Rua do Crespo, atual Primeiro de Março. Coleção Benício Whatley Dias. Acervo Fundação Joaquim Nabuco.	68
Figura n. 06 	VILLELA, João Ferreira. Recife. Foto, em preto e branco. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Final do século XIX. Rua do Imperador vista da Praça D. Pedro II, atual Praça Dezessete, com sua fonte em primeiro plano.	69

<p>Figura n. 07</p> 	<p>KRAUSS, L. Entrada para a estação das Cinco Pontas. Casa Litográfica de F. H. Carls. 1878-85. Em primeiro plano, homem e criança, pescador e fiscal de linha. Ao fundo a Rua Imperial. Acervo do Professor Dr. José Luis da Mota Menezes.</p>	70
<p>Figura n. 08</p> 	<p>Recife: Casa Litográfica de F. H. Carls. Preto e branco. Fotografia de litogravura da Rua Primeiro de Março, final do século XIX. Sobrados com gradil de ferro e janelas de vidro. No andar inferior, as lojas apresentam letreiros. Ao fundo, as lojinhas e a igreja de Santo Antônio. Nas ruas, bondes de burro, homens usando casacas e raras mulheres acompanhadas. Acervo do Professor Dr. José Luis da Mota Menezes.</p>	71
<p>Figura n. 09</p> 	<p>KOSSOY, Boris. Dicionário Histórico - Fotográfico Brasileiro. Fotógrafos e ofício da Fotografia no Brasil (1833-1910). São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2002. p. 77. Cartão de visita de Constantino Barza - Photographia Allemã.</p>	72
<p>Figura n.10</p> 	<p>KOSSOY, Boris. Dicionário Histórico - Fotográfico Brasileiro. Fotógrafos e ofício da Fotografia no Brasil (1833-1910). São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2002. p. 124. Cartão de visita de Ducasble - Photographia Parisienne.</p>	72
<p>Figura n. 11</p> 	<p>LAMBERG, Maurício. Recife:1885. Foto, em preto e branco. Vista da ponte Sete de Setembro, hoje Maurício de Nassau. Coleção D. Tereza Cristina Maria. Acervo da Biblioteca Nacional.</p>	74
<p>Figura n. 12</p> 	<p>LUBAMBO, Cátia. Bairro do Recife entre o Corpo Santo e o Marco Zero. Recife: CEPE/ Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1991. Anexo. Foto, em preto e branco, de Tondela. Bairro do Recife em obras.</p>	76

<p>Figura n. 13</p> 	<p>Recife: foto, em preto e branco, da Rua do Bom Jesus vista da Torre Malakoff, após reforma do bairro do Recife, início do século XX. Álbum Vistas de Pernambuco. Acervo do Museu do Estado de Pernambuco.</p>	77
<p>Figura n. 14</p> 	<p>Recife: Douglas Fox e sócios, 1906. Fragmento da Planta da Cidade do Recife. Apresentando a ocupação da Capunga, Afritos, Torre e Madalena. Acervo do Professor Dr. José Luis da Mota Menezes.</p>	78
<p>Figura n. 15</p> 	<p>FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. Álbum Artístico Comercial e Industrial do Estado de Pernambuco. SNT. (Recife, 1913) p. 89. Foto em preto e branco. Sobrado eclético, fachada da Casa E. Brack & C^{ia}.</p>	82
<p>Figura n. 16</p> 	<p>Recife: foto, em preto e branco, do Largo do Arsenal da Marinha, Praça Artur Oscar, início do século XX. Em primeiro plano o obelisco e ao fundo o bonde de burro. Observar os sobrados reformados com platibanda e elementos decorativos. Álbum Vistas de Pernambuco. Coleção Comendador Baltar. Acervo do Museu do Estado de Pernambuco.</p>	83
<p>Figura n. 17</p> 	<p>Foto de desenho em <i>crayon</i> da primeira página do jornal a Lanceta. Actualidades.</p>	89
<p>Figura n. 18</p> 	<p>Recife: foto, em preto e branco, da Praça Maciel Pinheiro, antiga Conde D'Eu, totalmente calçada assim como a Rua da Imperatriz, ao fundo.</p>	94

<p>Figura n. 19</p> 	<p>LAMBERG, Maurício. Recife: 1880. Foto em preto e branco. Praça Dezessete após reforma. Acervo da Biblioteca Nacional.</p>	96
<p>Figura n. 20</p> 	<p>Foto de charge, em <i>crayon</i>, da primeira página do jornal O Badalo. Periódico Crítico e Jocosos. Recife, 26 de outubro de 1898. p. 1.</p>	101
<p>Figura n. 21</p> 	<p>ARQUIVOS. Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal do Recife. n. 1, Dez 1976. Nova série. Recife: início do século XX. Foto em preto e branco. Praça da Independência onde pessoas e transportes compartilham o espaço aberto.</p>	105
<p>Figura n. 22</p> 	<p>Recife: 1905. Foto em preto e branco. Ponte da Boa Vista. Espaço dos trilhos para os bondes, respeitado pelo povo e por outros transportes. Acervo da Fundação Joaquim Nabuco.</p>	106
<p>Figura n. 23</p> 	<p>Recife: 1910. Foto, em preto e branco. Rua Nova, bonde puxado a burro, ao lado de popular que lê jornal em plena via pública. Acervo da Fundação Joaquim Nabuco.</p>	107
<p>Figura n. 24</p> 	<p>Recife: 1900-1910. Foto, em preto e branco, da Praça Maciel Pinheiro, antiga Conde D'Eu. Uso das calçadas. Coleção Benício Whatley Dias. Acervo da Fundação Joaquim Nabuco.</p>	108
<p>Figura n. 25</p> 	<p>ARQUIVOS. Recife, n. 2. Nov. 1942. Recife: início do século XX. Foto, em preto e branco. No bonde, seu condutor de pé usa terno e trafega na Ponte Maurício de Nassau.</p>	112

<p>Figura n. 26</p> 	<p>FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. Álbum Artístico Comercial e Industrial do Estado de Pernambuco. SNT. (Recife, 1913) p. 89. Foto, em preto e branco. Carro, empregados e fachada da Garage Conceição, de Menezes e Cia. Rua da Conceição nº. 6.</p>	114
<p>Figura n. 27</p> 	<p>Recife: Douglas Fox e sócios, 1906. Fragmento da Planta da Cidade do Recife. Apresentando a ocupação ao longo da Rua Imperial onde transita os bondes da Ferro Carril. Acervo do professor Dr. José Luís da Mota Menezes.</p>	116
<p>Figura n. 28</p> 	<p>Recife: foto, em preto e branco. Ponte sobre o Capibaribe para passar a Maxambomba. Acervo Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.</p>	119
<p>Figura n. 29</p> 	<p>ARQUIVOS. Recife, Ano I, n. 2. Nov. 1942. Recife: Casa Litográfica de F. H. Carls, 1878. Fotografia de Litogravura, em preto e branco. Em primeiro plano, escravos carregando barril e saco, quiosque onde é vendido cigarro e bebida e o bonde de burro, denominado baú.</p>	121
<p>Figura n. 30</p> 	<p>Recife: Casa Litográfica de F. H. Carls, 1878. Fotografia de litogravura, em preto e branco. O hospício dos padres, atual Rua do Hospício. Em primeiro plano, mulheres na cacimba e o cano do esgoto. Ao fundo a maxambomba. Casa Litografica de F. H. Carls. Acervo do professor Dr. José Luis da Mota Menezes.</p>	122
<p>Figura n. 31</p> 	<p>Recife: Casa Litográfica de F. H. Carls. (década de 1870) Fotografia de litogravura, em preto e branco. O bonde de burro fechando o Rio Capibaribe com suas canoas, à esquerda a Casa da Detenção, ao fundo o Hospital Pedro II, e os sobrados da Rua da Aurora. Acervo do professor Dr. José Luis da Mota Menezes.</p>	123
<p>Figura n. 32</p> 	<p>GAENSLY, Guilherme. Recife: fim do século XIX. Foto em preto e branco. Burros e cavalos estacionados no Largo do Livramento.</p>	124

<p>Figura n. 33</p> 	<p>ARQUIVOS. Recife, Ano I, n. 2. Nov. 1942. Recife: início do século XX. Foto, em preto e branco. Trânsito intenso de carroças e bonde de burro na Ponte Buarque de Macedo.</p>	125
<p>Figura n. 34</p> 	<p>Recife: 1905-1915. Foto, em preto e branco. Carroças na Ponte Buarque de Macedo. Coleção Benício Whatley Dias. Acervo da Fundação Joaquim Nabuco.</p>	127
<p>Figura n. 35</p> 	<p>LAMBERG, Maurício. Recife: 1885. Foto, em preto e branco. Animais carregados parados em plena avenida, no Cais do Colégio, hoje Avenida Martins de Barros. Coleção Dona Thereza Christina Maria. Acervo da Biblioteca Nacional.</p>	129
<p>Figura n. 36</p> 	<p>FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco. SNT. (Recife, 1913). p. 146. Foto, em preto e branco. Fábrica de Biscoitos Pilar de Luiz da Fonseca & Cia.</p>	130
<p>Figura n. 37</p> 	<p>ARQUIVOS. Recife, Ano I, n. 2. Nov. 1942. Foto, em preto e branco. Cais da Lingüeta visto dos arrecifes.</p>	138
<p>Figura n. 38</p> 	<p>Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco. 1. ed. SNT. (Recife, 1913) p. 3. Foto, em preto e branco. Manoel Rodrigues Folgueira.</p>	141
<p>Figura n. 39</p> 	<p>FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco. SNT. (Recife, 1913). p. 70. Foto, em preto e branco. Fachada do sobrado da Fabrica de Tintas H. Costa.</p>	148

<p>Figura n. 40</p> 	<p>FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco. SNT. (Recife, 1913). p. 104. Foto, em preto e branco. Depósito da Fazenda Serra Grande.</p>	149
<p>Figura n. 41</p> 	<p>FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco. SNT. (Recife, 1913). Capa do Álbum.</p>	150
<p>Figura n. 42</p> 	<p>FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco. SNT. (Recife, 1913). p. 140. Foto, em preto e branco. Fachada da <i>Victoria Store</i>.</p>	151
<p>Figura n. 43</p> 	<p>FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco. SNT. (Recife, 1913). p. 151. Anúncio da Fábrica de Doces M. B. Marca Peixe.</p>	152
<p>Figura n. 44</p> 	<p>FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco. SNT. (Recife, 1913). p. 10. Foto, em preto e branco. Dono da Fábrica a Vapor Tenda do Saraiva entre máquinas.</p>	154
<p>Figura n. 45</p> 	<p>FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco. SNT. (Recife, 1913). p. 9. Anúncio da Pharmacia Bartholomeu.</p>	155
<p>Figura n. 46</p> 	<p>FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco. SNT. (Recife, 1913). p. 64, Fachadas da Pharmacia Triumpho, com cartaz e número do telefone escrito na parede.</p>	156

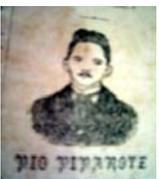
<p>Figura n. 47</p> 	<p>FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco. SNT. (Recife, 1913). p. 59. Anúncio da Fabrica e Loja de Velas de Cera.</p>	157
<p>Figura n. 48</p>	<p>FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco. SNT. (Recife, 1913). p. 40. Anúncio da Fábrica a Vapor Confiança.</p>	158
<p>Figura n. 49</p> 	<p>FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco. SNT. (Recife, 1913). p. 58. Foto, em preto e branco. Fachadas da Fabrica e Loja de Velas de Cera e Depósitos, de Cassimiro, Fernandes & C..</p>	159
<p>Figura n. 50</p> 	<p>FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco. SNT. (Recife, 1913). p. 66. Anúncio da Fabrica Zenith.</p>	161
<p>Figura n. 51</p> 	<p>FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco. SNT. (Recife, 1913). p. 40. Foto, em preto e branco. Fachadas e laterais da Fábrica a Vapor Progridior.</p>	162
<p>Figura n. 52</p> 	<p>FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco. SNT. (Recife, 1913). p. 14. Foto, em preto e branco. Fachadas do Restaurant Manoel Leite.</p>	163

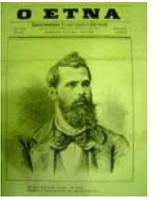
<p>Figura n. 53</p> 	<p>FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco. SNT. (Recife, 1913). p. 71. Anúncio da Fábrica de Tintas H. Costa.</p>	164
<p>Figura n. 54</p> 	<p>FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco. SNT. (Recife, 1913). p. 12. Foto, em preto e branco. Fachadas do Armazém da Cruz Branca.</p>	165
<p>Figura n. 55</p> 	<p>FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco. SNT. (Recife, 1913). p. 81. Anúncio da Drogaria e Pharmacia dos Pobres.</p>	166
<p>Figura n. 56</p> 	<p>FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco. SNT. (Recife, 1913). p. 43. Foto, em preto e branco. Interior da Fábrica Progredior.</p>	168
<p>Figura n. 57</p> 	<p>FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco. SNT. (Recife, 1913). p. 48. Foto, em preto e branco. Vários produtos da Progredior: vinhos de frutas e de cana, vinagres, conhaques, vermouths, genebras e bebidas gasosas.</p>	169
<p>Figura n. 58</p> 	<p>FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco. SNT. (Recife, 1913).p. 133. Foto, em preto e branco. Fachadas da Fábrica de Cigarros Águia de Ouro, de Pinto & C.</p>	170
<p>Figura n. 59</p> 	<p>FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco. SNT. (Recife, 1913). p. 76. Foto de pintura. Fábrica a Vapor de Biscoitos Confiança, de Gomes & C..</p>	171

<p>Figura n. 60</p> 	<p>FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco. SNT. (Recife, 1913). p. 134. Foto, em preto e branco. Escritório da Fábrica de Cigarros Águia de Ouro.</p>	172
<p>Figura n. 61</p> 	<p>FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco. SNT. (Recife, 1913). p. 50. Foto, em preto e branco. Laboratório da Fábrica Progredior.</p>	174
<p>Figura n. 62</p> 	<p>FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco. SNT. (Recife, 1913). p. 49. Foto, em preto e branco. Secção de maquinismo da Fábrica Progredior.</p>	174
<p>Figura n. 63</p> 	<p>FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco. SNT. (Recife, 1913). p. 147. Foto, em preto e branco. Secção de cortadeiras da Pilar.</p>	175
<p>Figura n. 64</p> 	<p>FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco. SNT. (Recife, 1913). p. 34. Foto, em preto e branco. Fábrica de Tecido de Cânhamo e Juta.</p>	176
<p>Figura n. 65</p> 	<p>FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco. SNT. (Recife, 1913). p. 54. Foto, em preto e branco. Secção de encaixotamento da Fábrica Progredior.</p>	177
<p>Figura n. 66</p> 	<p>FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco. SNT. (Recife, 1913). p. 55. Foto, em preto e branco. Oficina de tanoaria da Fábrica Progredior.</p>	178

<p>Figura n. 67</p> 	<p>FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco. SNT. (Recife, 1913). p. 135. Foto, em preto e branco. Primeira secção do fabrico de cigarros da Fábrica Água de Ouro.</p>	179
<p>Figura n. 68</p> 	<p>FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco. SNT. (Recife, 1913). p. 17. Foto, em preto e branco. Retrato de Armando Manuel Leite França.</p>	180
<p>Figura n. 69</p> 	<p>FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco. SNT. (Recife, 1913). p. 16. Foto, em preto e branco. Interior do Restaurant Manoel Leite.</p>	181
<p>Figura n. 70</p> 	<p>FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco. SNT. (Recife, 1913). p. 61. Foto, em preto e branco. Interior da Loja do Coelho. No fundo, ladeia o nome da loja a palavra novidades.</p>	182
<p>Figura n. 71</p> 	<p>FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco. SNT. (Recife, 1913). p. 92. Foto, em preto e branco. Interior da Alfaiataria Machado.</p>	183
<p>Figura n. 72</p> 	<p>FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco. SNT. (Recife, 1913). p. 89. Foto, em preto e branco. Vitrine da Chapelaria Lusitana.</p>	185
<p>Figura n. 73</p> 	<p>FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco. SNT. (Recife, 1913). p. 88. Foto, em preto e branco. Interior da Casa Bijou.</p>	186

<p>Figura n. 74</p> 	<p>FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco. SNT. (Recife, 1913). p. 82. Foto, em preto e branco. Interior da Rosa dos Alpes.</p>	187
<p>Figura n. 75</p> 	<p>FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco. SNT. (Recife, 1913). p. 25. Anúncio da Alfaiataria Fiorentina.</p>	188
<p>Figura n. 76</p> 	<p>FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco. SNT. (Recife, 1913). p. 79. Anúncio de Gomes Matos & C..</p>	189
<p>Figura n. 77</p> 	<p>FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco. SNT. (Recife, 1913). p. 78. Foto, em preto e branco. Fachada do Armazém de Gomes de Mattos Irmãos & C..</p>	190
<p>Figura n. 78</p> 	<p>FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco. SNT. (Recife, 1913). p. 24. Foto, em preto e branco. Interior da Alfaiataria Fiorentina.</p>	191
<p>Figura n. 79</p> 	<p>FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco. SNT. (Recife, 1913). p. 33. Anúncio dos sapatos Clark.</p>	192
<p>Figura n. 80</p> 	<p>O FANTOCHE. Recife, 23 de jul. 1891. p. 1.</p>	196

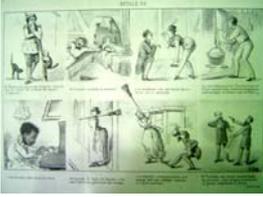
<p>Figura n. 81</p> 	<p>GUAPY e BLACK. O Recife e a Imprensa. O Recife. Folha Alegre e Ilustrada. Recife, 2 de set. 1904 p. 8.</p>	197
<p>Figura n. 82</p> 	<p>RECIFE ILLUSTRADO. Recife, 10 de jul. 1888. p.1.</p>	202
<p>Figura n. 83</p> 	<p>EXPOSIÇÃO. Recife, 10 de jul. 1888. p.1.</p>	203
<p>Figura n. 84</p> 	<p>PIO Piparote. O Piparote. Órgão da Bohemia Pio Piparote.</p>	204
<p>Figura n. 85</p> 	<p>TELLES, Benevenuto. VENÚS. Antes do Banho O Periquito. Periódico Joco-sério e noticioso. Recife, 14 de maio 1908. p. 1.</p>	206
<p>Figura n. 86</p> 	<p>A tolíce em doce far niente com a preguiça América Ilustrada. Recife, 13 de maio 1883. p. 8.</p>	212

<p>Figura n. 87</p> 	<p>AMARAL, Libânio. Alegoria do ano novo. Recife Ilustrado. Periódico literário, crítico e humorístico. Recife, 22 de jan. 1889. p.1.</p>	213
<p>Figura n. 88</p> 	<p>AMARAL, Libânio. Sylphorama. Recife, 30 de mar. 1892. p. 1.</p>	214
<p>Figura n. 89</p> 	<p>O ETNA. Hebdomadário Ilustrado e Satyrico. Recife, 8 de out. 1881. p. 1.</p>	216
<p>Figura n. 90</p> 	<p>Desenho em homenagem a José Mariano. O Etna. Hebdomadário Ilustrado e Satyrico. Recife, 15 de out. 1881. p. 1.</p>	217
<p>Figura n. 91</p> 	<p>Lima, A. Alegoria da República. A Exposição. Revista Crítica e Humorística. Recife, 17 de maio 1888. p.1.</p>	217
<p>Figura n. 92</p> 	<p>O ARARA. Recife, 14 de fev. 1907. p. 1.</p>	218

<p>Figura n. 93</p> 	<p>MAIA, Abelardo. O Cinema. Recife, 27 de set. 1914. p. 3.</p>	<p>219</p>
<p>Figura n. 94</p> 	<p>MAIA, Abelardo. O Cinema. Recife, 27 de set. 1914. p. 4.</p>	<p>219</p>
<p>Figura n. 95</p> 	<p>AMÉRICA ILLUSTRADA. Recife, 10 de jul. 1883. p. 3, 4.</p>	<p>220</p>
<p>Figura n.96</p> 	<p>A democracia nos paroximos da morte. O Etna. Hebdomadário Ilustrado e Satyrico. Recife, 8 de out. 1881. p. 4,5.</p>	<p>222</p>
<p>Figura n. 97</p> 	<p>Logomarca. O Periquito. Periódico Joco-sério e Noticioso. Vai ou racha. Entra ou arrebenta. Recife, 24 de dez. 1901. p. 1.</p>	<p>223</p>
<p>Figura n. 98</p> 	<p>ALMEIDA, Osvaldo. Til. Logomarca. O Periquito. Periódico Joco-sério e Noticioso. Recife, 14 de maio 1905. p. 1.</p>	<p>223</p>
<p>Figura n. 99</p> 	<p>O RAIO. Primeira quinzena de out.1902. p. 8.</p>	<p>224</p>

<p>Figura n. 100</p> 	<p>O RECIFE. Recife, 28 de out. 1904. p.1.</p>	<p>226</p>
<p>Figura n. 101</p> 	<p>AMÉRICA ILLUSTRADA. Recife, 27 de mar. 1881. p. 3,4.</p>	<p>227</p>
<p>Figura n. 102</p> 	<p>Actualidades. A Lanceta. Periódico Ilustrado. Recife, 19 de mar. 1913. p. 1.</p>	<p>228</p>
<p>Figura n. 103</p> 	<p>Actualidades. A Lanceta. Periódico Ilustrado. Recife, 15 de jan. 1913. p.1.</p>	<p>229</p>
<p>Figura n. 104</p> 	<p>E. Fonseca ou Euclides Fonseca. 15 de novembro. Através de um sonho. O Periquito. Semanário Ilustrado. Periódico Joco-sério e Noticioso. Recife, 15 de nov. 1901. p.1.</p>	<p>230</p>
<p>Figura n. 105</p> 	<p>E. Fonseca ou Euclides Fonseca. 15 de novembro. Em plena realidade. O Periquito. Semanário Ilustrado. Periódico Joco-sério e Noticioso. Recife, 15 de nov. 1901. p.1.</p>	<p>230</p>

<p>Figura n. 106</p> 	<p>Assim não sabemos em quem votar. América Ilustrada. Publicação Humorística. Recife, 3 de jan. 1886. p. 4, 5.</p>	231
<p>Figura n. 107</p> 	<p>Actualidades. A Lanceta. Periódico Ilustrado. Recife, 5 de fev. 1912. p. 1.</p>	232
<p>Figura n. 108</p> 	<p>A Democracia.</p>	233
<p>Figura n. 109</p> 	<p>AMÉRICA ILLUSTRADA. Recife, 31 de out. 1880. p. 8.</p>	234
<p>Figura n. 110</p> 	<p>Salve! A Companhia do Beberibe.</p>	235
<p>Figura n. 111</p>  <p>A polícia descobrindo a pista do crime.</p>	<p>A polícia descobrindo a pista do crime. A Pimenta. Recife, 14 de nov. 1908. p. 3.</p>	236
<p>Figura n. 112</p> 	<p>O pedido da beijoca. O Periquito. Periódico Joco-sério Noticioso. Recife, 29 de out. 1908. p. 5.</p>	239

<p>Figura n. 113</p> 	<p>Maria Augusta Generosa Estrella. Dra. em medicina e Josepha Agueda Felisbella de Oliveira. St. em medicina. O Etna. Recife, 12 de nov. 1881. p. 8.</p>	243
<p>Figura n. 114</p> 	<p>Desenho de E. Fonseca ou Euclides Fonseca. O Caixeiro e o Espartilho. A Pimenta. Recife, 30 de jun.1909. p. 4.</p>	243
<p>Figura n. 115</p> 	<p>Guapy ou Herculano de Albuquerque. Outrora e hoje. O Periquito. Periódico Joco-sério e Noticioso. Recife, 3 de dez. 1908. p. 7.</p>	245
<p>Figura n. 116</p> 	<p>A EXPOSIÇÃO. Revista Crítica e Humorística. Recife, 10 de ago. 1887. p. 8.</p>	246
<p>Figura n. 117</p> 	<p>A mulher de bicicleta. A Pimenta. Recife, 2 de dez. 1908. p. 6.</p>	247
<p>Figura n. 118</p> 	<p>V. T. No Bond. In médio consistit virtus. América Illustrada. Recife, 16 de mar. 1879. p. 8.</p>	248

<p>Figura n. 119</p> 	<p>Aleluia. América Ilustrada. Recife, 27 de mar. 1881. p. 8.</p>	<p>249</p>
<p>Figura n. 120</p> 	<p>Uma esmola de festas. América Ilustrada. Recife, 31 de out. 1880. pp. 3, 4.</p>	<p>251</p>
<p>Figura n. 121</p> 	<p>Dada Parteira. O Periquito. Periódico Joco-sério e Noticioso. Recife, 31 de ago. 1908. p. 3.</p>	<p>255</p>
<p>Figura n.122</p> 	<p>Desenho de Venu, Recurso. A Pimenta. Recife, 21 de nov. 1908. p. 1.</p>	<p>257</p>
<p>Figura n. 123</p> 	<p>América Ilustrada. Recife, 29 de jun. 1879. p.1.</p>	<p>265</p>
<p>Figura n. 124</p> 	<p>V. Cruz. Carneiro Vilela. Fábrica Flora. América Ilustrada. Recife, 27 de jul. 1879. p. 8.</p>	<p>266</p>
<p>Figura n. 125</p> 	<p>L. Jonhson & C. Scenas da Atualidade. A Pimenta. Folha Noticiosa e Humorística. Recife, 29 de jun. 1901. p. 4.</p>	<p>269</p>

RESUMO

O olhar deste trabalho circula no diálogo estabelecido entre a tradição e o moderno, que provoca resistências e encantamentos, em segmentos da população da cidade do Recife entre 1880 e 1914. Período quando a modernidade é apenas vislumbrada e o novo para se afirmar tem como ponto de partida o encontro com a tradição, a qual, às vezes, se transforma para adequar-se às necessidades vigentes e, em outros momentos o novo contrapõe-se a ela, ratificando uma ruptura com o já vivido. A análise do diálogo estabelecido entre a tradição e o moderno é o fio condutor desse trabalho, que tem por temas a modernização, o processo de urbanização, a circulação de pessoas e mercadorias, o humor e a propaganda como veículos de crítica, expressão e difusão da modernização da cidade do Recife. O objetivo alcançado é uma escrita sobre a vida na cidade, o que nela muda com o aparato técnico instalado, as respostas dadas pelas pessoas às mudanças a partir da criação de desenhistas, artistas, humoristas e fotógrafos.

Palavras-chave

Recife, cidade, circulação, propaganda, humor.

ABSTRACT

A view of this work goes around the dialogue set between tradition and modernity which provokes resistance and charming in several segments of the population in the city of Recife from 1880 to 1914. At that time, when the modernity was just a glimmer, in order to establish itself the new has a meeting with the tradition as a starting point and sometimes it makes some changes so that it fits the standing needs, on the other hand the old in counterpoint to the new ratifies the rupture with the time already lived. The analysis of the dialogue established between tradition and modernity, is the aim of this research whose main subject is the modernization, with urbanization, people moving around among goods and services, humour, advertisements as means of criticism, expression and diffusion of modernization of the city of Recife. The achieved aim is a writing about the life in the city, its changes with the technical apparatus, the answers given by the people to those changes since the creation of drawings and work of artists, humorists and photographers.

Keywords

Recife, city, circulation, publicity, humor.

INTRODUÇÃO

*“Os olhos lêem a vida e o mundo.
Definem suas cores, traçam suas forças, dimensionam seus movimentos.
Os olhos é o visível.
Mas é o coração que percebe o invisível da vida e do mundo.
Penetra nos seus mistérios.
Aprofunda suas tramas, inventa sentimentos,
descobre a magia talvez absurda que envolve a aventura humana”.*

Antônio Paulo Rezende

Sou natural e habitante da cidade do Recife, neste tempo em que tudo acontece simultaneamente e que a todo instante deparamos com o novo, sentindo o desconforto de não conseguir com facilidade viver os caminhos das relações que as pessoas, cada dia mais distantes, estabelecem. Volto o olhar para o cotidiano nessa cidade, na passagem do século XIX para o XX, a fim de entender como os seus habitantes daquela época convivem com as inovações tecnológicas, a mudança de hábitos, os novos ideais de individualidade, civilidade e moralidade, de modo a buscar inspiração, quem sabe socorro, para sobreviver ante o desamparo e a solidão que agora nos cercam.

Este trabalho é exercício de emoção, de vida, meio de realizar um aprendizado para além do olhar e da cidade, um olhar interior, que permita desentranhar ruínas, refazer o eu. O ofício de contar uma história, parte do exercício de entender a nossa história, desenhar os prazeres e as dores do mundo, derramando flashes de luz sobre imagens do inconsciente.

As primeiras letras da história deste trabalho são rabiscadas no meu tempo de criança, quando meu brinquedo predileto é arrumar uma coleção de biscuits sobre a mesa e, com dominós, definir os espaços de uma cidade, dando vida aos bonecos de porcelana. Criada por meus padrinhos, Noemia de Souza Wanderley e Augusto Wanderley Filho, irmão de Eustórgio Wanderley, meu tio Tota, pintor e poeta no início do século XX, vivo a infância entre educadores, em um sobrado onde música, teatro, revistas em quadrinhos, pintura, desenho, móveis, porcelanas,

leques, objetos que compõe o espaço em que cresço lembra o início do século. Ali, lendo o livro *Tipos Populares do Recife Antigo*, crônicas de Eustórgio Wanderley¹, quero entender e poder relatar a história do Recife, seu crescimento e o cotidiano dos seus habitantes. Com este objetivo procuro fontes sobre a cidade, pouco comuns nos trabalhos até então existentes, que informem sobre o dia-a-dia das pessoas que nela vivem e de suas diversas atividades.

O olhar deste trabalho circula no diálogo estabelecido entre a tradição e o moderno, que provoca resistências e encantamentos, em segmentos da população da cidade do Recife entre 1880 e 1914. Período quando a modernidade é apenas vislumbrada e o novo para se afirmar tem como ponto de partida o encontro com a tradição, a qual, às vezes, se transforma para adequar-se às necessidades vigentes e, em outros momentos se contrapõe a ela, ratificando uma ruptura com o já vivido. Antônio Paulo Rezende (2002, p.17, 18) afirma: “as comunidades humanas transformavam-se com o passar do tempo, mas há permanências. Há um ritmo nessas mudanças, ora lento, ora veloz. Na construção de cada história, de cada pessoa ou lugar, há um diálogo constante entre o passado e o presente”. Rezende ensina que apesar da modernidade se apresentar como um tempo de rupturas ela se apóia nas tradições, das quais faz releituras. Analisar o que é a vida na cidade, suas tradições, o que nela muda com o aparato técnico instalado, as respostas dadas pelas pessoas às mudanças a partir da criação de desenhistas, artistas, humoristas e fotógrafos é nosso objetivo.

Individual e coletivamente os moradores da cidade convivem com as inquietações diante do novo. Por vezes, apegam-se ao passado, preservando comportamentos, rituais e saberes. De outra sorte, aderem às facilidades e se submetem às exigências mecanizadas do presente. Algumas pessoas, entre elas humoristas e jornalistas tentam se equilibrar entre o moderno e a tradição, resistindo a não romper frontalmente com valores secularmente apreendidos e cedendo aos amavios que as comodidades oferecidas pela indústria e pelos serviços colocam ao seu dispor. Atravessar a vida caminhando por esse fio tênue, necessitar diariamente de tomar posição, optar por romper com verdades estabelecidas ou se expor ao

¹ Eustórgio Wanderley na década de 1950 mora no Rio de Janeiro. Ali o conheço e o vejo criar, de improviso, poemas para as pessoas que o visitam. **Tipos Populares do Recife Antigo**, Crônicas de Eustórgio Wanderley. 2ª série. Recife: Colégio Moderno, 1953.

desconhecido gera acomodações e tensões, pessoais e de grupos no espaço urbano que pretendemos aqui expor.

A história da cidade do Recife é traçada em torno do cotidiano que confere significado ao seu espaço e ergue pontes entre seus habitantes. O dia a dia da cidade é objeto complexo da investigação, ponto de debate, local de visita, que é investigado, em maior ou menor grau, de acordo com a seleção de assuntos que o historiador escolhe em função de seus interesses e que se ligam no espaço urbano.²

A cidade como realidade complexa, espaço de relações humanas, animada pela circulação de idéias, informações e desejos, define-se pelas dimensões dos sonhos e da existência de seus habitantes. Lugar da construção e adaptação ao novo, a cidade “representa mudanças e permanências, imaginários e cotidianos, heterogêneos e grandiosos, para quem as vive, para quem as pensa, para quem se envolve com suas histórias”.³ A cidade do Recife, “metade roubada ao mar, metade à imaginação”⁴, é o espaço que visitamos, por meio de documentos, para captar o que em seus limites territoriais há de universal e de particular.

No período abordado, sua ocupação urbana é ampliada, ao longo de vias de transportes e em locais onde são implantados serviços, como o de saneamento, alterando seu desenho e atraindo migrantes do interior de Pernambuco. A crise no setor açucareiro com o advento das usinas, as secas no interior de Pernambuco, a intensidade e complexidade da atividade do comércio em grosso e a varejo, a instalação e ampliação de fábricas, a implantação de serviços de infra-estrutura urbana, especialmente os que se referem às comunicações e aos transportes, ambos capazes de fazer circular em menor tempo idéias, mercadorias, pessoas e notícias, gera movimento, burburinho, intensificado com o aumento da população urbana, que a cada dia tem uma urgência de desejos e sonhos que já não podem ser adiados.

² Roland Barthes distingue questão de assunto. Para ele questão é o ponto de debate e assunto o tópico que se quer tratar. Muitos assuntos podem ser submetidos à questão que move o trabalho. BARTHES, Roland. **Imagem e moda**. São Paulo: Martins Fontes, 2005. v. 3, 164 p. (Coleção Roland Barthes).

³ Nesse fragmento Antônio Paulo Rezende, a partir da leitura de Ítalo Calvino, apresenta a cidade em uma circunscrição distinta da meramente econômica. REZENDE, Antônio Paulo. **O Recife: Os espelhos do passado e os labirintos do presente ou as tentações da memória e as inscrições do desejo**. In: Projeto História. Espaço e Cultura. São Paulo, nº. 18, Maio 1999 p. 156.

⁴ PENNA FILHO, Carlos. **Guia Prático da Cidade do Recife**. Recife: Prefeitura do Povo, 1996. S/p.

O desafio do trabalho é produzir uma narrativa sobre a vida na cidade do Recife por meio da linguagem escrita e da linguagem imagética, escrever transformando palavras em imagens e imagens em palavras, vinculando o discurso histórico ao de imagens, ambos re-apresentações do mundo.

A análise do diálogo estabelecido entre a tradição e o moderno é o fio condutor desse trabalho, que tem por temas a modernização, o processo de urbanização, a circulação de pessoas e mercadorias, o humor e a propaganda como veículos de crítica, expressão e difusão da modernização da cidade do Recife.

A estrutura da tese *Os Caminhos do Olhar, Circulação, Propaganda e Humor. Recife 1880-1914* é pensada para ser escrita em três capítulos do desenvolvimento da mesma, a saber: *Os Caminhos do Olhar: Cidade e Circulação*, que apresenta a cidade e discute como a circulação de pessoas, mercadorias, sonhos e desejos são viabilizados pelo trânsito de pessoas, tráfego de veículos e pela instalação de novos meios de transportes e de comunicação, os quais imprimem um movimento, abastecem a cidade, alteram hábitos e proporcionam os encontros e desencontros da vida urbana; *A Cidade sob o Olhar da Propaganda: Álbum Artístico, Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco. Recife, 1913*⁵, que anuncia, por meio da propaganda, as alterações e resistências no modo de viver, nas atividades, no gosto e nos sonhos da população e *O Olhar da Crítica, Jornais Humorísticos do Recife, 1880-1914*, que traça, a partir do humor, as fantasias, esperanças, desejos e desenganos dos habitantes da cidade.

Para este trabalho, privilegiamos entre as fontes primárias, as iconográficas, imagens fixas⁶: desenhos, pinturas, litografias⁷, cromogravuras⁸, mapas e fotografias que atestam a expansão urbana do Recife, por sítios ainda não ocupados. Quanto à utilização de iconografias: em *Os Caminhos do Olhar: Cidade e Circulação* predominam fotografias, fotos de litogravuras e de cromogravuras do espaço público urbano entre 1880 e 1914. *A Cidade sob o Olhar da Propaganda* trabalha como fonte central as fotografias e os anúncios do *Álbum Artístico, Commercial e*

⁵ Esse é o único álbum de fotografias com imagens do comércio e indústria do Recife, que encontramos, no período estudado.

⁶ No período estudado não contamos com imagens em movimento sobre a cidade.

⁷ Processo de reprodução que consiste em imprimir sobre papel, por meio de prensa, um escrito ou um desenho executado com tinta graxenta sobre superfície calcária ou placa metálica, geralmente de zinco ou de alumínio.

⁸ Técnica de gravar em cores.

Industrial. Recife, 1913; enquanto *O Olhar da Crítica* é escrito a partir de charges, caricaturas, desenhos, poemas piadas e anedotas dos jornais humorísticos publicados entre 1880 e 1914.

No capítulo *Os Caminhos do Olhar*, investigamos a cidade e a circulação, para entender as mudanças e permanências que acontecem no cotidiano dos habitantes da cidade movidas pela modernização. Percorremos o espaço da cidade, a partir de fragmentos de imagens deixadas por diversos fotógrafos brasileiros e estrangeiros, que aqui param, escolhem ângulos, definem o que desejam enquadrar e clicam ruas, prédios, praças, transportes e pessoas. Fotógrafos que com luz escrevem perfis, paisagens e movimentos, numa escrita rápida, plena em síntese do referente que o fotógrafo tem, por escolha ou por profissão, de representar.

A produção e reprodução de imagens que a fotografia permite despontam na cidade do Recife, em meados do século XIX⁹, como uma segunda paisagem. Para onde se olha, produtos, idéias, costumes e sentimentos são vistos em rótulos, fotografias, revistas, jornais e anúncios, enquadrando a vida urbana em duas dimensões, o espaço tridimensional da cidade, aos poucos, é invadido por outro bidimensional, limitado em quatro linhas, que dirige o olhar de quem observa para ali e para além do referente apresentado.

Vários fotógrafos criam imagens da cidade, selecionam o que nos deixam ver sobre o espaço urbano, apontam locais de história, símbolos da vida, fragmentos com indicação da circulação de pessoas, cargas, idéias e sentimentos, circulação essa que dá vida à cidade. Ao trabalhar com fotografias assinalamos que são vários seus tempos: o tempo da sua produção, o tempo do evento, aquele em que o fotógrafo dispara a sua máquina, o tempo em que as vemos, o tempo futuro que ela nos induz a pensar e o tempo eternizado na imagem. Tempos que se cruzam no olhar do observador e o orientam para atribuir à foto significado.

⁹ A primeira fotografia do Recife, de autoria de Charles de Forest Frederick, data de 1851. Tirada, com daguerreótipo, do alto do farol do Porto do Recife enquadra o Forte do Picão, os arrecifes, veleiros e a cidade. Antes temos pinturas de representantes da aristocracia rural e desenhos de viajantes, que registram flagrantes do cotidiano que surpreendem seu olhar. O **Diário de Pernambuco**, de 23 de julho de 1851 registra o estabelecimento do senhor. Frederick no Aterro da Boa Vista, nº. 4.

No final do século XIX e início do XX, a fotografia no Recife é de domínio de profissionais, que, por vezes, têm mais de uma profissão para poder sobreviver. Casas ou sobrados são transformados em ateliês, cujo número é significativo para uma época em que é caro retratar, assim como é relevante o número de fotógrafos que clicam instantâneos paisagísticos de um momento de mudanças da estrutura urbana.¹⁰

A maioria dos fotógrafos do período produz imagens de paisagens, quase postais; retratos de uma cidade que convida o olhar para o registro de ruas, avenidas, pontes, praças, sobrados, oratórios. Os paisagistas estrangeiros mostram fragmentos da cidade escolhidos como modelo de civilização, locais que lembram cenários por eles já conhecidos, ou imagens que denominam de exóticas como habitações populares, casas de taipa na beira dos rios das quais não tem referência no seu imaginário, causando-lhes estranhamento. Fotografam sobrados, prédios públicos, igrejas, ruas, arborização, praças, cais, rios, transportes e também mocambos, mangues, nativos, imagens que os surpreendem por não terem registro das mesmas em outros lugares. Tais fotógrafos se dedicam a fixar imagens postais de uma urbe, destacando nela os elementos materiais que a caracteriza.¹¹

No final do século XIX, fotógrafos modernos buscam trabalhar no sentido de reproduzir exatamente aquilo que vêem ou que querem tornar visível, construindo imagens da cidade, intervindo na memória dos seus contemporâneos e de pessoas de outros tempos, como a apontar para a cidade que apresentam, de modo que a podemos conhecer e reconhecer, na leitura dos perfis que desejam perpetuar. Fotos nas quais quase sempre há ausência das pessoas, do lixo, das desordens, na maioria das vezes definidas por um olhar estrangeiro, um tipo de olhar seletivo, disciplinador, higienizador, pouco afeito às condições reais de vida dos habitantes da cidade.

No final do século XIX, vários fotógrafos se dedicam a fazer imagens da cidade, ajudados pelo avanço da técnica, com a introdução, em 1880, da chapa seca e do filme de rolo, também chamado instantâneo à base de gelatina,

¹⁰ ANEXO nº. 1 - **Fotógrafos e estabelecimentos fotográficos do Recife (1880-1914)**.

¹¹ Entre os fotógrafos de paisagem, destaca-se o pernambucano João Ferreira Villela. Suas primeiras vistas do Recife datam de 1859. Ele as dá de presente ao Imperador em visita a cidade, recebendo do mesmo o título de Ambrotypista da Casa Imperial. **Diário de Pernambuco**, 26 de dezembro de 1859.

desenvolvidos pelo francês Richard Leach Maddox (1816-1923) e utilizados no Recife pelo fotógrafo alemão Alberto Henschel. Entre as fotografias de fotógrafos estrangeiros que trabalham no Recife em 1905, temos as do italiano Manuel Tondella, contratado pelo Governo de Pernambuco para acompanhar com seu trabalho as demolições e a reconstrução do bairro do Recife. Analisar suas fotos é presenciar, em outro tempo, a cidade ao ser transformada, o velho dando lugar ao novo, espaços mais amplos em troca de becos, registros da memória de quem está presente ao evento e seleciona o que guardar e como o fazer, de modo a contribuir para marcar o ideal de cidade moderna e para que as gerações futuras tomem conhecimento das várias cidades que essa cidade contém e das rupturas em seu ambiente construído, que indicam outras práticas de viver no espaço urbano.

A propaganda é a fonte principal para a análise da cidade no capítulo A Cidade sob o Olhar da Propaganda: Álbum Artístico, Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco. Recife, 1913. No trabalho do fotógrafo Manoel Rodrigues Folgueira verificamos de que forma a propaganda é utilizada como meio de fazer as pessoas aceitarem os novos produtos e comportamentos, criarem novos hábitos, ou resistirem, mantendo na informação do novo produto traços dos costumes, hábitos e comportamentos que estão enraizados na vida urbana.

A propaganda, produto dos tempos modernos, criada no álbum de Folgueira do início do século XX, quando analisada em outro tempo exige um trabalho de revisitação ao espaço e ao tempo em que é produzida, com a percepção de que trabalhamos com certos limites. Entre eles, o de não podermos apresentá-la ao público para o qual é destinada a fim de anotar os vários significados que este público à época lhe confere, o que desafia o historiador a estabelecer diálogo com as mensagens do passado e com o ambiente em que os enunciados da propaganda se dão e tentar escutar com acuidade os silêncios, aquilo que não é, no álbum, representado.

No fim do século XIX e início do XX, os anúncios são freqüentes nos periódicos, jornais e almanaques, fontes abundantes e de fácil acesso. Raro é encontrar um álbum produzido e editado em 1913, pelo fotógrafo e editor Manoel Rodrigues Folgueira, sob encomenda particular da Liga Commercial Dantas Barreto (fig. n.º. 1), da qual participam prestadores de serviços, comerciantes e industriais de

Pernambuco, com imagens do interior e do exterior dos estabelecimentos. Tal fotógrafo, no entanto, não deixa dados sobre sua pessoa, além desse trabalho, no qual carimba as fotos com seu nome, de modo que tentamos apresentá-lo a partir de suas imagens e de seus textos, suas marcas, seus enquadramentos, seus olhares.¹²

Fig.nº. 1



Fonte: FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. **Álbum Artístico, Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco**. Recife:1913. Fotografia, em preto e branco. PLACA da Liga Commercial Dantas Barreto.

A propaganda fala ao imaginário das pessoas com o objetivo de comunicar idéias e vender produtos. São os elementos do imaginário que focam a atenção do receptor. Segundo Roland Barthes (2005, p. 111), o anúncio publicitário “visa transformar a realidade e modificar o interlocutor a mensagem publicitária age por meio das articulações que se dão entre linguagem e imagem no inconsciente de modo a levar o sujeito, ainda que coletivo, (...) a enganar a si mesmo, munindo-se de conhecimentos, razões e consolações”. Teoricamente procuramos analisar a propaganda considerando-a como três mensagens integradas, como ensina Barthes (2005, p.104-106): a denotativa - os elementos que a mensagem apresenta segundo o código lingüístico ou imagético; a conotativa - composta dos sentidos que se pode

¹² Procuramos dados em diversos jornais e almanaques. Nem mesmo o **Dicionário Histórico-Fotográfico Brasileiro**, compilado por Boris Kossoy, o assinala.

conferir à mensagem de acordo com o arcabouço cultural de cada um e a referencial - o enunciado da marca ou produto.

A propaganda trabalha com a fantasia, com os caprichos da imaginação, que oferece à mente imagens para além do princípio de realidade e com a memória, lembrando, a cada instante, necessidades que nem sempre temos, reafirmando desejos inconfessados e eficientes esquecimentos ou criando novos anseios.

A imagem da propaganda é linguagem, tem significado, comunica, promete felicidade, sensações de prazer, economia da dor e do desconforto das constantes frustrações diárias. A partir do que se vê ou lê, a pessoa inventa a vida, cria o mundo como quer, embora necessite da linguagem para poder estabelecer relação entre o real e o imaginário, traduzir seus desejos e socializá-los com seus parceiros. A repetição da mensagem cria traços na memória capazes de gerar necessidades e alterar hábitos e comportamentos.

No capítulo *O Olhar da Crítica: Jornais Humorísticos do Recife. 1880-1914*, a fonte escolhida, o jornal, obra coletiva criada no século XIX, é, por si, além de um meio de difusão de fatos, pensamentos, idéias e hábitos, um moderno e rápido veículo de informação, capaz de reproduzir a mobilidade e, às vezes, a instabilidade das aspirações de um mundo que paira sobre a ilusão do progresso. Neste capítulo, investigamos em que medida os jornalistas humoristas, escondidos sob pseudônimos, são críticos das mudanças de toda ordem pelas quais passa a sociedade e a forma como eles mesmos se apresentam surpresos ante o novo e aderem ou resistem a tais mudanças.

Nos jornais humorísticos, desenhos e textos configuram, quase sempre, uma atitude transgressora dos humoristas diante dos conflitos da vida urbana. Os humoristas têm o dom de desvendar para o espectador acontecimentos plenos de toda sorte de sentimentos, da alegria ao desengano, levando o observador a tentar entender sua mensagem e, ao desvendar a informação, rir das mazelas da vida.

Ler imagens, descobrir histórias explícitas ou escondidas nas iconografias da cidade e assimilar o discurso de seus produtores é dialogar com um registro visual deixado, desvendar costumes, modos de vida, percorrer ruas, avenidas e pontes tentando compreender como, em outro tempo, as pessoas convivem no espaço urbano. Emoldurando o passado, as imagens rerepresentam a cidade de

ontem e de hoje, nos espaços e edifícios que ainda a compõem e nos elementos já não existentes.

Imagem vem do latim *imago*, que significa cópia, reprodução, analogia¹³, figura de representação de um objeto ou de algo percebido pelos sentidos. Forma aparente das coisas apresenta-se ao espectador como duplicação da realidade. As imagens documentam situações, espaços, técnicas, atitudes e estilos de vida ao congelarem o evento que ocorre em um momento determinado, permitindo a compreensão da cultura material de um povo e suas mudanças ao longo do tempo. A imagem fonte-memória, duplo da realidade, ao mesmo tempo interrompe e eterniza momentos históricos.

Para o registro da história torna-se indispensável lidar também com o mundo dos sentidos. Dentre os sentidos privilegiamos o olhar, por traduzir o visível, intuir o invisível, adquirir conhecimentos, descobrir semelhanças, notar diferenças e registrar emoções. Segundo Marilena Chauí em *Janela da Alma. Espelho do Corpo* (1988, p. 65) quanto à raiz da palavra, “olhar vem do verbo grego *eidô* - ver, observar, examinar, fazer ver, instruir, olhar, perceber. Quem vê *eidós*, conhece e sabe a idéia, tem conhecimento - *eidulis*. Quem vê pode fabricar as formas aparentes das coisas - *eidolon*, ídolo, simulacro, imagem, retrato. No entanto, se buscar semelhança no ato mesmo de ver, estará na *eikasia* - representação, comparação e fabricará *eikon* - ícone, pintura, escultura, imagem a partir do *eikô* - ser semelhante, verossímil, provável”.

Quem olha, guarda uma distância do que olha, examina, reflete e julga sobre o que observa. Nesse processo, a pessoa, lugar ou objeto olhado transforma-se em figura no intelecto. A partir das distinções e semelhanças formadas no cérebro, quem olha conhece a idéia. O olhar investiga a partir e além do visto, obriga o sujeito a ser atento. Muitas vezes as interrogações que surgem exigem que se veja por uma segunda vez o referente ou o sujeito a si mesmo, já que o olhar provoca uma interiorização. Sujeito e objeto se imbricam numa mesma realidade. Perceber é olhar, avaliar e compreender. A percepção firma um diálogo permanente entre o sujeito e a realidade. O olho humano não faz um simples registro. Inquire, seleciona de acordo com o grau de atenção do observador. Quando se questiona sobre os

¹³ Analogia é a faculdade de variar as imagens, combiná-las para fazer que a parte de uma coexista com a parte da outra e de perceber, voluntariamente ou não, a ligação de suas estruturas. VALÉRY, Paul. **Introdução ao Método de Leonardo da Vinci**. São Paulo: Editora 34, 1984. pp. 22, 23.

limites da percepção visual é necessário refletir que, em qualquer ato do conhecimento, a compreensão depende dos limites e da acuidade de quem percebe.

Adauto Novaes em seu artigo de Olhos Vendados¹⁴ ao analisar o pensamento de alguns autores que consideram o conhecimento sensível vago, podendo levar “aquele que se deixa seduzir pelos sentidos a assumir os riscos da incerteza ou perder-se naquilo que vê”, (1988, p. 10) destaca o convite que nos faz Platão, a duvidar da percepção, nos afastando do mundo sensível para podermos nos concentrar no mundo das idéias. Platão distingue, assim, a idéia da imagem. Entende que é fonte de conhecimento e separa idéia e corpo. Para ele a idéia não pode ser percebida pelos olhos do corpo, por ser a substância, a essência daquilo que se pode ver, tocar, sentir. Alguns autores consideram que o conhecimento sensível é vago, confuso e inadequado e que fazer ciência é ficar longe, externo ao objeto estudado. Esses autores, no entanto, não explicam como separar a idéia da experiência sensível como fonte de conhecimento, se um está carregado do outro.

As imagens informam, endereçam perguntas, provocam interpretação e ainda são fontes de prazer, por sua dimensão estética. Seleccionadas e escritas com luz, lápis ou pincel remetem o observador para um lugar, uma ação, um objeto do passado, trazem o passado e o futuro para o presente. Revelam seus produtores, ao mesmo tempo em que nos revela como seus observadores. Olhar imagens, comparar, ver semelhanças, diferenças e divergências ampliam possibilidades de entender e de explicar uma sociedade. Ao interpretar a imagem se observa que ela sugere tantos significados quantos forem seus receptores, quem vê e lê imagens pode escolher alguns desses significados e desprezar outros.¹⁵

Olhar é pensar pela mediação da linguagem. As abstrações realizadas pelo intelecto diante das imagens podem ser expressas por palavras. Para fazer análise de imagens recorreremos às palavras, embora nem sempre seja possível, através da linguagem, exprimir a emoção que cada um sente diante de imagens. A

¹⁴ Adauto Novais cita a proposta de Platão, relatada no mito da caverna na República, que por uma operação do olhar o homem se afaste do mundo sensível para dirigir “um ver concentrado no mundo da idéia” a partir da comunicação feita por Gerd A. Bornheim em as Metamorfoses do Olhar, conferência em Curitiba, abril de 1988, no ciclo O Olhar, pp. 18-25, NOVAES, Adauto. De Olhos Vendados. In: **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p.10.

¹⁵ Sobre os vários significados que as fotos sugerem ver entre outros autores, Susan Sontag, **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 160,161.

linguagem nomeia o que é visto e a visão inspira as configurações lingüísticas. O texto visual e o texto verbal se completam.

Ciro Flamarion e Ana Maria Mauad, em *História e Imagem; os Exemplos da Fotografia e do Cinema* (1997, p. 405, 406), alertam “ao historiador, a fotografia lança um grande desafio: como chegar aquilo que não foi revelado pelo olhar fotográfico. Tal desafio lhe impõe a tarefa de desvendar uma intrincada rede de significações, cujos elementos – homens e signos – interagem dialeticamente na composição da realidade. Uma realidade que se formula a partir do trabalho de homens como produtores e consumidores de signos; um trabalho cultural, cuja compreensão é fundamental para se operar sobre esta mesma realidade”. Registram que a fotografia por meio da produção da imagem é uma pista para a compreensão das formas de ser e agir no ambiente em que é apresentada como mensagem e ensinam que para apreender o que não foi revelado é preciso “perceber as relações entre signo e imagem, os aspectos da mensagem que a imagem fotográfica elabora; e, principalmente, inserir a fotografia no panorama cultural, no qual foi produzida. Entendê-la como uma escolha realizada de acordo com uma dada visão de mundo”, que revela uma mensagem que se processa como imagem – documento.

A imagem, com seus signos, mensagens e alegorias, tem sua leitura mediada pela experiência receptiva e pelo arcabouço cultural do espectador. Cada leitura é única, inacabada, parcial. Pressupõe as circunstâncias do momento, o estado d’ alma de quem lê. Olhando uma imagem podemos divisar seu tema, avaliar os ângulos escolhidos, a composição, as idéias transmitidas e as ausências. Mas, por mais que nos esforcemos não a traduzimos, apenas as rerepresentamos por meio da narrativa que construímos, a partir de seus signos e das impressões que elas nos despertam. Cabe ao historiador atribuir significado ao registro. É ele quem vai reduzir a linguagem imagética à linguagem escrita. Seu esforço definirá os limites dessa redução e sua largueza de olhar permitirá ver, ou não, os diversos ângulos que a imagem revela ou esconde.

Ao ler iconografias temos que analisar o momento de sua produção, a circulação e a recepção delas em sua época. O exercício de leitura, análise e escrita a partir de imagens são exercícios de re-criação, pressupõem a presença do espectador analisando a imagem, anotando o que absorve dela, os sentidos que lhe atribui e que lhe permitem construir relatos. O procedimento metodológico nos encaminha para selecionar imagens, fragmentos e reuni-los de modo a produzir uma

escrita, escrevendo imagem por imagem, colecionando-as segundo assunto, produtor, técnica, período e lugar ou buscando as dissonâncias, os contrastes e os confrontos da visão de mundo dos seus criadores. Ao selecionarmos uma imagem ou qualquer outro tipo de documento temos que assinalar se a estamos deslocando de um conjunto. Se for esse o caso é necessário apresentar o conjunto para poder analisar aquele fragmento com maior acuidade. Metodologicamente, segundo Barthes (1984, p.12,13), a fotografia se esquivava à classificação. As divisões as quais ela é submetida são: de fato ou empíricas, como fotos de amadores ou de profissionais; segundo a retórica se são paisagem, objetos, retratos ou nus e, ainda, esteticamente se são pictóricas ou se estão impregnadas de realismo.

Ao trabalhar qualquer documentação temos que estar atentos ao seu teor para fazer convergir sua informação com a sua análise. Por vezes, torna-se necessário apresentar a imagem para poder discuti-la, e para que, quem a lê possa também a ela atribuir significado, ou seja, fazer a sua escrita. A escrita do historiador apresenta-se como escrita em aberto, exposta às novas interpretações por parte de quem a lê. O trabalho do historiador afigura-se assim como uma leitura dos documentos pertinentes aos eventos que analisa. Leitura que quer provocar outras, instigar a reflexão, socializar o conhecimento.

A foto é a ocasião, o encontro. Reproduz ao infinito o que se dá apenas uma vez, traz consigo seu referente que nos fica à mão. Pessoas que na fotografia perdem sua humanidade tornam-se apenas registros da câmara que, em um passe de mágica, os transformam de sujeito em si em um mero referente do sujeito. Sontag (2003, p.12) chama atenção para o fato das fotos serem “um meio de tornar real, ou mais real, assuntos que as pessoas socialmente privilegiadas ou simplesmente em segurança talvez preferissem ignorar”. Alerta também para as informações que cada pessoa guarda no inconsciente, uma vez que as imagens estabelecem com o inconsciente um diálogo rápido que só mais tarde é apreendido pelo consciente.

Trabalhando imagens penso que elas despertam o inconsciente e travam com ele um contato. Esse contato traz à tona todo o tipo de sentimento vivido plenamente ou recalcado, calado, morto, amordaçado - ciúmes, raiva, desespero, amor, afeto e alegria.

Para que haja essa comunicação é necessário que a escrita imagética desperte a sensibilidade do espectador, ative seus cinco sentidos e desperte a emoção. É a partir da abertura para a emoção que o inconsciente estabelece uma conversa com imagens de prazer e de dor. Ao lê-las reaprende sua escrita. As imagens abrem diálogo com fragmentos da memória e a pessoa não só lembra, mas sente a experiência vivida no momento de sua fabricação.

Quem produz e lê imagem associada à linguagem escrita, como nos anúncios e nas charges, precisa estar muito atento à comunhão entre os dois tipos de linguagem, uma vez que a linguagem escrita da mesma forma que pode elucidar pode modificar o que se quer informar. Imagens dão ao observador a informação e o situa em relação ao fato que gera a imagem no que se refere à distância e ao tempo.

A função da fotografia é, além de registrar, atrair a visão, encantar, impactar e chamar o observador para um diálogo, entre ele e a imagem e dele consigo mesmo, regido pela sensibilidade, que se não é possível de ser traduzida em palavras é assinalada pela emoção. O fotógrafo como produtor da imagem é testemunha que assiste aquilo que registra com sua câmara, ele acompanha e dirige o olhar do observador. Sua percepção, sua capacidade de captar o evento, o espaço e as pessoas em retratos, na singularidade dos ambientes, fica assinalada nas imagens e o revela.

A admiração que das fotos resvala é o encantamento que o fotógrafo ou o espectador carrega dentro de si, construído no diálogo que mantém com o mundo em que vive. A imagem carrega a leitura do mundo de quem a cria. A essa leitura, impossível de apreender em sua inteireza, o historiador, por exercício de profissão, acopla a sua leitura e escreve seu texto.

Por intermédio da fotografia, o historiador pode procurar conhecer o passado no momento do acontecimento e analisá-lo no momento em que vive; entender, em um só tempo, a si mesmo, ao acontecimento e ao cotidiano; construir a história na relação entre o tempo necessário – tigre e o momento crítico – lontra, momento do click, da interrupção. Ao analisarmos uma fotografia temos o assunto, o ângulo, a pose, a forma como são dispostos os elementos da imagem, ou seja, a composição, a luz e a sombra, mas não são das atribuições técnicas e sim da atração que a imagem desperta no observador que podemos avaliar a qualidade fotográfica.

O período de 1880 a 1914 é marcado por uma mudança no ritmo da vida urbana, nas atividades e nos costumes que passa a requerer maior brevidade, rapidez de decisão diante do novo. Nessa época, a modernização, a mecanização da vida e o desenvolvimento das técnicas alteram aspectos do cotidiano dos habitantes das cidades. As noções de tempo e espaço são revistas e relacionadas com a da velocidade. As ações dos cidadãos passam a ser valorizadas por critérios de eficiência e eficácia, medidos pelo mercado, e seus sonhos, que antes eram para sempre, limitam-se ao presente, cada dia mais breve.

Ontem como hoje uma das expectativas provocadas pelo capitalismo é a de que o consumo de novos artefatos técnicos e avanços da ciência nos levem de volta a paraísos de beleza, harmonia e felicidade. As transformações provocadas pela introdução da tecnologia no ambiente urbano forçam uma parcela dos habitantes, que a elas têm acesso, a tomar posição diante das circunstâncias concretas instaladas que estimulam o abandono de formas de crer, sentir e viver já muito consolidadas e induzem a construção de uma nova identidade para os habitantes da cidade.

Circulamos nosso olhar entre 1880 e 1914, por entender ser o período em que, na cidade do Recife, a modernização instala e consolida mudanças, levando segmentos de seus habitantes a assumirem novos comportamentos. Consideramos essa época momento de diálogo entre o novo e o já estabelecido, em que o moderno, a despeito de seus encantos, encontra resistência à sua absorção por parte de um povo que há séculos constrói uma forma de ver o mundo calcado na tradição. É época, prenúncio da modernidade, vê alterar a estrutura física, o uso do solo da cidade, a circulação de pessoas e mercadorias. Junto com a instalação de serviços públicos e do estabelecimento de novos níveis de integração dos agentes sociais no ambiente urbano, apresenta ainda novas formas de externar afetos, com mudanças na sensibilidade dos seus habitantes.

Tempo de mudanças econômicas, sociais, políticas e espaciais que são apreciadas por meio de imagens criadas por fotógrafos, pintores, desenhistas e cartógrafos, profissionais que representam o que vêem, a forma como compreendem o que está diante de seus olhos ou apenas reproduzem imagens de acordo com as aspirações de seu cliente.

No final do século XIX, com as novas técnicas de edição e reprodução das imagens e dos meios de comunicação, entre elas a caricatura, a charge, o desenho, a fotografia, o fotojornalismo, o jornal, o cartaz e a propaganda aparecem na cidade como uma nova paisagem composta de letras fixadas no papel, pintadas nas paredes, erguidas em tabuletas. Algumas imagens têm letras que as explicam, letras–desenhos que informam pelas dimensões dos seus traços e forma da escrita mais do que o texto que compõem. Esses novos meios de comunicação apresentam contínuas mudanças na forma, nos suportes e nos equipamentos. Com esses novos veículos, a comunicação além de se tornar mais rápida, passa a atingir, de uma só vez e ao mesmo tempo, várias pessoas, sem depender da presença física no mesmo lugar dos que produzem e dos que recebem as mensagens.

O desejo de escrever história privilegiando as fontes iconográficas deve-se principalmente às emoções que afloram diante de recortes dos olhares de fotógrafos, pintores, cartógrafos e desenhistas nos seus registros de trechos da cidade. No cenário do Recife, averiguamos o cotidiano, o público e o privado, o sagrado e o profano. Tecemos a história partindo das iconografias e utilizando o apoio de outras fontes, numa tentativa de produzir uma narrativa em que imagem e texto se completam.

Ao construir uma narrativa a partir de imagens necessitamos operar um artifício para ajustar à linguagem escrita aquilo que é produzido para ser entendido na linguagem imagética, com a consciência de que as linguagens são diferentes e por mais que se busque não se traduz plenamente uma imagem em palavras. Michel Foucault (1999, p. 12)¹⁶ ao analisar a relação da linguagem com a pintura, define tal relação como “infinita, não que a palavra seja imperfeita e esteja, em face do visível, num déficit que em vão se esforçaria por recuperar. São irreduzíveis uma ao outro, por mais que se diga o que se vê, o que se vê não se aloja jamais no que se diz, e por mais que se faça ver o que se está dizendo por imagens, metáforas, comparações, o lugar onde estas resplandecem não é aquele que as sucessões de sintaxe definem”.

Redigir sobre esse existir humano, em seus encontros e desencontros, obriga a considerar qual a narrativa que pode abarcar ações e sensibilidades diversas. Lendo Nicolau Sevcenko encontro uma narrativa que olha a cidade de

¹⁶ Foucault comenta que as palavras obedecem a uma ordem de linguagem distinta da linguagem das imagens, por isso uma não pode se reduzir a outra.

vários ângulos ou focos descontínuos, dando conta das inúmeras imbricações entre os diferentes assuntos que configuram a cidade. Ao procurar saber como se conceitua e se constrói essa narrativa, encontro no prefácio de Orfeu Extático na MetrÓpole de Maria Odila Leite da Silva o conceito de perspectivismo, como a forma de interpretação que “documenta o ponto de vista dos testemunhos da época de modo a entabular com ele um diálogo” (2000, p. XVII) e a constatação da escrita de Sevcenko conter múltiplos focos narrativos, correspondendo a sujeitos e temporalidades diversas que tem uma interação recíproca. O termo perspectivismo designa a corrente filosófica para a qual o conhecimento é, acima de tudo, apreensão do objeto a partir do ponto de vista, da perspectiva do sujeito. O perspectivismo é ressaltado no encadear das citações, na vida dos testemunhos dos rituais comunitários e das práticas sociais.

As visões distintas que o perspectivismo como método permite apresentar sobre um mesmo objeto não se excluem; mas, ao contrário, tendem a se integrar, pois nenhuma esgota a realidade, já que a mesma não pode ser vista apenas por um ângulo. Sevcenko aponta a sugestão de Gilberto Freyre de seguir as lições de Ortega y Gasset no que se refere à aplicação do perspectivismo como modo de elaborar uma síntese interpretativa reunindo verdades contraditórias (1998, p. 523). Ortega y Gasset sustenta que o sujeito seleciona o que deseja conhecer, sem, entretanto, deformar a realidade. A realidade apresenta inúmeras perspectivas, todas elas verdadeiras e inerentes à condição humana. O exercício da perspectiva consiste no desenhar linhas de comunicação entre o escritor e seus dados. Linhas que partem de problemas e dúvidas colocados pelo historiador, em função de sua inserção no mundo atual, permitindo estabelecer uma distância entre o sujeito e o objeto que ao mesmo tempo reifica o objeto e personifica o sujeito. O ponto de fuga dessa narrativa está no diálogo firmado na linha do horizonte, onde a reta se traça com os problemas apresentados pelo exercício de historiar, a partir de um ponto preciso de inserção do historiador no mundo contemporâneo, reta que é interceptada pelas linhas dos registros do passado.¹⁷ A observação realizada pelo

¹⁷ Maria Odila Leite da Silva Dias comenta que a metáfora da linha do horizonte é usada por Georg Gadamer para retratar o aspecto dialógico da interpretação onde os problemas apresentados pelo historiador, a partir de um modo preciso de inserção no mundo contemporâneo, na medida em que haja um ponto de fusão ou de interseção destas indagações, possibilitam o diálogo com os testemunhos do passado. DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Prefácio. *Hermenêutica e Narrativa*. In:

sujeito deve ser feita a partir de um, ou dos vários pontos de vista que ousar assinalar.¹⁸ A análise desse ponto de encontro e fusão de experiências de vida em épocas bem diferenciadas depende das possibilidades do historiador de trabalhar a linha do horizonte entre o passado e o presente.

Registre-se ainda a pequena possibilidade da leitura de uma imagem feita por um historiador coincidir com a percepção de um desenhista ou de um fotógrafo no momento de produção da mesma. São olhares diversos, interesses nem sempre coincidentes. Às vezes a imagem vai além do próprio anseio de quem a cria, provocando no mesmo, surpresa e encantamento. Assim, ao escrever sobre a cidade, trabalhamos com a incompletude, pois nela o cotidiano se faz e refaz, os fatos não ocorrem isoladamente. Na elaboração da narrativa sentimos, por vezes, a necessidade de voltarmos ao mesmo ponto, a assuntos já trabalhados, como um transeunte que percorre ruas e se descobre dando voltas por um quarteirão, na procura de transformar o existir.

As últimas décadas do século XX proporcionam uma renovação historiográfica com a introdução de novos temas, objetos, problemas e abordagens conceitual-metodológicas e de outras fontes e documentos, a exemplo das imagens. Historiadores passam a levantar questões sobre imagens e destacá-las como fontes de pesquisa histórica, capazes de re-apresentar e comunicar ambientes visuais, pessoas que neles habitam e de interferir no cotidiano alterando os meios de troca de informação. Trabalhar a partir de fontes imagéticas leva à leitura de teóricos e historiadores que nos auxiliam neste exercício de escrever a história.

No estudo das mudanças na hierarquia dos documentos provocadas pelo interesse da história por todos os homens destacam-se os trabalhos de Le Goff (1992) que chamam atenção para a necessidade da investigação da relação entre os documentos, seu processo de produção social e da perpetuação de uma memória do ponto de vista de quem produz ou se apropria do caráter informativo ou da re-criação da realidade, a partir de imagens.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu Extático na Metrópole**. São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. XVIII.

¹⁸ A localização do ponto de vista define a posição do observador e a escolha de uma particular imagem do objeto a ser representado.

Peter Burke (2004) trabalha com o uso da imagem como evidência histórica, extensão dos contextos históricos em que é produzida e fonte que permite focalizar o cotidiano e a experiência de pessoas comuns. Burke assinala os desafios do trabalho dos historiadores que utilizam imagens junto com outras fontes para compreender outras épocas; ressalta a necessidade do desenvolvimento da crítica dos documentos imagéticos; dá atenção especial ao uso da imagem para o estudo da cultura material e faz leituras de fotografias, pinturas, mapas, propagandas e caricaturas. O estudo da produção e consumo das imagens como atividade social, econômica e política está presente em texto de Ivan Gaskell¹⁹ que aponta a importância das questões levantadas pelos historiadores sobre o material visual tratando-o como evidência.

Miriam Moreira Leite (1993) entende que as fotografias analisadas pelo historiador exigem um estudo das unidades e das seqüências, utilizando a teoria das semelhanças de Walter Benjamin (1987) que destaca a “capacidade de leitura dos fatos em outros”, auxilia o olhar para imagens como as do período estudado, que, às vezes, não contam com nenhuma outra fonte de informação. Leite advoga que a associação de imagens semelhantes pode apresentar elementos indicadores dos sentidos das imagens fotográficas. Discute também sobre a construção e leitura da iconografia como fonte primária e examina as relações de complementaridade e de oposição entre o texto escrito e o visual.²⁰ O livro que organiza com Bela Feldman-Bianco (1998) traz diversos textos que trabalham as imagens como tema de pesquisa e apresentam suas leituras em contextos históricos específicos, dando exemplo de como escrever história a partir das imagens.

Roland Barthes em *A Câmara Clara* (1984) analisa questões quanto à especificidade da fotografia e sua semelhança com outros tipos de documentos iconográficos. A teoria que esboça, na década de 1980, assinala elementos da fotografia, que servem de ponto de partida para o debate dos problemas relativos à natureza da linguagem fotográfica. Sua orientação para a leitura de imagens, a partir do reconhecimento do *studium*, interesse que desperta no observador e do *punctum*,

¹⁹ Ivan Gaskell, IVAN, História das Imagens. In: BURKE, Peter. (org.) **A Escrita da História**. São Paulo: Editora Unesp, 1992, p. 237- 271.

²⁰ LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. Texto Visual e Texto Verbal. In: FELDEMAN-BIANCO, Bela e LEITE, Miriam L. M. (orgs.) **Desafios da Imagem**. Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais. Campinas: Papirus, 1998. p. 37-49.

detalhe que escapa à lógica criativa e que, por isso mesmo, nos surpreende, auxilia a desvendar a presença e as intenções do fotógrafo, aquilo que ele quer revelar ou mesmo ensinar a partir de seu trabalho. Nos vários ensaios de Barthes publicados em *Inéditos – imagem e moda* (2005) as imagens, independente de sua natureza, são analisadas como textos cujas leituras são técnicas e emotivas.

Philippe Dubois (1993) apresenta o ato fotográfico como uma imagem-ato, que deve ser pensada como um saber fazer, um trabalho concebido dentro de determinadas circunstâncias e entendido segundo a sua produção e recepção. Esse pensamento nos leva a querer apreender, embora nem sempre isso seja possível, as circunstâncias que geram a imagem, a quem ela é destinada e qual o seguimento da população que a recebe.

Gisèle Freund (1995), de modo pioneiro, aborda a história do processo de reprodução fotográfica, discute o duplo estatuto da realidade da imagem fotográfica e a relação entre o domínio da racionalidade técnico-econômica e a possibilidade de autonomia estética. Freund também destaca que a importância da fotografia reside, além fato de ser uma criação, em ser um meio eficaz de conformar nossas idéias e influenciar nosso comportamento. Partimos desse entendimento para observar o uso da imagem fotográfica como meio de propaganda do comércio e indústria que estimula a confecção de álbuns no início do século XX.

Arlindo Machado (1984) olha para o objeto fotográfico como artefato e simulacro, a aparência dos fatos. Machado além de escrever sobre a história da fotografia é um dos primeiros a chamar atenção para a relação entre a fotografia e a perspectiva central renascentista, que dá a ilusão de profundidade. Antônio Oliveira Júnior (1994) também destaca o caráter histórico da perspectiva renascentista e a convenção de um sistema de representações no objeto fotográfico constituído pelo fotógrafo. Ambos nos auxiliam a olhar a perspectiva renascentista das fotografias do Recife.²¹

Sontag (2004) escreve, a partir de revisão de teóricos e produtores de imagem, uma história social da fotografia que compreende como fragmento, objeto simbólico, aparência de conhecimento, testemunho daquilo que um indivíduo vê, interpretação do mundo, fonte de informação, reapresentação e favorecimento da

²¹ A perspectiva renascentista é um tipo de representação técnica vigente na sociedade ocidental que tem por objetivo assemelhar a imagem a seu referente.

realidade, onde o mundo passa a estar dentro das fotos que fixam detalhes significativos e instantes reveladores. Sontag (2003) relaciona literatura, fotografia e história em texto sobre a Segunda Guerra Mundial, no qual, com recursos literários, consegue trabalhar a imagem por meio da escrita sem necessitar apresentar as fotografias, indicando novo caminho para a escrita a partir de imagens.

Maria Elisa Linhares Borges (2005) apresenta critérios teóricos - metodológicos acerca da utilização de imagens fotográficas no campo da análise histórica. Considera a fotografia como mediadora de um dado universo sociocultural e forma simbólica que atribui significado às representações e ao imaginário social. Borges entende as cidades como espaços da mudança social, da absorção das inovações técnicas, do comércio de mercadoria e de trocas simbólicas, termômetro dos novos tempos (2005, p.106) e aponta as dificuldades para fotografar interiores como o motivo que leva os fotógrafos a privilegiarem a cena urbana no século XIX. Borges ao destacar o uso da metáfora pelos caricaturistas como meio para conseguir estabelecer a comunicação figurativa e ao assinalar nas caricaturas os elementos da imagem que caracterizam a relação entre o desenhista e a mensagem que quer insinuar, auxilia nas tarefas de compreender e interpretar esse tipo de imagem.

Boris Kossoy (1980; 1989 e 1999), em diversos trabalhos, estuda a história da fotografia - gênese e trajetória, condição de objeto imagem, natureza de fragmento e registro documental e explicita o caráter de representação das fotografias, entendendo a imagem fotográfica como documento/representação. Kossoy analisa a origem e expansão da fotografia no Brasil a partir de sua conexão com a estrutura urbana do país, o que orienta trabalhos que relacionam fotografia e cidade. Esse autor estuda a fotografia como documento histórico, propõe um método de investigação e análise crítica das fontes fotográficas, assinala as dificuldades de guarda, preservação e acesso das fotografias no Brasil e a falta de registros dos órgãos públicos quanto a esse tipo de documento. Para atenuar essas dificuldades Kossoy organiza o Dicionário Histórico Fotográfico Brasileiro (2002) que contém um amplo levantamento nacional da atividade fotográfica e dos fotógrafos que atuam entre 1883 e 1910. O conjunto de sua obra além de didático, chama atenção para a necessidade de identificação e preservação dos acervos imagéticos.

Ana Maria Mauad Essus (1990), a partir da leitura de vários autores que, como Barthes, utilizam a semiótica, trabalha álbuns de famílias, procurando olhar o que não é revelado pelo fotógrafo para estabelecer relações entre signos e imagens e inserir a fotografia na sociedade em que é produzida. Aceitamos sua abordagem especialmente no que diz respeito ao fato da participação do referente no ato de posar, quando exhibe um sistema de codificação que relacionam gestos, objetos, indumentárias e ambientes, que, por vezes, acrescentam à imagem informações não pensadas pelo fotógrafo.

O projeto de Maria Ciavatta, *O mundo do trabalho em imagens: a fotografia como fonte histórica (Rio de Janeiro, 1900-1930)*, (2002), busca desvendar a natureza do documento fotográfico e trata metodologicamente de fazer uma crítica interna das formas de apresentação da realidade pelas fotografias, destacando a função da produção e do consumo da imagem no contexto da cidade. Ciavatta trabalha a imagem fotográfica como “parte importante da ampliação da capacidade humana de se representar, reconstruindo a história e dando significados a essas representações. Forma de educar o olhar e a consciência, de dar a ler o mundo em torno e de pensar sobre a realidade” (2002, p. 122,123). Essa autora desenvolve análise das fotografias como mediações históricas do mundo do trabalho nas empresas e na cidade e ainda nos chama atenção para “ler” na fotografia o que não é visível, a tentativa de não comunicar, o silêncio e seu enriquecimento por meio de palavras, gestos ou sinais, fenômeno do mundo moderno.²²

Marianna Garter em *A imagem como pesadelo*²³, trabalha o retrato, descrição da singularidade identificável de um indivíduo, que tem por função tornar presente o ausente no olhar do espectador, como fonte que ocupa posição privilegiada na história da representação figurativa. No elaborado retrato, *As Meninas*, de Velásquez, analisado no texto de Michel Foucault (2002, pp. 3-21), o pintor dirige o tema para o espectador, deixando ao mesmo a decisão sobre quem é o modelo do retrato. Registra na ausência de a quem dirige seu olhar, a presença do espectador e o interroga, convidando-o a atribuir significado ao tema. Ao nos

²² Além do silêncio, a questão de nos tornarmos testemunhas por meio da fotografia e o fato dela permitir a manipulação e a censura são objetos de estudo de Tina Modotti. MODOTTI, Tina. *A imagem como testemunho*. In: MANGUEL, Alberto. **Lendo Imagens**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 84-106.

²³ GARTNER, Mariana. *A Imagem como pesadelo*. In: MANGUEL, Alberto. **Lendo Imagens**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 143-172.

depararmos com vários retratos do período, percebemos padrões estéticos de representação, que seguem modelo europeu, presentes na pose e no vestuário e registramos que tais padrões configuram respeitabilidade àqueles que são desenhados ou fotografados.

Joaquim Marçal Ferreira de Andrade (2000; 2004) faz dialogar a fotografia com a evolução dos impressos na passagem do século XIX para o XX e prioriza em sua investigação as técnicas e os processos de criação e impressão do design gráfico, destacando a importância da tecnologia num período quando o grande desafio é integrar os discursos verbais e visuais por meio da relação texto/imagem. Seu texto nos auxilia a entender a modernização técnica empregada na produção das imagens utilizadas na imprensa do Recife que culmina com o uso de fotos de monumentos da cidade no jornal O Recife, em 1904.

A busca pela análise de imagem parte da necessidade de auto-revelação, que, às vezes, se dá quando nos vemos a partir de algo que nos contém, como a cidade em que vivemos. É nesse exercício para além da produção de um texto que descobrimos o interno e o externo.

O estudo da cidade parte de uma inquietação particular sobre como é a vida no Recife na virada do século XIX para o XX. Trata de uma investigação de como o novo dialoga com o antigo no cotidiano de seus habitantes. No período de 1880 a 1914 existe um vazio na produção historiográfica sobre a cidade do Recife, uma vez que alguns trabalhos se encerram por volta do ano de 1890 e outros abordam a cidade a partir de 1920. No entanto, são muitos e distintos os estudos sobre as cidades modernas que as avaliam como espaços do progresso, do capital e da disciplina. Marshal Berman (1986) “em estudo sobre a dialética da modernização e do modernismo” (1986, p.16) aborda as mudanças ocorridas na vida dos habitantes da Europa com o surgimento das cidades modernas e com a criação de novos valores. Berman associa a modernização a mudanças nos sentimentos humanos, (1986, p. 27). Ressalta as alterações na forma de viver e nos vínculos emocionais dos habitantes das cidades diante das contradições e incertezas pelas quais passam ao conviver com mudanças no tecido urbano que afetam sua forma de viver e alteram vínculos emocionais estabelecidos.

Michel de Foucault inspira no Brasil, a partir dos anos de 1990, vários estudos e pesquisa em relação à história das cidades, onde são destacadas as estratégias de dominação associadas ao discurso de sanitaristas e demais profissionais que trabalham nas reformas urbanas e intervêm com visitas médicas, recomendações quanto a construção de casas e fiscalização para alterar hábitos no cotidiano das cidades por meio de políticas públicas.²⁴ Embora assinalando no trabalho algumas estratégias disciplinares, optamos por buscar apresentar o diálogo entre o antigo e o novo que marca o advento das instituições, a formação de valores modernos e o cotidiano da população e registrar ações, escritos e imagens que apresentam os moradores assimilando, resignificando, indo de encontro e mesmo rindo e fazendo rir das mudanças e permanências no seu dia-a-dia.

Para esse trabalho contamos com o pensamento do historiador Antônio Paulo Rezende acerca da História da Cidade do Recife, fundamental para a compreensão da universidade e da singularidade desse espaço urbano. (Des)encantos Modernos. Histórias da Cidade do Recife na década de Vinte (1997) apresenta a cidade como o cenário onde os habitantes constroem seu cotidiano, lugar onde os (des) encantos envolvem “as representações que a sociedade tem do moderno e do tradicional” (1997, p.16). Em sua tese de doutorado, Rezende articula literatura e história para discutir o moderno e a tradição, as rupturas e as permanências, diálogos e tensões vividos pelos cidadãos recifenses em época de intensas mudanças na forma de viver e conviver. Rezende teoriza sobre os (des) encantos diante do moderno, da modernidade e do modernismo e elucida como os grupos sociais do Recife, na década de 1920, constroem suas representações diante do novo e do antigo, do moderno e do tradicional. No belo texto O Recife: os Espelhos do Passado e os Labirintos do Presente ou as Tentações da Memória e as Inscrições do Desejo, Rezende defende a relação de completude entre a tradição e a modernidade, relação essa que norteia o diálogo dos tempos na escrita da história das cidades. Fontes de inspiração, a produção acadêmica de Rezende nos leva a procurar, no trabalho de administradores, engenheiros, fotógrafos e jornalistas, fragmentos que permitam avaliar como os diversos grupos sociais sonham, projetam e vivem no Recife na virada do século XIX.

²⁴ Como exemplo, o trabalho de Jurandir Freire Costa. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro, Graal, 1978.

Nicolau Sevcenko (1992; 1998, 1999) escreve sobre a urbanização da cidade de São Paulo, que apresenta como espaço onde é estabelecida uma nova ordem de caráter urbano que provoca mudanças num ritmo acentuado na percepção, na sensibilidade e na circulação de seus habitantes; analisa as ações e tensões que levam seus habitantes a procurarem dar substância aos seus desejos, inventando meios e lutando por sua individualidade e pelo sentimento de pertencer à coletividade e contribui com a construção de vários focos de narrativa para o exercício de escrever sobre a vida nas cidades em sua complexidade, ao empregar a narrativa em perspectiva²⁵ como um caminho para abordar esse espaço da morada dos homens em múltiplos planos.

A dissertação de mestrado de Raimundo Alencar Arrais (1995), que trata de aspectos da multiplicidade sócio-cultural na cidade do Recife, destaca o papel das camadas populares na campanha salvacionista de 1911, suas estratégias e astúcias nos espaços sociais que freqüentam diante das imposições governamentais e da massificação dos comportamentos. Essa preocupação de Arrais de olhar para o cotidiano, analisando as tensões decorrentes da ação de populares na cidade, está presente durante todo esse exercício de escrever sobre a vida no Recife. Arrais também é um dos primeiros historiadores a investigar questões relativas à moral e a vida urbana em jornais humorísticos. Em sua tese de doutorado (2001), Arrais trabalha a história social no ambiente urbano analisando a formação dos espaços públicos do Recife, seus usos e os melhoramentos materiais neles introduzidos como reflexos das transformações ocorridas na sociedade no século XIX. Trata também das representações que se projetam sobre a cidade e faz uma ampla revisão historiográfica (2001, p. 19-65).

Os cronistas Mario Sette (1958, 1987) e Eustórgio Wanderley (1953) escrevem com saudosismo sobre o Recife da virada do século, registrando as mudanças materiais por que passa a cidade e apresentando acontecimentos, pessoas e tipos sociais do seu cotidiano, convidando o leitor a sentir a cidade. Mario Sette em Arruar (1978) traça uma história pitoresca na qual registra vários fragmentos da vida urbana. Entre eles, anota a existência e circulação dos meios de

²⁵ Segundo Maria Odila Leite da Silva Dias, no prefácio de **Orfeu Extático na Metrópole** (1992, p. XVII), a narrativa em perspectiva, utilizada por Sevcenko, consiste em documentar o ponto de vista dos testemunhos da época de modo a entabular com eles um diálogo no qual a posição do historiador é ressaltada.

transportes do Recife no século XIX. Sobre o serviço de transportes e sua relação com o crescimento da cidade, tema raramente abordado pelos historiadores, temos a dissertação de mestrado de José Lins Duarte, Recife no Tempo da Maxambomba (1867-1889) e a dissertação de Noemia Maria Zaidan, O Recife nos trilhos dos bondes de burro (1870 -1914).

O livro de Marcus Joaquim Maciel de Carvalho (1998) ao analisar a vida dos canoieiros e demais escravos de ganho que trabalham na cidade em seus exercícios diários de liberdade nos leva a procurar na década de 1880 imagens de escravos urbanos em sua lida cotidiana e a constatar, pelas poucas referências existentes nos documentos oficiais e jornais e pela rara presença de documentos imagéticos, que é para o trabalho livre, para as novas profissões que se dirigem os olhares dos produtores de imagens, ciosos em apresentarem o Recife como cidade moderna.

Kátia Lubambo (1991) ao analisar a reforma urbana do Bairro do Recife que tem por objetivo específico transformá-lo num centro moderno, provoca nosso olhar sobre as interferências urbanas em outros bairros que configuram atitudes modernizadoras de políticos e administradores no modo de pensar e gerir a cidade.

A tese de Fabio Gutemberg Ramos Bezerra de Sousa (2001) serve de referência para quem trabalha com espaços de uma cidade em processo de reforma urbana. Ao escrever sobre as formas de se viver em Campina Grande, a partir da análise de sua cartografia, Sousa analisa formas de acomodação entre valores, símbolos modernos e práticas culturais anteriores no meio do crescimento populacional e das reformas por que passa aquela cidade. Essa acomodação também acontece na cidade do Recife no período em que estudamos.

São escassos os estudos sobre a propaganda e mais raros ainda aqueles que tentam entender a vida nas cidades a partir dos anúncios, especialmente na virada do século XIX para o XX. Para escrever sobre esse assunto nos valem do pensamento de alguns autores. Walter Benjamin (1987) nos mostra como muda as formas de produção e reprodução de imagens devido às transformações técnicas criando a necessidade de posse dos objetos presentes nas imagens ou nas suas cópias. Benjamin revela que junto com essa mudança também se dão alterações na percepção do mundo, na forma de aprendermos à realidade e acredita que a partir dos novos produtos culturais pode emergir o sujeito crítico, capaz de pensar a imagem que vê.

A produção e difusão da publicidade, da caricatura, da fotografia e do cartão-postal fazem parte do horizonte técnico que afeta a forma literária a partir da década de 1880. Tais técnicas e sua relação com a literatura, tema pouco abordados na historiografia brasileira, são analisadas por Flora Sussekind (1987) que data o aparecimento dessas novas formas de comunicação na configuração do diálogo e assinala mudanças nas formas de percepção e na sensibilidade dos cidadãos diante das imagens ao trabalhar o projeto de modernização do Brasil no início do século XX.²⁶

O livro de Torben Vestergaard e Kim Schroder (2004) aparece como um raro trabalho acerca da função da propaganda, a partir da mídia impressa, que nos leva a adotar um determinado estilo de vida, incorporando novos padrões de necessidades. O texto também orienta sobre as estratégias de persuasão dos anúncios que utilizam técnicas lingüísticas e visuais para destacar, dissimular e dar efeitos aos produtos apresentados. Embora o trabalho reconheça que a propaganda se expande no final do século XIX, só apresenta análises a partir da produção da década de 1970.

O trabalho minucioso de Isleide Fontenelle (2002) ensina como se fabrica uma marca, a venda da experiência, do acesso ao nome, e no que consiste seu valor estratégico.²⁷ O período em que ela trabalha, a partir de 1937, é distinto do nosso quando a propaganda por meio da fotografia se dá a partir da imagem dos estabelecimentos, seus donos, suas máquinas e seus empregados e por meio da palavra com textos extensos onde são desenhadas letras de tipos diversos. No entanto, Fontenelle ao chamar atenção para a marca foca nosso olhar para algumas marcas registradas, nomes que configuram respeitabilidade ao produto ou estabelecimento anunciado e se revelam por meio de letras como as da Clark ou de letras associadas a desenhos como as da marca da Farmácia dos Pobres.

²⁶ Sevcenko (1998) também trabalha a publicidade vinculada à instalação no país de novos padrões de consumo.

²⁷ O registro da marca com seu respectivo desenho se dá no Brasil desde 1875 e no Recife no início do século XX. O registro em ficha onde constam dados sobre as marcas, os estabelecimentos e seus donos encontra-se na Junta Comercial de Pernambuco.

Rafael Cardoso (2004) organiza um livro dedicado ao *design* gráfico²⁸. Nele, o ensaio de Livia Lazzaro Rezende²⁹ apresenta a marca como fenômeno histórico e cultural que conjuga a prática comercial e as normas jurídicas e analisa alguns rótulos, a partir de elementos de representação neles presentes, como exemplares do trabalho gráfico desempenhado no Brasil no século XIX, que se utiliza do processo litográfico.³⁰ Na coletânea de Cardoso faltam ensaios sobre o cartaz, utilizado já no início do século pelas fábricas e pelo comércio como veículo de propaganda nas ruas do Recife e de outras cidades brasileiras.

Para compreender o humor, recorremos em primeiro lugar à psicanálise freudiana. Freud (1927) em pequeno texto ensina que o humor é um meio do eu atingir o prazer, reagindo positivamente ao sofrimento. O humor ao mesmo tempo em que impede o desencadeamento do desespero, possibilita que o eu transforme o elemento penoso em prazer e energia. Ao trabalhar os chistes e sua relação com o inconsciente (1905) nos deixa um minucioso estudo sobre as técnicas de produção do chiste, suas características e peculiaridades quanto à forma de verbalização que os exprimem, o que nos auxilia a identificar os recursos utilizados pelos humoristas do Recife para fazer rir. Freud também aponta para a conexão entre o chiste e a caricatura assinalando que ambos apresentam alguma coisa ocultada.

Elias Tomé Saliba (2002) nos estimula a estudar a representação humorística pernambucana, ao analisar as criações e publicações dos humoristas brasileiros como um canal que transforma em riso temas da vida pública e privada, meio de expressão que faz parte da sociedade diante do estranhamento, da ruptura, dos contrastes e do imprevisível pensar e ensaiar novas possibilidades.

George Minois (2003), em trabalho minucioso, estuda a história da prática e da teoria do riso para avaliar sua força social, política e cultural. Ele analisa três períodos da história do riso: a antiguidade clássica, o cristianismo e o renascimento. Define ao longo do tempo, entre outros, vários tipos de riso, orientando em seu reconhecimento: o riso ritual, o malévolo, o irônico, o de satisfação, o da coesão, o

²⁸ Rafael Cardoso registra que o desenho industrial está presente no Brasil desde a década de 1850 em disciplina da Academia Imperial das Belas Artes. CARDOSO, Rafael. (Org.) **O design Brasileiro antes do design**: aspectos da história gráfica, 1970-1960. São Paulo: Cosac Naify, 2005. p. 7.

²⁹ REZENDE, Livia Lazzaro. A Circulação de Imagens no Brasil Oitocentista: uma História da Marca Registrada. In: CARDOSO, Rafael. (Org.) **O design Brasileiro antes do design**: aspectos da história gráfica, 1970-1960. São Paulo: Cosac Naify, 2005. p. 20-59.

³⁰ O trabalho litográfico, amplamente utilizado no Recife, desde o século XIX, permite a criação de composições que aliam desenho e letra sobre a matriz em que é impressa.

tático, o partidário e o riso do escárnio. Apresenta o riso como um comportamento humano universal que, no século XIX, utilizando largamente a ironia e a sátira política, serve como recurso para extravasar a agressividade verbal e visual diante de situações de conflito e de exclusão, externar a indignação, subverter e restaurar a ordem e desarmar os espíritos. Chama atenção para o noventa e nove como o século do desabrochar da caricatura, que atua como um dos meios de dessacralização de valores antigos.

A história da cidade é construída a partir das relações que se estabelecem no seu espaço permeado por edifícios, equipamentos e sonhos. Relações que o historiador seleciona e analisa fragmento por fragmento, tentando imaginar o conjunto complexo da urbe, sentindo que pode apenas olhar as partes e tentar esboçar uma idéia do todo que sua lógica permite construir. É a história dos desejos que se amparam na afetividade, nas relações de solidariedade, no riso diante do desconhecido, no sentimento de pertencimento ao mundo dos humanos. A história do Recife é tudo isso que acontece num cenário de mar e rios, águas que banham os anseios de seus habitantes. Antiga cidade colonial, configurada nas quatro freguesias centrais: de São Frei Pedro Gonçalves, hoje do Recife, de Santo Antônio, de São José e da Boa Vista, que se adentra e se adensa por terras de engenhos e mangues em volta dos caminhos de ferro dos trens e dos percursos dos transportes urbanos, acrescentando, a partir de meados do século XIX, às freguesias centrais as suburbanas de Afogados, Várzea, Madalena, Graças e Poço da Panela.

I OS CAMINHOS DO OLHAR: A CIDADE E A CIRCULAÇÃO. RECIFE, 1880-1914

Amar cidades, só uma – Recife.

Ledo Ivo

Percorremos o Recife de outrora, buscando entender a cidade em que hoje vivemos, onde a desigualdade social exclui de parcela da população direitos fundamentais do ser humano, como o de ir e vir, confinando-a no lugar em que mora e alijando-a de desfrutar o uso dos espaços cada vez mais criados como cenários para atender as exigências dos novos tempos.

Cada recanto do Recife hoje é uma mistura de passado e presente, tradição e modernidade. Visitar esta cidade, percorrendo-a consciente de que a solidão humana ora se vê mais nua, ora se compartilha com mais intensidade nos ambientes urbanos, é um exercício de encontro com linguagens, fotógrafos, artistas, pessoas e com o próprio eu. Hoje, como no passado, são as relações de solidariedade e de amor que dão sentido à vida. Somos seres humanos em nosso contato com o outro, em nosso conviver, no sentir o semelhante, nas trocas de afetos, na compreensão de que todas as inovações tecnológicas que os homens produzem juntas são apenas objetos, meios de intermediação, que devem ser utilizados para facilitar a vida, mas que a mesma se realiza nas relações sociais.

O projeto de modernização do Recife desde o final do século XIX, passa por ações governamentais no âmbito da instrução, saúde, higiene pública e urbanização. A cada gestão, leis, obras e serviços públicos criados, realizados ou fiscalizados pelo Governo, demonstram o empenho deste em dotar a cidade de instrumentos legais, equipamentos técnicos e infra-estrutura que trazem progresso e civilizam a população.

Nos últimos anos do Império e no início da República, a cidade do Recife contava com iluminação a gás³¹, água encanada para chafarizes, ruas calçadas e nomeadas, casas numeradas, porto em expansão, intenso comércio, algumas fábricas e diversificadas manufaturas. Os avanços das técnicas provocados pelas novas invenções passam a fazer parte de cotidiano incorporando-se aos poucos aos hábitos da população e alterando sua forma de conviver. Com a atmosfera criada

³¹ A iluminação a gás é inaugurada no Recife em 26 de abril de 1856.

pela produção de novos artigos de consumo, instalação de novos serviços e mudança do ritmo da existência, a fantasia, que inspira a vida, parece concretizável em objetos de uso e de troca e os desejos que, até então, povoam o mundo dos sonhos e dos sentimentos tornam-se passaportes para a aquisição e o consumo de bens embalados pela idéia de progresso, porteiras cada dia mais fáceis de transpor. Ao mesmo tempo, esse desenvolvimento técnico empurra o homem a uma reação quanto às novas necessidades, novos ritmos de vida e novos hábitos gerados.

O novo apresenta-se a uma parcela cada vez maior da população que pode experimentar a ilusão de estar próxima, sem estar junto, por cabos de telégrafo³² e linhas de telefone³³, utilizar serviços que proporcionam, para além de encontros, como os cinemas e os teatros, um novo diálogo com a vida representada no palco e na tela; acelerar seus passos, sua circulação, sua aproximação e distanciamento ao se servir dos transportes e ampliar suas informações, por meio do acesso aos jornais, revistas, livros e almanaques editados na cidade, que invadem o cotidiano fazendo parcelas da população, especialmente a letrada, experimentar a necessidade e o desconforto de ter que resistir ou se adaptar cada vez mais rápido às mudanças. Serviços e instituições produzem uma atmosfera de cidade moderna, onde o novo é diariamente encontrado e precisa ser incorporado em troca da segurança de procedimentos de vida há muito constituídos na cidade, ampliando os espaços públicos, os espaços da multidão, alterando a velocidade do viver e, ao mesmo tempo, levando os administradores, muitas vezes sob pressão da população, a gerar leis, posturas e regulamentos que garantam o convívio. Instrumentos legais esses que, com freqüência, coíbem os prazeres e a agressividade nas relações num ambiente em que crescem as desigualdades sociais.

Neste texto, apresenta-se a cidade e se registram as maneiras de trabalhar nas atividades de transportar, circular e estacionar, apontando os fluxos de deslocamentos e suas alterações, devido à construção de aterros, de novas vias e da expansão urbana. O espaço a ser analisado é o espaço público das ruas, avenidas, praças e jardins. A pergunta que nos move a construir esta narrativa diz

³² O serviço de telégrafo é inaugurado em 1873.

³³ O serviço telefônico manual é inaugurado no Recife em 1882. MELO, Mario. **Síntese Cronológica de Pernambuco**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1985.

respeito ao modo como a modernização da cidade altera ou não o cotidiano de seus habitantes, no que diz respeito a ocupação do espaço físico, ao abastecimento de gêneros de primeira necessidade e à circulação.

Cidade que abriga advogados, médicos, professores, farmacêuticos, tipógrafos, fotógrafos, comerciantes, mercadores, administradores, artesãos, escravos, pescadores, camélias, vadios e mendigos, com a migração em massa da população da área rural, passa a contar com inúmeros trabalhadores, sem especialização nos trabalhos urbanos, que são absorvidos em obras públicas, vivem de biscates, dos frutos das marés e engrossam o exército de reserva disponível para o trabalho doméstico, comercial e fabril.

A população da cidade, segundo dados estatísticos, oscila entre cento e dez mil e duzentas e vinte mil pessoas no período de 1872 e 1920, números que podem ser explicados pela intensa migração que muitos autores assinalam em seus trabalhos e pela alteração nos limites do Recife.³⁴ Os recenseamentos da época são muito discutíveis quanto a sua correspondência com a realidade. Preferimos acatar as informações do censo municipal, o qual, feito com objetivos financeiros determinados e para uma área menor, tem condições de apresentar dados mais exatos. O recenseamento apresentado, em outubro de 1913, encomendado pelo Governo Municipal, conta, no Recife, duzentos e dezoito mil, duzentas e cinqüenta e cinco pessoas.³⁵ Confrontando este número com os dados do Anuário da Estatística Demographo-Sanitária para 1897, organizado pelo Dr. Octávio de Freitas, que estima a população em cento e noventa mil pessoas, podemos avaliar ser a população da cidade por volta de duzentas mil pessoas no período estudado.

O maior número de pessoas que migra para a cidade vem do interior em virtude das secas, do advento das usinas, das atividades econômicas e do fascínio que o novo meio exerce. Para os imigrantes, realizar o sonho de morar na cidade obriga a vivenciar uma série de abandonos e aprendizagens, deixar seu lugar de

³⁴ ANEXO nº. 2 - **Dados Demográficos do Estado de Pernambuco e do Recife**. Recenseamentos Gerais. In: Sinopse Estatística do Estado. n. IV. Recife: Imprensa Industrial, 1938. p. 39-42. Embora tais dados sejam discutíveis eles dão indicadores na relação entre o número de brasileiros e o de estrangeiros, que reforçam a tese do aumento da migração interna e assinalam um grande contingente de pessoas na faixa de idade entre quinze e vinte e nove anos.

³⁵ Estatística. **Boletim da Cidade e do Porto do Recife**, Set.1941. n. 1. Anexo.

origem, sua família, seus rituais e assumir o novo, o desconhecido: espaço, atividades, relações, riscos e prazeres.

Raimundo Arrais (2001, p. 35) ao analisar a expansão demográfica do Recife associa esses fluxos migratórios à expansão da pobreza por áreas ribeirinhas e braços de marés. Fato que pode ser comprovado na leitura de plantas da cidade, pelo registro de adensamento de construções nessas áreas e de pouca ocupação dos morros. No entanto, nas sete ilhas existentes na época e que hoje formam o Bairro do Pina, mora uma população de pescadores, desde meados do século XIX, quando a construção do dique e o fechamento da barreta, veta uma saída para o oceano próxima das freguesias centrais, forçando o deslocamento dessa parcela da população para habitar um espaço mais próximo do mar. Também encontra-se na documentação indicação de deslocamento da população mais pobre para o bairro de Campo Grande.

A intensidade das imigrações não corresponde ao crescimento do nível de emprego da economia urbana. Em decorrência deste fato, cresce o número de pessoas desocupadas ou com precários vínculos empregatícios, que trabalham apenas para assegurar sua subsistência. Muitos passam a engrossar o número de mendigos cujo amanhã depende da caridade pública. Mais tensão que harmonia marca o cotidiano dessa população.

A educação primária, normal e profissional é da responsabilidade da Província no período imperial e do Estado e municípios no período republicano. Não há uma política educacional para todo o país, e em Pernambuco os investimentos em educação ficam à mercê das aspirações dos homens públicos e da disponibilidade dos recursos financeiros existentes. No período de 1891-92, funciona com sede no Recife, a Secretaria dos Negócios da Instrução Pública e Particular, Assistência Pública e Estatística, criada pela Lei nº. 28, de 16 de novembro de 1891, com a função de fiscalizar o serviço de instrução promovendo os meios aptos para desenvolvê-los.³⁶ A citada lei cria o cargo de inspetor escolar, que tem por função fiscalizar o serviço de instrução e aponta a criação do Conselho Superior de Instrução para emitir parecer sobre os negócios de instrução pública ou particular.

³⁶ Órgão criado pela Lei nº. 28, de 16 de novembro de 1891. **PERNAMBUCO Leis e Decretos. Leis do Estado de Pernambuco, 1891.** SFR. S/p.

A precariedade do ensino leva jornais a denunciarem o completo abandono das escolas secundárias³⁷ e o pequeno número de alunos que freqüentam as escolas primárias públicas³⁸, as quais, quando existem, não dispõem de móveis, nem de imóveis necessários.³⁹ Em 1912, o *Jornal do Recife*⁴⁰ chama atenção para a necessidade de uma reforma na instrução pública, que em vez de conceder minguadas cadeiras aos professores⁴¹, deve propor a construção de escolas primárias nos arrabaldes, tais como Afogados, Boa Vista, Graça e Santo Amaro, localidades de onde partem mais apelos por escolas e onde a cada dia cresce o número de crianças à mercê da vagabundagem e do vício.

As constantes queixas levam a Diretoria Geral da Instrução Pública a tornar público que o Prefeito do Recife, por ato de 22 de janeiro de 1912, resolve estabelecer áreas na cidade para funcionamento de escolas municipais e, em cada uma delas, deve ser criada uma escola para o sexo masculino e outra para o feminino, regidas por professores.⁴²

A Escola de Aprendizes Marinheiros, em 1904, recebe crianças pobres, meninos de treze a dezessete anos, robustos, bem desenvolvidos e que não tenham maus costumes, para habilitar para o trabalho. Tal escola, em reclame publicado no jornal *Independência ou Morte*, solicita que se perca o medo da Marinha, garantindo que ali não há castigos aviltantes, mas se ensina a instrução primária, técnica e

³⁷ Jornais fazem apelo ao Governo do Estado e a Prefeitura do Recife, solicitando escolas para o sexo masculino na Torre, onde não há instrução de nenhuma espécie. A falta de instrução. **O Periquito**. Recife, 20 de julho de 1908. p. 2. e Instrução Pública. **Polyantropo**. Recife, 20 de agosto de 1904. p. 1.

³⁸ Encontramos sobre o número de escolas públicas municipais, em 1897, cento e três escolas primárias municipais com seis mil, duzentos e trinta e nove alunos e, em 1922, cento e dezessete escolas com seis mil seiscentos e um alunos. Sobre a história da escola pública municipal ler de SANTANA, Jair Gomes de, EGITO, Juscelino Lima do e PERES, Pedro Correia, Coordenação Antônio Paulo Rezende. **Recife: 100 anos de Escola Pública Municipal**. 1ª parte: 1894-1929. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife, Departamento de Capacitação Profissional, 2000.

³⁹ Os professores editam em 1884 um jornal intitulado *O Grêmio dos Professores Primários* que apresenta as condições materiais de ensino na cidade do Recife, informa que a Província paga aluguéis que se tornam exorbitantes quando os proprietários percebem que as casas serão utilizadas para o ensino, o que excede a verba destinada pelo Tesouro para esse fim. **O Grêmio dos Professores Primários**, Folha quinzenal – órgão da mesma sociedade. Recife, 10 de setembro de 1884. p. 1.

⁴⁰ Em 1912, o governo concede cadeira aos professores pagando para que eles recebam alunos. A demanda é superior à oferta do serviço. Reparos. **Jornal do Recife**. 28 de fevereiro de 1912. p. 1.

⁴¹ Os professores quando recebem concessão de cadeiras do Governo além de darem aulas têm que prover espaço e material escolar. A concessão dada como um benefício na realidade soma encargos administrativos à tarefa de ensinar.

⁴² As áreas estabelecidas pelo ato são as Freguesias da Boa Vista; de São José; de Afogados; da Graça e da Várzea. **O Norte**. Recife, 28 de jan. 1912. p. 7.

musical, além do aluno receber soldo mensal.⁴³ O texto ao negar aponta a existência dos castigos na instituição o que dela afasta muitos pais. A Escola de Aprendiz de Artífices de Pernambuco, aberta no Derby, dá cursos primários de desenho e prática em oficinas de serralheiro, carpinteiro, sapateiro, marceneiro e alfaiate. Admite menores de doze a dezesseis anos, que não sofram de doenças infecto-contagiosa, nem tenha defeito físico.⁴⁴ O Colégio Orphanológico São Joaquim, estabelecimento de caridade criado em 1897, mantido às expensas da Santa Casa de Misericórdia, além de publicar o jornal O Orphão, oferece aos seus alunos a oficina de marcenaria São José (1897), a oficina de São Manuel (1899) que fabrica sapatos e uma banda musical. As escolas profissionalizantes preparam o adolescente para o mercado de trabalho.

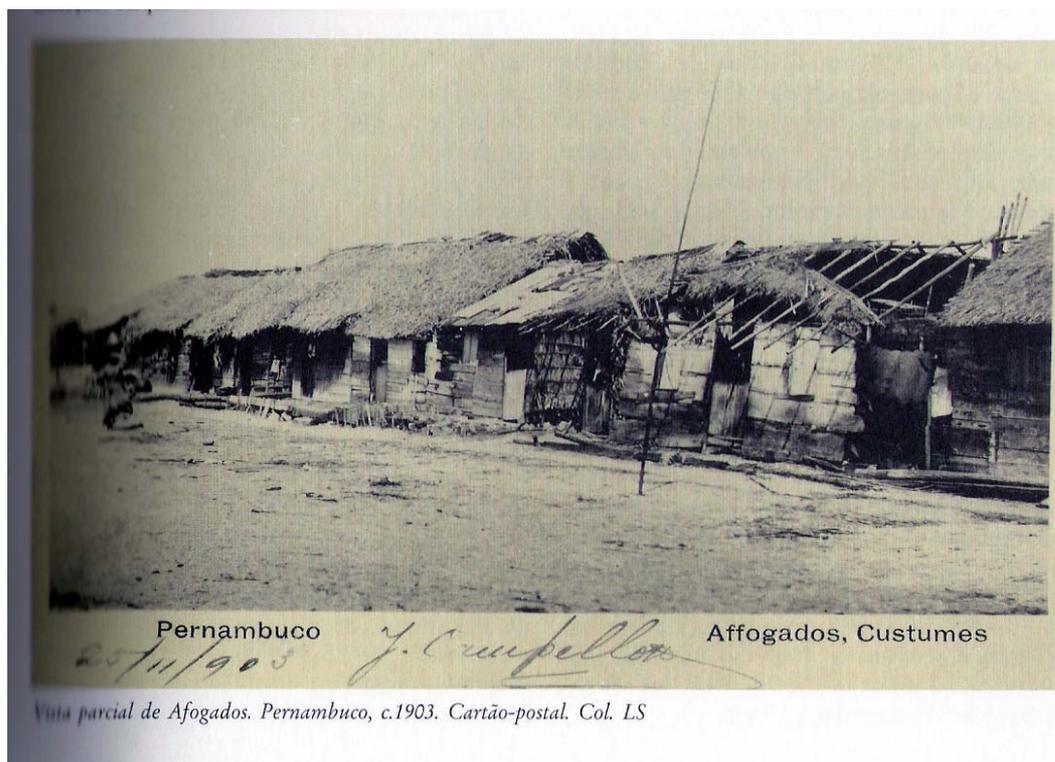
Segundo Vianna (1970, p.151), no final do século XIX, a cidade do Recife conta com duzentos e quarenta e cinco ruas, vinte e nove praças, duzentas e quinze travessas e sessenta e sete becos. Já em 1891 o Inspetor de Obras Públicas, preocupado com a qualidade higiênicas das habitações de aluguel barato, devolve plantas sugerindo alterações como condição de aprovação. Solicita a construção de um quarto mesmo para as casas habitadas por uma só pessoa e a abertura de janelas na sala para renovar o ar. Em janeiro de 1899 tem o centro do Recife e seus subúrbios dezessete mil, cento e quarenta e sete prédios, sendo dezesseis mil, quinhentos e oitenta e cinco habitáveis; cento e sessenta e nove em construção e trezentos e oitenta e três em ruínas. Destes prédios, mil e noventa e dois não pagam imposto de décima, por gozarem isenção legal. Tal isenção deve-se ao tipo de construção, na maioria mocambos, como os que se tornam imagem do exótico (fig. nº. 2) em cartão postal de Afogados em 1903.⁴⁵

⁴³ Escola de Aprendiz de Marinheiros. **Independência ou Morte**. Recife, 7 de set. 1904.

⁴⁴ Escola de Aprendiz de Artífices de Pernambuco. **O Norte**. Recife, 28 de jan. 1912. p. 7.

⁴⁵ Sobre os mocambos do Recife, ver Gilberto Freyre, **Mocambos do Nordeste** (Algumas notas sobre o tipo de casa popular mais primitivo do Nordeste do Brasil). Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1937 (Publicação do SPHAN, I), José Tavares Correia de Lira, **Mocambo e Cidade**. Regionalismo na Arquitetura e Ordenação do Espaço Habitado. Universidade de São Paulo. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Tese de Doutorado. São Paulo, 1996 e Zélia de Oliveira Gominho. **Veneza americana x mocambóles**: o Estado Novo na cidade do Recife (décadas de 30 e 40). Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1998.

Fig.nº. 2



Fonte: TONDELLA, Manoel. Afogados: Photographia Popular. 1903. Cartão-postal, em preto e branco.

O arrolamento predial e domiciliário do Recife⁴⁶ comunica que entre 1870 e 1920 dobra a ocupação urbana da cidade. O número de construções é elevado de trinta e três mil, quatrocentos e setenta e sete prédios para setenta e um mil, setecentos e cinquenta e seis. Dentre essas edificações, na maioria, construídas para fins residenciais, o número de estabelecimentos públicos cresce de setecentos e dezessete para mil, trezentos e oito. O crescimento no número de residências vem junto com as facilidades que a legislação concede, permitindo a qualquer pessoa a construção de casas de formas e tamanhos diversos, em terrenos apropriados (leia-se fora da área urbana), inclusive fora do alinhamento, contanto que o desenho seja apresentado à Câmara.⁴⁷

⁴⁶ ANEXO nº. 3 - **Arrolamento Predial e Domiciliário do Estado e do Município da Capital**, segundo recenseamentos gerais. Sinopse Estatística do Estado. n IV. Recife: Imprensa Industrial, 1938. p. 43.

⁴⁷ Lei nº. 1.608, de 19 de julho 1881. **Coleção de Leis da Província de Pernambuco para o ano de 1881**. SNT. p.119, 120.

Os prédios numerados⁴⁸ que têm a sua frente calçada e ruas largas, arborizadas e iluminadas, abertas ao tráfego, com espaço para transportes sobre trilhos e sobre rodas, desenham aos nossos olhos uma cidade que se amplia por novos espaços, configurados segundo o ideal de renovação urbana de embelezamento viabilizado pelo Prefeito de Paris Jorge Eugenio Haussmann. Ao regular, por lei, a numeração dos prédios e a designação das praças, ruas e travessas das quatro freguesias centrais da cidade, a Câmara Municipal aprova postura que define cor, dimensões, tipo de material, tipo de letra, número e o local onde devem ser colocadas as placas.⁴⁹ Tal postura, adotada com o objetivo de ordenar as edificações e auxiliar a cobrança da décima urbana⁵⁰, amplia a oferta de trabalho dos especialistas em desenho de letras e números.

O crescimento da ocupação da cidade pode ser avaliado, a partir das plantas da cidade do Recife de 1907 e 1920, pelas inúmeras desapropriações de prédios, terrenos e sítios e pelos constantes pedidos dos moradores de abertura de estradas, ampliação da instalação de trilhos e construção de pontes para ligar áreas urbanas às suburbanas e estas entre si. Como exemplo, aponta-se a petição de habitantes do Poço da Panela que, em 1887, pedem à Câmara para colocar lastro de uma ponte a fim de ligar a Várzea à Estrada do Caxangá.⁵¹

⁴⁸ A Lei n.º. 1.953, de 19 de dezembro de 1888, regula a numeração dos prédios e designação das praças, ruas e travessas das quatro freguesias centrais da cidade. **PERNAMBUCO, Leis e Decretos. Coleção das Leis Provinciais de Pernambuco sancionadas no ano de 1888.** Recife, Typografia de Manoel de Figueroa Faria e Filhos, 1888. p. 90, 91.

⁴⁹ Art.1º da Lei n.º. 1.953 - Os nomes das praças, ruas e travessas serão brancos em fundo azul escuro, em placas de ferro esmaltado de porcelana pregadas nas esquinas das ruas por tufos de madeira embutidos em alvenaria ou cantaria.

⁵⁰ Nas casas isentas da décima urbana a numeração é paga pela Câmara que, assim, assume o ônus financeiro de sua diretriz administrativa.

⁵¹ **OFÍCIO n.º. 57. De P. M. Góes S. Pitanga, Presidente da Câmara, para Pedro Vicente de Azevedo, Presidente da Província.** Recife, 6 de julho de 1887. Fundo Câmara Municipal, CM. v. 88. p. 184. Ms. Apeje.

Fig.nº. 3



Fonte: **Planta Cidade do Recife**. 1906, reduzida do levantamento da cidade feito por Sir. Douglas Fox e sócios e H. Michell Whitley, membros do Instituto de Engenheiros Cíveis de Londres.

Na planta de Douglas Fox, (fig.nº. 3) encontra-se o porto com seu ancoradouro anterior, os quatro bairro centrais: Recife, Santo Antônio, São José e Boa Vista, as pontes que os ligam e os rios que banham a cidade. Os seus limites correspondem aos terrenos por onde a cidade se expande que são os bairros de Afogados, Torre, Aflitos, Encruzilhada, Campo Grande e Santo Amaro e os lugares povoados Ypiranga, Remédios, Lucas, Zumby, Taquary, Jaqueira e Sertãozinho. Nela encontram-se assinalados alagados e mangues em Santo Amaro, nos dois lados da Rua Imperial, Ilha do Maruim, Ilha do Nogueira, Pina, Ilha Joana Bezerra, margens do Rio Capibaribe, Torre, Jaqueira, Aflitos, Espinheiro, Campo Grande, Chora Menino e as margens do Rio Beberibe. Esta planta registra o percurso de linhas de bonde e de estradas de ferro, a divisão dos terrenos dos bairros em quadra e esses em lotes, assinala as ruas abertas e as projetadas e os edifícios públicos e privados mais importantes da cidade, nomeando-os.

Fig.nº. 4



Fonte: GALVÃO, Sebastião. **Dicionário Chorográfico Histórico e Estatístico de Pernambuco**. 2. ed. Rio de Janeiro Imprensa Nacional, 1921. Planta da Cidade Recife de 1920. Anexo.

A planta da cidade de 1920 (fig.nº. 4) apresenta a entrada do porto, as mudanças com que a reforma do bairro e do porto alteram o desenho do Bairro do Recife, o aterro da Coroa dos Passarinhos, permitindo o acesso à área sul da cidade, com a construção da ponte giratória. Em 1920, os limites do mapa são os mesmos bairros da planta de 1907. No entanto, a densidade da ocupação dos lotes urbanos é bem maior. Vários são os aterros realizados, como o aterro do lado leste da Rua Imperial que se encontra ocupado, mas grande parte dos demais terrenos ainda são manguezais, embora alguns deles tenham sido cortados pelas linhas férreas ou margeados pelas mesmas. Entre os novos lugares povoados destaca-se a Cabanga.⁵²

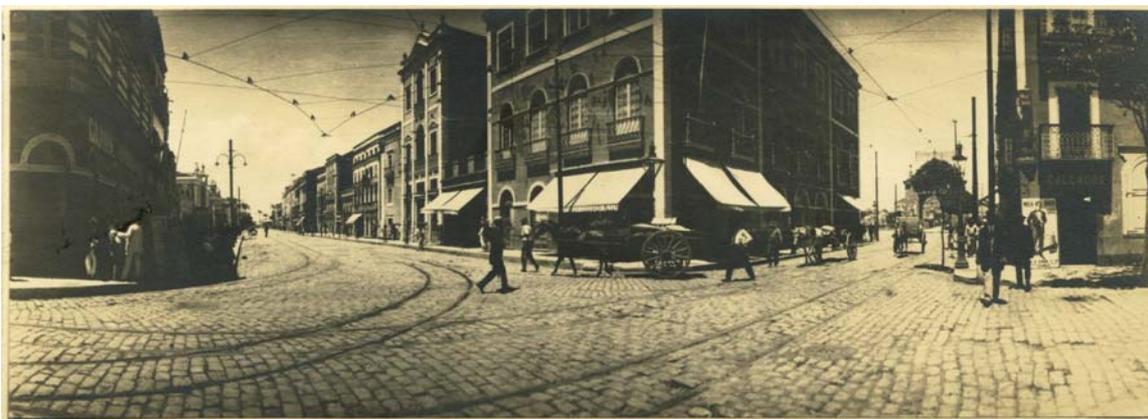
Nesse capítulo, apresentamos a cidade entre 1880 e 1914, o abastecimento de gêneros de primeira necessidade, as maneiras de circular e estacionar, apontando as áreas de deslocamento e assentamento da população e as mudanças no tecido urbano provocadas pela modernização, com a instalação do serviço de transportes e de outros serviços de infra-estrutura que demandam trabalhos de

⁵² Na planta de 1920, encontram-se manguezais na Ilha Nogueira, na Ilha do Maruim, ao longo do Rio Capibaribe e do Rio Jiquiá, no Chora Menino, no Espinheiro e em Santo Amaro.

aterros, demolições, construções e recuperações de prédios, cais, pontes, porto, praças, jardins e abertura de ruas e avenidas.

Dentre as fontes históricas, partimos das iconográficas, fontes cada dia mais presentes no nosso cotidiano, por entendermos que elas permitem recriar significados, possibilitam leituras várias e, quando aliadas aos demais tipos de documentos, ampliam o foco da interpretação do pesquisador. Trabalhando as imagens em conjunto com fontes manuscritas e impressas podemos encontrar respostas, indícios e evidências para questões sobre a vida na cidade, algumas das quais indicadas pelas próprias imagens. Dentre as imagens, optamos pelas fotografias (fig.nº.5), pois com as fotos se pode construir uma leitura do ambiente urbano, uma vez que o fragmento fotográfico traz uma visão estética do mundo, ao mesmo tempo em que permite produzir um relato sobre transporte, trabalho urbano e as condições de vida na cidade, ao focalizar o cotidiano das pessoas.

Fig.nº. 5



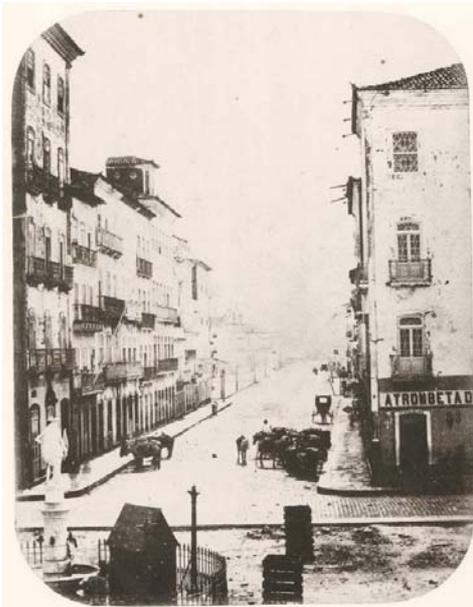
Fonte: Foto, em preto e branco, da Rua do Imperador esquina com Rua do Crespo, atual Primeiro de Março. Ao fundo, o arco de Santo Antônio. 1915. Foto em ângulo que permite ter uma visão das duas ruas. **Coleção Benício Whatley Dias**. Acervo Fundação Joaquim Nabuco.

A fotografia é nossa fonte principal, produto do progresso tecnológico sob o *clic* de fotógrafos estrangeiros e nacionais, que ao registrarem com suas máquinas cenas da cidade, focam as ruas e os meios de transportes de cargas e passageiros, que abastecem e movimentam a vida urbana. No Recife, fotógrafos de diferentes nacionalidades representam a cidade, por meio das imagens que produzem, em preto e branco, com o objetivo de registro sentimental, paisagístico ou de propaganda. Independente do motivo que leva a realização das fotos, elas vêm carregadas do ponto de vista de quem as produz. Os fotógrafos da época estão atentos aos detalhes: casario, igrejas, praças, árvores, linhas de bonde, cavalos,

seges e pessoas são enquadrados pelas câmaras, que quase sempre centralizam as vias de circulação da cidade. Os propósitos que os fotógrafos têm ao acionarem suas máquinas são fios condutores para utilizar as imagens como testemunho de uma época, embora raramente o historiador encontre indicadores que o orientem para desvendar tais propósitos.

A imagem criada é carregada de valores e da subjetividade do fotógrafo e, quando feita sob encomenda, ao olhar do fotógrafo acrescentam-se no enquadramento da câmara os interesses de registro dos fatos daqueles que pagam o serviço. As fotos são selecionadas em sua maioria porque trazem por referente o ambiente urbano (fig.nº. 6), por onde circulam pessoas, que trabalham com os transportes ou deles se utilizam na lida diária. Algumas imagens são feitas sob encomenda do Governo para comprovar o andamento de obras públicas, outras são de iniciativa de particulares e dos próprios fotógrafos que desejam fixar paisagens.

Fig.nº. 6



Fonte: VILLELA, João Ferreira. Recife. Foto, em preto e branco. Final do século XIX. Rua do Imperador vista da Praça D. Pedro II, atual Praça Dezesete, com fonte em primeiro plano. Ao fundo sobrados, burros, cavalos e seges estacionados. No primeiro sobrado, o letreiro nomeia o estabelecimento. Observar a profundidade da imagem. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Nas imagens de cidade, o espaço tridimensional é representado, a partir de vários planos, nos quais pessoas, edifícios e objetos são distribuídos produzindo uma ilusão de profundidade. Segundo CIAVATTA (2002, p. 60) “os planos fotográficos são definidos de acordo com o posicionamento e a distância entre a câmara e o objeto fotográfico”, eles apontam a hierarquia entre pessoas e a maior

ou menor importância dos objetos em cena. As fotografias de paisagens utilizadas nesse capítulo, em sua maioria, seguem a concepção de viés positivista segundo a qual a foto expõe o mundo da forma mais fidedigna possível, pois, no período estudado, a fotografia é entendida como uma prova dos fatos, não uma mera aparência dos mesmos. A maioria das fotos e litogravuras apresentam o espaço conforme a perspectiva central renascentista, “obtendo uma sugestão ilusionista de profundidade” (MACHADO, 1984, p. 64). As imagens da cidade registram construções modernas, casas reformadas, novas edificações, o trânsito de pessoas e dos meios de transporte os quais atestam o novo ritmo em que a cidade está vivendo. Algumas imagens permitem recuperar, em parte, os diversos grupos sociais que vivem e convivem na cidade. Nelas as diferenças sociais são assinaladas nas roupas e na posição das pessoas nos planos da imagem.

Fig.nº. 7



Fonte: KRAUSS, L. Entrada para a estação das Cinco Pontas. Casa Litográfica de F. H. Carls. 1878-85. No primeiro plano, homem e criança, pescador e fiscal de linha. Ao fundo, a Rua Imperial. Acervo do Professor Dr. José Luis da Mota Menezes.

As imagens e texto que aqui apresentamos estão em livros publicados ou sob a guarda de diversos acervos públicos e privados.⁵³ Nos acervos iconográficos, procuramos⁵⁴ imagens de escravos e escravas carregando todo tipo de objetos e de meios de transportes responsáveis pelo abastecimento da cidade: canoas, burros e bois de carga, carroças, bondes de burro, maxambombas, bicicletas, ônibus e automóveis de aluguel. Nas litogravuras (fig.nº. 8), encontramos registros do transporte de cabotagem, meio barato para as cargas e para a maioria dos passageiros se deslocarem entre as freguesias e os bairros centrais e várias imagens das carroças puxadas por bois e burros, utilizadas para atender as necessidades de transportes de carga, de particulares e do serviço público.

Fig.nº. 8



Fonte: Recife: Casa Litográfica de F. H. Carls. Preto e branco. Fotografia de litogravura da Rua Primeiro de Março, final do século XIX. Sobrados com gradil de ferro e janelas de vidro. No andar inferior, as lojas apresentam letreiros. Ao fundo, as lojinhas e a igreja de Santo Antônio. Nas ruas, bondes de burro, homens usando casacas e raras mulheres acompanhadas. Acervo do Professor Dr. José Luis da Mota Menezes.

⁵³ Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano, Arquivo da Fundação Joaquim Nabuco, Arquivo do Museu da Cidade do Recife, Museu do Estado de Pernambuco, Biblioteca Nacional e acervo do professor José Luis da Mota Menezes.

⁵⁴ Não encontramos imagens de escravos na cidade do Recife, trabalhando como transporte, a partir de 1880.

As imagens de transportes, em particular as fotografias, registram paisagens. As fotografias tiradas no Recife, especialmente as que têm por tema o transporte, mostram a cidade, assinalam o transporte como agente do progresso, meio de circulação e de abastecimento, Embora poucas apresentem os transeuntes e registrem os contatos sociais, elas transmitem informações quanto à forma em que se dá a circulação e o estacionamento de transportes na cidade. Por vezes, um mesmo espaço é fotografado ao longo do tempo. Neste caso, é possível analisar as mudanças que ocorrerem na cena representada.

No final do século XIX e início do século XX, a abertura de mercado de trabalho nas cidades para fotógrafos e demais profissionais da imagem⁵⁵, devido à introdução de novas técnicas, à reprodução foto mecânica e ao barateamento nos custos da produção, acaba levando os estrangeiros, que vêm conhecer o país, a fixarem residência e instalarem estabelecimentos fotográficos em cidades como o Recife, somando seu número ao dos fotógrafos locais. Os cartões de visita (fig.nº. 9 e nº.10) atestam à presença de profissionais estrangeiros na cidade.

Fig.nº. 9

Verso de carte de visite.
Col. BK

Fig.nº.10

Verso de carte de visite.
Col. BK

Fontes: KOSSOY, Boris. **Dicionário Histórico - Fotográfico Brasileiro**. Fotógrafos e ofício da Fotografia no Brasil (1833-1910). São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2002. p. 77; 124. Cartões de visita de Constantino Barza - Photographia Allemã. Cartões de visita de Constantino Barza - Photographia Allemã e de Ducasble - Photographia Parisienne.

As fotografias, litografias e mapas da época se encontram em coleções públicas e privadas. Esses documentos são selecionados de acordo com a pertinência dos temas em investigação. A maioria das imagens não está identificada nos acervos. Quando as imagens estão identificadas, anotamos os seguintes dados:

⁵⁵ APÊNDICE nº. 1- **Pintores de paisagem e retratos trabalhando no Recife (1880 - 1914)**.

arquivo; fundo, série ou coleção; data, local; autor; dimensões, tema e as anotações arquivísticas quanto à localização e a conservação do documento. Quando as imagens não estão identificadas, tentamos fazer esse serviço por meio das fontes não impressas, buscando referências que situem a atividade fotográfica. Levantamos, nos anúncios dos almanaques, folhetos raros, livros e jornais, dados sobre os fotógrafos, para recuperar os nomes, os endereços, a tecnologia, os preços, as imagens que produzem e a forma como são divulgados seus trabalhos.

Além do uso das fontes iconográficas, a pesquisa para esse capítulo é feita a partir dos depoimentos dos administradores públicos, Presidentes da Província, Governadores do Estado, Prefeitos e Vereadores do Recife, engenheiros fiscais de estradas de ferro⁵⁶, jornalistas, historiadores e intelectuais que estudam a cidade. Estes depoimentos estão registrados em fontes escritas, cartas, ofícios e relatórios dos fundos arquivísticos da Câmara Municipal, da Prefeitura Municipal, da Repartição de Obras Públicas e das Estradas de Ferro e em fontes impressas tais como leis, mensagens e exposições de prefeitos, relatórios de obras públicas, em jornais, teses, livros, dicionários e almanaques.

As Exposições e Mensagens de Prefeitos são documentos pouco pesquisados, uma vez que os encontramos lacrados e raramente são citados em trabalhos acadêmicos. Escritas periodicamente pelos prefeitos para serem apresentadas ao Conselho Municipal, cumprindo a Constituição, relatam os fatos importantes que ocorrem na administração do município, apresentam sugestões e solicitam providências. Nesse tipo de documento, além do relatório das atividades da Prefeitura, são publicadas portarias, demonstrações de despesa e receita, balancetes trimestrais e movimentos de caixa mensais.

A seleção da documentação toma por critério o da busca de imagens e textos que elucidem a vida urbana em seus vários aspectos. As identificações dos documentos escritos e impressos contam com o exercício de descrição dos mesmos, quanto ao seu tipo, local, data, produtor, receptor e conteúdo. O arranjo das fontes corresponde à etapa em que é colecionada a documentação, de acordo com os assuntos pesquisados e a ordem dos fatos, criando conjuntos documentais

⁵⁶ Os relatórios dos engenheiros fiscais das estradas de ferro servem para o Governo conhecer a gestão interna e o estado financeiro das Companhias. **Fundo Estradas de Ferro**. EF. Ms. Apeje.

base do relato a ser escrito. Após o arranjo, analisamos os conjuntos documentais formados, assinalando dados que se completam e que se contrapõem.

Nos Caminhos do Olhar, a cidade e a circulação de pessoas e cargas por meio de transportes é nosso tema porque é a circulação que movimenta a vida, ora de modo lento, pesado, carregando fardos que suprem o concreto do dia a dia, ora de modo célere, com mil cavalos de força, cuja velocidade promete abreviar as dores do mundo e fazer com que os desejos se realizem num piscar de olhos, aproximando os homens, levando-os a novos cenários, estimulando a dimensão do sonho que atravessa as porteiras dos sentimentos do mundo.

1. 1 A cidade

Fig.nº. 11



Fonte: LAMBERG, Maurício. Recife:1885. Foto, em preto e branco. Vista da ponte Sete de Setembro, hoje Maurício de Nassau. Ao final da ponte, o bairro e o arco de Santo Antônio e, na esquerda, navios à vela atracados no cais **Coleção D. Tereza Cristina Maria**. Acervo da Biblioteca Nacional.

O Recife, entre 1880 e 1914, é uma cidade com uma área urbana densamente ocupada nas freguesias e, depois bairros do Recife, Santo Antônio e São José. Nesses lugares, durante o período, em nome da modernização, ocorrem inúmeras desapropriações com a finalidade de ampliar ruas, travessas e praças, destruindo becos, onde circulam os serviços e pondo abaixo prédios que para a

municipalidades são considerados pardieiros. A cidade, nesse período, parece outra a cada dia. Novas ruas surgem, conquistadas com aterros dos alagados, mangues e rios. A área urbana se espalha por sítios distantes, engenhos são loteados, pontes construídas e novos bairros são criados, provocando o deslocamento de parte da população, que luta pelo acesso e regulamentação da terra, solicita terrenos de Marinha, adquire lotes e ergue moradias.

No Bairro do Recife, o melhoramento do porto tem início em 1909 e uma ampla reforma urbana em 1910.⁵⁷ O porto passa por melhoramentos para abrigar navios de grande porte e o bairro tem sua reforma calcada nos ideais estéticos europeus. São realizados aterros, constroem-se armazéns suprimindo a Praia do Forte, derruba-se a Igreja de Santelmo e o Arco da Conceição e muitos dos sobrados são demolidos para que sejam abertas avenidas radiais do porto em direção às pontes Maurício de Nassau e Buarque de Macedo, que levam ao Bairro de Santo Antônio. Ao longo do porto, é aberta, com armazéns do lado leste, uma avenida perimetral que facilitará o acesso ao sul da cidade quando estiver concluída a Ponte Giratória e o aterro da Coroa dos Passarinhos. Essa área em São José, no final da década de 1910, será ocupada por armazéns e dará nova forma ao Cais de Santa Rita. Durante a reforma, o Governador do Estado General Dantas Barreto contrata fotógrafo para registrar os trabalhos, com urgência de produzir imagens do antigo em vias de extinção, do novo sendo criado e das permanências. Imagens da reforma apresentam o bairro transformado em canteiro de obras. Durante esses trabalhos, prédios são desapropriados e seus habitantes são obrigados a mudarem de endereço. A fotografia revela nos destroços das edificações, o mal-estar provocado pela desagregação estabelecida com a instalação do novo.

⁵⁷ Uma minuciosa análise da reforma urbana no Bairro do Recife é apresentada por LUBAMBO, Cátia Wanderley Lubambo em seu livro **Bairro do Recife entre o Corpo Santo e o Marco Zero**. Recife: CEPE, 1991. Ver também os trabalhos de ORLANDO, Arthur. **O Porto e a cidade do Recife**. Recife: Typografia do Jornal do Recife, 1905 e FOURNIÉ, Victor e BERENQUER, Emilio. Memórias acerca do Porto do Recife. In: **Arquivos**, n. 1. Recife, 1942. p. 179-213.

Fig.nº. 12



Fonte: LUBAMBO, Cátia. **Bairro do Recife entre o Corpo Santo e o Marco Zero**. Recife: CEPE/ Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1991. Anexo. Foto, em preto e branco, de Tondela. Bairro do Recife em obras.

A administração da cidade entre 1880 e 1914 propõe e inicia a execução de uma reforma urbana centrada no Bairro do Recife, de onde, com o aval dos médicos que atestam a precária situação de higiene e aeração das habitações, são expropriados terrenos de seus habitantes, derrubados sobrados e banidos seus antigos moradores, sob o argumento médico da insalubridade. Os novos donos dos terrenos retêm a maior parte do aumento de valor agregado dos mesmos após a reforma, cujo custo é pago por toda a comunidade.

Em 1910, o Bairro do Recife conta com mil cento e oitenta prédios, que abrigam treze mil duzentos e quatro habitantes.⁵⁸ Entre eles, segundo Lubambo (1991, p.55), encontram-se pessoas pobres, “mendigos, pescadores de siri e residentes em mocambos, mas, também, os artesãos, os caixeiros de lojas e os trabalhadores especializados de pequenas indústrias. Em sua maioria viviam em áreas decadentes como o Bairro do Recife e parte do Bairro de Santo Antônio, em ruas sinuosas e estreitas, em casas que se desfaziam de dois a cinco andares, em cortiços; nas áreas alagadas, em mocambos, ou, então, junto às fábricas que iam se implantando”. Nessas áreas, o conflito de interesse entre Governo e habitantes se aguça no momento em que trecho considerável do bairro é posto abaixo e, junto com ele, é alterada de modo

⁵⁸ Prédios existentes no município em 1910. BRITO, F. Saturnino Rodrigues de. **Saneamento do Recife, descrição e relatórios**. Recife: Typografia da Imprensa Oficial, 1917. p. 74.

irreversível a forma de viver naquele espaço, uma vez que há supervalorização das áreas incluídas no projeto de reforma urbana. Quando realizado, essas áreas são ocupadas por firmas exportadoras, comerciais e financeiras, em detrimento das residências até então existentes. Diante do fato, parte dos intelectuais e da população letrada escreve e envia para imprensa local os sentimentos de estranhamento, insegurança, medo do futuro e, às vezes, de confiança no crescimento da cidade, que marcam o momento.

Fig.nº.13



Fonte: Recife: foto, em preto e branco, da Rua do Bom Jesus vista da Torre Malakoff, após reforma do bairro do Recife, início do século XX. **Álbum Vistas de Pernambuco**. Acervo do Museu do Estado de Pernambuco.

Imagens do Bairro do Recife pós-reforma com porto, armazéns, avenidas, praças e ajardinamento constituem novas referências para a vida da população. Esse novo padrão de beleza, urbanidade e sanitarismo passa a ser foco da atenção dos fotógrafos, que, em cartões postais⁵⁹, registram paisagens destituídas da população e dos seus afazeres. Essas imagens divulgam um ambiente onde imperam a “ordem” e a “beleza”, cenário apropriado ao tempo moderno, capaz de

⁵⁹ Em *Cinematógrafo de Letras*, livro que examina como o contato com o horizonte técnico passa a informar a produção cultural, a autora Flora Süssekind afirma que “o cartão postal foi inserido no país em 1901 e serviu de meio de divulgação da fotografia”. SÜSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo de Letras**, 1987. Literatura, técnica e modernização no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 33.

captar recursos e fomentar utopias e convocam o cidadão a assimilar um novo ideal de cidade.

A área urbana da Boa Vista assim como as áreas suburbanas de Afogados, Santo Amaro, Madalena, Derby, Capunga, Aflitos, Torre, Espinheiro, Encruzilhada e Campo Grande, estão em processo de ocupação e ordenação do espaço, com a abertura de ruas e avenidas, construção ou reforma de praças, ampliação de travessas. Nesses bairros há desapropriações, especialmente a partir da Proclamação da República, mostrando a preocupação dos prefeitos, do Conselho Municipal e do Governo do Estado com a modernização da cidade como um todo, ampliando espaços para facilitar a circulação e dinamizar o comércio. Há uma nova cidade se erguendo, na qual os lotes urbanos e as ruas são definidos dentro de quadras largas, de traçado retilíneo, que dividem os terrenos com certa regularidade, norteando a ocupação dos mesmos, onde, com freqüência as construções implantadas não ocupam toda a largura do terreno. Como podemos observar em fragmento da planta da cidade de Douglas Fox.

Fig.nº.14



Fonte: Recife: Douglas Fox e sócios, 1906. Fragmento da **Planta da Cidade do Recife**. Apresentando a ocupação da Capunga, Aflitos, Torre e Madalena. Acervo do Professor Dr. José Luis da Mota Menezes.

O ideal de modernizar e sanear a cidade por meio de reparos, reformas e projetos interferindo em seu espaço físico marca a ação dos Prefeitos do Recife, entre 1891 e 1914. Os prefeitos atuam para que os espaços abertos na cidade sejam mais amplos e a circulação e as condições de higiene sejam de melhor qualidade. Essas ações dos prefeitos, com respaldo do Conselho Municipal, raramente são apontadas nos trabalhos sobre a cidade que se debruçam mais na reforma do Bairro do Recife, promovida pelo Estado, mas essas intervenções também dão uma feição moderna à expansão urbana e estimulam a construção de novas edificações em terrenos distante dos bairros centrais.⁶⁰

O destaque para a ação modernizadora do Estado em detrimento do Município pode ser explicado pelo fato do prefeito ser nomeado pelo governador, o que limita sua autonomia. Embora com a organização republicana fique legalmente afirmada a autonomia dos Municípios, sob base do Direito Público da União, e tal autonomia seja assegurada pelas cartas constitucionais da União e do Estado, muitos anos se passam para que, de fato, os Municípios se tornem reconhecidos como autônomos e o Estado passe aos mesmos a administração de serviços e impostos a eles destinados por lei. O Prefeito Coelho Cintra, em 1897, acusa o Estado de Pernambuco de manter sob seu domínio rendas, como a décima urbana, e atribuições que competem ao município, como os serviços de transporte, iluminação, extinção de incêndios, esgoto e abastecimento de água.⁶¹ Já o Prefeito Martins de Barros aponta em seu discurso a municipalização dos serviços urbanos como doutrina vencedora nos países civilizados, denunciando que o Estado de Pernambuco ao tomar para si esses serviços, os quais concede como privilégio a particulares, não cuida do interesse público, e convoca a Câmara para fazer alguma coisa de novo ou romper com a *práxis* estabelecida, instituindo serviços com a feição moderna que têm nos grandes centros civilizados do mundo, e, para isso, a municipalidade deve chamar para si os serviços urbanos.⁶²

⁶⁰ Antônio Paulo Rezende em seu livro **(Des)encantos Modernos**. Histórias da Cidade do Recife na Década de Vinte, destaca a ação modernizadora da gestão de Eduardo Martins de Barros como Prefeito do Recife.

⁶¹ **MENSAGEM que ao Conselho Municipal do Recife dirigiu o Exmo. Sr. Dr. José Cupertino Coelho Cintra, Prefeito do Município por ocasião da abertura da primeira sessão em 15 de janeiro de 1897**. Recife: Typografia d' a Cidade, 1897. p. 3.

⁶² **EXPOSIÇÃO apresentada ao Conselho Municipal do Recife na quarta sessão ordinária em 15 de maio de 1908 pelo Prefeito Eduardo Martins de Barros**. Recife: Typografia do Diário de Pernambuco, 1908. p. 6.

A despeito dos discursos e reclamações, até 1914, a principal fonte de renda do município, a décima urbana, mantêm-se nas mãos do Governo do Estado limitando a ação modernizadora dos prefeitos aos recursos provenientes das rendas municipais. Dessa forma, a contabilidade torna-se a primeira preocupação dos prefeitos que exercem fiscalização sobre a arrecadação dos impostos e sobre a aplicação do dinheiro público, mas, como o acesso ao cargo é por indicação do governador, a autonomia das ações fiscais dos prefeitos fica bastante comprometida. Industriais como José Macedo, em 1897, recorre ao governador para isentar sua fábrica de vinhos e frutas, situada a Rua da Aurora nº. 111, da cobrança do imposto de aferição de pesos e medidas pagos pelo comércio e pela indústria.⁶³

O crescimento da ocupação da cidade pode ser avaliado pelos registros da Câmara de terrenos e lotes desapropriados. As despesas com a desapropriação são pagas pela Câmara que também legaliza a venda ou arrendamento do terreno. Entre as desapropriações, constam, na década de 1880, terrenos das freguesias centrais e sítios pertencentes às freguesias suburbanas, como o sítio de Peixinhos.⁶⁴

Os prefeitos consideram fundamental para o melhoramento e embelezamento da cidade o alargamento e nivelamento das ruas e praças e a abertura de avenidas.⁶⁵ Essa prioridade que é dada ao cuidado com as vias demonstra a consciência moderna de que facilitar a circulação é vital para a economia urbana, especialmente no que se relaciona as atividades do comércio e da indústria. A maior preocupação dos prefeitos com recuo de prédios e desapropriação do que consideram pardieiros para alargamento de ruas, localiza-se no Bairro do Recife, onde derrubam lados inteiros de becos e ampliam travessas, justificando tal ação como necessária ao crescente movimento comercial do bairro. No período estudado, também são perfiladas e abertas novas ruas nos arrabaldes

⁶³ **PARECER de Joaquim José Ferreira da Rocha, Diretor de Contabilidade da Prefeitura, para o Subprefeito.** Recife, 11 de junho de 1897. Fundo Prefeitura Municipal. Pm. v. 2. p. 257, 257v. Ms. Apeje.

⁶⁴ **OFÍCIO nº. 74, dos Vereadores do Recife, para Antônio Epaminondas de Barros Correia, Vice-presidente da Província.** Recife, 20 de junho de 1883, Fundo Câmara Municipal. CM. v. 81. p.104. Ms. Apeje. e **OFÍCIO nº. 72, de João Pedro das Neves, Presidente da Câmara para Antônio Epaminondas de Barros Correia, Vice-presidente da Província.** Recife, 13 de junho de 1883. Fundo Câmara Municipal. CM. v. 81. p. 103. Ms. Apeje.

⁶⁵ Coelho Cintra, em 1897, considera necessária a abertura de uma avenida da Ponte Buarque de Macedo ao Corpo Santo e propõe a desapropriação de prédios para esse fim. **MENSAGEM que ao Conselho Municipal do Recife dirigiu o Exmo. Sr. Dr. José Cupertino Coelho Cintra, Prefeito do município por ocasião da abertura da primeira sessão em 15 de janeiro de 1897.** Recife: Typografia d'a Cidade, 1897. p. 11.

da cidade.⁶⁶ Prefeitos, como Eduardo Martins de Barros, solicitam recursos financeiros para o levantamento de planta de arruamento para o Lugar do Feitosa, no Campo Grande, para onde tem convergido a população mais pobre.⁶⁷

Para a abertura de ruas ou uniformização da largura das mesmas, a Prefeitura, com freqüência, desapropria terrenos, prédios, casas de particulares e de instituições como a Igreja ou Santa Casa da Misericórdia.⁶⁸ A preocupação em perfilar as construções em volta das praças para acabar com o perigo que pode acarretar a passagem dos trens muito próxima aos edifícios leva os prefeitos a desapropriarem casas, como fez Coelho Cintra no Entroncamento, ao solicitar que o Governador Dr. Joaquim Correa de Araújo ceda gratuitamente parte do terreno do seu sítio para ser efetuado o perfilamento da praça.⁶⁹ As elites, com freqüência, colaboram com a Prefeitura cedendo parte de terrenos e sítios, e, logo após a abertura ou nivelamento de ruas e a ampliação de praças, constroem de frente para as mesmas usufruindo da valorização da área.

Entre os prefeitos que se empenham em alargar ruas destaca-se Eduardo Martins de Barros, que, em setembro de 1904, faz demolir diversos prédios da Rua Sete de Setembro⁷⁰ e, em 1905, reforma a área central do Bairro de Santo Antônio, a Pracinha⁷¹, que, segundo ARRAIS, (1995, p.35) teve suas fileiras de lojinhas, prédios municipais, demolidas ampliando seu espaço. Nesse momento, também é demolida de um lado e alargada de outro, onde são construídas e reformadas lojas de aspecto moderno, a estreita e curta Rua do Cabungá⁷², ligando a Pracinha à Rua

⁶⁶ A proposta de aumentar a largura das ruas é antiga, data de 26 de junho de 1873, quando é aprovada a Lei nº. 1.129, exigindo que as ruas abertas tenham pelo menos 17,60 m. de largura e as travessas 11, 20 m.

⁶⁷ **EXPOSIÇÃO apresentada ao Conselho Municipal do Recife na quarta sessão ordinária em 22 de agosto de 1904 pelo Subprefeito Comendador Eduardo Martins de Barros.** Recife: Typografia do Diário de Pernambuco, 1904. p. 5.

⁶⁸ Em 1903, dando execução à Lei nº. 358, de 2 de junho de 1903, são desapropriados os prédios nº. 92 da Rua do Pilar, nº. 30 da Rua do Areal e o nº. 85 da Rua do Guararapes, pelos quais a Santa Casa da Misericórdia recebe Réis 8:000\$000. **EXPOSIÇÃO apresentada ao Conselho Municipal do Recife na 4ª sessão ordinária em 17 de agosto de 1901 pelo Prefeito Dr. Manoel dos Santos Moreira.** Recife: Typografia do Diário de Pernambuco, 1903. p. 5.

⁶⁹ **MENSAGEM que ao Conselho Municipal do Recife dirigiu o Exmo. Sr. Dr. José Cupertino Coelho Cintra, Prefeito do Município por ocasião da abertura da primeira sessão em 15 de janeiro de 1897.** Recife: Typografia d'a Cidade, 1897. p. 11.

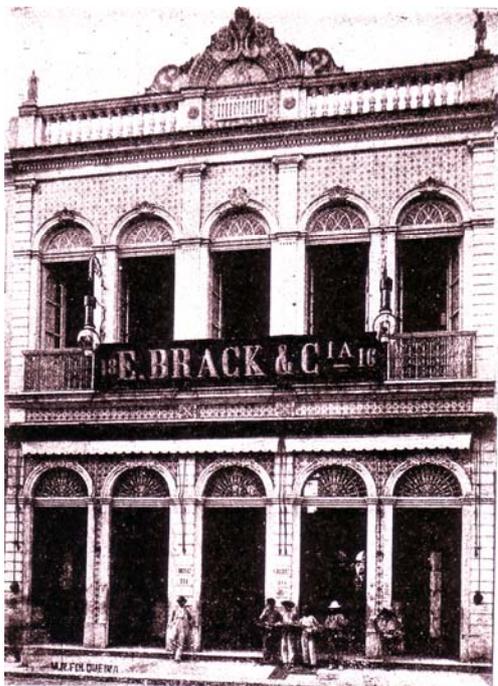
⁷⁰ Cronologia: 1904 – Crônica de Pernambuco. **Almanach de Pernambuco**, 1910. SNT. p. XIX.

⁷¹ Atual Pracinha do Diário. Na época, também são demolidos os prédios de números ímpares para o alargamento da rua segundo o plano do Prefeito do Município do Recife. Crônica de Pernambuco de 1905, In: **Almanach de Pernambuco**, 1911. Recife: Imprensa Industrial, 1911. p. XXX, item 17.

⁷² A Rua do Cabungá, no bairro de Santo Antônio, passa a se chamar Sigismundo Gonçalves.

Barão da Vitória. Ganha o Bairro de Santo Antônio elementos arquitetônicos ecléticos nas fachadas de seus edifícios (fig.nº.15), como convém ao cartão postal moderno, revelando o esforço das elites em se associarem aos modelos e aos novos valores artísticos europeus.

Fig.nº. 15



Fonte: FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. **Álbum Artístico Comercial e Industrial do Estado de Pernambuco**. SNT. (Recife, 1913) p. 89. Foto em preto e branco. Sobrado eclético, fachada da Casa E. Brack & C^{ia}.

No início do século XX, com a instalação de infra-estrutura urbana de transportes e saneamento, aumenta a valorização dos lotes e edificações e a fiscalização quanto ao pagamento de impostos. Em 1904, as escrituras de vendas e permutas e a carta de arrematação de imóveis na cidade do Recife, passam a ser lavradas mediante prova do pagamento da contribuição da Companhia Recife Draynage e do imposto predial, por certidão negativa da Recebedoria e do Tesouro do Estado.⁷³ Ainda em 1904, a Lei nº. 684, de 8 de junho, obriga todos os prédios do município do Recife a pagarem o imposto da décima urbana, à exceção de alguns prédios públicos⁷⁴ e de construções de taipa ou outra construção fácil, medindo até

⁷³ Lei nº. 668, de 26 de maio de 1904. **PERNAMBUCO, Leis e Decretos. Leis do Estado de Pernambuco do ano de 1904**. Recife: Typografia do Diário de Pernambuco, 1904. p. 24.

⁷⁴ Entre os prédios públicos ficam isentos os pertencentes à Santa Casa de Misericórdia; à Liga Contra a Tuberculose e os da União. Lei nº. 684, de 8 de junho de 1904. **PERNAMBUCO, Leis e Decretos. Leis do Estado de Pernambuco do ano de 1904**. Recife: Typografia do Diário de Pernambuco, 1904. p. 66.

vinte e cinco palmos de frente e quarenta e cinco de fundo, pertencentes a pescadores, pequenos agricultores, operários diaristas, jornaleiros e viúvas, desde que neles residam e seja o único imóvel que possuam.⁷⁵ O imposto, no entanto, por lei, não aumenta, no prazo de dez anos, para os prédios que são reformados segundo as regras da arquitetura eclética.⁷⁶ Tal medida estimula reformas nos sobrados recifenses, que passam a refazer suas fachadas no estilo eclético em vigor quanto ao uso de platibanda, calha embutida, ornatos, gradil de ferro, segundo as posturas municipais (fig.nº.16).⁷⁷

Fig.n.º. 16



Fonte: Recife: foto, em preto e branco, do Largo do Arsenal da Marinha, Praça Artur Oscar, início do século XX. No primeiro plano, o obelisco e ao fundo o bonde de burro. Observar os sobrados reformados com platibanda e elementos decorativos. **Álbum Vistas de Pernambuco**. Coleção Comendador Baltar. Acervo do Museu do Estado de Pernambuco.

Os impostos cobrados pela Prefeitura são muitos. A Municipalidade isenta do imposto de limpeza ou higiene o proprietário pobre que só tiver a casa em que habita ou se o valor locativo da mesma for igual ou menor a duzentos mil réis

⁷⁵ Essas pequenas casas de taipa não pagam a décima, respeitadas as isenções concedidas pelas Leis nº. 1.594, de 21 de junho de 1881, **PERNAMBUCO, Leis e Decretos. Coleção de Leis Provinciais de Pernambuco sancionadas no ano de 1881**. Recife: Typografia de Manoel de Figueroa Faria e Filhos, 1881, p. 60. A Lei nº. 1. 845 de 15 de junho de 1885 isenta da décima os prédios da cidade pertencentes ao recolhimento de Nossa Senhora da Glória, a casa onde funciona a escola de Propaganda da Instrução Pública do Poço da Panella, no Monteiro e o edifício onde funciona o Colégio de São Vicente de Paula. **Pernambuco, Leis e Decretos. Leis Provinciais de Pernambuco 1884 a 1886**. Recife: Typografia de Manoel de Faria & Filhos, 1886. pp. 20, 21.

⁷⁶ Lei nº. 1032 de 20.06.1910. **PERNAMBUCO, Leis e Decretos. Coleção de Leis do Estado de Pernambuco**. Recife: Typografia do Diário de Pernambuco. 1910.

⁷⁷ Sobre o estudo das questões estéticas urbanas que envolvem a elaboração de posturas municipais destaca-se o trabalho minucioso de Maria Ângela de Almeida Sousa, apresentado como tese de doutorado em História, intitulado **Posturas do Recife Imperial**.

anuais. Em 1905, o Prefeito Eduardo Martins de Barros, a pedido do Governador, manda correspondência para o Ministro do Interior sobre as habitações da classe pobre no Recife.⁷⁸ Informa o prefeito que, na Municipalidade, não há uma legislação especial relativa a tais habitações. Há apenas uma disposição no Código de Posturas e em leis orçamentárias, que permitem a construção de habitações em ruas apenas iniciadas, dando para essas ruas a largura de 13,20m. Essas construções são de pau-a-pique e barro, cobertas de telhas e podem ser contíguas ou separadas, igualmente afastadas do leito da rua, com o pé direito de 3,50m e são observadas as dimensões de portas, janelas e do telhado. No entanto, essas edificações proibidas nos bairros centrais da cidade, já desapareceram de muitos arrabaldes, dotados de “boa edificação” de alvenaria. Informa, ainda, o prefeito que há muitos casebres de tábuas, cobertos de palha, zinco e flandres pelo interior de velhas chácaras, meio abandonadas, cujos donos pagam imposto à Municipalidade. Há uma ampla campanha contra os cortiços que torna absolutamente proibida a sua construção em qualquer parte do Município. No entanto, segundo Martins de Barros, em 1905, ainda há alguns, ao rés do chão, embora não existam mais em sobrados como havia antes. Esses cortiços pagam à Municipalidade um imposto especial sobre cada quarto ou habitação, que é calculado segundo as condições de higiene nos mesmos, sendo esse imposto uma quantia proibitiva à permanência dos cortiços na cidade.⁷⁹

Em 1908, no relatório ao Governador de Pernambuco, o Secretário Geral afirma que mocambos e cortiços são ameaças constantes à saúde pública, pois não observam preceitos de higiene. Comenta que “a pobre gente que os habita concorre para o aumento da mortalidade e as suas condições de vida constituem um perigo para a parte da população mais favorecida da fortuna”. O Secretário Geral é portador da opinião que o Governo deve cuidar de assentar aparelhos sanitários nas casas destinadas à população mais pobre e que a Municipalidade deve substituir tais

⁷⁸ Em 1905, o Ministro do Interior nomeia comissão para o estudo das habitações populares e solicita informações dos governadores dos Estados.

⁷⁹ **OFÍCIO nº. 41. De Eduardo Martins de Barros, Prefeito do Recife, para o Desembargador Sigismundo Antônio Gonçalves, Governador de Pernambuco.** Recife, 19 de julho de 1905. Em anexo, informações sobre as habitações populares no Município do Recife. Fundo Prefeitura Municipal. Pm. v. 8. pp. 75-77. Ms. Apeje.

habitações por outras mais de acordo com a civilização.⁸⁰ No entanto, observa-se na documentação que, enquanto os cortiços presentes nos bairros centrais, onde o lote urbano é bastante valorizado, sofrem repressão fiscal e sanitária para serem extintos, os mocambos continuam a ser construídos fora do perímetro central da cidade.⁸¹

Prefeitos e Subprefeitos apontam a necessidade de reformar leis municipais relativas às edificações, por entenderem que as normas para construir nas áreas centrais da cidade deve se estender às construções dos arrabaldes e lugares menos povoados a fim de embelezar e sanear a cidade. A questão da habitação muda ao longo do tempo. Em 1881, o Presidente da Província José Antônio de Souza Lima, decreta que é permitido a todo indivíduo construir casas, de forma e tamanhos diversos, em terrenos apropriados sem alinhamento, tendo por exigência que o desenho da casa seja apresentado à Câmara.⁸² Em 1991, o Inspetor de Obras Públicas, por ofício, devolve plantas para construção de habitações higiênicas de aluguel barato para que sejam feitas pequenas alterações. Entre essas alterações, registra-se a necessidade de quarto de dormir em casa para uma só pessoa e de janela na sala para o ar circular. A Lei nº. 155, de 16 de novembro de 1897, proíbe a construção e reconstrução de casas de taipa, madeira e palha, dentro do perímetro da cidade. Apesar da disposição legal, o Prefeito Dr. Archimedes de Oliveira Souza, em 1908, atesta que as mesmas continuam a existir, principalmente à margem das estradas de ferro de São Francisco, Central e Limoeiro e em lugares alagadiços e insalubres e chama atenção do Conselho Municipal para a necessidade da edificação de habitações higiênicas para os proletários concedendo favores àqueles que quiserem construir vilas operárias.⁸³

⁸⁰ **RELATÓRIO apresentado ao Exmo. Sr. Governador do Estado pelo Secretário Geral Dr. Elpidio de Abreu e Lima Figueiredo.** Recife, 31 de janeiro de 1908. Recife: Typografia do Diário de Pernambuco, 1908. p. 111.

⁸¹ Sobre as representações dos mocambos do Recife nas primeiras décadas do século XX é fundamental a leitura da tese de doutorado de José Tavares Correia de Lira. **Mocambo e Cidade.** Regionalismo na arquitetura e ordenação do espaço habitado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1996.

⁸² Lei nº. 1608, de 19 de julho de 1881. **PERNAMBUCO, Leis e Decretos. Coleção de Leis Provinciais de Pernambuco sancionadas no ano de 1881.** Recife: Typografia de Manoel de Figueroa Faria e Filhos, 1881. p. 119.

⁸³ **EXPOSIÇÃO que abriu a 4ª sessão ordinária do Conselho Municipal em 17 de agosto de 1908 o Prefeito Dr. Archimedes de Oliveira Souza.** Recife: Typografia do Diário de Pernambuco, 1908. p. 6,7.

O mapa demonstrativo das licenças concedidas para edificações e reedificações de casas no Município do Recife, durante 1905, informa que já não são concedidas licenças para a edificação ou reedificação de casas de taipa nos bairros centrais da cidade, ou seja, nos do Recife, Santo Antônio, São José e Boa Vista e que, nos outros bairros metade das construções ainda é em taipa.

Tabela nº. 1 - Mapa demonstrativo das licenças concedidas para edificações e reedificações de casa no município do Recife, durante 1905.

Bairros	Licença	Edificação em alvenaria	Reedificação em alvenaria	Edificação em taipa	Reedificação em taipa
Recife	02		02		
Santo Antônio	13	02	11		
São José	09	01	08		
Boa Vista	25	12	13		
Graça	50	18	08	24	
Poço da Panela	28		02	21	05
Afogados	66	07	02	48	09
Várzea	20	01		16	03
Total	213	41	46	109	17

Fonte: **EXPOSIÇÃO** que abriu a 1ª sessão ordinária em 15 de fevereiro de 1906 o Prefeito em exercício Comendador Eduardo Martins de Barros. Recife: Typografia do Diário de Pernambuco, 1906. p. 10.

A cada Prefeito ou Subprefeito em exercício são feitas novas desapropriações. De todos os prefeitos, Eduardo Martins de Barros e Dr. Archimedes de Oliveira Souza se destacam como os que mais desapropriam. Martins de Barros, entre 1904 e 1908, adquire para alargar ruas e praças, casas térreas e prédios nas ruas Rosa e Silva, Sete de Setembro, do Cabugá, do Hospício, da Florentina, Conselheiro Perrete, Barão da Victória, João do Rego; na Travessa Saldanha Marinho e na Praça da Independência. Na Estrada de Belém manda recuar o muro do sítio do Major Justino da Silveira e sete casas do Sr. Antônio de Figueiredo, gastando, ao todo aproximadamente Réis 330:000\$000.⁸⁴ Martins de

⁸⁴ **EXPOSIÇÃO** apresentada ao Conselho Municipal do Recife na 4ª sessão ordinária em 22 de agosto de 1904 pelo Subprefeito Comendador Eduardo Martins de Barros. Recife: Typografia do Diário de Pernambuco, 1904. p. 4. **EXPOSIÇÃO** apresentada ao Conselho Municipal do Recife na 3ª sessão ordinária em 15 de maio de 1906 pelo Prefeito Coronel Eduardo Martins de Barros.

Barros encaminha para o Governador aprovar a minuta da Lei nº. 398, de 14 de fevereiro de 1905, na qual o Conselho Municipal autoriza o Prefeito a vender os terrenos ocupados pelos prédios desapropriados pela municipalidade, que excedem a cordeação necessária ao alargamento das ruas. Em 1907, com essa Lei publicada com o nº. 469, Martins de Barros solicita autorização ao Governador para vender os prédios nº. 26, 28 e 30 e o terreno a eles contíguo na Rua Larga do Rosário, área comercial, central e muito valorizada.⁸⁵ O fato é que, enquanto o prefeito moderniza a cidade, o dinheiro arrecadado com a venda de tais terrenos não é apresentado como parte da receita municipal.

As desapropriações nos bairros afastados do centro continuam na gestão de outros prefeitos, como a do Dr. Archimedes de Oliveira Souza, que, atendendo aos pedidos da população de abertura de ruas para ter acesso às linhas férreas de transporte, em 1910, desapropria terreno para prolongar a Rua da Harmonia até a Estrada do Encanamento e alargar a Rua São João.⁸⁶ Em 1911, o Prefeito Dr. Archimedes de Oliveira Souza informa ao Conselho Municipal que está previsto um grande serviço de demolições, para melhorar a comunicação entre áreas da cidade, facilitando os transportes, embelezando a cidade e cuidando da higiene pública, enfim, modernizando a cidade. Em consequência, aumenta muito o trabalho da Secção de Obras Municipais ao cargo do Engenheiro Eurico Bernardo Carneiro da Cunha, que elabora projetos e planos, desenvolve construções, reconstruções e reparos de edifícios particulares, de acordo com os preceitos de higiene e engenharia sanitária.⁸⁷ Algumas desapropriações são feitas no Bairro do Recife, para alargamento da Praça Arthur Oscar, antigo Largo do Arsenal da Marinha. A esse trabalho da Prefeitura se somam as demolições praticadas pelo plano de reforma do Bairro do Recife, promovido pelo Governo do Estado. Mas a Prefeitura também desapropria prédios na Freguesia de Santo Antônio, para alargamento da

Recife: Typografia do Diário de Pernambuco, 1906. p. 4. **EXPOSIÇÃO apresentada ao Conselho Municipal do Recife na 1ª sessão ordinária em 15 de janeiro de 1908 pelo Prefeito Coronel Eduardo Martins de Barros.** Recife: Typografia do Diário de Pernambuco, 1904. p. 3.

⁸⁵ **OFÍCIO nº. 8. de Eduardo Martins de Barros, Prefeito do Recife para o desembargador Sigismundo Antonio Gonçalves, Governador do Estado.** Em anexo, texto da publicação da Lei nº. 469. Fundo Prefeitura Municipal do Recife. Pm. v. 8. p. 92. Ms. Apeje.

⁸⁶ **EXPOSIÇÃO com que abriu a 3ª sessão ordinária do Conselho Municipal do Recife em 1 de junho de 1910 o Prefeito Dr. Archimedes de Oliveira Souza.** Recife: Typografia do Diário de Pernambuco, 1910. p. 4.

⁸⁷ **EXPOSIÇÃO com que abriu a 2ª sessão ordinária do Conselho Municipal do Recife em 15 de março de 1911 o Prefeito Dr. Archimedes de Oliveira Souza.** Recife: Typografia do Diário de Pernambuco, 1910. p. 5.

Rua e da Travessa do Carmo, das Ruas da Roda e do Feitosa, prolongamento da Rua Florentina até a Rua Barão da Victoria. Em São José, compra terrenos para alargar a Rua do Fogo e desapropria prédios da Rua Jardim para abrir a Rua Padre Floriano, tornando regular sua saída, antes obstruída, e o edifício da antiga Escola Modelo, onde funciona o Instituto Arqueológico, para prolongar e alargar a Praça da Concórdia.⁸⁸ Na Boa Vista, desapropria terreno para o prolongamento da Rua do Progresso e adquire terrenos para a abertura da Avenida do Pombal, que parte do Jardim Treze de Maio até a Estrada de João de Barros. Na Graça, desapropria faixa de terreno para perfilar a Rua das Creoulas e prédios na Estrada de Belém. Na Madalena, desapropria prédios para alargar a Rua Benfica e construir praça de onde parte uma avenida até a Praça Conselheiro João Alfredo, ponto inicial da Estrada de Caxangá. O Prefeito gasta com desapropriações e compra de terrenos em torno de Réis 330:000\$000, quantia semelhante à despendida por seu antecessor, mantendo, assim, o ritmo das desapropriações e interferências urbanas, executadas pela Prefeitura, no traçado da cidade.⁸⁹

O crescimento da cidade espalha as epidemias por áreas de ocupação recente. Em março de 1896, a epidemia de varíola na localidade da Várzea, leva o Prefeito Coelho Cintra a tomar medidas de desinfecção das casas mais pobres a solicitar ao Governador que tome providências para acudir as localidades mais flageladas, propondo ao mesmo que construa um hospital no lugar chamado Barreiras, para isolar os doentes e ao mesmo tempo, mantê-los próximos de suas casas.⁹⁰ Em abril, a epidemia espalha-se por Caxangá e Dois Irmãos, levando o Prefeito a solicitar do Superintendente de Higiene Municipal, Dr. Emílgio Montenegro que providencie transporte conveniente, vá às localidades atingidas e remova os indigentes para o hospital de St^a. Agueda. Montenegro vai de carro às localidades, mas, chegando lá, enfrenta a resistência oferecida pelas famílias e

⁸⁸ **OFÍCIO nº. 1, do Dr. Archimedes de Oliveira Souza, Prefeito do Recife, para Herculano Bandeira de Melo, Governador de Pernambuco.** Recife, 2 de janeiro de 1911. Fundo Prefeitura Municipal. Pm. v. 8. p.113. Ms. Apeje.

⁸⁹ **EXPOSIÇÃO com que abriu a 1ª sessão ordinária do Conselho Municipal do Recife em 17 de janeiro de 1911 o Prefeito Dr. Archimedes de Oliveira Souza.** Recife: Typografia do Diário de Pernambuco, 1911. p. 4-6. e **EXPOSIÇÃO com que abriu a 2ª sessão ordinária do Conselho Municipal do Recife em 15 de março de 1911 o Prefeito Dr. Archimedes de Oliveira Souza.** Recife: Typografia do Diário de Pernambuco, 1911. p. 4, 5. **EXPOSIÇÃO com que abriu a 3ª sessão ordinária do Conselho Municipal do Recife em 17 de maio de 1911 o Prefeito Dr. Archimedes de Oliveira Souza.** Recife: Typografia do Diário de Pernambuco, 1911. p. 4.

⁹⁰ **OFÍCIO nº. 201. De Dr. José Cupertino Coelho Cintra, Prefeito do Recife, para o Governador do Estado.** Recife, 27 de março de 1896. Fundo Prefeitura Municipal. Pm. v. 2. p. 191. Ms. Apeje.

interessados nos doentes. Entendendo não ser humanitário empregar métodos violentos para conseguir a remoção, opta por vacinar as pessoas nas localidades atingidas.⁹¹

O sanitarismo, conjunto de ações modernizadoras, que vêm para melhorar as condições de vida dos habitantes da cidade, dá-se em meio a tensões e resistências (fig.nº. 17). A Inspetoria de Hygiene com sua campanha de vacinação e com seus médicos invadindo e fiscalizando pessoas e casas, interferindo na ordem corriqueira da vida urbana, é alvo de constante da crítica de diversos jornalistas humoristas, que se colocam ao lado do povo.⁹²

Fig.nº. 17.



Na imagem, o médico bem vestido, com um pau em uma mão e uma seringa na outra, corre pelas ruas para aplicar a vacina em uma mulher que saiu de casa, de cabelo em pé, indignada e sem tempo de por uma blusa ou um calçado.⁹³

Fonte: foto de desenho em *crayon* da primeira página do jornal **a Lanceta**. Actualidades.

⁹¹ **OFÍCIO nº. 243, de Dr. Emigdio Montenegro, Superintendente de Higiene Municipal, para Dr. José Cupertino Coelho Cintra, Prefeito do Recife.** Recife, 9 de abril de 1896. Fundo Prefeitura Municipal. Pm. v. 2. p. 196. Ms. Apeje.

⁹² A vacina obrigatória aplicada no interior das fábricas gera pelo menos um atrito entre uma operária e seu gerente divulgado pela imprensa provocando desordens. Fábrica Lafayette. A vacina obrigatória. **O Periquito**. Recife, 13 de nov. 1901. p. 1. No período estudado é publicado o **Jornal de Medicina de Pernambuco**, cujo redator-chefe é o Dr. Octávio de Freitas, na época também diretor do Instituto Pasteur de Pernambuco. Octávio de Freitas assinala no seu editorial que é reerguida a classe médica de Pernambuco com a reforma nas instalações dos diversos serviços de higiene, sob a administração do Dr. Constancio Pontual. **Jornal de Medicina de Pernambuco**. Recife, 16 de jan. de 1905. p. 2. **O Prélio**, editado em 1905, tendo por gerente Antônio de Carvalho, é também um jornal de medicina, escrito por vários doutores e por duas mulheres D. Edwrigens de Sá Pereira e D. Ursula Garcia, o Jornal combate o “chalatarismo” daqueles práticos que não cursam a universidade, mas que com seus saberes auxiliam os doentes. Tais jornais, no entanto, não impedem que os humoristas publiquem versos como O Enfermo – Deixe, doutor, de modéstia; / Diga-me a verdade pura: / Se eu escapar da moléstia, / Não morrerei desta cura?. Enfermo. **O Periquito**. Recife, 19 de nov. 1908. p. 2.

⁹³ Em 1896 é inaugurado O Instituto Vaccinogenico, estabelecimento de profilaxia anti-varíola na Rua Fernandes Vieira nº. 21, o qual envia as vacinas preparadas e convenientemente embaladas para a Inspetoria de Higiene, alcançando o número de cento e oitenta e cinco mil, quatrocentos e oitenta e um tubos de vacina entre 1896 e 1910. O Instituto ainda está em funcionamento em 1912, segundo notícia do **Almanack de Pernambuco**. 14. anno, 1912. Recife: Imprensa Industrial, 1912. p. XXVII.

Em 1904, a varíola mata, no Recife, novecentos e nove pessoas e no ano seguinte dois mil e seiscentos indivíduos, fato que leva a Inspetoria Geral de Higiene a tomar para si o serviço de transporte de doentes e a estabelecer um novo regulamento, que determina a obrigatoriedade da notificação de casos de moléstias transmissíveis, proibindo transportar doentes de varíola, febre amarela, cólera, sarampo, difteria, tuberculose e peste bubônica e fornecer ou alugar meios de transportes para doentes. Em 1905, no jornal A Província, é publicada, pelo Dr. Octávio de Freitas, uma série de artigos sob o título Estudos Demográficos. Segundo Octávio de Freitas, na época, o coeficiente médio da natalidade na cidade é de 16,4 por mil habitantes enquanto o de mortalidade é de 34,4 por mil habitantes.⁹⁴ As causas são as freqüentes epidemias que acabaram por levar o Prefeito Eduardo de Barros, de acordo com o Dr. Octávio de Freitas, a proibir romarias aos cemitérios públicos. Esse é um dos exemplos de como os governantes aliados ao saber médico, em nome da saúde pública, impõem autoritariamente medidas que vêm de encontro aos hábitos da população, alterando o cotidiano da mesma.

Os cemitérios da cidade, administrados pela Prefeitura, embora mantenham túmulos de Irmandades⁹⁵, diante do grande número de doenças infectocontagiosas são ampliados. O de Santo Amaro, em 1897, quando o Prefeito Coelho Cintra solicita ao Conselho Municipal licença para comprar terrenos a sua volta, uma vez que considera prudente proceder aos enterramentos sem a abertura de sepulturas findos os prazos regulamentares⁹⁶ e o Cemitério da Várzea, em 1908, quando o

⁹⁴ PERRUCCI, Gadiel. **A República das Usinas: um estudo de história social e econômica do Nordeste: 1889-1930.** Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1978. Escreve sobre as freqüentes epidemias da cidade nas décadas finais do século XIX.

⁹⁵ A renda e a administração dos cemitérios ficam ao encargo da Prefeitura, mas a arrecadação é dividida com as Irmandades. Em 1909, o Prefeito informa que existem, em Santo Amaro, quinhentos e sessenta e três catacumbas municipais e duas mil oitocentos e setenta e duas de Irmandades. **EXPOSIÇÃO com que abriu a 5ª sessão ordinária do Conselho Municipal em 18 de outubro de 1909 o Prefeito Dr. Archimedes de Oliveira Souza.** Recife: Typografia do Diário de Pernambuco, 1909. p. 5.

⁹⁶ **MENSAGEM que ao Conselho Municipal do Recife dirigiu ao Exmo. Sr. Dr. José Cupertino Coelho Cintra, Prefeito do Município por ocasião da abertura da primeira sessão em 15 de janeiro de 1897.** Recife; Typografia d' A Cidade, 1897. p. 14.

Prefeito Martins de Barros compra uma área em seu redor de novecentos e quarenta metros quadrados.⁹⁷

O trabalho intitulado *Do Registro Sanitário das Habitações* do Dr. Octávio de Freitas, membro da *Société Française de Hygiene*, apresentado no Congresso Médico Pernambucano de 1909, serve de suporte intelectual para as demolições.⁹⁸ Propõe, a partir dos dados colhidos pelos comissários de higiene junto à população, transformar o Recife numa cidade nova, cheia de vida, plena de progressos e melhoramentos higiênicos, por meio de modificação completa, absoluta e radical do sistema de edificação existente. Octávio de Freitas, nesse artigo, critica as construções que ocupam todo o lote urbano e estipula que as novas casas devem utilizar apenas parte do terreno, ter jardim na frente e horta atrás, garantindo, assim, iluminação, aeração e higiene. Questiona a construção sem alicerce das casas de aluguel e classifica os mocambos e cortiços como “heresias sanitárias”.⁹⁹ Para o sanitarista, orientar a locação das casas em via pública, abrir ruas largas calçadas e arborizadas e instalar um serviço de drenagem é o meio de embelezar a cidade e livrar a população de surtos de doenças como a tuberculose. O fato é que essa noção de salubridade se encarrega de disseminar o medo urbano das aglomerações e das epidemias, acabando por atingir diretamente a vida dos mais pobres. A forma como é escrito o texto *Do Registro Sanitário das Habitações* sugere que Octávio de Freitas apenas necessita dos dados para justificar medidas de ordem política junto à população; pois, antes mesmo da pesquisa, ao solicitar do Congresso Pernambucano o encaminhamento do registro com seus votos aos Poderes do Estado, ele direciona, no documento, as ações de ordem física, técnica e administrativas necessárias para efetivar suas idéias.

⁹⁷ **EXPOSIÇÃO com que abriu a 1ª sessão ordinária do Conselho Municipal em 15 de janeiro de 1908 o Prefeito Coronel Eduardo Martins de Barros.** Recife: Typografia do Diário de Pernambuco, 1908. p. 3.

⁹⁸ Octávio de Freitas comemora em seu artigo o edital de trezentas e quarenta desapropriações do Bairro do Recife. FREITAS, Octavio. **Do Registro Sanitário das Habitações.** Recife: Imprensa Industrial, 1909. p. 11.

⁹⁹ Os mocambos, por serem erguidos em alagadiços sobre aterros feitos com lixo e tendo por materiais de construção latas velhas, pedaços de caixões para as paredes, capim, palha ou folhas de zinco para as cobertas, sem divisões internas e os cortiços por reunirem, em torno de um pátio, de cinco a vinte pequenas habitações com sala e dois quatinhos para famílias de mais de cinco pessoas, com uma torneira de água potável por casa e um aparelho sanitário para todos os habitantes do cortiço, são considerados heresias sanitárias.

As áreas urbanas e suburbanas são definidas por lei pelos governos, que, com objetivos administrativos e fiscais, cuidam de delimitar o território físico. A Lei nº. 407¹⁰⁰, decretada pelo Conselho Municipal do Recife, afirma ser da alçada do serviço de limpeza pública a limpeza da cidade e dos subúrbios, o saneamento dos mictórios e rampas de desembarque e o reparo de calçamento e cita, no artigo III, os limites da cidade: ao sul, o Largo da Paz, em Afogados; ao norte, o Largo de Santo Amaro das Salinas; ao poente, a Praça Conselheiro João Alfredo, os portos Jacobina e Lacerre, o Largo da Graça e o Entroncamento¹⁰¹, dando-nos uma idéia do espaço concebido pelos poderes como de sua responsabilidade.

No que se refere à limpeza urbana, em 1902, o Governador Antônio Gonçalves Ferreira e o Prefeito Manoel dos Santos Moreira assinam termo do contrato de arrecadação das rendas dos mercados e matadouros municipais e dos serviços de limpeza pública urbana e suburbana e saneamento e reparo de calçamento.¹⁰² Tal termo prevê a coleta de lixo, varredura da cidade, extração e remoção de toda a vegetação nos lugares calçados e capinação nos demais. Mais tarde, parte desse termo é redigida em forma da Lei nº. 407, de 19 de agosto de 1905, que mantêm, no artigo V, os serviços acima descritos e acrescenta as rotinas diárias de limpeza urbana: remoção de animais mortos, objetos inúteis, vidros, latas e lamas acumuladas; desobstrução das valetas e bocas de lobo de modo a haver fácil escoamento das águas pluviais e das valas nas ruas calçadas.

Os trabalhos, acordados com empresas e dispostos em lei, são diferentes em relação à prestação do serviço para as áreas urbanas, suburbanas e distritos quanto aos horários a eles destinados. Tal procedimento expõe a visão hierarquizada dos espaços da cidade, pelos poderes públicos.¹⁰³ Registra também a

¹⁰⁰ **OFÍCIO de Eduardo Martins de Barros, Prefeito do Recife ao Governador do Estado de Pernambuco, solicitando aprovação do Governo do Estado para resolução por ele sancionada quanto à limpeza pública, em anexo transmite cópia da Lei nº. 407.** Fundo Prefeitura Municipal. Pm. v. 6. p. 78-82. Ms. Apeje.

¹⁰¹ No art. IV, da Lei n. 407 de 19 de agosto de 1905, acrescenta a esses limites os pontos dos subúrbios que devem pagar imposto de limpeza.

¹⁰² **TERMO do contrato de arrecadação das rendas dos mercados e matadouros municipais e dos serviços de limpeza.** Recife, 23 de janeiro de 1902. Fundo Prefeitura Municipal. Pm. v. 6 . p. 36 - 47. Ms. Apeje.

¹⁰³ Art. VII - No espaço compreendido ao norte até o Instituto Benjamin Constant, ao sul até a Igreja de S. José e ao poente até o Largo de Santa Cruz e Largo da Soledade, a limpeza será feita durante a noite. Nos outros pontos, os limites traçados no artigo III, a limpeza será durante o dia. Lei nº. 407, de 19 de agosto de 1905. **PERNAMBUCO Leis e Decretos. Leis do Estado de Pernambuco, 1905.** Recife: Imprensa Oficial, 1905. p. 58.

utilização do período noturno para a limpeza urbana, alteração que revela mudanças no modo da população viver o dia e a noite.

No início do período republicano, impostos urbanos são criados com freqüência, passando para o bolso dos cidadãos a responsabilidade de manter cada benefício que o ar da cidade lhe confere.¹⁰⁴ No entanto, os previstos em artigos da Lei nº. 407, por seu caráter disciplinatório e homogenizador, geram todo o tipo de reação contra o prefeito da cidade. Os artigos que indignam a população têm o seguinte teor:

“A Prefeitura indicará um tipo de vasilhame destinado a conservar o lixo até a sua captação. Este tipo será fielmente executado sob pena de multa de Réis 5\$000”;

“Os habitantes serão obrigados a atender ao sinal do serviço e entregar a vasilha do lixo logo que ouçam o toque de aviso ou o pedido do empregado. A infração desta cláusula importará a multa de Réis 5\$000”.¹⁰⁵

Antipopular e motivo de galhofa, essa exigência do governo que procura utilizar o recurso disciplinador da multa para conseguir, em curto espaço de tempo, que os habitantes, pessoas pouco afeitas à lida com dejetos, utilizem um vasilhame padronizado e corram ao encontro do coletor de lixo a um simples toque para executar um trabalho delegado durante séculos aos escravos que recolhiam, transportavam e davam fim a diversos tipo de entulho, até mesmo as matérias fecais, nos tigres.¹⁰⁶

¹⁰⁴ APÊNDICE nº. 2 – **Impostos Urbanos do Recife**. (1880-1914).

¹⁰⁵ Art. XIII e Art. XXI, da Lei nº. 407, de 19 de agosto de 1905. **PERNAMBUCO, Leis e Decretos. Leis do Estado de Pernambuco, 1905**. Recife: Imprensa Oficial, 1905. p. 58.

¹⁰⁶ No Recife, os tigres só desaparecem em 1882. Tigres é o nome dado ao “barril ou cubo de despejo na maré”, segundo PEREIRA DA COSTA, F.A. **Vocabulário Pernambucano**. 2. ed. Recife: Governo do Estado de Pernambuco, Secretaria de Educação e Cultura, 1976. p. 745,746.

Fig.nº.18



Fonte: Recife: foto, em preto e branco da Praça Maciel Pinheiro, antiga Conde D'Eu, totalmente calçada assim como a Rua da Imperatriz, ao fundo.

O calçamento da cidade é um serviço que fica a encargo da Câmara Municipal, órgão que cuida da administração da cidade até o período imperial. Nos primeiros anos da República passa a ser função da Prefeitura, que se encontra sem recursos para executar tal serviço, devido ao fato do Estado recolher a décima urbana, equivalente, hoje, ao imposto predial. Para poder empreender o calçamento é criado novo imposto, no artigo 54 do orçamento municipal, que cobra vinte por cento do valor locativo dos imóveis. Em outubro 1908, o Prefeito do Recife, Dr. Archimedes de Oliveira Souza julga impossível exigir aumento no regimento tributário e pensa que não se pode nem se deve aumentar imposto, afirma que o imposto de calçamento deve ser modificado, embora saiba que o calçamento é uma das maiores necessidades que a higiene reclama, além do que, por outros motivos, valoriza extraordinariamente os prédios, sendo certo que as casas dotadas de tal melhoramento passam logo a vencer maiores aluguéis e considera que os proprietários devem pagar pelo calçamento, mas tal imposto pode ser reduzido.¹⁰⁷

¹⁰⁷ Carla Botelho escreve artigo com o título O calçamento do Recife no século XIX. **Revista do Arquivo Público** v. 42. n. 46. Recife, dez. 1996. p. 45-53.

No período estudado, muitas são as ruas não calçadas na área central do Recife. Em 1894, a Prefeitura recebe pedidos da população para calçar a Rua do Pilar.¹⁰⁸ Em 1908 o Prefeito Eduardo Martins de Barros informa ao Conselho Municipal que conclui o calçamento da Rua da Independência e autoriza o calçamento da Sete de Setembro, da Avenida Martins de Barros e, em parte, das ruas do Hospício e da Conde da Boa Vista.¹⁰⁹ Em 1909, o Prefeito Dr. Archimedes de Oliveira Souza calça o Beco do Camarão, a Avenida Martins Júnior, a Rua da Concórdia e alguns trechos da Rua da União.¹¹⁰ Preocupado não apenas em calçar ruas, mas em fazê-lo utilizando técnica moderna de pavimentação, compra pedras especiais à Pereira de Faria & Cia., conceituada casa comercial, em Londres, para o calçamento da Avenida do Cemitério de Santo Amaro e adquire maquinismo e acessórios para o serviço de calçamento e asfalto às casas comerciais Thiebault & Cia. e Lês Fils de Tony Dussieux, em Paris.¹¹¹

O calçamento das ruas, as desapropriações e as reformas dos prédios ganham respaldo no discurso dos médicos sobre saúde pública, que ressaltam a necessidade de aeração da cidade e propõem espaços abertos, ruas largas, derrubada de pardieiros, aterro dos alagados e o fim dos cortiços. Em 1910, o Plano de Saneamento de Saturnino de Brito para o Recife, que parte da premissa da necessidade de demolição de prédios insalubres serve de justificativa para a reforma do Bairro do Recife, promovida pelo Governo do Estado, e colabora para modificar o uso do solo da cidade.

¹⁰⁸ **OFÍCIO nº. 160, de Manoel Pinto Damaso, Prefeito do Recife, para Alexandre José Barbosa Lima, Governador.** Recife, 3 de julho de 1894. Fundo Prefeitura Municipal. Pm. v. 2. p. 143. Ms. Apeje.

¹⁰⁹ **EXPOSIÇÃO que abriu a 1ª sessão ordinária do Conselho Municipal em 15 de janeiro de 1908, o Prefeito Coronel Eduardo Martins de Barros.** Recife: Typografia do Diário de Pernambuco, 1908. p. 3.

¹¹⁰ **EXPOSIÇÃO que abriu a 1ª sessão ordinária do Conselho Municipal em 15 de janeiro de 1909 o Prefeito Dr. Archimedes de Oliveira Souza.** Recife: Typografia do Diário de Pernambuco, 1909. p. 4.

¹¹¹ **EXPOSIÇÃO que abriu a 2ª sessão ordinária do Conselho Municipal em 15 de março de 1911 o Prefeito Dr. Archimedes de Oliveira Souza.** Recife: Typografia do Diário de Pernambuco, 1911. p. 4.

Fig.nº.19



Fonte: LAMBERG, Maurício. Recife: 1880. Foto, em preto e branco, da Praça Dezesete, após reforma. Acervo da Biblioteca Nacional.

O embelezamento e conservação dos jardins marcam a ação de alguns prefeitos como Eduardo Martins de Barros, que recupera os jardins das praças da República, Maciel Pinheiro e Dezesete, mandando pintar gradil, coreto e bancos e constrói um viveiro de plantas no Jardim Treze de Maio, para suprir a Prefeitura das mudas necessárias à arborização da cidade¹¹²; e Dr. Archimedes de Oliveira Souza, que manda plantar, nas ruas da Aurora e Riachuelo, cinqüenta oitizeiros, substituindo as gameleiras e reforma a Praça Dr. Pinto Damaso, na Várzea, plantando jardins e colocando bancos.¹¹³

O abastecimento de gêneros de primeira necessidade fica a cargo da Câmara Municipal durante o Império, e da Prefeitura durante a República. O grande consumo diário na cidade do Recife, entre 1880 e 1914, é de alimentos, tais como açúcar, feijão, farinha, pescado, carnes secas, carnes verdes de boi, carneiro, porco e hortaliças. Esses alimentos são vendidos nos mercados públicos, sob a

¹¹² **EXPOSIÇÃO** apresentada ao Conselho Municipal do Recife na 4ª sessão ordinária em 22 de agosto de 1904 pelo Subprefeito Comendador Eduardo Martins de Barros. Recife: Typografia do Diário de Pernambuco, 1904. p. 5; **EXPOSIÇÃO** que abriu a 4ª sessão ordinária do Conselho Municipal em 17 de agosto de 1908, o Prefeito Coronel Eduardo Martins de Barros. Recife: Typografia do Diário de Pernambuco, 1908. p. 4.

¹¹³ **EXPOSIÇÃO** que abriu a 1ª sessão ordinária do Conselho Municipal em 17 de janeiro de 1911 o Prefeito Dr. Archimedes de Oliveira Souza. Recife: Typografia do Diário de Pernambuco, 1911. p. 6.

fiscalização e taxação da Prefeitura, no mercado privado do Derby e em açougues de particulares.¹¹⁴

A década de 1880 é marcada pelo início da construção do Mercado da Boa Vista¹¹⁵, para atender freguesias como as de Afogados e das Graças, distantes do Mercado de São José, único até então existente.¹¹⁶ Em 1910, o município efetua empréstimo de £ 400.000 libras esterlinas para aplicar nos mercados de São José e Boa Vista e nos matadouros da Cabanga e do Arrayal.¹¹⁷ Em 1913, está terminado o mercado de Caxangá.¹¹⁸ A instalação de mercados e feiras também tem uma função povoadora. Em torno deles, se concentra a população, que constrói casas, dando início a ruas, becos e praças, fato que ocorre em volta do Mercado de São José. No seu entorno o poder público decide inclusive aterrar a Coroa do Passarinho, permitindo, com essa ação urbana, a ampliação do Cais de Santa Rita, a ocupação da área com armazéns e a construção da Ponte Giratória, que viabiliza a circulação entre o Bairro do Recife e a área sul da cidade. O Mercado Modelo, implantado por Delmiro Gouveia nas instalações do Prado do Derby, atrai consumidores devido aos preços baixos, resultado da venda direta dos produtores e às modernas instalações, por ser o primeiro prédio onde é usada a iluminação elétrica em Pernambuco.¹¹⁹ Pessoas escolhem as imediações do mercado para ali erguerem suas moradias.

¹¹⁴ O mercado da Estância funciona no antigo Derby-club, nas Graças, até 1909, quando os bancos cessionários de Fiúza & Cia. assinam termo da entrega à Prefeitura do edifício e terreno em que o mesmo está situado. A Prefeitura, por sua vez, passa o edifício para o Governo Federal para que ali seja instalada uma escola de aprendizes de artífices. **EXPOSIÇÃO com que abriu a 1ª sessão ordinária do Conselho Municipal do Recife, em 17 de janeiro de 1910 o Prefeito Archimedes de Oliveira Souza.** Recife: Typografia do Diário de Pernambuco, 1910. p. 5.

¹¹⁵ O termo de contrato celebrado entre a Câmara Municipal do Recife e o Tenente Coronel José de Oliveira Castro para execução das obras do mercado da Boa Vista, segundo a autorização dada pelo artigo 18 capítulo 4º da Lei provincial nº. 1.834, de 18 de junho de 1884, é deliberado pela Câmara em 22 de julho de 1885. Fundo Câmara Municipal. CM. v. 84. p. 58. Ms. Apeje.

¹¹⁶ O espaço para construção do mercado é encontrado entre as ruas dos Pires e Rosário, sendo necessário desapropriar algumas casas em um valor, não inferior de Réis 30:000\$000, em um terreno denominado Giriquiti. Recorte de Jornal do trecho da ata da sessão da Câmara Municipal em 29 de outubro de 1884, publicado no Diário de Pernambuco. Fundo Câmara Municipal. CM. v. 81. pp. 67, 67v. Ms. Apeje.

¹¹⁷ CONTRATO de £ 400.000 contraído pela municipalidade. **EXPOSIÇÃO com que abriu a 3ª sessão ordinária do Conselho Municipal do Recife, em 1 de junho de 1910 o Prefeito Archimedes de Oliveira Souza.** Recife: Typografia do Diário de Pernambuco, 1910. Anexo.

¹¹⁸ Em 1913, está sendo terminado o Mercado de Caxangá. **EXPOSIÇÃO com que Eudoro Corrêa prefeito do município abriu a 3ª sessão do Conselho Municipal em 15 de maio de 1913.** Recife: Empresa d' O Tempo, s/d. p. 4.

¹¹⁹ Sobre a função povoadora dos mercados no Recife, ler MOTA, Mauro. Mercados e Feiras. In. **Revista do Arquivo Público.** v. 31-32. nº. 33-34. 1977-78. p. 102-105.

Os mercados, com o aluguel dos seus talhos e a venda de produtos agrícolas são fontes significativas de recursos para Municipalidade, que cuida dos mesmos, construindo-os, trocando ferragens, substituindo madeira e executando serviços de pintura.¹²⁰ Em 1883, a Câmara, preocupada com a lisura no que se refere à compra e venda de gêneros alimentícios, por postura, estabelece pena de dez mil réis, nos mercados públicos, aos mercadores, que falsificarem pesos, medidas ou gêneros, e, no caso de reincidência ou do não pagamento da multa, fica proibida, em todo o tempo, a entrada dos infratores nos mercados públicos para negócios.¹²¹ Vários são os impostos cobrados aos vendedores dos mercados. Tais cobranças incitam a resistência popular. Imposto municipal de Réis 200\$000, por dia, é recolhido dos vendedores ambulantes de bolos, legumes e frutas, que, em novembro de 1908, negam-se a pagar e agridem os guardas que querem efetuar a cobrança. Os ambulantes, com o apoio de populares, vão a força policial.¹²² O controle exercido pela Municipalidade sobre os pesos e as medidas, com a uniformização dos mesmos e a fiscalização, também gera desconforto nos comerciantes.

Entre as questões do cotidiano da cidade, o abastecimento de gêneros alimentícios é uma das preocupações constantes de pessoas de todas as classes sociais. Os gêneros de primeira necessidade são vendidos no Recife, durante o período estudado, por preços muito elevados. Segundo a Tabela de Rendimentos do Mercado de São José, em 11 de junho de 1899, um quilo da carne verde custa Réis 1.000\$000, de farinha Réis 1.300\$000, de milho Réis 900\$000 e de feijão Réis 1.400\$000.¹²³ Comparados com o preço de uma passagem de bonde de burro de Réis 100\$000, considerado transporte caro, temos que admitir que os preços dos víveres são muito elevados para uma população em que a maioria não tem salário fixo.

¹²⁰ Em 1906, o Prefeito faz reparos no Mercado de São José. **EXPOSIÇÃO que abriu a 2ª sessão ordinária em 15 de março de 1906 o Prefeito em exercício Coronel Eduardo Martins de Barros.** Recife: Typografia do Diário de Pernambuco, 1906. p. 3.

¹²¹ **OFÍCIO nº. 97, de João Pedro das Neves, Presidente da Câmara para o Desembargador José Manoel de Freitas, Presidente da Província.** Recife, 12 de setembro de 1883. Fundo Câmara Municipal. CM. v. 81. p. 147-148. Ms. Apeje.

¹²² Crônica de Pernambuco 1908. In: **Almanach de Pernambuco para o ano de 1914.** Recife: Imprensa Industrial, 1913. p. XIX, item 26.

¹²³ **TABELA de rendimentos do Mercado de São José em 11 de junho de 1899.** Fundo Prefeitura Municipal. Pm. v. 2. p. 309. Ms. Apeje.

Quando os preços se tornam exorbitantes no entender do Governo Municipal, este toma as seguintes medidas: recolhe alimentos de particulares ao mercado público, compra o alimento em outros Estados ou manda buscá-los em Fernando de Noronha para forçar a queda dos preços nos mercados públicos, agindo como ato de polícia em relação à calamidade pública, presente na penúria em que se acha a população mais pobre devido à carestia, e mantendo abastecidos os mercados.

Em 1889, o Governador Dr. Innocencio Marques d'Araujo Góes manda que a Câmara Municipal providencie, por meio de seus agentes, que a farinha trazida do interior seja levada para o Mercado de São José para ser vendida a retalho. Entre a farinha recolhida constam mil e oitenta e sete sacas de Arthur, Cascão e Cia., que protesta contra a Câmara juridicamente por perdas e danos. Sete dias depois, a farinha é entregue à firma, que passa recibo, mas mantém o protesto, alegando ter perdido Réis 1:500\$000 por não ter entregado a mercadoria, no prazo estipulado, à firma dos negociantes Guimarães Valente, que havia encomendado a farinha Réis 8:500\$000 cada saca. Por fim, cada saca de farinha é vendida a Guimarães Valente por Réis 7:000\$000, por já ter baixado o preço na praça. Nesse episódio e em outros semelhantes, observamos que o livre comércio dos gêneros alimentícios de primeira necessidade não é tão amplo a ponto de permitir aos comerciantes desviá-los dos mercados públicos para encarecê-los e que o Governador do Estado e os representantes da Câmara Municipal estão atentos, providenciando para fazer baixar os preços de tais gêneros, mas, ao mesmo tempo registra-se a tentativa de formação de monopólios por parte dos comerciantes.¹²⁴ A intervenção do Governo nos preços continua por longos anos. Em 1907, o Prefeito Eduardo Martins de Barros informa ao Governador que, havendo sido elevado o preço da farinha de mandioca, inicia a venda desse produto, vindo de Fernando de Noronha, no Mercado de São José, a Réis 500\$000 cada cinco litros e solicita Réis 10:000\$000

¹²⁴ **OFÍCIO nº. 382. Do Prefeito para Dr. Alexandre José Barbosa Lima, Governador de Pernambuco. Recife, 6 de junho de 1892.** Fundo Prefeitura Municipal. Pm. v. 2. pp. 14-16. Ms. Apeje.

para adquirir farinha e, assim, manter o preço no patamar acessível às classes menos favorecidas.¹²⁵

O Inspetor de Higiene Pública é reconhecido como a pessoa que responde pelo preço exagerado e pela péssima qualidade dos gêneros expostos à venda em diversas tavernas da cidade.¹²⁶ No que se refere à higiene, o mercado público é o espaço sob o qual incide maior número de críticas contra seu administrador e contra aqueles que devem fiscalizá-lo. As reclamações mais freqüentes dizem respeito aos peixes expostos à venda e aos compartimentos imundos que abrigam a farinha.¹²⁷

O abastecimento das carnes verdes ocupa maior espaço na imprensa local, desde meados do século XIX, quando surge a concessão do monopólio pelo Governo para seu comércio a retalho.¹²⁸ Em 11 de março de 1885, a Câmara Municipal da Cidade do Recife informa ao Vice-Presidente da Província Augusto de Souza Leão que celebra com o Tenente Coronel José de Oliveira Castro um contrato para abastecimento de carne verde no município e pede que seja mantido o matadouro na povoação do Caxangá. José de Oliveira Castro solicita ao Comissário e ao Chefe de Polícia que tomem providências para lhe garantir o exercício de seu direito. O monopólio desse alimento provoca o aumento dos preços de tal forma que, em 1888, O Bacamarte, em matéria intitulada Carnes Verdes, afirma que o povo caminha para o sacrifício, por ter que entregar a última gota de seu suor aos monopolizadores de carne verde.¹²⁹

¹²⁵ **OFÍCIO nº. 5. De Eduardo Martins Fernandes, Prefeito do Recife, para o Desembargador Sigismundo Antônio Gonçalves, Governador do Estado.** Recife, 29 de abril de 1907. Fundo Prefeitura Municipal. Pm. v. 8. p.90. Ms. Apeje.

¹²⁶ Higiene Pública. **O Arraza.** Recife, 25 de maio 1891. p. 1.

¹²⁷ Vista d' Olhos. **O Cabeça de Burro.** Recife, 31 de out. 1890. p. 1.

¹²⁸ Ler entre outros jornais **O Povo**, que trata minuciosamente do assunto. As carnes verdes. **O Bacamarte.** Recife, 1 de dez. 1888. p. 1.

¹²⁹ As carnes verdes. **O Bacamarte.** Recife, 1 de dez. 1888. p. 1. O talho da carne verde custa de Réis 1\$400 a Réis 1\$500 enquanto um jornal custa Réis 100, segundo a matéria Carnes Verdes. **O Prego.** Recife, 28 de jul. 1900. p. 1.

Fig.nº. 20.



O chargista de O Badalo, com seu traço, desenha o ambiente do açougue, onde só aquele que veste fraque e cartola consegue comprar carne. Os demais apenas observam de longe o alimento.

Fonte: foto de charge, em *crayon*, da primeira página do jornal **O Badalo**. Periódico Crítico e Jocososo. Recife, 26 de outubro de 1898. p. 1.

No início do período republicano as carnes verdes se encontram sob a administração da Municipalidade. Em 1899, a Prefeitura do Recife firma com Rodrigues e Cia. um contrato para abastecimento de carne verde à população. Este contrato é debatido na imprensa e questionado por comerciantes por configurar que, a partir dele, se institui o monopólio das carnes verdes. O Prefeito justifica o contrato pela alta dos preços que a carne atinge devido à seca, que mata uma grande quantidade de gado e à especulação que se aproveita do momento para promover grandes lucros pecuniários e afirma, ainda, que se não estabelecer contrato pode-se chegar a uma situação em que a Municipalidade terá que abrir mão dos impostos para conseguir diminuir o preço da carne, o que pode comprometer as rendas municipais. Em resposta ao edital de 11 de maio de 1899, são apresentadas propostas por Rodrigues e Cia., Walfrido Alves Monteiro e Ludovico Gomes da Silva às comissões da Fazenda e do Conselho Municipal que, aprovam a de Rodrigues e Cia., com as seguintes condições: não há nem pode haver monopólio algum dos negócios da carne verde; os favores concedidos aos contratantes consistem na preferência na hora da matança e no aluguel dos talhos do Mercado de São José; não é, nem direta nem indiretamente, assegurado aos contratantes o direito exclusivo de abater gado e vender carne, uma vez que existem vários talhos particulares no Mercado de São José e fora do mesmo. Os privilégios assinalados

no contrato junto à proibição da Prefeitura da abertura de novos talhos fazem os habitantes entenderem que a Prefeitura institui o monopólio.¹³⁰

O Jornal Pequeno apresenta denúncia em 1905 quanto ao preço exorbitante da carne. Explica que isso se dá devido ao acordo feito entre marchantes para abater um número pequeno de reses e arrendar todos os talhos do mercado, impedindo que outros o ocupem e, ainda, responsabiliza o Prefeito em exercício, Dr. Santos Moreira, por saber e não tomar providências em favor da população.

Em janeiro de 1908, os jornais noticiaram que os marchantes organizadores do *trust* das carnes verdes, em conseqüência das medidas do Prefeito, decidem não abater mais reses. A Prefeitura reage cassando licenças, proibindo entradas nos matadouros e suspendendo vários marchantes.¹³¹

Pelo regulamento de 1885, o gado para consumo dos habitantes do Recife, no perímetro das freguesias do Recife, Santo Antônio, São José, Boa Vista, Graças, Poço da Panela e Afogados deve ser abatido nos matadouros públicos da Cabanga e do Arraial. O consumo, nesse perímetro, é de trinta rezes diariamente, chegando ao número de quatrocentos e vinte rezes por semana nos dois matadouros. O animal que entra no matadouro só pode ser retirado e substituído se o médico da Municipalidade avaliar que o mesmo não pode ser abatido.¹³²

Há registro de greve em outubro de 1887, decretada pelo pessoal responsável pela matança do gado no matadouro da Cabanga, devido ao atraso no pagamento do salário de seis semanas. Os administradores procuram, em vão, substituir essa mão de obra, que os ameaça de processos por danos. Recorrem ao Presidente da Província para que não fique suspenso o serviço. O Presidente diz que nada pode fazer, pois o que requerem cabe à Câmara Municipal, por ser um dos

¹³⁰ **OFÍCIO nº. 314, do Prefeito, para Sigismundo Antonio Gonçalves, Governador do Estado.** Fundo Prefeitura Municipal. Pm. v. 2. p. 301-305. Ms. Apeje.

¹³¹ Crônica de Pernambuco, ano de 1908. In: **Almanach de Pernambuco para 1914.** Recife: Imprensa Industrial, 1913. p. III, item 21.

¹³² **OFÍCIO nº. 63, do Padre Antônio de Melo, Vice-Presidente da Câmara para o Desembargador João Rodrigues Chaves, Presidente da Província, contendo bases para o regulamento dos matadouros públicos.** Recife, 2 de setembro de 1885. Fundo Câmara Municipal. CM. v. 84. p. 114-116v. Ms. Apeje.

atos de sua função administrativa. Em vista disso, parece à Câmara, de razão e de justiça, determinar que se faça o pagamento reclamado pelos trabalhadores.¹³³

Entre as fontes de renda da Prefeitura se destaca a arrecadação dos matadouros do Arraial, do Cordeiro e da Cabanga. Neles, além de ser recolhido o imposto sobre abate dos animais, também é pago imposto dos rendimentos com o preparo do couro e do sebo. Em 1901, quando há uma queda na arrecadação do matadouro da Cabanga, o Prefeito Dr. Manoel dos Santos Moreira analisa que, não tendo diminuído o consumo das carnes verdes e não faltando esse alimento nos mercados públicos e particulares, embora o preço seja elevado, a queda dos rendimentos só pode ser explicada pela matança clandestina de rezes. Verifica e acha irregularidades no matadouro do Peres. Em consequência, determina que nenhum gado seja abatido fora dos matadouros públicos, tornando sem efeito as licenças concedidas.¹³⁴

O anseio de tornar mais salubres os matadouros leva a Prefeitura a empreender reformas nesses estabelecimentos, fechar alguns e construir um novo matadouro em Peixinhos. Em 1908, orça a reconstrução do Matadouro da Cabanga em Réis 215:000\$000, dinheiro que será empregado no reboco, coberta, piso, galeria de esgoto, azulejaria, levantamento de muros, reforma da casa da administração e construção da casa do vigia e do depósito de ferramentas.¹³⁵ Em 25 de fevereiro de 1911, é assinado termo de contrato para a construção do Matadouro Municipal, em terreno adquirido para esse fim, pela Câmara em 1877, no vale do Rio Beberibe, no lugar denominado Peixinhos.¹³⁶

O projeto de construção do matadouro de Peixinhos proposto pelo engenheiro J. A. de Almeida Pernambuco é refeito para satisfazer as condições de exigências da higiene moderna, depois que ele excursiona pelos Estados Unidos e

¹³³ **RELATÓRIO da Câmara.** Recife, 3 de outubro de 1887. Fundo Câmara Municipal. CM. v. 88. p. 304-308v. Ms. Apeje.

¹³⁴ **EXPOSIÇÃO apresentada ao Conselho Municipal do Recife na 4ª sessão ordinária em 17 de agosto de 1901 pelo Prefeito Dr. Manoel dos Santos Moreira.** Recife; Typografia do Diário de Pernambuco, 1901. pp. 8,9;14.

¹³⁵ **RELATÓRIO da Diretoria de Obras Públicas Municipais do Recife,** em 13 de novembro de 1907. In: **EXPOSIÇÃO com que abriu a 1ª sessão ordinária do Conselho Municipal do Recife em 15 de janeiro de 1908 o Prefeito Coronel Eduardo Martins de Barros.** Recife: Typografia do Diário de Pernambuco, 1908. pp. 6,7.

¹³⁶ **TERMO de contrato para a construção de um matadouro municipal.** In: **EXPOSIÇÃO com que abriu a 2ª sessão ordinária do Conselho Municipal do Recife, em 15 de março de 1911 o Prefeito Archimedes de Oliveira Souza.** Recife: Typografia do Diário de Pernambuco, 1911. Anexo.

Europa e observa, na Alemanha, um grande desenvolvimento na construção de matadouros. Almeida Pernambucano volta ao Recife e apresenta suas idéias quanto à construção de matadouros, afirmando que: “nos tempos modernos o matadouro deixa de ser apenas um prédio para receber animais, abatê-los e distribuir a carne para ser o lugar onde se cuida das múltiplas manipulações e das instalações de máquinas e mecanismos”. Assim, o projeto é feito dando ênfase à inter-relação entre as funções desempenhadas no edifício. Na época, para se edificar um matadouro tem que se estabelecer via de entrada e de saída, separar os animais por espécies para o abate e coordenar entre si os serviços, que tendem a facilitar a mão-de-obra, a fiscalização das operações e a execução de regras ou disposições recomendadas pela higiene pública. O Matadouro de Peixinhos, previsto para atender a uma cidade com trezentas mil “almas”, tem seu plano definido pelas seguintes áreas: pavilhão da diretoria, administração, espaço para o chefe da veterinária e higiene; circulação; matança de gado; matança de porco; casas de máquinas e instalações frigoríficas; reservatório de água; currais para bois, carneiros e porcos; triparia; oficina de limpeza; seção sanitária, forno crematório; cocheiras e restaurante.¹³⁷ A instalação de matadouros nos limites da cidade provoca assentamento de população nessas áreas.

Além das ações da Prefeitura, atos do Governo do Estado promovem a expansão da cidade. Entre eles, destaca-se o investimento na circulação, financiando e executando reparos nas estradas, para facilitar o acesso aos bairros, lugarejos e povoações e destes aos bairros centrais. Entre 1907 e 1908, são reparadas as seguintes estradas: Imbiribeira, Jaqueira, Porto da Madeira, Beberibe, Remédios, Estrada da Mangueira de Cima, Estrada dos Aflitos, Nova do Caxangá e Estrada da Tacaruna.¹³⁸

A ampliação do espaço urbano para além das freguesias centrais margeia as três companhias de transportes urbanos, a Ferro Carril, Trilhos Urbanos do Recife a Apipucos e Trilhos Urbanos de Olinda a Beberibe, que ao ligarem o centro a

¹³⁷ **CARTA de J. A. de Almeida Pernambuco, para Sr. Dr. Archimedes de Oliveira, Prefeito do Recife.** Recife, 12 de dezembro de 1910. Fundo Prefeitura Municipal. Pm. v. 8. p. 11,12.

¹³⁸ **RELATÓRIO apresentado pelo Secretário Geral Dr. Elpidio de Abreu e Lima Figueiredo em 30 de janeiro de 1907.** Recife: Typografia do Diário de Pernambuco 1907. p. 32. e **RELATÓRIO apresentado ao Exmo. Sr. Governador do Estado pelo Secretário Geral Dr. Elpidio de Abreu e Lima Figueiredo em 31 de janeiro de 1908.** Recife: Typografia do Diário de Pernambuco 1907. p. 53,54.

povoados e bairros como Caxangá, Apipucos, Afogados, Madalena, Dois Irmãos e Torre ou a cidades como Olinda, no seu percurso, transformam com seus serviços, localidades em povoados e esses em bairros, uma vez que viabilizam a ocupação de novos habitantes, ao aproximar o lugar de moradia e o lugar de trabalho, levando diversas camadas sociais a mudarem para os subúrbios onde as posturas são mais flexíveis, os impostos mais baixos e os aluguéis mais acessíveis.

As intervenções urbanas, como embelezamento de praças, abertura, alargamento, calçamento e perfilamento de ruas e praças, reparos de estradas, construção de pontes, mercados e matadouros, instalação de transportes sobre trilhos e implantação do serviço de esgoto, valorizam os terrenos e atuam como vetor de ocupação de áreas que, até então, constituem vazios urbanos, alagados, mangues e sítios, favorecendo o deslocamento da população das freguesias centrais para os subúrbios.

1. 2. A circulação

Fig.nº. 21



Fonte: **ARQUIVOS**. Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal do Recife. n. 1, Dez 1976. Nova série. Recife, início do século XX. Foto, em preto e branco. Praça da Independência onde pessoas e transportes compartilham o espaço aberto.

A rua, caminho do amor, da fé, do lazer, das festas e dos negócios, apresenta-se como espaço de todos, onde tudo pode acontecer. No início do século XX (fig.nº. 21), quando são poucos os automóveis¹³⁹ e começa a ser ampliada, no

¹³⁹ O primeiro automóvel do Recife é dirigido por Henrique Bernardo em 1903, sob a orientação do engenheiro Edward Johnson.

Recife, a aquisição da bicicleta¹⁴⁰, os homens ainda têm tempo de ir ao encontro de si mesmos, de sua história, caminhando devagar, pelo meio das ruas, desfrutando o ambiente urbano, a pé ou dentro de transportes públicos de passageiros, como as canoas, o ônibus do Cláudio¹⁴¹, a maxambomba¹⁴² e os bondes de burro. A população olha o mundo, pensa na vida e reconhece, nos percursos, as permanências e mudanças pelas qual a cidade passa.

Fig.nº. 22



Fonte: Recife: 1905. Foto, em preto e branco. Ponte da Boa Vista. Espaço dos trilhos para os bondes, respeitado pelo povo e por outros transportes. Acervo da Fundação Joaquim Nabuco.

Nas litogravuras e fotos do Recife, onde aparecem barcos, burros, cavalos, bois, carroças, seges, ônibus e automóveis, percorremos momentos do cotidiano da cidade, desde quando os transportes ainda não tomam a maior parte dos espaços

¹⁴⁰ O primeiro registro do uso da bicicleta no Recife, data de 1876. Sobre a história da bicicleta, ler a dissertação de mestrado de Terezinha de Jesus Pereira da Silva. **Estudo do uso da bicicleta no deslocamento casa-trabalho**. Caso do Distrito Industrial do Curado-Jaboatão. Recife: Mestrado em Desenvolvimento Urbano. 1992. p.13.

¹⁴¹ O “ônibus” de Cláudio Dubeux, diligência puxada por cavalos, funciona, no Recife, de 1855 até provavelmente 1881, quando seu dono morre. Dirige-se, segundo Mario Sette, para a Passagem da Madalena, mas há litogravura de Carls, década de 1860, com a mesma passando próxima ao Forte das Cinco Pontas dando idéia de que também se dirige à área sul do Recife. SETTE, Mario. **Arruar**. Rio de Janeiro: CEB, 1948. p. 102.

¹⁴² O primeiro trabalho acadêmico sobre a Maxambomba e sua relação com a ocupação urbana do Recife é a dissertação de Mestrado em História de José Lins Duarte, **Recife no Tempo da Maxambomba (1867-1889)**. O Primeiro Trem Urbano do Brasil.

públicos até aquele em que às pessoas criam, por força dos riscos, da necessidade e da lei, o hábito de ceder as ruas à sua circulação.

Fig.nº. 23



Fonte: Recife: 1910. Foto, em preto e branco. Rua Nova, bonde puxado a burro, ao lado de popular que lê jornal em plena via pública. Acervo da Fundação Joaquim Nabuco.

Percorremos o Recife de outrora, no momento da instalação e intensificação dos serviços de transportes, com o objetivo de investigar, em que medida a implantação dos mesmos provoca mudanças no cotidiano dos seus usuários. A primeira mudança a ser observada é a alteração no uso das ruas pelos transeuntes. Imagens registram o tempo em que as vias são das pessoas, que forçam os transportes a esperarem que elas saiam do caminho para passarem, até o momento quando se tornam espaços preferenciais de carroças, bondes e carros. Os transportes levam a população a estabelecer novos hábitos, no seu circular pelas ruas. Por um lado, tais alterações facilitam a vida, abreviando distâncias, provendo o consumo dos serviços e de mercadorias e, por outro, forçam as pessoas a sair do meio da rua, que até então é entendida como seu espaço, para andar pelas calçadas, abrindo mão de um costume secular, para que as ruas se tornem espaço do transporte, da velocidade que passa a reger a vida urbana. Só muito lentamente, donos de armazéns e de fábricas, funcionários públicos e habitantes da cidade vão se acostumando, aderindo e introduzindo um novo costume no circular e no

estacionar pela cidade. A adaptação aos transportes não é fácil. A população resiste e vai aos jornais expor seus medos e suas queixas, denunciando incômodos provocados pelos veículos, os acidentes e a precariedade dos serviços prestados. O velho hábito se opunha ao novo, identificando-o, gerando polêmica e reações, ante os benefícios e desvantagens que do novo poderia decorrer.

Fig.nº. 24



Fonte: Recife: foto, em preto e branco. Praça Maciel Pinheiro, antiga Conde D'Eu. 1900 - 1910. Uso das calçadas. **Coleção Benício Whatley Dias**. Acervo da Fundação Joaquim Nabuco.

As ruas, dia e noite, são espaços de todo tipo de atividade. Lugar do povo, dos mendigos, prostitutas, empregados nas fábricas e no comércio, serve aos transeuntes como locais de encontros e como vias, que dão acesso às residências, ao trabalho e ao lazer. Imagens mostram que anos se passam até que a população ceda seu espaço nas ruas para os transportes. Desde a década de 1830, as ruas centrais do Recife têm calçadas, mas o povo, parado ou em movimento, ganha o curso das ruas, carregando fardos, executando trabalhos, conversando com amigos. Quando chegam os primeiros transportes públicos, os transeuntes, mantendo a tranqüilidade, os obrigam a parar e esperar, para desimpedirem os trilhos. A mudança de ritmo de vida, a velocidade, o perigo de acidentes e normas de etiqueta forçam, aos poucos, a população a caminhar pelas calçadas (fig.nº.24) e deixar as ruas para a circulação dos transportes.

A questão técnica, os novos veículos, os vários tipos de transportes circulando simultaneamente, cada um com suas especificidades, criados para atender as recentes exigências do cotidiano, mudam a vida da população.¹⁴³ Quem anda a pé, a cavalo ou de barco acaba tendo que aprender a utilizar transporte público de passageiro, maxambomba, bonde ou “ônibus”. Até os defuntos antes carregados pelas mãos de familiares começam a ocupar carros funerários.¹⁴⁴ A modernização obriga a repensar da vida à morte, alterando costumes.

No século XIX, o comércio no Recife é aberto durante a noite.¹⁴⁵ Mario Sette, em Arruar, também comenta não só o fato do comércio ser aberto como a noite ser um horário de grande movimento, viabilizado pela circulação até as vinte e três horas de transportes de passageiros como os bondes de burros.¹⁴⁶ Barbearias, lojas de moda, cafés, restaurantes¹⁴⁷ e cervejarias¹⁴⁸ animam a noite, além das atividades religiosas, que seguem o calendário dos dias santos e das atividades culturais - saraus em casas de família, a ópera nos teatros e festejos de rua. Em

¹⁴³ A Lei nº. 1.903 de 3 de outubro de 1888 por exemplo resolve que as carroças destinadas à condução de cal, lixo, estrume e outros objetos, cuja condução em carros abertos passa incomodar aos transeuntes serão fechadas com tampas, segundo modelo que for dado pela Câmara, os contraventores serão multados em Réis 5\$000 e o dobro na reincidência. **Pernambuco Leis e Decretos. Leis do Estado de Pernambuco.** Leis Provinciais de Pernambuco 1887 a 1889. Recife: Typografia de Manoel de Faria & Filhos. 1889. p. 3.

¹⁴⁴ Em ofício de 12 de janeiro de 1859 da Câmara Municipal, assinado pelos vereadores Luis Francisco de Barros Rego, Gustavo José do Rego, Antônio José de Oliveira, Joaquim Lucio Monteiro de Franca, Rodolfo João Barata d' Almeida e Simplifício José de Melo e encaminhado ao Ilmo. e Exmo. Senhor Conselheiro Manuel Felizardo de Sousa e Melo, Presidente da Província. Os vereadores do Recife comentam que, “não convindo, que continue o abuso, que estão praticando os donos de estabelecimentos de carros fúnebres, existentes nesta cidade, de fornecerem carros para a condução dos cadáveres sem as condições exigidas no capítulo 7 do Regulamento do cemitério, e abertos com panos velhos, e dilacerados”, e apresenta postura, a submetendo a consideração da Presidência”. **OFÍCIO nº. 2, de 12 de janeiro de 1859 de Luis Francisco do Rego Barros, Presidente da Câmara Municipal para o Presidente da Província.** Fundo Câmara Municipal. CM. v. 42. p. 2. Ms. Apeje. A postura não é aprovada mas vale registrar que já em meados do século XIX a Câmara está preocupada com o transporte dos mortos.

¹⁴⁵ O artigo 7 das Posturas municipais de 1872 publicada na Lei nº. 1050, de 4 de julho de 1872, proíbe os comerciantes de manterem seus estabelecimentos abertos além das 22 horas. **Coleção de Leis Provinciais da Província de Pernambuco para o ano de 1872.** SNT. p. 17.

¹⁴⁶ Para a satisfação do público, que requer transporte noturno, todos os carros da Ferro Carril são iluminados internamente com gás acetileno. O gerente reclama que o sistema de lâmpadas freqüentemente suja o carro com a fumaça que desprende. Companhia Ferro Carril de Pernambuco. Relatório nº. 32. **Jornal do Recife.** Recife, de 07 de set. 1904, p. 2.

¹⁴⁷ Restaurante Português. Rua das Laranjeiras nº. 21 e nº. 23. **Jornal do Recife.** Recife, 13 de maio 1888, n. 110. p. 4.

¹⁴⁸ Nova Hamburgo Cervejaria Alemã de Augusto Kruss, sucessores. (Anúncio). **Jornal da Tarde**, 8 de jun. de 1885. No anúncio, os proprietários informam dar a maior atenção à secção de Recreios, composta de bolas e bilhares e de um espaçoso Pavilhão Central onde há patinação. Informa ainda que as cervejas preta e branca de sua fabricação podem equiparar-se às melhores do Império e se encontram em condições para exportação, mas que a cervejaria também dispõe de cerveja alemã e inglesa, vinhos e licores. A cervejaria fica na Rua da Florentina nº. 20 e Cais de Santa Rita nº. 1.

1912, o Conselho Municipal do Recife aprova o projeto de lei apresentado pelo Conselheiro Alfredo de Almeida, mandando fechar, às seis horas da tarde, em todos os dias menos sábados e domingos, o comércio a retalho, com exceção das mercearias, cafés, padarias e agências lotéricas.¹⁴⁹ Para a elaboração de tal projeto contribui a luta por redução das horas de serviço de diversos empregados no comércio, por meio de *meeting*, passeata e visita à redação de jornais.¹⁵⁰ No entanto, tal resolução é vetada pelo Prefeito do Recife, Capitão Eudoro Correia.

O comércio e o lazer durante a noite¹⁵¹ levam o público a requerer transporte noturno. Para satisfazer o pedido, a Companhia Ferro Carril¹⁵² ilumina internamente seus bondes com gás acetileno, a iniciativa não é bem aceita pelos usuários e pelo gerente que reclama ser este sistema de lâmpadas responsável pela sujeira do carro com a fumaça que desprende.¹⁵³ Em 1904, José Ferreira Baltar, Antônio Braz da Cunha e Carlos Alberto Menezes, diretores dessa Companhia, em relatório endereçado aos acionistas comentam que entre os melhoramentos que devem empreender, “há um que está no espírito de todos, pela corrente de idéias modernas sobre viação, (...) a tração elétrica”, no entanto, tendo orçado os custos da transformação da tração animal para a elétrica, eles ficam hesitantes quanto à relação custo/benefício da modernização e optam por não arriscar o capital nesse empreendimento.¹⁵⁴ A hesitação diante do novo tipo de energia e, de um modo geral, ante os artefatos modernos marca algumas decisões tomadas no início do século XX. Na noite de 12 de março de 1907, por experiência, é iluminado à luz

¹⁴⁹ Crônica de Pernambuco para o ano de 1912. In: **Almanach de Pernambuco**, 1918. Recife: Imprensa Industrial, 1917. Item 15.

¹⁵⁰ Crônica de Pernambuco para o ano de 1912. In: **Almanach de Pernambuco**, 1918. Recife: Imprensa Industrial, 1917. p. 6. Item 19 e 28.

¹⁵¹ Em 4 de fevereiro de 1906, o Coronel e Prefeito da cidade Eduardo M. Barros junto com o Conselho Municipal receberam manifestação de apreço dos empregados do comércio por terem sancionado a Lei nº. 418 que manda fechar o comércio às 8 horas da noite. Até esta data o comércio fechava às 10 horas da noite. **Almanach de Pernambuco**, 1912. Recife: Imprensa Industrial, 1912. p. VI, item 4.

¹⁵² A Ferro Carril e sua importância na expansão da ocupação da área urbana do Recife é analisada na dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Urbano de Noemia Maria Zaidan, *O Recife nos Trilhos dos Bondes de Burro*.

¹⁵³ Companhia Ferro Carril de Pernambuco. Relatório nº. 32. **Jornal do Recife**. Recife, 7 de set. 1904, p.2.

¹⁵⁴ COMPANHIA Ferro Carril de Pernambuco. Relatório nº. 32. **Jornal do Recife**, Recife, 7 de set. 1904. p. 2.

elétrica um dos carros da Companhia Ferro Carril, que percorre diversas ruas da cidade.¹⁵⁵

A expansão dos meios de transporte público de passageiros intensifica o processo de urbanização da cidade, ampliando a malha urbana, que segue os trilhos de transportes como os bondes de burro, a maxambomba e os trens, possibilitando a ocupação das freguesias e, mais tarde, dos bairros suburbanos, onde os terrenos, recentemente loteados, são mais baratos que os das freguesias ou bairros centrais. O uso de transportes de passageiros se dá devido à necessidade de locomoção criada pela ocupação residencial de bairros distantes do centro. O estabelecimento e o uso de serviços de transporte são responsáveis pelo deslocamento da população que habita as freguesias centrais e passa a morar ao longo do percurso das principais artérias de tráfego, nas freguesias suburbanas, que se tornam áreas residenciais onde passam a funcionar um pequeno comércio, manufaturas, escolas e igrejas. Tais freguesias como as da Graça, Madalena¹⁵⁶, Afogados¹⁵⁷ Madalena, Santo Amaro, Poço da Panela e Várzea são, no entanto, pouco fotografadas. Nelas, desde a década de 1890, começam a ser instalados armazéns de casas comerciais e de secos e molhados, lojas de fazenda, farmácias, açougues, padarias, fábricas de tijolos e telhas, de cigarros e charutos e de refinação de açúcar, hospedarias, ranchos, restaurantes e teatro.¹⁵⁸

¹⁵⁵ **Almanach de Pernambuco, 1913**. Recife: Imprensa Industrial, p. VIII, item 10.

¹⁵⁶ No início da década de 1880, a cidade cresce e novas freguesias surgem como a Freguesia da Madalena, criada pela Lei nº. 1.532, de 22 de abril de 1881. **PERNAMBUCO, Leis e Decretos. Leis Provinciais do ano de 1881**. Pernambuco, Typografia de M. Figueroa de Faria e Filhos, 1881. p. 12.

¹⁵⁷ A introdução dos transportes e a ocupação dos espaços urbanos ao longo dos seus percursos, acabam por fazer com que novas freguesias suburbanas sejam criadas. Em 22 de abril de 1881 a Freguesia de Afogados é dividida em duas, sendo a sede de uma a Matriz de Afogados e da outra a Igreja da Torre. Dessa forma, fica criada a Freguesia da Madalena com os seguintes limites todo o segundo distrito de paz atual e a parte do terreno da Freguesia da Várzea, começando pela estrada do Bongy e cortando pelo Sítio do Forte, em linha reta até a margem do Capibaribe; ficando o Engenho Cordeiro dentro desta nova freguesia. Lei nº. 1.532, de 22 de abril de 1881. In: **PERNAMBUCO, Leis e Decretos . Leis Provinciais de Pernambuco para o ano de 1881**. Recife: Typografia de Manoel de Faria & Filhos, 1882. p. 12.

¹⁵⁸ **Distribuição das atividades no Recife**. Levantamento feito nos Almanques Administrativo, Mercantil, Industrial e Agrícola da Província e do Estado de Pernambuco, anos de 1870, 1881 e 1893, em ZAIDAN, Noemia Maria. **O Recife nos trilhos dos bondes de burro**. (1870-1914). Universidade Federal de Pernambuco. Mestrado em Desenvolvimento Urbano. Dissertação de Mestrado. Recife, 1991. As atividades comerciais e manufatureiras também do Recife no século XIX são analisadas na tese de doutorado USP de Silvio Mendes Zancheti. **O Estado e a cidade do Recife**. (1836-1889).

Em volta das estações de trem núcleos de povoação são erguidos. Ao longo do percurso dos bondes assentamentos são concretizados. A população passa a habitar cada vez mais longe do centro, fato que a submete a percorrer maiores distâncias entre casa, trabalho e lazer. Nessas circunstâncias, quem entende poder chegar a qualquer lugar, com calma, a pé enxuto, vê a necessidade de utilizar transportes e luta pela qualidade do serviço. Nessa época, intensificada a circulação de pessoas e mercadorias, circulam no espaço urbano carros particulares e de aluguel, carroças, bondes, trens, bicicletas, montarias e pedestres.

Os cocheiros e os condutores de carros, seges, carruagens¹⁵⁹, ônibus, ou qualquer outro veículo de condução pública ou particular são obrigados por lei a se matricularem na Repartição de Polícia, a partir 1873.¹⁶⁰ As profissões de condutor de veículos e de chofer de automóveis são respeitadas (fig.nº. 25). O poder de pôr em marcha e fazer parar veículos fornece certo encanto ao profissional, que se veste e trabalha com a responsabilidade e o *status* de quem tem acesso a uma profissão ainda distante do domínio geral.

Fig.nº. 25



Fonte: **ARQUIVOS**. Recife, n. 2. Nov. 1942. Foto, em preto e branco. Ponte Maurício de Nassau, início do século XX. No bonde, o condutor de pé, usa terno.

¹⁵⁹ Em 5 de dezembro de 1906, saem da Alfândega três carruagens vindas da Europa, adquiridas pelo Governador, Desembargador Sigismundo Gonçalves para o serviço do Estado. **Almanack de Pernambuco, 1912**. Recife: Imprensa Industrial, 1912. p. XXVII, item 5.

¹⁶⁰ A Lei nº. 1.129, de 26 de junho de 1873, Art. 153. **PERNAMBUCO, Leis e Decretos. Leis Provinciais do ano de 1873**. Pernambuco: Typografia de M. Figueroa de F. e Filhos.1873. p. 111-137.

Ao ser instalado o transporte público de carga e de passageiro sobre trilhos, a Câmara junto à Presidência da Província legisla para regular o uso do espaço da rua. A Lei nº. 1.187, de 14 de junho de 1875, publica postura, que, em seu artigo terceiro, proíbe todos de, na cidade, obstruírem as linhas férreas das empresas de transportes, lançando sobre ela paus, pedras ou quaisquer objetos e de colocar ou demorar sobre elas carros, carroças ou animais, de modo que embarquem seu tráfego, sob pena de Réis 5:000\$000 e três dias de prisão.¹⁶¹ Apesar da lei, a desobediência civil se mantém e os acidentes se sucedem. Em 1885, acontecem descarrilamentos devido a objetos propositadamente colocados sobre os trilhos, como pedras e pedaços de ferro.

Cabe ao Governo contratar na cidade o estabelecimento de carros de praça ou de aluguel, autorizado pela Lei nº. 2.147, de 1889.¹⁶² Também lhe é permitido estabelecer concorrência pública para a implantação de serviços de transportes.¹⁶³ O controle do governo sobre os veículos se dá a partir da exigência da Câmara Municipal de que a traseira e os vidros de ambas as lanternas dos carros de passeio sejam numerados, com caracteres grandes, de forma a ser reconhecido a longa distância, sob pena do dono pagar uma multa de Réis 10\$000. A imposição amplia o mercado de trabalho para os desenhistas da cidade.¹⁶⁴

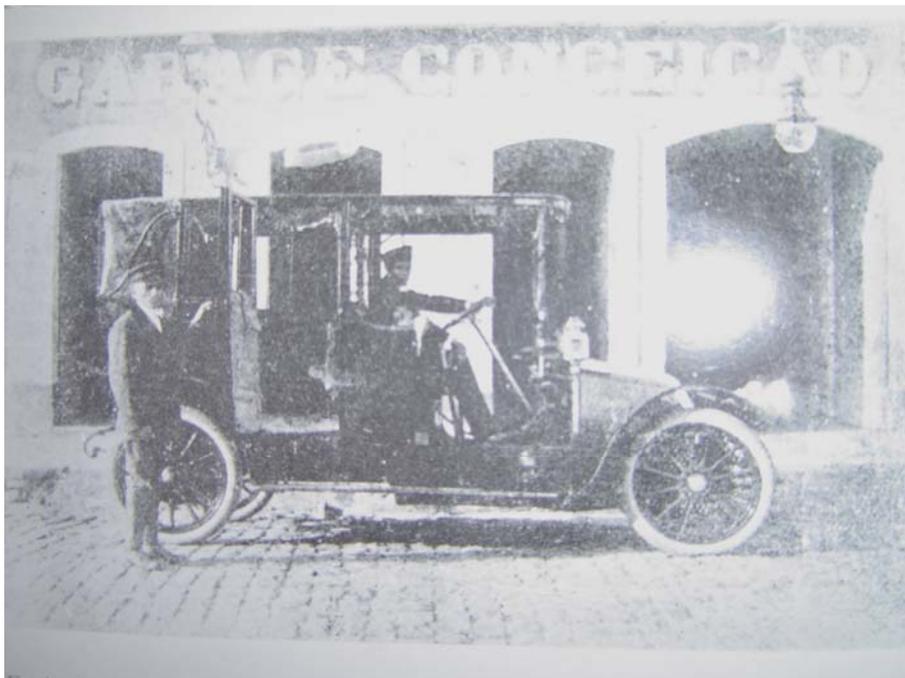
¹⁶¹ Lei nº. 1.187, de 14 de junho de 1875. PERNAMBUCO, Leis e Decretos. **Leis Provinciais, ano de 1875**. Pernambuco: Typografia de M. Figueroa de Faria e Filhos, 1875. pp. 53, 54.

¹⁶² A Lei nº. 2.147, de 1889, autoriza o Governo na pessoa de Manoel Alves de Araújo, a contratar com quem melhores vantagens oferecer para o estabelecimento de carros de praça. **PERNAMBUCO, Leis e Decretos. Leis do Estado de Pernambuco do ano de 1889**. Recife, Typografia de Manoel Figueroa de Faria e Filhos, 1899. p. 253.

¹⁶³ A concorrência pública para o estabelecimento de carris de ferro no Recife se dá nos termos da Lei provincial de nº. 879, de 23 de junho de 1869. **RELATÓRIO de Manoel de Barros Barreto, Engenheiro Fiscal. Relatório da Companhia Pernambuco Street Railway**. Recife, 20 de janeiro de 1872. Fundo Estradas de Ferro, EF. v. 16, p. 25. Ms. Apeje.

¹⁶⁴ Lei nº. 1. 751 de 31 de maio de 1883. In: **PERNAMBUCO, Leis e Decretos, Leis Provinciais do Ano de 1883**. SFR. p. 30.

Fig.nº. 26



Fonte: FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. **Álbum Artístico Comercial e Industrial do Estado de Pernambuco**. SNT. (Recife, 1913) p. 89. Foto, em preto e branco. Carro, empregados e fachada da Garage Conceição, de Menezes e Cia. Rua da Conceição nº. 6.

A necessidade da Prefeitura de ter sob seu controle os veículos da cidade é assinalada na Lei Orçamentária do Município de 1903, que autoriza, em seu artigo 4º, o Prefeito a mandar fazer placas de metal, de tipos diferentes, para a numeração de carros e carroças e chama, por edital, os proprietários para matricularem seus veículos e receberem tais chapas com a respectiva numeração.¹⁶⁵ O controle do Estado sobre as companhias de transporte torna-se efetivo em 1908, quando o Governador de Pernambuco Herculano Bandeira de Melo, pela Lei nº. 902, sujeita à fiscalização todas as empresas que operam meios de transportes.¹⁶⁶ Em 1910, a Prefeitura cria títulos de motoristas, de conformidade com o regulamento e instruções publicados em 1909, com esses registros, regulariza a moderna profissão de motorista na cidade.¹⁶⁷

¹⁶⁵ **EXPOSIÇÃO** que abriu a 1ª sessão ordinária em 15 de fevereiro de 1906 o Prefeito em exercício Comendador Eduardo Martins de Barros. Recife; Typografia do Diário de Pernambuco, 1906. p. 8.

¹⁶⁶ Lei nº. 902, Recife, 15 de maio de 1908, in: **PERNAMBUCO, Leis e Decretos. Leis do Estado de Pernambuco**. Recife, Typografia de Pernambuco, 1908. p. 17,18.

¹⁶⁷ **EXPOSIÇÃO** com que abriu a 1ª sessão ordinária do Conselho Municipal do Recife, em 17 de janeiro de 1910 o Prefeito Dr. Archimedes de Oliveira Souza. Recife: Typografia do Diário de Pernambuco, 1910. p. 3.

As invenções modernas de transporte como o trem, o bonde, o automóvel e a bicicleta geram deslumbramento diante das máquinas e da facilidade de locomoção que as mesmas promovem, mas também provoca repulsa, especialmente devido à obrigatoriedade do pagamento da passagem. Vários são os registros de agressão aos cobradores das companhias, desde bate boca, passando por ferimentos a faca até tiros levados em dias de festa pelos empregados das Companhias¹⁶⁸, fato que faz o engenheiro fiscal requisitar força policial dentro dos veículos e ao longo dos trilhos para conter os distúrbios. Há registros da ação de usuários que jogam pedras nas janelas dos vagões e cortam os assentos dos carros de primeira classe¹⁶⁹ e de atentados, praticados por indivíduos mal intencionados, que arrancam trilhos da Estrada de Ferro do Recife a Caxangá e da Ferro Carril, na curva da Torre, interrompendo o tráfego de trens, sem sofrerem punição policial.¹⁷⁰ Como afirma Rezende (1999, p. 157) “o inferno e o paraíso convivem, no território da cidade”. A reação de seus habitantes às novas máquinas e a forma de agir em relação às mesmas mostra esses dois extremos.

O transporte de passageiros em linhas férreas ou nas companhias de transporte urbano pesa no bolso das camadas pobres e médias da população. São freqüentes os pedidos de passes por parte da Câmara à Presidência da Província e às companhias de transportes urbanos, como a Ferro Carril e a Trilhos Urbanos do Recife a Caxangá, para seus funcionários circularem no município, justificando se tratar de empregados de pequenos ordenados, como mestres de obra, contínuos e guardas que executam serviços públicos em lugares distantes e precisam de condução.¹⁷¹ Também se encontram pedidos de passes para detentores de postos

¹⁶⁸ **RELATÓRIO da Estrada de Ferro do Recife a Caxangá. De Paulo José d’ Oliveira, engenheiro fiscal da Estrada, para Dr. Inocêncio Marques de Araújo Góis, Presidente da Província.** Em anexo ao ofício nº. 295, Recife, 9 de fevereiro de 1889. Fundo Estradas de Ferro. EF. v. 27. Ms. Apeje.

¹⁶⁹ **RELATÓRIO da Estrada de Ferro do Recife a Caxangá. De Paulo José d’ Oliveira, engenheiro fiscal da Estrada, para Dr. Ignácio Joaquim de Souza Leão, Vice-Presidente da Província.** Em anexo ao ofício nº. 218, Recife, 9 de fevereiro de 1888. Fundo Estradas de Ferro. EF. v. 27. p. 4;9. Ms. Apeje.

¹⁷⁰ **RELATÓRIO da Estrada de Ferro do Recife a Caxangá. De Paulo José d’ Oliveira, engenheiro fiscal da Estrada, para o Conselheiro José Fernandes da Costa Pereira Júnior, Presidente da Província.** Recife, 16 de janeiro de 1886. Fundo Estradas de Ferro. v.27. p. 314. EF. Ms. Apeje.

¹⁷¹ **OFÍCIO nº.109, do Presidente da Câmara para o Presidente da Província.** Recife, 26 de outubro de 1887. Fundo Câmara Municipal. CM. v. 88. p. 332 , 332v. Ms. Apeje.

bem remunerados, como os engenheiros da Câmara.¹⁷² O transporte sobre trilhos, mesmo caro Réis 200\$000 bilhetes avulsos e Réis 400\$000 bilhetes de ida e volta na primeira classe da Companhia do Recife a Caxangá, é, ano após ano, cada vez mais utilizado pela população. Pessoas, por carnê ou bilhetes individuais, pagam passagem de ida e volta, ou só ida ou só volta e crianças também pagam passagem. O fato é que durante anos as receitas das companhias se mantêm superior às suas despesas.¹⁷³

Fig.nº. 27



Fonte: Recife: Douglas Fox e sócios, 1906. Fragmento da **Planta da Cidade do Recife**. Apresentando a ocupação ao longo da Rua Imperial onde transita os bondes da Ferro Carril. Acervo do professor Dr. José Luís da Mota Menezes.

Ao longo dos trilhos da Companhia Ferro Carril, a maior parte dos terrenos é comprada e neles habitações são construídas, uma vez que a Companhia faz parar seus bondes onde o passageiro solicita (fig.nº.27). No caso das outras empresas são nas proximidades das estações os lugares de maior povoamento. A construção de estações para embarque e desembarque de passageiros assinala os locais

¹⁷² **OFÍCIO nº. 33 de João Pedro das Neves, Presidente da Câmara para Francisco Maria José Pereira, Presidente da Província.** Recife, 4 de abril de 1883. Fundo Câmara Municipal, CM. v. 81 p. 56,57. Ms. Apeje. Solicitando ao Presidente da Província o fornecimento de passe gratuito, nas vias férreas do Recife a Limoeiro e a Caxangá, para o engenheiro da Câmara cumprir seu dever de percorrer todo o município que se estende a mais de quatro léguas para o centro, como também fornecer passe gratuito aos funcionários da Câmara quando tiverem que fazer serviço urgente.

¹⁷³ **APÊNDICE nº. 3 - Passageiros da Estrada de Ferro do Recife a Caxangá.**

escolhidos pela população para habitar como vetores de crescimento da cidade. A Estrada de Ferro do Recife a Caxangá tem, em 1880, treze estações de pedra e cal, sendo as melhores as das oficinas em Parnamirim, Cordeiro, Apipucos e Caxangá. Além destas, existem mais seis, na linha principal, construídas em madeira. No ramal dos Aflitos são erguidos cinco abrigos e uma estação de pedra e cal, a de Casa Amarela. Em 1881, a Companhia já conta com vinte e cinco estações e abrigos. Em 1884, está quase concluída a estação do Entroncamento, onde se enfeixam as linhas para Apipucos, Arraial, Caxangá e Várzea. Em 1886, as principais estações são a do Entroncamento, Caxanga e Dois Irmãos e também estão em funcionamento outras estações menores no Zumbi, Cordeiro e Iputinga. No início da instalação dos transportes urbanos sobre trilho, os abrigos de madeira, que servem de estações, são invadidos à noite, por mendigos, com péssimos costumes de higiene, na opinião do engenheiro fiscal, que deixam os abrigos imundos além de arrancarem os bancos dos mesmos. O engenheiro afirma que isto se dá devido à falta de policiamento no local.¹⁷⁴ Com o passar dos anos, as estações, enquanto equipamento urbano por onde circulam muitas pessoas, tornam-se abrigos de mendigos também durante o dia, expandindo a mendicância para bairros afastados do centro da cidade.¹⁷⁵

Aos poucos as pessoas vão se acostumando, aderindo e introduzindo no seu cotidiano os serviços de transportes e, com eles, mudando comportamentos e modo de circular no espaço urbano. A presença dos transportes públicos altera a velocidade do viver e leva os administradores, muitas vezes sob pressão da população, a gerar leis e a criar regulamentos que garantem o direito de ir e vir no espaço urbano e definem a maneira mais higiênica de transportar alimentos, dejetos e mortos para melhorar as condições sanitárias da cidade. Com a implantação dos transportes públicos de carga e de passageiros, no Recife, são erguidas estações, casas de pedágio, garagens, cocheiras, estaleiros, instalados trilhos, construídas calçadas, pontes, abertas ruas, avenidas, estradas de rodagem e de ferro e feitos

¹⁷⁴ **RELATÓRIO da Estrada de Ferro do Recife a Caxangá. De Paulo José d' Oliveira, engenheiro fiscal para Dr. Franklin de A. , Presidente da Província.** Recife, 5 de fevereiro de 1881. Fundo Estradas de Ferro. EF. v. 27. p. 19. Ms. Apeje.

¹⁷⁵ **RELATÓRIO da Estrada de Ferro do Recife a Caxangá. De Paulo José d' Oliveira, engenheiro fiscal, para Dr. Ignácio Joaquim de Souza Leão, Vice-Presidente da Província.** Anexo ao ofício nº. 219. Recife, 9 de fevereiro de 1888. Fundo Estradas de Ferro. EF. v. 27. p. 9. Ms. Apeje.

aterramentos que agregam um valor aos terrenos em sua volta, levando donos de terras a loteá-los e vendê-los, possibilitando a ampliação da ocupação do espaço urbano, para além das freguesias centrais.

Além do Capibaribe, estradas carroçáveis e de ferro, na segunda metade do século XIX, ligam o porto e as freguesias centrais às freguesias suburbanas e vilas do interior, gerando rotas de abastecimento. Em volta das estações, como as da Estrada de Ferro do Recife ao São Francisco, erguem-se povoações como a de Prazeres e crescem cidades como a do Cabo de Santo Agostinho.

As companhias de transporte, segundo os contratos que estabelecem com o Governo, são responsáveis pela construção de pontes. Em 1884, a Estrada de Ferro do Recife a Caxangá consegue que o Governo aprove a planta da ponte Lassere, entre a Capunga e o povoado da Torre.¹⁷⁶ Além dessa ponte, a empresa construiu uma sobre o Rio Capibaribe, que liga os bairros de Santo Antônio e Boa Vista, outra sobre o Rio Camaragibe na Várzea¹⁷⁷ e os pontilhões sobre o riacho da Jaqueira e Cambôa de Manguinhos e no Monteiro.¹⁷⁸ As estações e pontes são construídas em terrenos desapropriados pela Companhia com autorização do Estado.¹⁷⁹

¹⁷⁶ **RELATÓRIO da Estrada de Ferro do Recife a Caxangá. De Paulo José d' Oliveira, engenheiro fiscal para Dr. Augusto de Souza Leão Vice-Presidente da Província.** Recife, 6 de fevereiro de 1885. Fundo Estradas de Ferro. EF. v. 27. p. 233. Ms. Apeje.

¹⁷⁷ **RELATÓRIO da Estrada de Ferro do Recife a Caxangá. De Paulo José d' Oliveira, engenheiro fiscal para Conselheiro Francisco Maria Sodré Pereira, Presidente da Província.** Recife, 12 de fevereiro de 1887. Fundo Estradas de Ferro. EF. v. 27. p. 130. Ms. Apeje.

¹⁷⁸ **RELATÓRIO da Estrada de Ferro do Recife a Caxangá. De Paulo José d' Oliveira, engenheiro fiscal, para Dr. Augusto de Souza Leão Vice-Presidente da Província.** Recife, 6 de fevereiro de 1885. Fundo Estradas de Ferro. EF. v. 27. p. 230.

¹⁷⁹ **RELATÓRIO da Estrada de Ferro do Recife a Caxangá. De Paulo José d' Oliveira, engenheiro fiscal para Conselheiro Francisco Maria Sodré Pereira, Presidente da Província.** Recife, 12 de fevereiro de 1887. Fundo Estradas de Ferro. EF.v. 27. p. 308, 308v. Ms. Apeje.

Fig.nº. 28



Fonte: Recife: foto, em preto e branco. Ponte sobre o Capibaribe para passar a Maxambomba. Acervo Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

Nos relatórios dos fiscais das estradas de ferro quanto aos acidentes de trânsito¹⁸⁰ são apontados como culpados, quase sempre, os transeuntes ou os usuários. Estes ainda não têm o costume de dividir o espaço das ruas com os transportes. Andam, param, dormem, por vezes, em cima dos trilhos. Pelos mais diversos motivos, atravessam em curvas fechadas, descem e sobem dos bondes e trens em movimento, carregando às vezes cestos de mercadorias na cabeça. Ser um moderno habitante da cidade significa saber circular sem sofrer danos físicos, num ambiente em que, a cada dia, diversificam-se os tipos de transporte. Saber circular e parar na área urbana e suburbana, onde as novas máquinas ocupam espaço, é aprendizagem que requer tempo. O número maior de acidentes que se observa quando da instalação dos transportes urbanos de carga e passageiro sobre trilhos assinala uma rejeição a sair do caminho que sempre se percorre ou ocupa para ceder espaço ao transporte. Ocorrem também os primeiros suicídios.

¹⁸⁰ Entre 1880 e 1914, registram-se desastres envolvendo transportes públicos e particulares com mortes. O número de óbitos por acidente de transporte varia entre uma e duas pessoas por dia.

As oficinas das companhias de transporte, como as da Estrada de Ferro do Recife a Caxangá e as da Ferro Carril, empregam trabalhadores nacionais, materiais e técnicas utilizadas na Europa, procurando atualizar o serviço, de acordo com as novas invenções. Convenientemente montadas, elas estão em pleno funcionamento durante o período estudado. Nelas, são executados consertos e pintura de que carecem os vagões das Companhias – torneamento de rodas, substituição de eixos e molas vulcanizadas por molas de aço, fabricação de algumas peças e construção de carros para cargas e passageiros¹⁸¹ e de carroções fechados para conduzir mobília¹⁸², gradeados para conduzir capim e, em forma de caixão para conduzir cal.¹⁸³ As oficinas também fazem reparos nas locomotivas, com peças vindas da Europa. A Estrada de Ferro do Recife a Caxangá, com o objetivo de prestar o serviço com melhor qualidade, troca chapas de conexão e trilhos de ferro por trilhos de aço e substitui dormentes de madeira por outros de ferro.¹⁸⁴

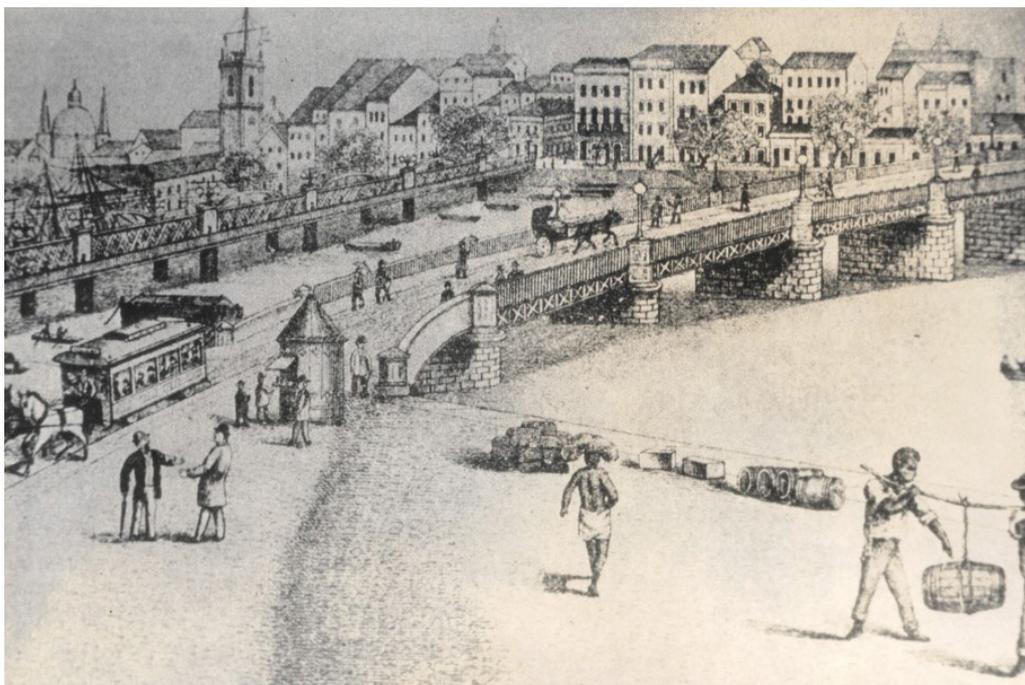
¹⁸¹ Em 1881, são construídos três vagões de segunda classe e um de primeira classe pela oficina da Estrada de Ferro do Recife a Caxangá. Em 1888, essa mesma Companhia está construindo carros, de segunda classe, que podem abrigar até oitenta e seis pessoas por vagão. **RELATÓRIO da Estrada de Ferro do Recife a Caxangá. De Paulo José d' Oliveira, engenheiro fiscal para Dr. Franklin de A. , Presidente da Província.** Recife, 5 de fevereiro de 1881. Fundo Estradas de Ferro. EF. v. 27. p. 25. Ms. Apeje e **RELATÓRIO da Estrada de Ferro do Recife a Caxangá, de Paulo Jose d' Oliveira, engenheiro fiscal para Dr. Ignácio Joaquim de Souza Leão, Vice-Presidente da Província.** Anexo ao ofício nº. 219. Recife, 9 de fevereiro de 1888. Fundo Estradas de Ferro. EF. v. 27. p. 5. Ms. Apeje.

¹⁸² **RELATÓRIO da Estrada de Ferro do Recife a Caxangá. De Paulo José d' Oliveira, engenheiro fiscal da Estrada.** Recife, 12 de fevereiro de 1884. Fundo Estradas de Ferro. EF. v. 27. p 166-167. Ms. Apeje.

¹⁸³ **RELATÓRIO da Estrada de Ferro do Recife a Caxangá. De Paulo José d' Oliveira, engenheiro fiscal da Estrada, para Dr. Inocêncio Marques de Araújo Góis Presidente da Província.** Anexo ao ofício nº. 123, Recife, 8 de fevereiro de 1882. Fundo Estradas de Ferro. EF. v. 27. p. 80-82. Ms. Apeje.

¹⁸⁴ **RELATÓRIO da Estrada de Ferro do Recife a Caxangá. De Paulo José d' Oliveira, engenheiro fiscal da Estrada, para Dr. Antônio Epaminondas de Barros Correia, Vice-Presidente da Província.** Anexo ao ofício nº. 295, Recife, 9 de fevereiro de 1889. Fundo Estradas de Ferro. EF. v. 27. p. 2,3. Ms. Apeje.

Fig.nº. 29



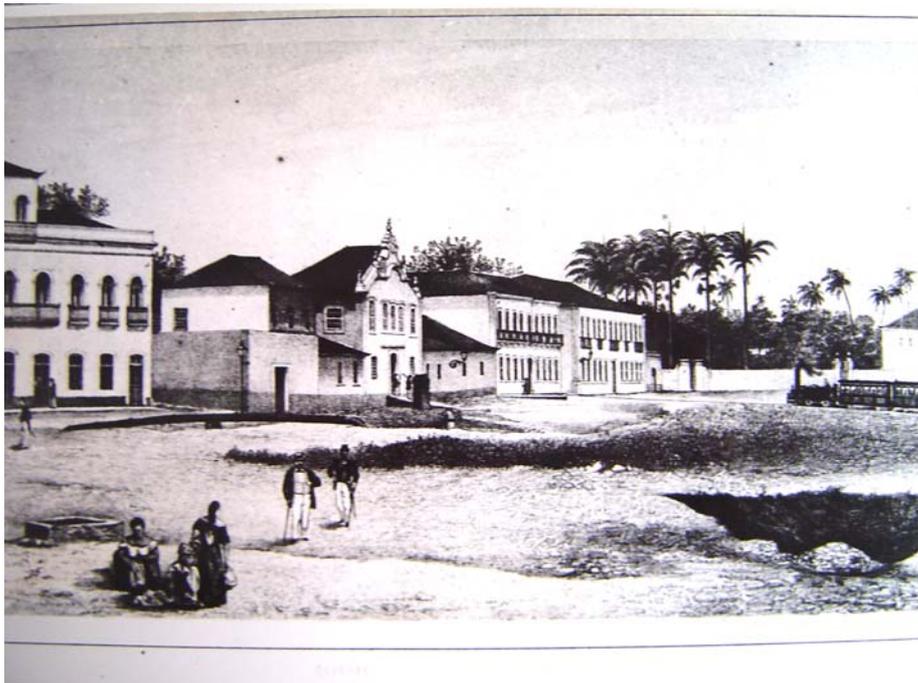
Fonte: **ARQUIVOS**. Recife, Ano I, n. 2. Nov. 1942. Recife: Casa Litográfica de F. H. Carls, 1878. Fotografia de litogravura em preto e branco. No primeiro plano, escravos carregando barril e saco, quiosque onde são vendidos cigarro e bebida e o bonde de burro, denominado baú. Seges sobre a ponte Buarque de Macedo. Ao fundo, canoas, a ponte Sete de Setembro e o Bairro de Santo Antônio.

A instalação e a circulação dos meios de transportes abreviam as distâncias, facilitando a aproximação e o distanciamento, ampliando o acesso aos espaços públicos e privados. Os transportes de carga são responsáveis pelo abastecimento da cidade e pela circulação dos produtos. O Recife, por volta de 1880, vive ainda uma época em que alguns dos seus habitantes, os escravos, são transportadores a pé (fig.nº. 29), de água a piano, ou se tornam canoieiros.¹⁸⁵ Nesse momento, os homens livres assumem predominantemente a profissão de condutores de transportes tornando-se canoieiro, boleeiro¹⁸⁶, chofer de carro, cocheiro de “ônibus”, condutor de tropas de burros e de carroças de bois. Nas litogravuras e fotografias da época, no entanto, só encontramos registro do trabalho escravo até a década de 1870. Avaliamos que, nos anos de 1880 e seguintes, além de ser pequeno o número de escravos de ganho no Recife, interessa aos produtores de imagens da cidade expor apenas o trabalho urbano livre, sinônimo da civilização nas relações de trabalho.

¹⁸⁵ Sobre o trabalho de escravos como o dos canoieiros, no Recife, assim como de outros escravos de ganho e seu exercício diário de liberdade é fundamental a leitura do livro de Marcus Joaquim M. de Carvalho, **Liberdade**. Rotina e Ruptura do Escravismo: Recife 1822-1850. Recife: Massangana, 1998.

¹⁸⁶ Boleeiro ou cocheiro é aquele que dirige as antigas seges e ônibus na boléia.

Fig.nº. 30



Fonte: Recife: Casa Litográfica de F. H. Carls, 1878. Fotografia de litogravura em preto e branco. O hospício dos padres, atual Rua do Hospício. Em primeiro plano, mulheres na cacimba e o cano do esgoto. Ao fundo, a maxambomba. Acervo do professor Dr. José Luis da Mota Menezes.

Os escravos de ganho empregam força física e velocidade para fazer chegar às pessoas, às casas e aos sobrados residenciais, comerciais e manufatureiros variados artigos, além de abastecerem as residências de água e conduzirem os dejetos. Circulando em grupo, carregando desde doces a fardos, colaboram para dinamizar a vida da cidade. Os negros vozeiam para estimular os animais quando a carga é demasiada, como afirma SETTE (1948, p.109). As negras vendedoras ambulantes de bonecas de pano, bolos e canjica agrupam em seu redor pessoas, que, na espera para serem atendidas, trocam idéias, comentam sobre a vida e mandam seus recados. Em torno do chafariz, negros e negras aproveitam o encontro para terem um momento de liberdade possível no ambiente vigiado da cidade.

Fig.nº. 31



Fonte: Recife: Casa Litográfica de F. H. Carls, (década de 1870). Fotografia de litogravura em preto e branco. O bonde de burro fechado, o Rio Capibaribe com suas canoas. À esquerda, a Casa da Detenção, atual Casa da Cultura. Ao fundo, o Hospital Pedro II e os sobrados da Rua da Aurora. Acervo do Professor Dr. José Luis da Mota Menezes.

No Recife, os veículos mais utilizados, entre os séculos XVI ao XIX, são os transportes de cabotagem. Canoas, de todos os tipos, circulam carregando pessoas, água e gêneros alimentícios (fig.nº. 31). Em muitas reproduções fotográficas, em litogravuras e cromogravuras, encontram-se canoas e pequenas embarcações a remo, à vara e à vela navegando pelos rios Capibaribe e Beberibe. Os canoeiros viabilizam, com seu serviço, a ocupação urbana do Recife ao longo dos rios. Transportam de água a material de construção, fora um número considerável de pessoas que utilizam as canoas para se dirigirem ao trabalho, à procissão e às serenatas.

A Companhia Locomotora é a primeira companhia de transporte de carga autorizada a funcionar no Recife, com privilégio de área. Inicia seu serviço com dez carros abertos e sessenta burros que transportam açúcar, algodão e aguardente da Estação de Ferro para diversos pontos das freguesias centrais e destas para a Estação de Ferro, em carros sobre trilhos, puxados a quatro ou seis burros. Na década de 1880, quando deixa de funcionar, conta com vinte e três veículos grandes, três menores, uma carroça, oitenta animais e sessenta empregados, o que nos faz pensar nos lucros que essa Companhia consegue acumular mesmo dando

vinte por cento de abatimento nos fretes, medida que transforma os cocheiros em seus inimigos permanentes. Após o fechamento da Locomotora, as companhias de transportes urbanos sobre trilhos passam a ser as maiores responsáveis pelo deslocamento de cargas no interior da cidade. Transportam mercadorias de um modo geral, capim, cal, lastro, mobílias e carvão. A Estrada de Ferro do Recife a Caxangá transporta, em 1882, setecentos e quarenta toneladas, em seus quinze carros¹⁸⁷, já, em 1885, transporta novecentas e vinte toneladas, em vinte e um carros, puxados a locomotivas de maior força. Esse aumento de carga se deve à prestação de serviços à Companhia do Beberibe.¹⁸⁸

Fig.nº. 32



Fonte: GAENSLY, Guilherme. Recife: fim do século XIX. Foto em preto e branco. Burros e cavalos estacionados no Largo do Livramento.

A maioria das imagens em que aparecem transportes de cargas é das freguesias centrais, uma vez que é nelas onde se concentram o grande comércio e o comércio a retalho, em armazéns de secos e molhados e de exportação e importação, depósitos de fazendas, armarinhos, boticas, alfaiatarias, sapatarias, casas de moda, de ferragens e quinquilharias e lojas, que ocupam o térreo e, com o

¹⁸⁷ **RELATÓRIO da Estrada de Ferro do Recife a Caxangá. De Paulo José d' Oliveira, engenheiro fiscal, para o Conselheiro Francisco Maria Sodré Pereira, Presidente da Província.** Recife, 12 de fevereiro de 1883. Fundo Estradas de Ferro. EF. v. 27. p. 133. Ms. Apeje.

¹⁸⁸ **RELATÓRIO da Estrada de Ferro do Recife a Caxangá. De Paulo José d' Oliveira, engenheiro fiscal, para o Conselheiro José Fernandes da Costa Pereira Júnior, Presidente da Província.** Recife, 16 de janeiro de 1886. Fundo Estradas de Ferro. EF. v. 27. p. 311. Ms. Apeje.

passar dos anos, também outros pavimentos dos sobrados. Nas imagens em frente a esses estabelecimentos (fig.nº.129), há inúmeros burros estacionados. Os mesmos, também são fotografados descansando nos espaços mais amplos e de menor tráfego. Nas pontes, cavalos, bois de carga, carroças puxadas por pessoas ou por animais, ao lado de transportes de passageiros, congestionam o trânsito da cidade. O volume de imagens e a intensidade com que diversos fotógrafos retratam os transportes de carga comunicam o quanto o abastecimento e o comércio são atividades definidoras da vida urbana.

Fig.nº. 33



Fonte: **ARQUIVOS**. Recife, Ano I, n. 2. Nov. 1942. Início do século XX. Fotografia em preto e branco. Trânsito intenso de carroças e bonde de burro na Ponte Buarque de Macedo.

Posturas municipais, datadas de 1868 e 1872, exigindo que carroças e veículos que transportam qualquer coisa transitem após as 18h30 horas com lampião aceso, informam que o comércio e os serviços da cidade, também são abastecidos durante a noite. As cargas são acondicionadas em feixes, baús, caixas de madeira, cerâmica, tabuleiros, tachos, sacos e tonéis. O tonel de madeira é o meio mais comum, na época, de conduzir água, alimentos e mercadorias de um modo geral. Em 12 de novembro de 1904, há registro da declaração de greve por

vários operários tanoeiros, exigindo o aumento do preço pago para fabricar barricas.¹⁸⁹

Entre 1880 e 1914, a cidade do Recife tem áreas rurais de plantação e criação - currais, sítios e engenhos. Por esses espaços, ao ser instalada e entrar em funcionamento, uma infra-estrutura de transportes públicos ocasiona inúmeros acidentes com animais, que vagam livremente pelos subúrbios.¹⁹⁰ Tal fato obriga os donos de animais, aos poucos e para evitar prejuízos, a cercar as áreas de pasto e leva os administradores a formular posturas e leis que inibem, com suas multas, a circulação de animais dentro do perímetro urbano. O transporte sobre trilhos, que passa por áreas rurais do Recife, cria problemas de ordem sonora, como no Jiquiá, lugar de currais. Seus proprietários, entre eles a própria Câmara, reclamam ao Presidente da Província que os maquinistas da Estrada de Ferro do Recife a Caruaru, ao apitarem, de propósito, fortemente suas máquinas, espantam o gado, de modo que esses, muitas vezes, inutilizam os currais, pondo as cercas abaixo e se extraviam, ocasionando prejuízos.¹⁹¹

A criação e utilização de animais como transporte na cidade provocam queixas da população. No Diário de Pernambuco de 5 de fevereiro de 1859, há registro de solicitações ao Governo da regulamentação das cocheiras de aluguel, quanto ao número de viagens por dia e o tratamento dos animais. Durante toda a segunda metade do século XIX, populares utilizam a imprensa para fazer queixas quanto à urina, estrume e animais mortos deixados nas ruas, indicando ser tal procedimento responsável pelas inúmeras epidemias que proliferam no Recife, causando muitas mortes.¹⁹² Em 1907, o Prefeito Martins de Barros chama atenção do Conselho Municipal para a necessidade de uma lei que proíba animais soltos nas ruas e estradas do município, argumentando que a lei em vigor só proíbe animais soltos no perímetro da cidade. Entende ser essa restrição inconveniente, uma vez

¹⁸⁹ Cronologia: 1904 – Crônica de Pernambuco. **Almanach de Pernambuco**, 1910. SNT. p. XXVIII.

¹⁹⁰ O fato é que, durante o período estudado, é comum a criação de animais para consumo e transporte nas diversas freguesias e bairros da cidade.

¹⁹¹ **OFÍCIO nº. 36, de P. Mendes (sic) Góes S. Pitanga, Presidente da Câmara, para Pedro Vicente Azevedo, Presidente da Província.** Recife, 21 de maio de 1887. Fundo Câmara Municipal. CM. v. 88. p. 110. Ms. Apeje.

¹⁹² Segundo Mario Melo, em **Síntese Cronológica de Pernambuco**, entre 1881 e 1885, o Recife é devastado por quatro epidemias de varíola, uma de febre amarela, cinco de beribéri e uma de sarampo. De 1886 a 1890, uma epidemia de varíola resulta em dois mil duzentos e quatro óbitos. De 1891 a 1895, há uma epidemia de varíola, três de febre amarela, uma de sarampo e uma de influenza que faz quarenta e nove óbitos.

que o Recife não é de zona de criação e que a Prefeitura deve atender ao desenvolvimento material da zona suburbana.¹⁹³ A questão da saúde pública torna-se, a partir da década de 1880, assunto relevante e constantemente tratado pela Câmara, que cria posturas municipais proibindo as pessoas de conservar no interior das casas ou nos quintais qualquer animal que ocasione lama ou imundícias. Aos infratores é cobrada a multa de Réis 10:000\$000, sendo removidos os animais para depósito público e arrematados perante o Juiz de Paz se não forem reclamados, no prazo de três dias, pelos respectivos donos.¹⁹⁴ Em 1888, é criada uma lei que proíbe, dentro do município do Recife e em terrenos destinados à pequena e grande lavoura, criar animais e aves soltas e não tê-los amarrados nas ruas da cidade, salvo em terreno cercado sob a vigilância de pastores. Os infratores pagarão multa de Réis 6\$000 e o dobro na reincidência, além da indenização do dano causado, sendo os animais ou aves conduzidos para o depósito público.¹⁹⁵ Nessa época, existem currais de administração pública como o do logradouro do Jiquiá, para o qual a Câmara Municipal aprova arrematações dos seus consertos, orçados em Réis 400\$000.¹⁹⁶

Fig.nº. 34



Fonte: Recife: 1905-1915. Foto em preto e branco. Carroças na Ponte Buarque de Macedo. **Coleção Benício Whatley Dias**. Acervo da Fundação Joaquim Nabuco.

¹⁹³ **EXPOSIÇÃO** apresentada ao Conselho Municipal do Recife na 3ª sessão ordinária em 15 de maio de 1907 pelo Prefeito Eduardo Martins de Barros. Recife; Typografia do Diário de Pernambuco, 1907. p. 5.

¹⁹⁴ **OFÍCIO nº. 57**, enviado por José Cândido de Moraes, Presidente da Câmara, para o Desembargador José Manoel de Freitas, Presidente da Província, pedindo aprovação provisória de postura adicional. Recife, 27 de agosto de 1884. Fundo Câmara Municipal, CM. v. 81. p. 251-252 v. Ms. Apeje.

¹⁹⁵ Lei nº. 1.934, de 17 de novembro de 1888. **PERNAMBUCO, Leis e Decretos. Leis Provinciais de Pernambuco 1888**. Recife: Typografia de Manoel de Faria & Filhos. p. 29.

¹⁹⁶ **OFÍCIO nº. 19**, de Antônio de Siqueira Carneiro da Cruz, Presidente da Câmara para o Dr. Augusto de Souza Leão, Presidente da Província. Recife, 25 de fevereiro de 1885. Fundo Câmara Municipal, CM. v. 84. p. 20, 20v. Ms. Apeje.

As carroças são amplamente utilizadas para cargas pesadas (fig.nº.33 e nº. 34). O imposto sobre mercadoria conduzida por carroça é de Réis 40\$000, que a Prefeitura diz arrecadar com a finalidade de aplicar o dinheiro no saneamento e no embelezamento da cidade. Em 1893, a quantia de Réis 40\$000, por saco de açúcar carregado em carroça e no lombo de animais, leva Luiz Bernardo Castello Branco, fazendeiro no Peres, freguesia de Afogados, a reclamar por meio de petição. O Prefeito Manoel Pinto Damaso responde que tal taxa consta no artigo 67¹⁹⁷ dos impostos fixados no orçamento municipal em vigor no que diz respeito ao transporte em carroça e que os arrecadadores não devem cobrar o transporte feito no lombo dos animais, o que torna maior a circulação e o estacionamento de animais no centro da cidade. Em 1903, o artigo 3º da Lei Orçamentária do Município, para fazer efetiva a cobrança de multa aos mascates, carros, carroças e carroceiros, permite que os fiscais apreendam as mercadorias dos mascates e os veículos dos carroceiros ou de proprietários.¹⁹⁸

A Câmara Municipal e a Prefeitura têm por função cuidar do calçamento das ruas. Com freqüência, pedem providências acerca da pouca observância das companhias de transportes urbanos quanto às obrigações que lhes são impostas, por contrato, sobre a manutenção dos calçamentos e nivelamentos nas pontes e nas estradas públicas.¹⁹⁹ Pedidos, por parte dos moradores e proprietários, para o calçamento de ruas, chegam, na forma de abaixo assinado, à Câmara Municipal, que os encaminha à Presidência da Província para tomar providências. Alguns desses pedidos solicitam, até mesmo, que a Câmara não permita a continuidade do trânsito de carros e carroças de condução de gêneros pelas ruas, visto as mesmas

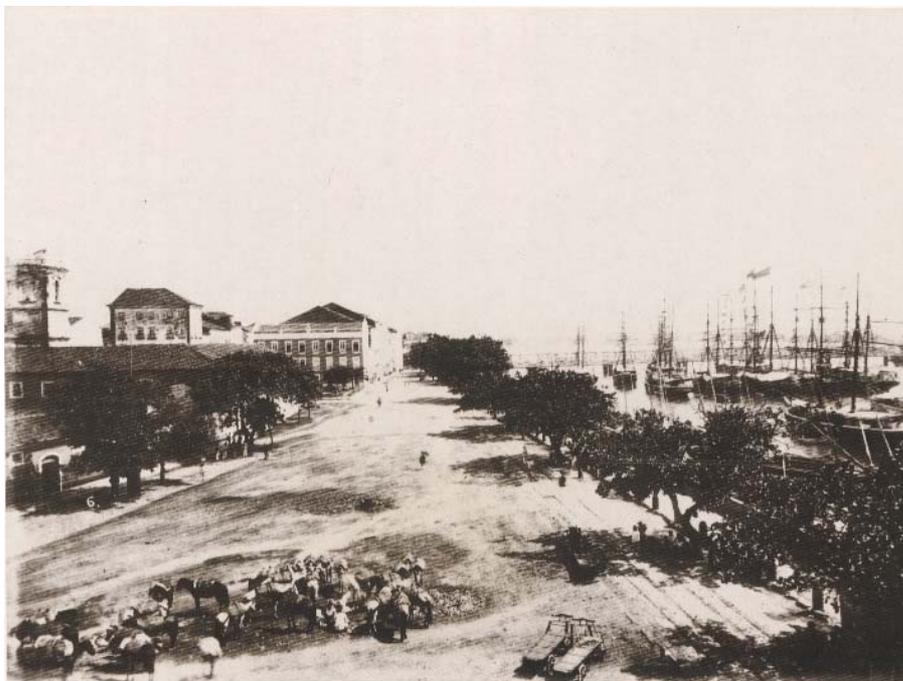
¹⁹⁷ O imposto de Réis 40\$000 deve ser cobrado por saco de açúcar ou algodão, barril ou ânfora de aguardente ou álcool conduzido em carroça e desembarcado de trapiches, barcaças ou estações de caminhos de ferro, bem como por cada barrica de bacalhau, farinha de trigo e volume saído da alfândega ou trapiche alfandegado e desembarcado no cais. **OFÍCIO nº. 136. De Manoel Pinto Damaso, Prefeito do Recife, para Dr. Alexandre José Barbosa Lima, Governador de Pernambuco.** Recife, 17 de dezembro de 1893. Fundo Prefeitura Municipal. Pm. v. 2. p. 123, 123v; 125. Ms. Apeje.

¹⁹⁸ **EXPOSIÇÃO apresentada ao Conselho Municipal do Recife na 5ª sessão ordinária em 19 de outubro de 1903 pelo Prefeito Dr. Manoel dos Santos Moreira.** Recife; Typografia do Diário de Pernambuco, 1903. p. 36.

¹⁹⁹ **OFÍCIO nº. 78, de José Cândido de Moraes, Presidente da Câmara para Sancho de Barros Pimentel, Presidente da Província.** Recife, 3 de dezembro de 1884. Fundo Câmara Municipal. CM. v. 81. p. 336-337v. Ms. Apeje. A Câmara Municipal pede providências acerca das incompletas observâncias das companhias de trilhos urbanos das cláusulas, as quais estão obrigadas pelos seus contratos, sobre calçamentos e nivelamentos em todas as pontes de cruzamentos de suas linhas com as estradas públicas, especialmente no Entroncamento.

não estarem calçadas, especialmente quando se trata de ruas das freguesias centrais e alegam o grande incomodo que sofrem os moradores pela quantidade de pó que levanta o tráfego de carros e carroças de condução de gêneros.²⁰⁰

Fig.nº. 35



Fonte: LAMBERG, Maurício. Recife: 1885. Foto em preto e branco. Animais carregados parados em plena avenida, no Cais do Colégio, hoje Avenida Martins de Barros. **Coleção Dona Thereza Christina Maria**. Acervo da Biblioteca Nacional.

Os cavalos têm muito valor, por servirem de transporte para as pessoas e circulam tanto na cidade que, entre as companhias de seguros existentes no Recife em 1893, há uma, na Rua Duque de Caxias, que faz seguro contra roubo de cavalos. Em 1912, com a intenção de mudar os hábitos da população no circular pela cidade, o Prefeito Eudoro Corrêa proíbe a prática da passagem dos almocreves²⁰¹ conduzindo besta ou cavalo encangalhado e neles montados pelas ruas principais da cidade e o trânsito de carregadores pelos passeios.

No abastecimento do mercado local ainda predomina o transporte de carga puxado por animais. O boi, preferido por sua força, quando se trata de tracionar muito peso, é atrelado a diversos tipo de carroças e estrados que circulam sobre

²⁰⁰ Entre os abaixo-assinados, destaca-se o de proprietários e moradores da Rua de Santa Tereza da Freguesia de Santo Antônio. **OFÍCIO nº. 7, do Presidente da Câmara para Pedro Vicente de Azevedo, Presidente da Província**. Recife, 3 de fevereiro de 1887. Fundo Câmara Municipal. CM. v. 88. p. 10,11. Ms. Apeje.

²⁰¹ Indivíduos que têm por ofício conduzem bestas e cavalos de carga.

trilhos. O boi, como animal de tração em transportes de carga, é, no Recife, amplamente utilizado nos serviços públicos de coleta de lixo, transporte de mercadorias e abastecimento de água. Em 1905, o Prefeito Martins de Barros proíbe a circulação de carroças puxadas por boi nas ruas da cidade²⁰², tendo convocado a Polícia para reprimir qualquer manifestação dos carroceiros. A proibição de Martins de Barros não surte efeito devido à resistência dos carroceiros, pois, em 1909, o Prefeito Dr. Archimedes de Oliveira Souza estipula nova data, 31 de março daquele ano, para deixarem de circular na cidade carroças sem molas e puxadas por bois²⁰³ e, em foto da Fábrica Pilar de 1912 (fig.nº. 36), o animal ocupa o primeiro plano, um pouco atrás da via férrea. Com essa imagem observamos que, embora a Rua do Areal contasse com serviço de bondes, que também transportam cargas, os donos da fábrica preferem as carroças para entregar seus produtos. Ao manterem o transporte de tração animal, como tática para diminuir os custos com a distribuição da produção, os acionistas e proprietários das fábricas reagem às alterações que os novos meios de transporte podem promover em seu cotidiano.

Fig.nº. 36



Fonte: FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. **Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco**. SNT. (Recife, 1913). p. 146. Foto, em preto e branco. Fábrica de Biscoitos Pilar de Luiz da Fonseca & Cia.

²⁰² As carroças são compridas e baixas para serem puxadas por um só animal - boi, burro ou cavalo. Ao lado delas segue o condutor a pé.

²⁰³ **EXPOSIÇÃO** que abriu a 2ª sessão ordinária o Conselho Municipal do Recife, em 15 de março de 1909 o Prefeito Dr. Archimedes de Oliveira Souza. Recife; Typografia do Diário de Pernambuco, 1909. p. 3.

O transporte de carga é propulsor de investimentos em obras como abertura de estradas, construção e restauração de pontes, que permitem diminuir o tempo dos percursos e garantem que as cargas cheguem sem dano ao seu destino. A Câmara compromete-se a calçar as ruas ao exigir que o transporte de alimentos, como as carnes-verdes, seja realizado por meio de modelos de carros por ela definidos, estipulando multa de Réis 10\$000 para a carne encontrada nas costas dos animais ou sendo transportada em carroças²⁰⁴ e aprecia a reivindicação dos donos de carros que transportam defuntos para o Cemitério de Santo Amaro de reconstrução de uma ponte naquele trajeto encaminhada pelo fiscal Victorino Arthur do Rego Farias à Municipalidade.²⁰⁵

O transporte das carnes verdes faz parte das preocupações do Prefeito Dr. Manoel dos Santos Moreira. Ele, em 1901, por ofício determina que os administradores dos matadouros do Arraial e do Cordeiro não consintam no transporte de carne para os mercados ou açougues particulares existentes, no perímetro urbano, senão em carroções para tal fim apropriado.²⁰⁶ Em 1902, o mesmo prefeito investe na reforma da Ponte da Harmonia, no Arraial, para facilitar o acesso ao matadouro.²⁰⁷ O cuidado com a salubridade leva vereadores a legislar

²⁰⁴ **OFÍCIO de João Pedro das Neves, Vice-Presidente da Câmara Municipal, ao Conselheiro Francisco Maria Sodré Ferreira, Presidente da Província.** Recife, 11 de abril de 1883. Fundo Câmara Municipal, CM. v. 81. p. 76-81. Ms. Apeje. PERNAMBUCO, Leis e Decretos. Lei nº. 1.733, de 10 de maio de 1883. **Coleção de Leis Provinciais.** Recife: Typografia de M. Figueroa de Farias e Filhos. 1882. p. 8. Artigo 1º. Seis meses depois de publicação da presente resolução, o serviço de transporte de carnes será feito somente em carros apropriados e do modelo dado pela Câmara Municipal, ficando assim proibida a condução nas carroças em que atualmente as faz, bem como em costas de animais. Artigo 2º. Os infratores pagarão multa de 10\$. Sendo 5\$ por cada vez que for carregada em outras carroças ou animal; na reincidência pagarão o dobro dessa multa.

²⁰⁵ **OFÍCIO nº. 24, de João Pedro das Neves, Presidente da Câmara, para Francisco Maria José Pereira, Presidente da Província.** Recife, de 14 de março de 1883. Fundo Câmara Municipal. CM. v. 81. p. 40. Ms. APEJE. Pedindo com urgência a reconstrução de pequena ponte na estrada para o cemitério público de Santo Amaro.. (Há um esboço da pequena ponte, p. 43) e **OFÍCIO de Victorino Artur do Rego Farias, fiscal, aos membros da Câmara Municipal.** Recife, de 23 de maio de 1885. Fundo Câmara Municipal. CM. v. 84. p. 46. Ms. Apeje. Pedido enviado pela Câmara à Presidência da Província para construção de ponte na estrada que segue para o Cemitério de Santo Amaro data de 14 de março de 1883. Já nessa data é considerada urgentíssima à reconstrução da mesma, para poder transitar os carros que conduzem cadáveres.

²⁰⁶ **EXPOSIÇÃO apresentada ao Conselho Municipal do Recife na 4ª sessão ordinária em 17 de agosto de 1901 pelo Prefeito Dr. Manoel dos Santos Moreira.** Recife: Typografia do Diário de Pernambuco, 1901. p. 14.

²⁰⁷ **EXPOSIÇÃO apresentada ao Conselho Municipal do Recife na 4ª sessão ordinária em 18 de agosto de 1902 pelo Prefeito Dr. Manoel dos Santos Moreira.** Recife: Typografia do Diário de Pernambuco, 1902. p. 10.

impondo a remoção das cocheiras ou casas de depósito de carros fúnebres do centro da cidade para outros lugares, designados pela Câmara Municipal.²⁰⁸

As campanhas sanitárias da cidade acabam por influir na ação da Câmara no que diz respeito à criação de modelos de carros e de carroças. A exigência quanto ao transporte próprio para a condução da carne verde leva a Câmara a rescindir contrato firmado com Antônio da Costa Sá, pela Lei nº. 977, de 25 de abril de 1871, para fazer a condução de carnes verdes do Matadouro da Cabanga até os mercados públicos e particulares. Em 19 de julho de 1881 é aprovada pela Presidência da Província a Lei nº. 1.607, que autoriza a Câmara a explorar, por si ou por terceiros, o privilégio do transporte da carne verde. Fixados editais para esse fim, recebe diversas propostas que são submetidas ao Vereador Comissário de Polícia. Costa e Sá, em consequência da rescisão do contrato, move uma ação contra a Câmara da ordem de Réis 51:000\$000.²⁰⁹ Tendo a Câmara pago a Antônio da Costa Sá a indenização de Réis 51:200\$000, provenientes da quebra do contrato que com ele celebrou para o transporte de carnes verdes, fica autorizada a abrir nova concorrência para a prestação desse serviço. Aberta a concorrência, são apresentadas e discutidas diversas propostas e escolhida a assinada por Antônio Rapozo. Alguns meses depois, sem que a Câmara deliberasse coisa alguma sobre a aceitação dessa proposta, nova concorrência é aberta, a partir da qual é aceita a proposta feita por Penna & Companhia.

Em 1883, na sessão de 4 de janeiro, a Câmara decide que Penna & Companhia deve comprar três carros próprios para a condução de carnes verdes e um de verduras, tomando por modelo os carros aprovados pela Câmara do Rio de Janeiro. O carro para transportar carne é coberto e fechado por grades de madeira, assentado sobre quatro rodas, com capacidade para carregar seis e meio bois. Em 10 de maio de 1883, é aprovada a Lei nº. 1.733, que dá o prazo de seis meses para que o transporte das carnes verdes seja feito apenas em carros apropriados, segundo modelo dado pela Câmara.²¹⁰ Na década de 1880, a Câmara indica, para

²⁰⁸ PERNAMBUCO, Leis e Decretos. Lei nº. 1.910, de 24 de outubro de 1888. **Leis Provinciais de Pernambuco de 1888**. Recife: Typografia de Manoel de Faria & Filhos. 1888. p. 8.

²⁰⁹ **RELATÓRIO de João Pedro Neves, presidente da Câmara Municipal para Francisco Maria José Pereira Presidente da Província**. Recife, 11 de abril de 1883. Fundo Câmara Municipal. CM. v. 81. p. 76-81. Ms. Apeje.

²¹⁰ PERNAMBUCO, Leis e Decretos. Lei nº. 1.733 de 10 de maio de 1883. **Leis Provinciais de Pernambuco de 1883**. Recife, Typografia de Manoel de Faria & Filhos, 1883. p. 8.

cada serviço ligado ao transporte de alimentação, dejetos e mortos um modelo de carro ou de carroça. Em 6 de janeiro de 1884, a Câmara Municipal informa, por ofício, ao Desembargador José Manoel de Freitas, então Presidente da Província, que só podem ser transportadas dos matadouros as carnes em carros, que as conduzam suspensas, estabelecendo o prazo de sessenta dias para todos os carros serem do modelo dado pela Câmara.²¹¹

Em 1897, o governador, chamando ao Estado a responsabilidade com o serviço de remoção do lixo de casas particulares, deixa ao município o encargo da limpeza das ruas. Nessa ocasião, a Prefeitura regulamenta o serviço, adquire material, cria um novo tipo de carroça e aumenta o número de seus veículos.²¹²

Em 1888, por meio da Lei nº.1.903 a Câmara regulamenta que lixo, cal, estrume e outras matérias, cuja condução em carros abertos possa incomodar os transeuntes, sejam transportados em carroças fechadas com tampas apropriadas, segundo o modelo por ela apresentado, de modo a não contaminar o ar nem prejudicar a saúde.²¹³ Com o tempo, são criados e impostos pelo governo à população hábitos de higiene como o de deixar vasilha de lixo à porta para entregá-la ao coletor, que circula em “carros” providos de campa que faz soar fortemente para dar sinal indicativo do serviço.²¹⁴ Carros e carroças são personalizados de acordo com o serviço. As carroças utilizadas para a remoção do lixo e de animais mortos são providas de tampa, numeradas, cobertas e pintadas exteriormente sendo a cobertura disposta de modo a receber o lixo de um lado, mantendo o outro fechado, não se permitindo encher por excesso, de modo a impedir o completo fechamento depois da coleta.²¹⁵

²¹¹ **OFÍCIO nº. 6, de Décio de Aquino Fonseca, Presidente da Câmara, para o Desembargador José Manoel de Freitas, Presidente da Província.** Recife, 6 de janeiro de 1884 Fundo Câmara Municipal. CM. v. 81. p. 191-192v. Ms. Apeje.

²¹² **MENSAGEM que ao Conselho Municipal do Recife dirigiu o Exmo. Sr. Dr. José Cupertino Coelho Cintra, Prefeito do Município, por ocasião da abertura da primeira sessão de 15 de janeiro de 1897.** Recife: Typografia d' A Cidade, 1897. p. 9.

²¹³ **PERNAMBUCO, Leis e Decretos. Lei nº. 1903 de 3 de outubro de 1888. Leis Provinciais de Pernambuco de 1888.** Recife, Typografia de Manoel de Faria & Filhos. 1889. p. 3.

²¹⁴ **OFÍCIO de Eduardo Martins de Barros, Prefeito do Recife ao Governador do Estado de Pernambuco, solicitando aprovação do Governo do Estado para resolução por ele sancionada quanto à limpeza pública, em anexo transmite cópia da Lei nº. 407.** Fundo Prefeitura Municipal. Pm. v. 6. p. 78-82. Ms. Apeje.

²¹⁵ **TERMO do contrato de arrecadação das rendas dos mercados e matadouros municipais e dos serviços de limpeza pública e urbana.** Recife, 23 de janeiro de 1902. Cláusulas 11 e 16. Fundo Prefeitura Municipal. Pm. v. 6 . p. 36-47v. Ms. Apeje.

Além da coleta, o depósito do lixo é um problema urbano. Em 1883, a Câmara Municipal do Recife nomeia uma comissão para indicar o meio mais conveniente para fazer esse depósito sem prejudicar a higiene pública, de modo a desaparecer focos de infecções que podem gerar pestes.²¹⁶ A Câmara passa a pensar em destinar lugar, de acordo com o Inspetor de Saúde Pública, para a colocação do lixo urbano, passando a proibir o depósito de lixo, trapos e ossos recolhidos pela limpeza pública na Praia de Santa Rita.²¹⁷ Em dezembro desse ano, solicita do Presidente da Província providência para cessar o depósito de lixo nas imediações do Hospital Pedro II e designa outros lugares que preservem a higiene da cidade.²¹⁸

O arrematante da limpeza pública tem que recolher, por contrato, aos cofres da Municipalidade, certa quantia, que pode perder caso se recuse a assinar o contrato e que reembolsa na assinatura do mesmo.²¹⁹ Em 1886, encontramos a Câmara, em sessão de primeiro de setembro, diante da proposta da arrematação da limpeza por paróquia. Pondera que a mesma deve ser arrematada por um ano ou mais e para toda a cidade.²²⁰ No orçamento da Câmara destaca-se, entre os itens de despesa com a limpeza pública, a conservação dos arvoredos e das praias.²²¹

Na década de 1880, a limpeza pública é ampliada em momentos de ameaça de epidemias, quando são feitos serviços extraordinários de aterro, saneamento e desinfecção.²²² Em 1883, a Câmara Municipal do Recife, sob a presidência de José

²¹⁶ **OFÍCIO nº. 118, de Décio de Aquino Fonseca, Presidente da Câmara para o Desembargador José Manoel de Fretas, Presidente da Província.** Recife, 24 de outubro de 1883. Fundo Câmara Municipal. CM. v. 81. p. 169,169v. Ms. Apeje.

²¹⁷ PERNAMBUCO, Leis e Decretos. Lei nº. 1.777, de 26 de junho de 1883. **Leis Provinciais de Pernambuco de 1883.** Recife, Typografia de Manoel de Faria & Filhos, 1883. pp. 89, 90.

²¹⁸ **OFÍCIO nº. 175, de Décio de Aquino Fonseca, Presidente da Câmara para o desembargador José Manoel de Fretas, Presidente da Província.** Recife, 5 de dezembro de 1883. Fundo Câmara Municipal. CM. v. 81. p. 175. Ms. Apeje.

²¹⁹ **CARTA de Albino José dos Santos para o Ilmo. Sr. Presidente e para os Vereadores da Câmara Municipal do Recife.** Recife, 19 de maio de 1886. Informando que na arrematação recolheu aos cofres da municipalidade a quantia de Réis 500\$000, e que precisa lavrar o contrato para poder reaver o dinheiro para cobrir as despesas com a compra do material necessário e o sustento dos animais. Fundo Câmara Municipal. CM. v. 84. p. 224. Ms. Apeje.

²²⁰ **OFÍCIO nº. 41, de Dr. Antônio de Siqueira Carneiro da Cunha Presidente da Câmara, para Ignácio Joaquim de Souza Leão, Vice-presidente da Província.** Recife, 1 de setembro de 1886. Fundo Câmara Municipal. CM. v. 84. p. 237-238. Ms. Apeje.

²²¹ **OFÍCIO nº. 79, dos vereadores para Antônio Epaminondas de Barros Correia, Vice-presidente da Província.** Recife, 11 de julho de 1883, Fundo Câmara Municipal. CM. v. 81. pp. 111,112. Ms. Apeje.

²²² Por ofício a Câmara pede mais verbas para despesas de limpeza pública e para o matadouro. **OFÍCIO nº. 68, do Dr. Antônio Augusto, Presidente da Câmara para o Conselheiro José**

Mariano Carneiro da Cunha, achando-se em pleno acordo quanto aos inconvenientes pelos quais passa a saúde pública, devido ao fato de se formar o subsolo da cidade com aterro de lixo, confecciona postura e a submete à aprovação, na qual proíbe os aterramentos feitos com lixo e determina um ponto afastado da cidade, como a Ilha do Rato, para que o mesmo seja depositado e depois incinerado ou submetido a processo químico.²²³ No entanto, a questão do aterramento com lixo não é naquela gestão solucionada, uma vez que, em 1886, o presidente da Junta de Higiene da Província²²⁴, por parecer dirigido à Câmara, denúncia que: “existem alagados, dentro do perímetro da cidade, que, por indicação da Câmara, estão sendo aterrados com lixo sem cobertura de areia ou com muita pouca espessura da mesma” e considera que a Câmara é conivente com a Companhia Recife Draynage para “o inqualificado fim de infeccionar a cidade”.²²⁵

A Câmara se defende da primeira acusação dizendo que sempre gasta com os aterramentos mesmo em detrimento da limpeza das ruas²²⁶, visto que há uma deficiência de verba destinada pela Assembléia Provincial para o asseio da cidade. Informa que o lixo para os aterramentos é transportado por carroças da Companhia Olinda e solicita a continuação do fornecimento de areia por meio de canoas para baratear os custos. Na época, a Câmara está aterrando o alagado da Rua do Hospício e diz que existe também um grande alagado entre a Travessa do Peixoto e a Rua Imperial, o alagado da Rua Fernandes Vieira, o pântano do Rosarinho, a cambôa que atravessa toda Caxangá, parte do Espinheiro e Aflitos, tornando insalubre e sujeitas a febres perniciosas toda esta região, destinada a ser preferida para moradia e convalescença, mas não tem recursos para fazer esses aterros, embora não possa deixar de indicar a necessidade de aterrar cambôas, pântanos e

Fernandes da Costa Pereira Júnior, Presidente da Província. Recife, 18 de novembro de 1885. Fundo Câmara Municipal. CM. v. 84. p. 133,133v. Ms. Apeje.

²²³ **OFÍCIO nº. 2, de José Mariano Carneiro da Cunha, presidente da Câmara, para Francisco Maria José Pereira, presidente da Província.** Recife, 5 de janeiro de 1883. Fundo Câmara Municipal. CM. v. 81. p. 2. Ms. Apeje.

²²⁴ Órgão onde atuam os comissários de higiene.

²²⁵ **OFÍCIO nº. 55, de Antônio de Siqueira, Presidente da Câmara, para Pedro Vicente de Azevedo, Presidente da Província.** Recife, 9 de dezembro de 1886. O ofício contém parecer. Fundo Câmara Municipal. CM. v. 84. p. 276 - 281. Ms. Apeje.

²²⁶ Os serviços de limpeza pública e asseio da cidade são arrematados pela Câmara Municipal em ata pública, precedendo os respectivos editais, de conformidade com a lei do orçamento vigente. Em 1886, tais serviços são arrematados por José dos Santos por um ano, pela quantia de Réis 24:931\$421. **OFÍCIO nº. 19, de Antônio Siqueira Presidente da Câmara para Ignácio Joaquim de Souza Leão, Presidente da Província.** Recife, 5 de maio de 1886. Fundo Câmara Municipal, CM. v. 84. p. 199,199v. Ms. Apeje.

alagados. Quanto à Companhia Recife Draynage, chama atenção para as cláusulas do contrato firmado pela mesma e o desejo do Presidente da Junta de Higiene de acusar a Companhia de ser a causadora de doenças na cidade. Explica que, por contrato, a Companhia não tem obrigação de conduzir o lixo das casas além do perímetro da cidade.²²⁷ Contra essa cláusula, o Presidente da Câmara já havia reclamado em relatório apresentado à Assembléia Provincial em 1885, mas a Câmara não tem o poder de, embora considerando tal cláusula imoral, alterar o contrato.

A Junta de Higiene, no que diz respeito ao lixo conduzido pela Recife Draynage, indica que este deve ser carregado em carroças fechadas para fora da cidade, a fim de ali sofrer devida incineração. Reclama, também, contra o estado de toda a galeria de esgoto da cidade, considerando que “cada sarjeta é uma chaminé de exalação intolerável” e, por isso, torna-se o principal vetor de entrada do vírus do cólera *morbis*. Em relação a essas queixas, a Câmara está pronta para tomar as medidas concernentes à proteção da cidade contra qualquer epidemia iminente, quer diretamente, quer por intermédio da Junta de Higiene. Os trabalhos da Companhia Recife Draynage são acompanhados de perto pela população, uma vez que esta tende, devido à ocorrência de epidemias, a buscar terrenos para residir no perímetro provido por esgoto. A busca de locais salubres para viver é registrada nos anúncios das casas e terrenos nos jornais da cidade. Assim o deslocamento da ocupação urbana se dá também em função do serviço executado pela Recife Draynage. Os percalços, no momento de sua instalação, são vistos com desconfiança e fiscalizados por órgãos públicos competentes.

O processo de aterros dos alagados, intensificado com o crescimento da cidade, ainda é debatido em 1888, quando a Câmara propõe lei para proibir o uso de lixo e varredura de casas e ruas para se aterrar alagados e define que tais aterros

²²⁷ A Junta de Higiene recomenda que seja carregado o lixo, produzido pela Companhia Recife Draynage, em carroças fechadas para fora da cidade, a fim de ali sofrer devida incineração, sendo esse trabalho financiado pela Presidência da Província ou pela Câmara, caso a Assembléia Provincial lhe destine recursos. No entanto, são freqüentes as queixas quanto à Companhia Recife Draynage. A Câmara remete comunicação ao Vereador Comissário de Limpeza Pública e pede expedições de ordens no que se refere à fiscalização feita na Freguesia de São José. Tendo ciência de que as carroças da Companhia Recife Draynage estão depositando o lixo da cidade, de novo, na Rua Nova de Santa Rita, o vereador se dirige ao lugar e impede a continuação do serviço. Em reposta, os carroceiros informam que têm recebido ordem do gerente da Companhia. **OFÍCIO nº. 85 de João Pedro das Neves para o Desembargador José Manoel de Freitas, Presidente da Província.** Recife, 23 de junho de 1883. Fundo Câmara Municipal, CM. v. 81. p. 126-127. Ms. Apeje.

sejam feitos com areias ou caliças resultantes das demolições dos prédios e desobstrução dos rios.²²⁸ O lixo será lançado, provisoriamente, na Praia de Santa Rita e transportado para a Ilha do Coqueiro, onde se procederá, de tempo a tempo, a incineração ou para outro lugar qualquer que a Câmara designar onde a acumulação não faça mal à higiene e possa o lixo ser aproveitado para a formação de estrume.

Em 1887, a Câmara Municipal, para arrematação da limpeza pública, recebe propostas, em carta fechada, para limpeza por freguesia, ficando o arrematante obrigado a varrer diariamente as ruas, becos, travessas, pontes, cais, enfim, toda a freguesia que arrematar e remover todo o lixo em carroças cobertas, puxadas por burros ou cavalos. Cabe ainda ao arrematante retirar toda a vegetação que nascer entre e sobre o calçamento, limpar e desinfetar os mictórios e as latrinas. O trabalho é fiscalizado pelo Governo e quando não prestado é multado, sendo a multa descontada no pagamento semanal. Nessa época, quando a arrematação e o depósito de lixo passam a ser feitos por freguesia, são os seguintes os lugares designados para neles se depositar lixo: Freguesia de Santo Antônio – Praia de Santa Rita; Freguesia da Boa Vista – Rua do Hospício; Freguesia do Recife - lado da maré pequena ao norte da Fortaleza do Brum e Freguesia de São José - nos alagados da Rua Imperial. O documento ainda determina que as ruas mais centrais e de maior movimento devem ser varridas à noite.²²⁹

²²⁸ Lei nº. 1.909, de 24 de outubro de 1888. **PERNAMBUCO, Leis e Decretos. Leis Provinciais de Pernambuco de 1888.** Recife, Typografia de Manoel de Faria & Filhos, 1889. p. 7.

²²⁹ Ruas varridas à noite: Recife - Marquês de Olinda, Bispo Sardinha, Madre de Deus, Bom Jesus, Comercio, Torres, Thomé de Souza, Mascates, Vigário, Abreu, Itaparica, Barão do Triunpho, Cais do Apolo e Brum, Largo do Corpo Santo, Largo da Alfândega, Travessa da Madre de Deus. Boa Vista - Imperatriz, Conde d'Eu, da Santa Cruz, Conceição, Barão de São Borja, Visconde de Pelotas, Visconde de Goyanna, Aurora, Visconde de Albuquerque, do Hospício, Cais do Capibaribe, Pires, Formosa e Beco dos Ferreiros, Largo da Santa Cruz. Santo Antônio - Barão da Victoria, Rosário (estreita), Rosário (larga), Imperador, Duque de Caxias, Primeiro de Março, Livramento, Direita (parte), Penha, Visconde de Inhaúma, Pedro Afonso, Florentina, S. Francisco, Sol, Marquês do Herval (parte), da Roda, Coronel Suassuna (parte), Cais dos Ramos, Cais 22 de Novembro, Largo do Paraíso, Pedro II (largo) e Praça da Independência. São José - Rua Direita (parte), Imperial, Vidal de Negreiros, Assumpção, Marquês do Herval (parte) e Coronel Suassuna (parte), Largo do Mercado, Largo das Cinco Pontas. **Ofício nº. 23, da Câmara Municipal para o Dr. Praxedes Gomes de Souza Pitanga, Presidente da Província.** Recife, 26 de março de 1887. Fundo Câmara Municipal. CM. v. 88. pp. 42, 43. Ms. Apeje. e Limpeza Pública da Cidade. **A Província.** Recife, mar. 1887. p. 3.

O cuidado com o lixo leva o Governo do Estado a aprovar, por Lei nº. 205, de 19 de novembro de 1896, crédito extraordinário para pagar as despesas das obras do forno de incineração do lixo do Recife.²³⁰ Em 1907, já está em funcionamento o serviço de incineração do lixo nos fornos instalados nos Coelhos. Naquele ano são incineradas nove milhões, oitocentos e quarenta e cinco mil, quatrocentas e cinqüenta toneladas de lixo e trezentos e dois animais.²³¹ Em 1908, está em construção o forno de incineração de Pombal.

Fig.nº. 37



Fonte: **ARQUIVOS**. Recife, Ano I, n. 2. Nov. 1942. Foto, em preto e branco. Cais da Lingüeta visto dos arrecifes.

Em 1907, o Secretário Geral do Estado atribui o pequeno desenvolvimento do comércio ao péssimo estado da navegação costeira de alta cabotagem, à falta de um ancoradouro interno para abrigar vapores transatlânticos e de um porto com recursos e elementos para um bom serviço de carga, além dos altos impostos cobrados por outros Estados sobre os produtos locais.²³² A chegada ao Porto do Recife de navios a vapor com capacidade de quatro mil toneladas, que atracam no

²³⁰ PERNAMBUCO, Leis e Decretos. Lei nº. 205 de 19 de novembro de 1896. **Leis do Estado de Pernambuco dos anos de 1896 e 1897**. Recife: Typografia de Manoel de Figueroa de Faria & Filhos, 1897. p. 4.

²³¹ **RELATÓRIO apresentado pelo Secretario Geral Dr. Elpídio de Abreu e Lima Figueiredo em janeiro de 1907**. v.1. Secretaria Geral. Recife: Typografia do Diário de Pernambuco, 1907. p. 33.

²³² **RELATÓRIO apresentado pelo Secretário Geral Dr. Elpídio de Abreu e Lima Figueiredo em 30 de janeiro de 1907**. Recife: Typografia do Diário de Pernambuco, 1907. p. 37.

Lamerão, uma vez que o embocadouro interno do porto, por ser estreito e raso, não os comporta, leva à elaboração de projeto para a reforma do Porto e aquisição de equipamentos para descarga, trabalho que, até então, tem sido feito na cabeça, ombro e costas dos trabalhadores. O fluxo contínuo de vapores obriga Companhias como a Loyde Brasileiro, a Pernambucana de Paquetes e a Pernambucana de Navegação a instalarem seus escritórios no Bairro do Recife. Em 1908, a Associação de Comércio e os empregados no comércio solicitam a construção de um porto moderno que amplie suas condições físicas e técnicas de ancoradouro pensado para naus de duzentas toneladas. Em julho de 1908, ocorrem grandes manifestações de alegria popular pela assinatura do contrato para o melhoramento do Porto do Recife.²³³ A construção é iniciada em 1910. Assim, é a necessidade de criar condições para o embarque, desembarque e circulação das mercadorias que justifica a reforma do Porto e do Bairro do Recife.

Trabalhamos os transportes de carga nessa pesquisa, porque deles dependem, em grande parte, a vida da cidade, pois é na esfera da circulação das mercadorias e da prestação de serviços que os homens adquirem as condições básicas para prover suas necessidades, criar e satisfazer seus desejos materiais. Os transportes de carga aproximam homens de diferentes condições sociais e atividades, gerando entre eles laços de apoio capazes de auxiliá-los a viver na cidade.

²³³ Há *meetings*, passeatas, telegramas congratulatórios e o dia é considerado feriado nas aulas públicas, colégios e repartições. Crônica de Pernambuco, 1908. In: **Almanach de Pernambuco para 1914**. Recife: Imprensa Industrial, 1913. p. XIII, item 2.

II A CIDADE SOB O OLHAR DA PROPAGANDA. ÁLBUM ARTISTICO, COMMERCIAL E INDUSTRIAL DO ESTADO DE PERNAMBUCO. RECIFE, 1913

O Álbum Artístico, Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco. Recife, 1913, documento suporte deste capítulo, editado por Manoel Rodrigues Folgueira & C., tem unidade local e temporal: Recife, 1913²³⁴. Os documentos que o compõem são registros, referentes do ocorrido, construção e criação de seu produtor. A cidade por ele exibida transmite uma representação de 1913, época distinta de hoje e de um lugar que guarda ainda, em alguns trechos, a mesma feição física.

A existência desse álbum nos informa que as inovações na técnica de fotografar em 1913 já criam no Recife as condições para a prática da fotografia comercial e industrial. O fotógrafo e editor é contratado pela Liga Commercial Dantas Barreto, da qual participam prestadores de serviços, comerciantes e industriais de Pernambuco que produzem o Álbum com a finalidade de distribuí-lo entre seus clientes. Manoel Rodrigues Folgueira, dedica-se a registrar fragmentos do real - fábricas, casas comerciais e de serviço, grupos de profissionais em atividade e transeuntes. De Folgueira temos apenas esse álbum, no qual ele insere seu retrato (fig.nº.38) como primeira imagem apresentada. A forma com a qual o organiza e produz as imagens, as fotografias que tira para o mesmo, a maioria carimbadas com seu nome e o texto dos seus anúncios são os elementos que nos restam para entender quem é esse homem.²³⁵

²³⁴ Nós datamos o álbum no ano de 1913 por encontrarmos nele anúncios de fatos ocorridos até 1911 e um calendário de 1913. Como na época os calendários eram publicados no mesmo ano da edição de folhinhas e almanaques, consideramos correta a datação. O álbum é escolhido por só o termos encontrado no período estudado. Fragmento de um tempo é, no entanto, rico na diversidade das atividades da cidade que apresenta.

²³⁵ Realizado levantamento de fontes bibliográficas e arquivísticas, escritas, impressas e imagéticas não encontramos outros dados sobre o fotógrafo e editor.

Fig.nº. 38



A foto de Manoel Rodrigues Folgueira revela um homem exigente no trato pessoal. No seu meio corpo, o vemos vestido na moda da época, de terno, colete, camisa de colarinho alto e gravata borboleta. Cabelo e bigode penteados com esmero. Na pose, desvia seu olhar da câmara que está nas mãos de outro fotógrafo.

Fonte: **Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco**. 1 edição. SNT. (Recife, 1913). p. 3. Foto, em preto e branco, Manoel Rodrigues Folgueira.

O álbum é realizado para fazer propaganda²³⁶ institucional e comercial.²³⁷ Nele, as empresas se anunciam por meio do nome, da marca ou de imagens dos prédios onde estão instaladas, dos donos, das máquinas. Os anúncios utilizam fotografia e texto escrito. Com essa dupla propaganda lembram ao público sua existência, procuram persuadir o consumidor divulgando a qualidade dos produtos e serviços e se propõem a criar uma receptividade duradoura para os mesmos. No álbum, a propaganda persuade pelo fato de ser informativa. Em maior parte divulga comidas, bebidas, roupas, transportes, ou seja, produtos e serviços que atendem às necessidades materiais de existência e também restaurantes, hotéis, lugares públicos onde as pessoas encontram os grupos a que pertencem para atender seus anseios sociais.

²³⁶ Harris e Seldon definem a propaganda como notícia pública destinada a divulgar informações com vistas à promoção de venda de bens e serviços negociáveis. VESTERGARD, Torben e SCHRODER, Kim. **A Linguagem da Propaganda**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 3.

²³⁷ Fábricas, como a de estopa, anunciam seu produto a outras empresas, realizando uma propaganda industrial enquanto as demais visam o consumidor individual.

A criação do álbum atesta que, em 1913, já há, no Recife, lugar para a edição de álbum de propaganda. Isso demonstra que segmentos da população vivem acima do nível de subsistência, relativamente alfabetizados, reúnem-se em lugares de encontros como os cafés onde se lê revistas e jornais, meios de comunicação que publicam anúncios diversos. Anúncios de vinhos e refrigerantes assim como de bilhetes de loterias denotam que parcela da população do Recife pode consumir o supérfluo no início do século XX, quando se forma uma classe média marcada pela modernização que deseja ter acesso às inovações técnicas e aos meios de comunicação.

As fotografias de Folgueira enquadram fachadas de fábricas, casas comerciais e de serviço, fragmentos com os quais ele constrói sua narrativa. Ordenadas, segundo uma seqüência pelo editor escolhida, as fotografias e os textos do álbum resultam num resumo de informações sobre as atividades econômicas da cidade do Recife e de cidades do interior de Pernambuco. As imagens produzidas por Manoel Rodrigues Folgueira têm uniformidade. Ele estabelece um padrão na maneira de representar estabelecimentos, seus donos e empregados no que diz respeito aos ângulos escolhidos, à luz e à disposição espacial das pessoas nas imagens.

Folgueira é responsável pelas atividades de escrever, fotografar, selecionar e organizar uma seqüência de fotos e textos que, na qualidade de editor, cria para os anúncios, capazes de gerar e difundir informações sobre o cotidiano das cidades pernambucanas e dos estabelecimentos comerciais e fabris. As imagens desse álbum se voltam para o interior e exterior dos estabelecimentos. Os interiores fotografados invadem nosso olhar como vitrines das atividades urbanas, que, por meio da reprodução fotográfica, permitem ao leitor espiá-los, visualizar artigos à venda, e, por vezes, tentar ver além, observar o trabalho ali realizado e o cotidiano de homens e mulheres de diferentes classes sociais, sonhar com um tempo em que o consumo se institui como meio de felicidade.

Construir uma narrativa a partir de um álbum de fotografias de um editor e fotógrafo é tentar primeiro desvendar o modo como o mesmo conduz seu relato e os argumentos que utiliza, perscrutar seu olhar, ver por trás da câmara o que ele observa e como fixa suas impressões na imagem. Depois, tecendo uma trama com o

fio da questão que motiva a pesquisa, o diálogo entre a tradição e o moderno, redigir texto capaz de provocar olhares e leituras diversas por parte de quem o tem nas mãos. O álbum ao apresentar fragmentos da cidade nos convida a percorrer os caminhos do olhar em duas vias: a de ida, que capta a imagem com a visão e a de volta que, por estimular a memória, cobre a imagem com os conhecimentos nela armazenados, permitindo conferir significado à imagem captada.

Diante do álbum, olhamos as imagens e formamos conjuntos por temas, atividades desenvolvidas e estabelecimentos, para observar melhor as informações por elas fornecidas e entender os sentidos das mensagens que cada uma deseja passar ao leitor. Movidos pela tensão manifesta no álbum, entre o antigo e o novo tomamos as imagens, descrevemos cada uma e escrevemos o que delas percebemos. Aos poucos, dialogando com os documentos, o trabalho toma forma, indicando seu percurso. Surgem questões para as quais apenas as imagens não podem fornecer resposta. Procuramos outros documentos, reordenamos o texto. Tecemos procurando acertar a trama, apertar os pontos, observar os desvios, por vezes afastar as linhas, preocupados em não deixar de lado o fio condutor, o diálogo entre o antigo e o moderno. Este exercício permite descobrir caminhos de criação no ato da escrita da história.

O álbum de propaganda tem por objetivo encantar o observador, apresentando imagens do progresso que a cidade vive. Suas fotografias, utilizadas como propagandas para persuadir o leitor, são acompanhadas de anúncios, textos escritos que ajudam a formar opinião sobre o estabelecimento, o produto ou o serviço apresentado. A coleção de documentos do álbum além de informar permite analisar as representações do espaço urbano, que, no início do século, está sendo alterado por reformas físicas e pela presença de novos atores sociais, profissionais que trabalham e vivem na cidade.

Na montagem do álbum, o fotógrafo escreve sua narrativa urbana. A seqüência de imagens apresenta em destaque as fachadas e o interior dos estabelecimentos, as inovações urbanas, o movimento das ruas, o olhar para a câmara. O álbum visa lembrar ao leitor o progresso econômico pelo qual a cidade passa. Patrocinado pela Liga Commercial Dantas Barreto, cujos participantes são donos das empresas nele presentes, registra tudo que está diretamente relacionado

com os interesses dos financiadores do mesmo. São esses interesses que norteiam o disparar da câmara, a seleção e a edição das imagens. As fotos têm o poder de persuasão, difundindo informações que traduzem as idéias de prosperidade e eficiência. A montagem imagem/narrativa quer provocar no leitor uma reflexão sobre o que lê e o que vê. Apresentam-se as imagens ao leitor para que possa atribuir ou não significados às mesmas, deixando o texto em aberto a sua leitura e ao confronto com o significado construído pelo autor.

O Álbum Artístico, Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco. Recife, 1913 marca como a propaganda anuncia alterações e resistências na percepção, no modo de viver, nas atividades, no gosto e nos sonhos das pessoas. A propaganda é resultado do olhar de quem a produz e seu significado é conseqüência da interpretação da imagem, do exercício de recomposição do contexto da época de sua elaboração. Olhar cruzado entre produtor e observador, nem sempre contemporâneos, em que o produtor da imagem participa por registrar, com intencionalidade, seu olhar sobre pessoas, espaços e objetos, enquanto o observador tem seu olhar dirigido para as mensagens do produtor.

A propaganda, lembrete de aspirações, anúncio de uma sociedade marcada pela transitoriedade e pela capacidade de criar o novo, de um modo geral, compreende uma linguagem que sugere a quem a vê ou a lê significados. Estabelece um compromisso ao oferecer um significado essencial ao objeto que apresenta. Seus objetivos são: introduzir hábitos de consumo, consolidar comportamentos, fomentar desejos e necessidades. Com ela, o autor tenta fixar na memória das pessoas um ponto de partida para o pensamento - atribuição de valor e para a ação – consumo. Seu poder de sedução e sua eficácia firmam-se na simplicidade com que associa sentimentos às marcas e estas aos objetos. Ao assinalar o belo, o útil e o moderno, transforma o produto que expõe em sonho urdido por um novo modo de viver.

No álbum, a unidade na forma de produzir a propaganda nos faz ver que a mesma ainda não se dirige ao consumidor de acordo com idade e sexo. É como se o consumidor fosse um só, fato que se explica pela propaganda ainda não estar sendo criada como um método de persuasão que varia conforme o produto, a classe

social, a idade ou sexo do público ao qual é destinada.²³⁸ Fotos com a presença de pai e filhos ou de parentes nos dá conta da importância da família e da tradição.

A propaganda é uma forma de comunicação pública. Ela se realiza na circulação de seus anúncios. Quanto mais atraente parecer o produto, mais as pessoas querem adquiri-lo e menor é o tempo entre a produção e o consumo do mesmo.²³⁹ O anúncio, mensagem de propaganda, pontual, fragmentário é um dos sintomas dos tempos modernos e ocupa no espaço urbano a linha do olhar da população.²⁴⁰ Em 1913 ainda é, em sua maioria, sobretudo um texto. No álbum, encontram-se anúncios classificados e ilustrados com gravuras e fotografias.²⁴¹ Todos ocupam página inteira, com o mesmo tamanho, circundados por desenhos, um para cada tipo de anúncio, a fim de chamar atenção dos leitores para os ambientes e prédios, onde os produtos são fabricados e os serviços realizados, e para descrever, em detalhes, as qualidades dos estabelecimentos, dos produtos e serviços prestados. Alguns anúncios reúnem texto e imagem, assemelhando-se a classificados.²⁴² Uns poucos já sobrepõem a imagem ao texto. Síntese do bem oferecido, o anúncio indica a qualidade e os benefícios de produtos e serviços e estabelece uma ligação direta entre o produtor e o consumidor por meio da mensagem que vincula. Sua função é a de personalizar as mercadorias, associando a imagem ao texto e ao tipo de letra, assim como aos sentimentos, valores, códigos morais, condutas e desejos.

²³⁸ No final do século XX, espera-se que o método de persuasão da propaganda varie conforme a idade o sexo e a classe social do provável comprador Segundo VESTERGAARD, Torben e SCHHODER, Kim, **A Linguagem da Propaganda**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 14.

²³⁹ Sobre a circulação das mercadorias ver MARX, Karl. **O Capital**. Crítica da economia política. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975. v.I, partes I-II.

²⁴⁰ Durante todo o século XIX, a imprensa publica anúncios de caráter pessoal como os de venda de escravos. No final do século começa a circular anúncio de caráter pessoal.

²⁴¹ Anúncios redigidos como editoriais circulam em jornais e almanaques da cidade como o intitulado Nova de Reclamo Comercial, de Jayme de Silveira, publicado no **Almanaque de Pernambuco**. Recife: Imprensa Industrial, 1912. pp. 6,7 que conta a história do ladrão. O cidadão ao chegar a sua casa encontra um mascarado em sua porta e estabelece com ele uma conversa em que o ladrão o informa que só penetra em sua casa por não ter ele ainda instalado uma campainha de alarme que a casa M. J. & C. patenteia e põe à venda há quinze anos. Vale ainda observar a oralidade desse anúncio, recurso já utilizado na época.

²⁴² O classificado informa os segmentos interessados do público sobre a existência de algo disponível por certo preço. Segundo VESTERGAARD, Torben e SCHHODER, Kim, **A Linguagem da Propaganda**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.p. 4. No álbum de 1912, além de compor página inteira, traz informações diversas sobre o produto, o estabelecimento e seus donos.

O texto dos anúncios apresenta uma forma particular de comunicação. Transmite por meio da linguagem um significado que se refere ao produto e ao serviço, emitido pelo anunciante e transmitido para os receptores do texto, pelo álbum, que, no caso, serve de canal entre seu emissor e os receptores do mesmo. Em alguns anúncios, como o dos sapatos *Clark*, o nome do produto é escrito em letras características, que acabam por simbolizá-lo, conferindo-lhe identidade. Os anúncios, no geral, cumprem a função de informar aos leitores sobre dados da firma ou do produto. A linguagem é diretamente voltada para o receptor e se destina a influenciar atos, atitudes e idéias deste, tentando convencer e aconselhar o mesmo quanto as suas escolhas. Cartazes, letreiros, propagandas, rótulos e fotografias reunidos no álbum registram a importância da imagem como suporte e veículo do ideal de modernidade, num espaço em que a população se divide entre o assombro diante do novo e costumes, hábitos e formas de ver o mundo há muito introjetadas.

Selecionamos as imagens de um álbum por se tratar de uma série documental cujas informações são condensadas com o objetivo de passar para o leitor uma idéia da vida nas cidades, por onde Folgueira anda e fotografa construindo uma memória de seus espaços. O álbum permite, além de analisar a obra do fotógrafo, estabelecer o diálogo entre o moderno e a tradição presentes nos referentes das imagens ali apresentadas, num momento da história do Recife e de cidades do interior de Pernambuco quando o avanço técnico da câmara fotográfica já possibilita fotografar paisagens e interiores.

A produção de álbuns no final do século XIX e início do século XX²⁴³ atesta o fato de já haver sido criado mercado para esse tipo de edição. Alguns dos álbuns produzidos no Brasil contam com financiamento dado pelo Governo, que quer registro de suas obras, ou por casas comerciais, que desejam atrair o público, patrocínio que leva o profissional a registrar com a câmara aquilo que é do interesse de quem paga seu trabalho. Nessas condições, o olhar mediador do fotógrafo é encontrado na maneira como a foto é realizada, na representação dos papéis sociais, na disposição espacial das pessoas e objetos na imagem. As cidades,

²⁴³ A Casa Leuzinger, do Rio de Janeiro, é a primeira editora a sistematizar a produção de panoramas e paisagens, publicando, por volta de 1865, um catálogo com trezentas e trinta e sete vistas de diferentes cidades brasileiras. Nesse mesmo ano edita também álbum contendo quarenta fotografias de Albert Frisch. VASQUEZ, Pedro Karp. **Fotógrafos Alemães no Brasil no Século XIX**. São Paulo: Metalivros, 2000. p. 23.

espaços de mudanças nas relações sociais, lugar de absorção das inovações tecnológicas, do comércio e da produção de mercadorias são os locais mais fotografados. Nelas transitam e estabelecem *atelier* diversos fotógrafos. Alguns publicam álbuns de família, de grupos profissionais e de cidades.²⁴⁴

Nas páginas do álbum de Folgueira, o predomínio da propaganda em forma de texto e de fotografia anuncia uma mercadoria singular que vale por ser um meio de despertar desejos, criar necessidades e estimular o consumo. Nele, as imagens são representações do vivido, dos hábitos, dos encontros, dos lugares que reúnem as pessoas e que, de certa forma, têm influência na vida de uma área muito mais ampla que os limites físicos do Recife. O raio de influência do Recife observado a partir das cidades apresentadas no álbum chega ao interior do Estado - cidades da Zona da Mata e do Agreste, como Quipapá, Canhotinho, Pau d' Alho, Limoeiro, Palmares, Vitória, Gravatá, Bezerros, Caruaru e Garanhuns, as quais têm seus dados geográficos e econômicos apresentados assim como seus principais estabelecimentos.

No álbum, as fotos das fachadas dos sobrados (fig.nº. 39) apresentam platibanda tão em uso no estilo eclético, elementos decorativos como pêras, estatuetas, gradis em ferro nas sacadas, portões de ferro, portas e janelas duplas, uma em vidro outra em veneziana. Nos interiores das construções é freqüente o uso de papel de parede com frisos, largamente utilizado na época.

²⁴⁴ Vistas do Recife tiradas nos anos de 1850 por Augusto Stahl são reunidas no álbum Memorandum Pittoresco Offerecido a S. M. I, o Sr. Dr. Pedro II pelo Instituto Photographico de Stahl & C. como informa Kossy, Boris. **Dicionário Histórico-Fotográfico Brasileiro**. Fotógrafos e Ofícios da Fotografia no Brasil (1833-1910). p. 302.

Fig.nº. 39



Fonte: FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. **Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco**. SNT. (Recife, 1913). p. 70. Foto, em preto e branco. Fachada do sobrado da Fabrica de Tintas H. Costa situada na Rua Visconde de Camaragibe (antiga Rua do Hospício) nº. 79A.

No álbum, não constam imagens dos casebres de taipa cobertos de palha, que se espalham nos subúrbios e margeiam as beiras dos rios, dos cortiços escondidos em ruas dos bairros centrais e das casas de operários, ao redor das fábricas. Assim, não é de estranhar que, numa cidade em que o recenseamento de 1913 constata a existência de vinte mil mocambos, o que equivale a 43% das habitações locais, nenhum deles macula as idéias estéticas sobre a cidade que o fotógrafo quer assinalar. Relatar o aspecto físico e a vida no interior dessas residências requer, portanto, percorrer outras fontes, produzidas por pessoas menos apegadas ao lado estético da vida ou ao trabalho contratado.

No ambiente urbano, a propaganda, mercadoria que visa divulgar informações com objetivo de promover bens e serviços, atua como notícia, serviço meio, pertencente a todos, que atinge velozmente seus destinatários. Fixa nas paredes das edificações e dos transportes, impressa em jornais, almanaques e álbuns, suas informações, na medida em que a população circula por espaços públicos, tomam, aos poucos, lugar nas conversas de pessoas ávidas por entenderem e se apropriarem das transformações ocorridas em seu cotidiano com o advento das inovações técnicas.

Fig.nº. 40



Fonte: FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. **Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco**. SNT. (Recife, 1913). p. 104. Foto, em preto e branco. Depósito da Fazenda Serra Grande. Observar no centro do grupo de pessoas, ao lado do dono, de terno e gravata borboleta, a presença de caixas de bebidas na porta, e sobre elas a mão do funcionário.

A propaganda, nas fachadas dos edifícios (fig.nº. 40), carrega seu peso nos letreiros, que ocupam, quase sempre, as platibandas e, às vezes, a área acima das portas. Num país em que, no início do século XX, apenas 18,5% da população é alfabetizada²⁴⁵ e numa cidade em que, aproximadamente, 2% da população frequenta as escolas de primeiras letras, fazer propaganda é um desafio.²⁴⁶ O número de pessoas que a propaganda atinge é bastante incerto, mas, se a maioria da população não sabe ler, é capaz de guardar os signos, os desenhos das letras e associá-los aos produtos, de modo que a presença cotidiana da propaganda na cidade acaba afetando, pela leitura da escrita ou da imagem, consciências e comportamentos.

²⁴⁵ Flora Sussekind chama atenção para o percentual de 25,5% apresentado por Sônia de Conti Gomes em *Bibliotecas e Sociedade na Primeira República*: Brasília, INL, 1983. SUSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo de Letras**. Literatura, técnica e modernização no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 73.

²⁴⁶ ANEXO 4 - **Estatística Escolar de 1906**.

Fig.nº. 41



Fonte: FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. **Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco**. SNT. (Recife, 1913). Capa do Álbum.

Destinado à parcela consumidora da população o Álbum Artístico, Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco, editado por Manoel Rodrigues Folgueira & C. (fig.nº. 41), é um documento que apresenta, com suas reproduções fotográficas e anúncios de lojas comerciais, manufaturas, fábricas e serviços, notícias sobre a economia e as relações sociais na cidade. Esse documento contém informações que vão do nome dos proprietários às relações de trabalho estabelecidas. Nele, o fotógrafo Manoel Rodrigues Folgueira enquadra com sua câmara espaços públicos, comerciais, manufatureiros, mostrando artigos, atividades, fachadas de edifícios, interiores, proprietários, empregados, vitrines, máquinas, móveis que, na época, é capaz de provocar o olhar da população sobre sua cidade, seus costumes, novos produtos e serviços em voga.

As fotografias da cidade fornecem ao espectador fragmentos da história do próprio fotógrafo, seu grau de profissionalização, sua relação com a técnica, a forma como percebe a ação da propaganda moldando o gosto e a sensibilidade das pessoas. O fotógrafo está à frente da cena naquela região que não fica registrada, mas que é contemplada pelas pessoas fotografadas (fig.nº.42). Em torno dessas

peças ele enquadra e dá relevo, pela posição e luz, ao referente da imagem em torno do qual organiza a representação.

Fig.nº. 42



Fonte: FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. **Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco**. SNT. (Recife, 1913). p. 140. Foto, em preto e branco. Fachada da *Victoria Store* onde vários homens nas calçadas posam. Ao fotografar pessoas paradas nas ruas à espera do *clic*, o fotógrafo nos desperta com ecos do ritmo urbano.

Do estranhamento diante do daguerreótipo²⁴⁷ ao povo fazer pose para o fotógrafo se passam décadas. Em meados do século XIX, as cidades são tomadas por tema principal das fotografias. Nessa época, muitos fotógrafos europeus chegam ao Recife, onde, carregados de equipamentos e deslumbrados com a luminosidade, fotografam a natureza, as pessoas e a cidade. No final desse século, cidades como o Recife se ligam ao movimento geral de mercadorias, capitais e pessoas. Produtos fabricados na cidade, especialmente alimentos, ganham o mercado internacional, enquanto fábricas e serviços locais importam matérias-primas, máquinas e mão-de-obra especializada.

A Fábrica Tenda do Saraiva divulga que entre as matérias-primas com que trabalha destacam-se madeiras de qualidade e couros importados da Rússia. A referência à matéria-prima vinda de um país distante relaciona sua produção com a do resto do mundo. A Fábrica de Cigarros Águia de Ouro, de Pinto & C. envolve o

²⁴⁷ O daguerreótipo fornece uma única imagem, não reprodutível. A primeira fotografia tirada com ele no Recife data de 1851. Foto de Charles de Forest Fredericks tirada do farol, na entrada do Porto do Recife.

fumo em papel de seda importado da fábrica de Maurice Máxime Labin, estabelecida em Viena, Áustria, com sucursais em Praga, Londres e Paris. Em 1913, essa fábrica lança a marca 50 francos, cigarro que tem pronta aceitação por ser feito com fumo de Havana.

Utilizados cada dia com mais freqüência, os anúncios presentes nos álbuns, almanaques, revistas e jornais, fachadas de lojas e muros chamam atenção dos pedestres e geram trabalho para fotógrafos, desenhistas e editores. No álbum de Folgueira são informados os endereços, os nomes das firmas e dos donos; a qualidade dos produtos, reforçada pelos prêmios adquiridos nas feiras nacionais e internacionais, o volume e a diversidade da produção.

Anúncios do Álbum registram a participação de fábricas nas mostras internacionais (fig.n.º43), financiadas e organizadas pelos governos, com o objetivo de apresentar ao público os produtos lançados no mercado, aproximar o consumidor de objetos e gêneros até então desconhecidos e apresentar marcas e produtos.

Fig.n.º. 43

Fabrica de Doces M. B. (Marca Peixe)
PROPRIEDADE DO CORONEL CARLOS FREDERICO XAVIER DE BRITTO
 Situada na importante cidade de Pesqueira ————— Iluminada a luz electrica

Este grande estabelecimento é movido por um motor de força de 111 cavallos, que acciona parte do estabelecimento. Nos diversos certamens a que tem concorrido, tem obtido as seguintes classificações:

Grande premio na Exposição Nacional de 1908; Grande premio na Exposição Internacional de Bruxellas de 1910; 1.º premio de (Honra) na Exposição Municipal do Recife em 1911; Diploma de honra na Exposição Internacional do Centenario da Republica Argentina em 1911; Grande premio na Exposição de Turim em 1911.

A produção diaria deste importante estabelecimento industrial é de 30.000 kilos por dia, tendo capacidade para 40.000 kilos, occupando a actividade de 221 operarios.

Especialidades de sua Produção

DOCES EM MASSA.—Araçá, Goiaba branca, Goiaba vermelha, Banana e Imbú. **DOCES EM CALDA.**—Goiaba branca, Goiaba vermelha, Cajús e Figos. **COMBOTAS DE FRUCTAS.**— Abacaxis, Imbús e Mangas. **DOCES SECCOS.**— Cajús chrystalisados.

Massa especial de tomates, Castanhas confeitadas, Cajú ralado e Gélea de Goiaba
 Deposito da Fabrica: Rua 15 de Novembro, 17— Recife-Pernambuco
 Todos estes productos são encontrados á venda nas principaes Mercearias.

Fonte: FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. **Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco**. SNT. (Recife, 1913). p. 151. Anúncio da Fábrica de Doces M. B. Marca Peixe.

Como afirma Olga Brites (2000, p. 259) “a participação dos artigos nas feiras é forma de propaganda da marca”. Com os prêmios angariados, os produtos da marca Peixe demonstram ser reconhecidos no mercado internacional, fato que

assegura a qualidade dos mesmos e facilita sua aceitação no mercado nacional. A Fábrica de Doces M. B. Marca Peixe recebe o Grande Prêmio na Exposição Nacional de 1908; o Grande Prêmio na Exposição Internacional de Bruxelas de 1910; o Prêmio de (Honra) na Exposição Municipal do Recife de 1911; o Diploma de Honra na Exposição Internacional do Centenário da República Argentina de 1911 e o Grande Prêmio na Exposição de Turim em 1911.

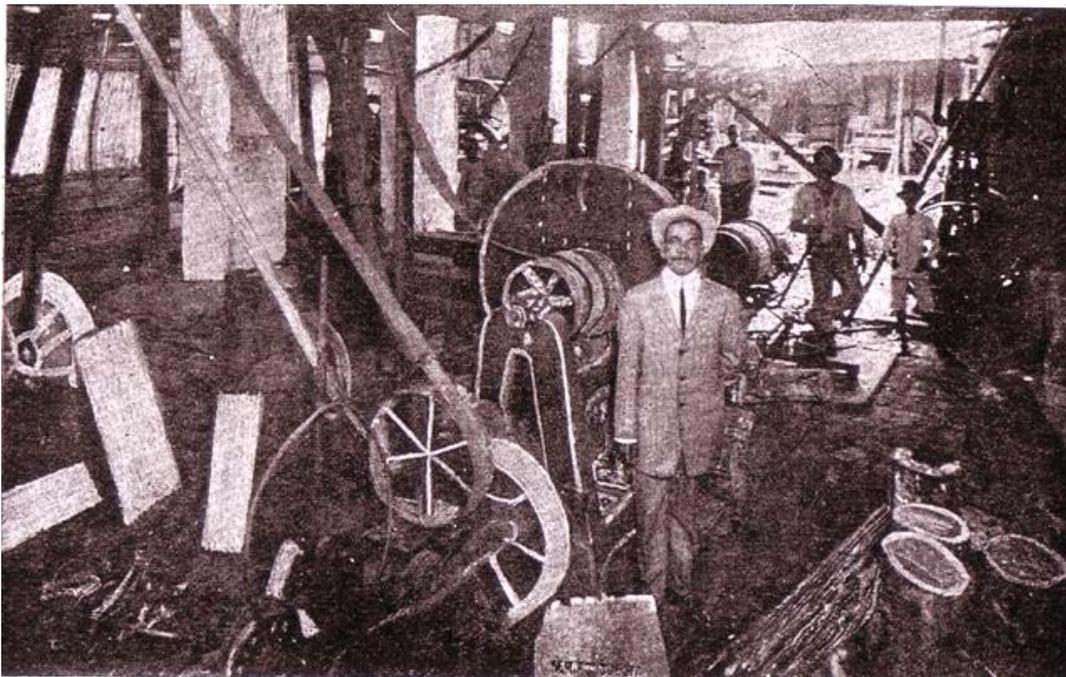
Algumas firmas divulgam, além da participação, a premiação em exposições nacionais e internacionais para assegurar à população a qualidade dos seus produtos: a Progridior faz notar o fato de ter sido premiada nas exposições de Paris, São Luiz, Rio de Janeiro, Bruxelas e Turim; a Fábrica a Vapor de Biscoitos Confiança²⁴⁸ destaca o Diploma de Honra com que foi agraciada na Exposição Internacional de Turim de 1911.

Nos primeiros anos da República, a diversificação das fábricas e indústrias, abertura de sete novos bancos e o aumento do número de estabelecimentos comerciais estimula a migração para o Recife e amplia o mercado consumidor de bens e serviços. A cidade vive, então, um momento de pequena divisão de trabalho e pouca especialização da produção nos estabelecimentos locais. As fábricas ora concentram sua atividade num mesmo gênero de produtos, como a Progridior que produz bebida, ora diversificam sua produção, fabricando diversos tipo de objetos, de “carros” ou carrocinhas de mão para transporte de materiais de limpeza pública e demais serviços até tamancos, como faz a Fábrica a Vapor Tenda do Saraiva.²⁴⁹

²⁴⁸ A Fábrica a Vapor de Biscoitos Confiança pertence a Gomes & Companhia. Situada na Rua da Imperatriz nº. 41 tem por endereço telegráfico carinhosa, telefone nº. 536 e ainda conta com depósito na Rua da Detenção nº. 27. **Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco**. SNT. (Recife, 1913) p. 76.

²⁴⁹ A Tenda do Saraiva encontra-se instalada na Rua da Detenção nº. 22, telefone nº. 392. Seu nome Tenda provém do fato de ser, então, utilizado como sinônimo de oficina. **Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco**. SNT. (Recife, 1913) p. 76. p. 10.

Fig.nº.44



Fonte: FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. **Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco**. SNT. (Recife, 1913). p. 10. Foto, em preto e branco, do dono da Fábrica a Vapor Tenda do Saraiva entre máquinas.

Manoel Rodrigues Folgueira, ao montar seu álbum, ao mesmo tempo em que produz uma série de imagens da cidade, apresenta cada firma de modo particular, destacando, na imagem e no texto, aquilo que a distingue das demais. Os anúncios do álbum ao lado das fotos acrescentam dados e atributos à firma apresentada. Informações como os endereços nos indicam as áreas que começam a se definir por suas atividades²⁵⁰, como as ruas dos bairros de Santo Antônio e da Boa Vista, onde já predomina o comércio a varejo. Os endereços permitem ainda visualizar por onde as pessoas se movem, as áreas urbanas e suburbanas onde estabelecem sociabilidade.

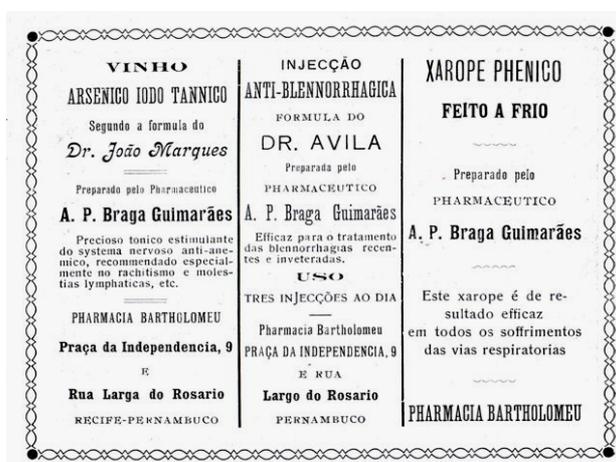
No âmbito do privado, a saúde da população é procurada nas farmácias, ramo promissor do comércio recifense. As farmácias presentes no álbum apresentam-se como lugar de vender e fabricar remédios e aviar fórmulas. Em seus espaços interiores, organizados para o desempenho das tarefas de vender e

²⁵⁰ No período em estudo, algumas medidas são tomadas para definir o uso de áreas da cidade. Entre outras, a Lei nº. 1. 777, de 1883, proíbe o depósito de lixo na Praia de Santa Rita. **Leis Provinciais do Ano de 1883**. SFR p. 89, enquanto a Lei nº.1.910 de 24 de outubro de 1888, remove do centro as cocheiras ou casas de depósito de carros fúnebres **Coleção das Leis Provinciais de Pernambuco, sancionadas no ano de 1888**. Recife, Typografia de Manoel de Figueroa Faria e Filhos, 1888. p. 8.

manipular drogas se destaca a figura do farmacêutico entre frascos e meninos empregados como caixeiros. Espaço organizado, limpo, bem iluminado, com móveis embutidos e balaustrada definindo a área de circulação do freguês, tem, como símbolos do moderno, a caixa registradora e o relógio de parede, ambos com seus sons e movimentos característicos, os quais mais que máquinas são objetos de decoração e fetiche.

Na Pharmácia Bartolomeu²⁵¹(fig.nº.45) do farmacêutico A. P. Braga Guimarães o cliente, no caso de tratamento de blenorragia, pode tomar, três vezes ao dia, uma injeção, fórmula do Dr. Ávila, preparada pelo dono; comprar Xarope Phenico, feito a frio pelo mesmo farmacêutico para os sofrimentos das vias respiratórias e adquirir tônicos como o Vinho Arsênico Iodo Tannico, fórmula do Dr. João Marques, estimulante do sistema nervoso, antianêmico, recomendado especialmente no raquitismo e moléstias linfáticas.²⁵² O nome do médico no anúncio associado à fórmula lhe atribui valor, confirmando a qualidade do produto.

Fig.nº. 45



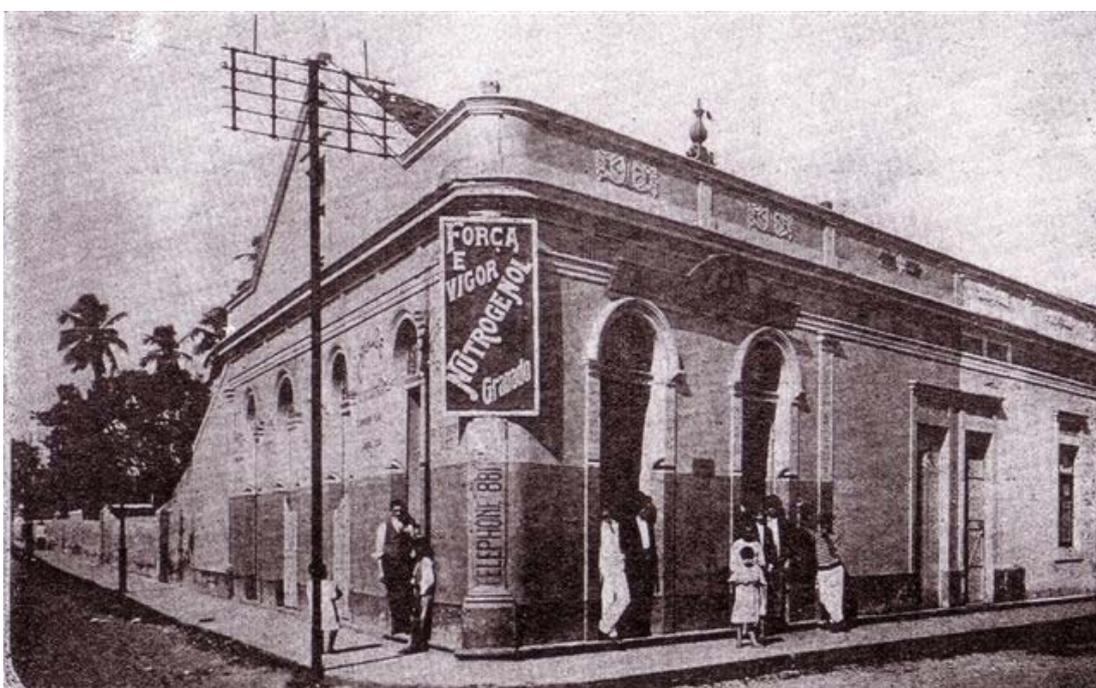
Fonte: FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. **Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco**. SNT. (Recife, 1913). p. 9. Anúncio da Pharmacia Bartholomeu. Texto dividido em três colunas utilizando tipos de letras diferentes. p. 9.

²⁵¹ A Pharmácia Bartolomeu, do farmacêutico A. P. Braga Guimarães, fica na Praça da Independência nº. 9.

²⁵² A propaganda de remédio é criada para o doente. Como na época, hoje raramente encontramos anúncio que estimule a prevenção de doenças, a única exceção são os anúncios da Emulsão de Scott, ou Óleo de Fígado de Bacalhau, veiculado no Jornal do Recife desde o início do século XX que promete "levantar as defesas orgânicas". Medicina do Século. **Jornal do Recife**. Recife, 14 de ago. 1901. p. 4. Sobre a Emulsão de Scott, ver **Emulsão de Scott**, trabalho de graduação em história pela UFRPE de Plínio Marcos do Vale Rodrigues. 2007.

A Pharmacia Santo Antônio de Leovigildo Souto Maior, instalada na Rua Largo do Rosário nº. 409, recebe produtos químicos diretamente da Pharmacia Central de Paris e possui variado sortimento de ampolas e especialidades farmacêuticas modernas tanto nacionais como estrangeiras. Sua propaganda garante prontidão no aviamento das receitas, exigência dos novos tempos. Pelos anúncios publicados no álbum percebe-se que muitos dos remédios consumidos são feitos na cidade por médicos e farmacêuticos locais. O manipular das fórmulas por quase todas as farmácias demonstra certa independência na fabricação dos remédios.

Fig.nº. 46



Fonte: FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. **Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco**. SNT. (Recife, 1913). p. 64. Foto, em preto e branco. Fachadas da Pharmacia Triumpho, com cartaz e número do telefone escrito na parede.

Entre os remédios procurados encontra-se: xarope antiasmático, xarope depurativo, comprimidos vermífugos, vinhos nevrostênicos e a já famosa Emulsão de Óleo de Fígado de Bacalhau. Em funcionamento na época no Largo da Encruzilhada nº. 32, a Pharmacia Triumpho, Casa Especialista em Drogas e Produtos Chimicos Durval Selva & C., é fabricante e depositária de todos esses produtos, o que anuncia a qualidade do serviço fora dos bairros centrais da cidade. Essa farmácia também inaugura a propaganda de remédios. Na tabuleta, presa em sua parede de esquina, o transeunte pode saber que o remédio Nutrogenol dá força

e vigor (fig.nº. 46). Essas informações distribuídas pelos espaços em que a população circula formam opinião e repercutem no cotidiano.

Folgueira, no exercício de desvendar a vida na cidade, ajusta seu trabalho à necessidade de apresentar os diversos produtos e serviços. No álbum, formata as páginas conservando um ritmo na disposição das fotos, propaganda e texto. Cria anúncios voltados para divulgação de mercadorias e, por fragmentos, nos deixa espiar a cidade, guardando os limites da técnica disponível e de sua imaginação produtora. Com a máquina e o lápis rabisca também seu perfil, deixando indícios de seu temperamento e de seu ponto de vista acerca das imagens que enquadra.

Fig.nº. 47



Fonte: FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. **Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco**. SNT. (Recife, 1913). p. 59. Anúncio da Fabrica e Loja de Velas de Cera. Desenhos e letras com tamanhos e formas diferentes destacam o nome dos donos e do estabelecimento. O texto revela o uso nas mulheres mortas de coroas e grinaldas.

No início do século XX, a cidade cresce e as comunicações entre seus habitantes e entre esses e o resto do mundo são feitas por telefone²⁵³ e pelo correio. Alguns já utilizam caixa postal.²⁵⁴ Os três dígitos das caixas postais e dos telefones informam que o uso dos mesmos começa a ser difundido.²⁵⁵ A cidade também conta com o telégrafo. Nessa época, o endereço telegráfico recebe nome. Carinhosa é o da Fábrica a Vapor de Biscoitos Confiança de Gomes & Companhia.

Fig.nº. 48



Fonte: FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. **Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco**. SNT. (Recife, 1913). p. 77. Anúncio da Fábrica a Vapor Confiança.

O telefone e o telégrafo provocam mudanças no modo das pessoas se relacionarem. Elas já não precisam estar diante das outras para passar informação, tirar dúvidas ou externar sentimentos. A rapidez na circulação das notícias imprime um novo ritmo na vida dos habitantes da cidade. Tais serviços, aos poucos, criam um novo tipo de linguagem, telegráfica, concisa, em que há o exercício da síntese,

²⁵³ A H. Costa, fábrica de tintas especiais possui o telefone nº. 627. O decreto do Governo Imperial nº. 8.543, de 11 de março de 1882, estabelece as bases para a concessão de linhas telefônicas em todo o país. As linhas telefônicas, assim como as telegráficas, são do domínio exclusivo do Estado, cabendo assim apenas ao Governo Imperial concedê-las para o uso particular das localidades. **Ofício nº. 200 de Francisco A. Leal, Engenheiro Chefe para José Liberato Barroso, Presidente da Província**. Recife, 19 de junho de 1882. Fundo Obras Públicas, OP. v. 66. p. 482. Ms. Apeje.

²⁵⁴ A Fábrica Progredior, de Cardoso Soares & C., situada na Rua Visconde do Rio Branco, nº. 75 tem por endereço a Caixa Postal nº. 154.

²⁵⁵ A luta pela posse de empresas de comunicação já tem registro em 11 de abril de 1907, quando o **Jornal Pequeno**, sob o título O Grande Escândalo - O Telefone - Lei nº. 464, publica um artigo que trata do arrendamento da empresa sem concorrência ao Sr. Luis Pereira de Oliveira Farias, gerente do Jornal do Recife. O fato é tema de querela violenta pela imprensa entre os redatores do Jornal do Recife, Dr. Oswaldo Machado e Trajano Chacon de um lado e, de outro, os Drs. Turiano Campello, Virgilio Marques e Carneiro Vilela da Redação da Gazeta do Norte e o deputado estadual Dr. Godoy.

da objetividade e uma nova forma de relação entre produtores e consumidores.²⁵⁶ O pouco acesso das pessoas a tais serviços dá a idéia de que o ambiente urbano apenas está exercitando os primeiros passos na direção da modernização nesse setor, mas a existência do telégrafo e do telefone dinamiza as relações, marcando a vida pela brevidade das comunicações.

Fig.nº. 49



Fonte: FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. **Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco**. SNT. (Recife, 1913). p. 58. Foto, em preto e branco. Observar o cuidado do fotógrafo em enquadrar apenas os três sobrados onde funciona o estabelecimento.

A iluminação pública a gás altera a forma de viver da população, prolonga o tempo da vida social da cidade e possibilita que atividades comerciais e de serviços, antes exercidas apenas de dia, sejam executadas no período noturno, ampliando o tempo de vida pública da população. Os lampiões de rua aparecem sempre no primeiro plano das fotografais (fig.nº. 49), fixos a um pé de ferro e dispostos a distâncias regulares nas ruas centrais e encontram-se, com freqüência, instalados nas quinas dos sobrados nas ruas mais afastadas do comércio.²⁵⁷

²⁵⁶ Sobre o telégrafo no Brasil, ler MACIEL, Laura Antunes. Cultura e Tecnologia: a constituição do serviço telegráfico no Brasil. **Revista Brasileira de História**. Ciência e Sociedade. São Paulo: ANPUH/ Humanitas Publicações. v. 21, nº. 41, 2001. p. 127-144.

²⁵⁷ Sobre a iluminação a gás em Pernambuco ler de Maria do Amparo Pessoa Ferraz. **O Gás em Pernambuco**. Breve História da utilização do Gás a partir do séc. XIX. Recife: Copergás, 2001.

As diversas solicitações dos recifenses de expansão da iluminação pública, não asseguram, no entanto, que o serviço seja bem aceito pela população. Em 1889, ofício dirigido pelo gerente da empresa de gás à Repartição de Obras Públicas informa “na noite de sábado último, alguém quebrou, propositadamente, os vidros de dezesseis lampiões nas Estradas de João de Barros e Espinheiro, fato prejudicial à empresa e ao público”²⁵⁸ e solicita que o Órgão recomende à autoridade local, por meio do Chefe de Polícia, que descubra o autor do crime. Assim, aparece no ambiente urbano um novo tipo de crime contra a infra-estrutura instalada paga pela população, sem opção de escolha. É a modernização alterando e, por vezes, punindo o comportamentos.

A marca de produtos, iluminada pelos lampiões, afixada nas paredes, impressa em rótulos e embalagens, é cuidadosamente criada. Formas, contornos, desenhos e letreiros são personalizados. Algumas marcas são encomendadas na Europa como os rótulos Fábrica de Cigarros Águia de Ouro, de Pinto & C..²⁵⁹

A Fábrica Zenith²⁶⁰, ligada diretamente à agricultura, divulga seus produtos com anúncios.²⁶¹ Em seu cartaz, inspirado na *art-nouveau* (fig.nº. 50), aparece o Capibaribe, a Rua da Aurora e, sobre ela, dominando o centro da imagem, acima dos prédios, uma mulher segura uma caixa na qual está escrita a letra z e no interior da letra encontram-se as seguintes palavras: café moído puro. Rio, cidade, mulher e caixa estão emoldurados por ramos de café tendo em cima o nome da fábrica.

²⁵⁸ OFÍCIO nº. 160. de Francisco A. Leal, Diretor Geral, para o Cel. José Cerqueira de Aguiar Lima, Governador do Estado. Recife, 2 de dezembro de 1889. Fundo Obras Públicas. OP. v. 76. p. 283. Ms. Apeje.

²⁵⁹ A Fábrica de Cigarros Águia de Ouro, de Pinto & C., fica na Rua do Hospício, nº. 4, telefone nº. 107.

²⁶⁰ A Fábrica Zenith, de Durões, Cardozo e Companhia fica na Rua João do Rego nºs. 18 e 20. Endereço para telegramas: caixa postal nº. 182. Telefone nº. 147.

²⁶¹ A importância da indústria alimentícia pode ser atestada pelo número de anúncios produzidos na época.

Fig.nº. 50



Fonte: FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. **Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco**. SNT. (Recife, 1913). p. 66. Foto, em preto e branco. Anúncio da Fabrica Zenith.

Lugar de letreiros, as fachadas dos edifícios são utilizadas intensamente para chamar atenção dos transeuntes para a finalidade dos mesmos. Nelas constam o nome do estabelecimento, a data de sua construção, o endereço e, em alguns casos, desenhos anunciando as especialidades e os mais novos produtos. Letreiros, imagens com letreiros, produtos do desejo de modernização (fig.nº. 51), assinalam os lugares da cidade, gerando o que Susan Sontag (2004, p.105) denomina de paisagem-segunda, paisagem de imagens, paisagem técnica que insere no cotidiano da sociedade o moderno.

Fig.nº. 51

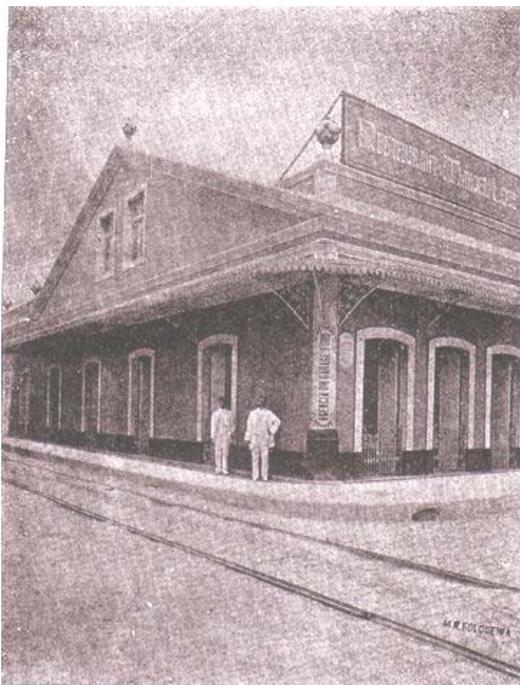


Fonte: FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. **Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco**. SNT. (Recife, 1913). p. 40. Foto, em preto e branco. Fachadas e laterais da Fábrica a Vapor Progridior. Letreiros e painéis com desenhos de frutas com as quais são fabricadas as bebidas ocupam as paredes.

Os letreiros marcam no interior dos prédios as divisões em seções. As fotos de interiores assinalam a necessidade ainda presente de fazer chegar ao consumidor os espaços e as etapas da produção para vender uma marca. Em alguns estabelecimentos como o Restaurant Manoel Leite encontra-se letreiro em madeira, tabuleta afixada acima da parede, peça dissociada do corpo do edifício, ainda utilizada em nossos dias. Nesse mesmo restaurante a quina de confluência das duas fachadas é tomada como espaço de anúncio vertical da Agência da *Garage Ford* (fig.nº. 52).²⁶²

²⁶² A *Ford Motor Company* é fundada em 1903. No Recife, em 1912, a garagem da Ford de Martins Galvão & Cia, instalada na Rua Marquês de Herval nº. 66, telefone 684, possui automóveis para passeios, casamentos e batizados e oficinas para concerto de automóveis de qualquer fabricante, segundo o **Almanaque de Pernambuco**. Recife: Imprensa Industrial, 1912. S/p.

Fig.nº. 52



Fonte: FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. **Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco**. SNT. (Recife, 1913). p. 14. Foto, em preto e branco. Fachadas do Restaurant Manoel Leite.

A presença no álbum da fábrica de tintas especiais H. Costa (fig.nº.53)²⁶³, com sortimento de tintas para escrever, copiar, marcar roupa, pintar flores, goma líquida, lacres e tinta a óleo para sinete metal indica a produção na cidade de materiais para desenhos, rótulos, editoração e letreiros e a demanda desses serviços. Tão importante quanto o material é a forma de escrever anúncios que obriga ao exercício do texto curto, da mensagem telegráfica, da escrita de leitura fácil e de aceitação popular. Esse exercício de um novo texto e a remuneração recebida pelo mesmo, leva, segundo Süssakind (1987, p. 65-67), a adesão de escritores e de historiadores consagrados à publicidade, como Olavo Bilac, Monteiro Lobato e Oliveira Lima.

²⁶³ H. Costa, propriedade de Felipe Emilio Menna da Costa, situada na Rua Visconde de Camaragibe nº. 79 (antiga Rua do Hospício), é criada em 1874.

Fig.nº. 53

H. COSTA
Fabrica de Tintas especiaes, desde
— 1874 —

Premiada com medalha de ouro na exposiçãõ nacional de 1908
 TELEPHONE 627—RECIFE
 Proprietario e fabricante : Felippe Emilio Menna da Costa

Completo sortimento de tintas para escrever, copiar e marcar roupa. Finissimas de côres para flores e escriptorio e para carimbos de borracha.
 Especialidade em gomma liquida e LACRES.
 Tintas de oleo para sinete de metal, sem polme.

MANTEM-SE GRANDE DEPOSITO PARA EXPORTAÇÃO RAPIDA
Rua Visconde de Camaragibe, 79 A (antiga do Hospicio)
Recife — Pernambuco

Fonte: FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. **Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco**. SNT. (Recife, 1913). p. 71. Anúncio da Fábrica de Tintas H. Costa.

Os textos guardam ainda vínculos com o passado. Os sentimentos que já não cabem no mundo do mercado, mas ainda movem as relações de compra e venda na cidade do Recife. Propaganda como a do Armazém da Cruz Branca (fig. nº. 54)²⁶⁴: preço sem competência – agrado e sinceridade alia, em uma só frase, a definição da compra pelo preço do produto a um tratamento calcado em afetos e sentimentos. O símbolo desse armazém é criado a partir de seu nome, uma cruz branca inserida em um círculo, leitura direta símbolo – nome que não exige associações mais complexas por parte da população. Simples em sua mensagem é, no entanto, indicador de modernidade. Desenhado no primeiro pavimento do sobrado informa que o transeunte, embora já meça seus passos pelos ponteiros do relógio acha ainda tempo para olhar para cima, onde sacadas e janelas dividem espaço com a propaganda.

²⁶⁴ FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. **Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco**. SNT. (Recife, 1913). p. 13. Anúncio do Armazém da Cruz, de A. S. Maia & C., Praça Maciel Pinheiro, nº. 32.

Foto nº. 54



Fonte: FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. **Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco**. SNT. (Recife, 1913). p. 12. Foto, em preto e branco. Fachadas do Armazém da Cruz Branca.

O texto da propaganda da Drogaria e Pharmacia dos Pobres (fig.nº.55)²⁶⁵ chama atenção pelo estabelecimento possuir essência de salsa caroba e cabacinho, fórmula de Maia e Silva, que serve para depurar o sangue, reumatismo, erisipela, herpes, pústulas, úlceras mesmo as cancerosas, impinges e todas as moléstias da pele. Apesar da importância desse produto, que cura quase vários males, a informação sobre ele ocupa o espaço delimitado pelo retrato do dono e carimbo da marca registrada da farmácia. Ambos personalizando a firma, colocados em diagonal no espaço do anúncio, garantem a qualidade do produto. A marca registrada que particulariza o produto contém como símbolos, duas mulheres de olhar atento que ladeiam um livro aberto, sobre os nomes de três das virtudes cristãs: fé, esperança e caridade. Os signos presentes atestam a existência da marca que, como anuncia Fontenelle (2002, p. 195), “são uma tentativa de dar forma ao que, radicalmente, não tem forma”. O texto sob a marca chama atenção do consumidor de que só é verdadeiro o produto que a possuir e registra, já no início do século, o desejo da marca, que, como também afirma Fontenelle (2002, p. 14), “é no

²⁶⁵ Drogaria e Pharmacia dos Pobres, de Geroncio de Mello, na Rua Larga do Rosário nº. 42.

final de contas o desejo do próprio capital, de criar um estado de dependência absoluta do sujeito”.

Fig.nº. 55

Drogaria e Pharmacia dos Pobres
— DE —
Geroncio de Mello
42, RUA LARGA DO ROSARIO, 42
Essencia de Salsa Caroba e Cabacinho

Formula Maia e Silva

Geroncio de Mello, proprietario da «Drogaria e Pharmacia dos Pobres»

Depurativo por excellencia. Applicado a cura radical de todas as molestias provenientes da impureza do sangue, como sejam: Rheumatismo, Erysipela Elephantiasis, Herpes, Pustulas, Ulceras, mesmo cancerosas, Empigens, e todas as molestias da pelle, etc.

Deposito Geral e Fabricação na Pharmacia dos Pobres
Recife-Pernambuco

US. PHARMACIA DOS POBRES
FÉ ESPERANÇA
CARIDADE
MARCA REGISTRADA

Não será verdadeiro o que não levar esta marca registrada da fabrica

Fonte: FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. **Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco**. SNT. (Recife, 1913). p. 81. Anúncio da Drogaria e Pharmacia dos Pobres.

Constatamos assim a existência de um mercado local de trabalho para aqueles que elaboram marcas, atuais logotipos, símbolos do produto ou do serviço realizado e o cuidado com o registro da marca dos estabelecimentos, embora a maioria das farmácias, como A Droga Brasil²⁶⁶, ainda não tenha sua marca registrada e venda especialidades licenciadas pela Junta Commercial e Repartição de Saúde Pública do Rio de Janeiro.²⁶⁷ Entre elas, os preparados de Jurubeba de Bartholomeu & C. e o Elixir Cabeça de Negro, fórmulas de Hermes de Souza Pereira e do Doutor Santa Rosa, respectivamente.

A reprodutibilidade das fotos, seu poder de comunicação e sua impressão em álbuns, junto a textos que circulam como propaganda entre parcela da população consumidora, induz a procura desse tipo de trabalho. Os fotógrafos e editores para atenderem a clientela, cada dia mais exigente quanto à qualidade

²⁶⁶ A Droga Brasil, propriedade de F. Carneiro & Guimarães, importadores e exportadores, situada na Rua Marquês de Olinda nº. 24, vende drogas, produtos químicos e especialidades nacionais e estrangeiras.

²⁶⁷ Durante todo o período da tese, tentamos pesquisar na Junta Comercial do Recife que tem um arquivo, mas apenas uma vez conseguimos, com pouco acesso aos documentos, que, durante o período, estão sendo organizado.

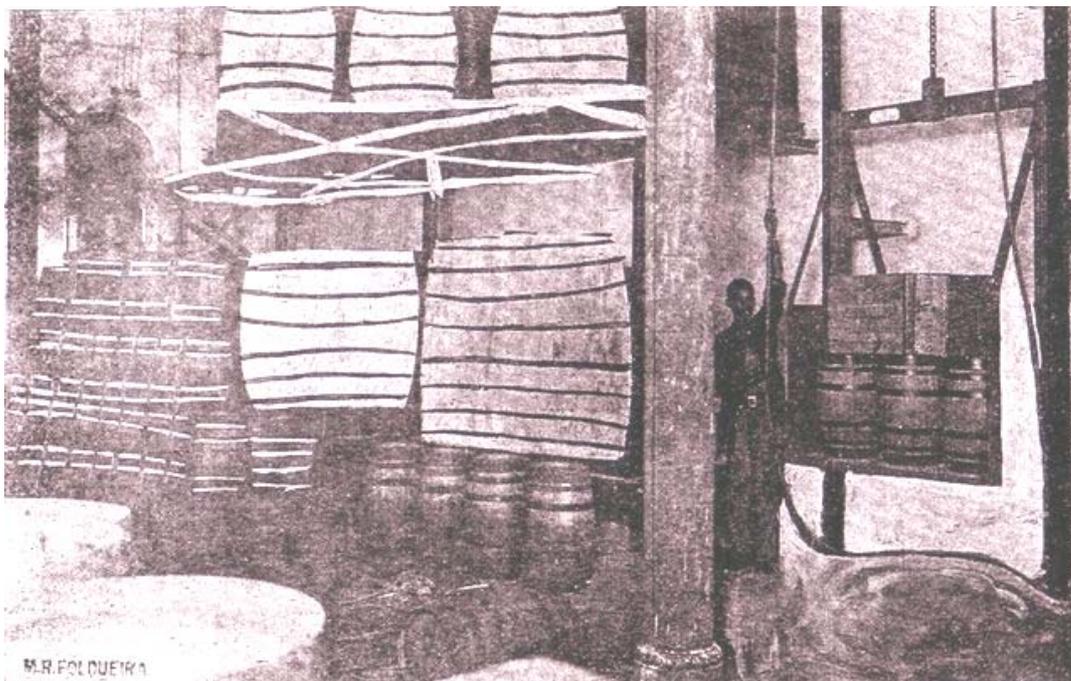
técnica das imagens e da impressão, investem em equipamentos como máquinas, as novas câmaras fotográficas portáteis Kodack, de Eastman, com filmes de rolo inventados por Goodwin, pesquisa e muito trabalho em laboratórios, o que lhes permite reproduzir, com riqueza de detalhes, de cada firma para a qual fornecem trabalho aquilo que a diferencia das demais. Numa época em que o anúncio com recursos de fotografia mostra-se, no Brasil, uma raridade e as referências de imagens são apenas das fachadas dos prédios comerciais, Folgueira consegue inovar fotografando interiores.

As bebidas e os alimentos tornam-se novos segmentos de anunciantes, no Recife. Fábricas²⁶⁸ como a Progredior²⁶⁹, contratam Manoel Rodrigues Folgueira e Companhia para registrar, com fins de propaganda, imagens dos proprietários e funcionários e, no interior do estabelecimento, máquinas, a divisão do trabalho por seções, os amplos espaços que ocupam e todas as inovações técnicas que podem apresentá-la como firma moderna. O anseio dos donos da fábrica de uma publicidade que garanta, além da qualidade, a pronta entrega do produto leva o fotógrafo a captar imagens. No caso da Progredior, de espaços do seu interior reservados para a confecção de embalagens e tonéis, fato que a torna auto-suficiente quanto ao armazenamento.

268 Anexo no. 5.- Pernambuco – Indústrias instaladas 1900-1919 e Apêndice no. 04 - Estabelecimentos industriais em Pernambuco (1882-1895).

²⁶⁹ A fábrica Progredior, dos sócios Joaquim Cardoso e Alfredo Tavares Amaral e da comanditária Dona Marcionila Araujo César Amaral, publica no álbum fotografias do prédio e de diversas seções com o objetivo de levar os clientes a melhor ajuizar os esforços empreendidos para aparelhá-la modernamente.

Fig.nº. 56

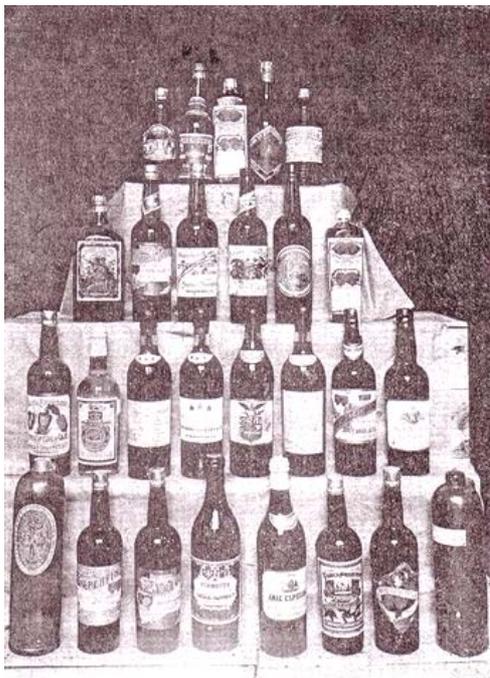


Fonte: FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. **Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco**. SNT. (Recife, 1913). p. 43. Foto, em preto e branco. Interior da Fábrica Progridior.

A sensibilidade do fotógrafo o estimula a não descuidar dos detalhes (fig.nº. 56). Na Progridior, ao registrar o trabalhador puxando a corda do elevador mecânico, informa, com certa ironia, a existência do emprego da força física num mundo em que a modernização pressupõe novas formas de energia.

A produção e o anúncio de vinhos e refrigerantes denotam que parcela da população do Recife pode consumir o supérfluo no início do século XX. As bebidas fabricadas na cidade têm destaque pelo volume de produção, qualidade do produto e capacidade de exportação. Fotografia de vinte e sete tipos de bebidas fornecidas pela Progridior, em garrafas de formas e tampas diferentes, com rótulos criados para cada uma delas, com desenho e tipo de letras específicas, arranjados pelo fotógrafo em quatro plataformas, permite perceber a diversidade de produtos fornecidos pela fábrica. Esse montar a cena para fotografar, tendo mercadorias como referentes da fotografia, em arranjo destinado a uma leitura rápida do que se quer informar, indica a importância da imagem para a colocação dos artigos no mercado de consumo.

Fig.nº. 57



Fonte: FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. **Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco**. SNT. (Recife, 1913). p. 48. Foto, em preto e branco. Vários produtos da Progedior: vinhos de frutas e de cana, vinagres, conhaques, vermouths, genebras e bebidas gasosas.

Quem fotografa para álbum não clica apenas a partir de seu olhar, mas do que deve ser visto pelo consumidor. A cena arranjada (fig.nº. 57), o espaço limpo, a ordem, a seriedade nos semblantes, tudo pensado para informar progressos, gerar necessidades, facilitar a comunicação e promover o consumo.

O fotógrafo, ao organizar a cena, aproxima fotografia e arte. Em fotos como as das fachadas da Fábrica de Cigarros Águia de Ouro, de Pinto & C. (fig. nº. 58), escolhe por elemento central de sua composição, o sobrado. Em frente ao prédio, ele dispõe inúmeras operárias com vestidos claros do mesmo modelo, algumas crianças e outras senhoras com roupas escuras. Ocupa a sacada do primeiro pavimento com os donos da fábrica e permite a presença nas janelas laterais de alguns funcionários, controlando, do térreo ao sótão, seu *clic* angular. Além do prédio, fotografa, em primeiro plano, a larga rua lateral calçada e pedestres que observam o ato de fotografar. Os elementos de sua escrita parecem estar no seu lugar, ter algo a dizer sobre o estabelecimento, a fotografia e a cidade.

Fig.nº. 58

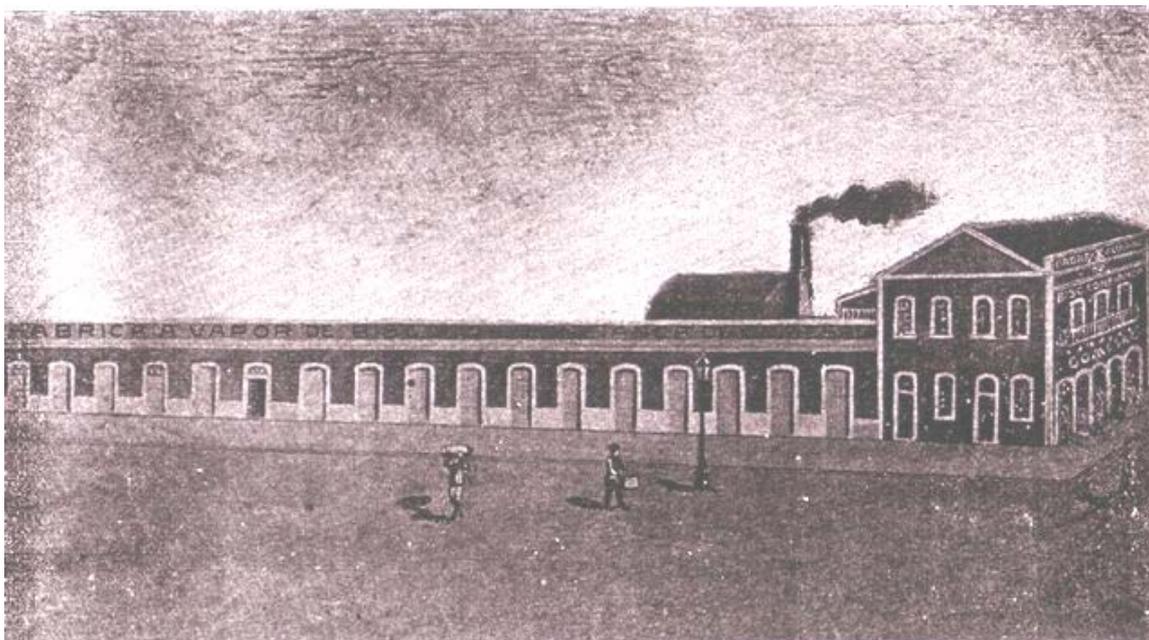


Fonte: FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. **Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco**. SNT. (Recife, 1913). p. 133. Foto, em preto e branco. Fachadas da Fábrica de Cigarros Águia de Ouro, de Pinto & C..

O fotógrafo, nos registros das fachadas, toma cuidado em enquadrar apenas os edifícios cujos donos contratam serviços, utilizando os limites laterais dos prédios como moldura. Por vezes, a necessidade leva o editor a optar por fotografar pinturas, como a da Fábrica a Vapor de Biscoitos Confiança, de Gomes & Companhia (fig. nº. 59)²⁷⁰, feito quando a Rua da Imperatriz não está ainda toda ocupada com sobrados, apresentando as fachadas leste e norte e o bueiro. Desenho anterior à época da elaboração do álbum é escolhido por dar idéia das dimensões do estabelecimento, informação que uma foto da época não consegue registrar.

²⁷⁰ A Fábrica a Vapor de Biscoitos Confiança, de Gomes & Companhia, fica na Rua da Imperatriz nº. 41. Endereço telegráfico: carinhosa, telefone nº. 536.

Fig.nº. 59



Fonte: FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. **Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco**. SNT. (Recife, 1913). p. 76. Foto de pintura. Fábrica a Vapor de Biscoitos Confiança, de Gomes & C..

O fotógrafo segue uma ordem interna de trabalho. Quando produz uma única foto esta é da fachada; duas ou mais, de fachadas e anúncios, das fachadas e interiores, das fachadas e retratos de proprietários. Quando fotografa interiores registra o ambiente aberto ao público, o escritório, os ambientes reservados à produção e aqueles onde os produtos se encontram em fase final, prontos para serem entregues ao consumidor. Minucioso, dá destaque aos equipamentos mais modernos, aos instrumentos de produção, à postura dos donos e dos trabalhadores e à situação do imóvel no perímetro urbano.

O crescimento do mercado interno e os altos custos de exportação tornam competitiva a produção local de bens de consumo não duráveis. Contando com incentivos do Governo²⁷¹, manufaturas e fábricas são instaladas na cidade e em seus arredores. Boa parte desses estabelecimentos beneficia ou transforma matérias primas das redondezas.

²⁷¹ Há inúmeras isenções de impostos para instalação de fábricas nas Leis da Província e do Estado de Pernambuco, no período estudado.

O conjunto de imagens do álbum apresenta a cidade como lugar que emprega pessoas já disciplinadas para o trabalho com o público e com as máquinas, capazes de organizar a produção e de manterem intercâmbio com representantes de outros espaços econômicos dentro e fora do país. Essas pessoas são fotografadas em suas funções. Bem vestidas, as que têm contato com os clientes; algumas de uniforme²⁷² ou roupa de trabalho, outras, nuas da cintura para cima em espaços de difícil acesso. No interior das fábricas são fotografados os escritórios (fig.nº. 60)²⁷³, os laboratórios onde os produtos são criados (fig. nº. 61) e as diversas secções onde são produzidos e embalados (fig. nº. 62).

Fig.nº.60



Fonte: FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. **Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco**. SNT. (Recife, 1913). p. 134. Foto, em preto e branco. Escritório da Fábrica de Cigarros Águia de Ouro.

²⁷² Alison Lurie chama atenção para o fato do uniforme ser um traje totalmente determinado por outrem. Ao vesti-lo a pessoa abdica do direito de agir individualmente. O que se veste é imposto por autoridades externas. LURIE, Alison. **A Linguagem das Roupas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. p. 33.

²⁷³ Alguns funcionam nas ruas centrais da cidade próximos dos consumidores.

A imagem do escritório da Fábrica de Cigarros Águia de Ouro nos reporta ao espaço dos donos da empresas e de poucos funcionários que cuidam do pessoal e da contabilidade. Nas paredes, cadernos de ponto, diplomas, folhinhas, avisos, quadros, fotografias e relógio. Em primeiro plano, os donos, pai sentado e filhos ladeando-o, unidos pelos laços do capital, sem gesto de afeto, perfilam-se para a câmara entre o mobiliário de madeira de lei, cadeiras de palhinha e mesas dobráveis. A hierarquia entre as pessoas é anunciada na composição da imagem e no vestuário das mesmas. Dois senhores, de terno escuro, que delimitam o conjunto da imagem, anunciam sua importância nos trabalhos da fábrica, enquanto no terceiro plano encontram-se funcionários de menor qualificação. No armário encostado na parede, nas mesas e no chão, caixas e pacotes de cigarros. Destaca-se, no centro da cena, a máquina de escrever, artefato técnico capaz de reproduzir textos e de ampliar a velocidade do ato de escrever, símbolo da modernização do estabelecimento. Ao centralizar a máquina de escrever, o fotógrafo registra o deslumbramento diante do moderno e insinua a modernização de toda a fábrica.

Participar de um álbum mercantil, onde as atividades da cidade são dispostas à população, significa para as elites, além de aumento de negócios e lucros, atuar como agente civilizador na construção de imagens de uma cidade em franco progresso.

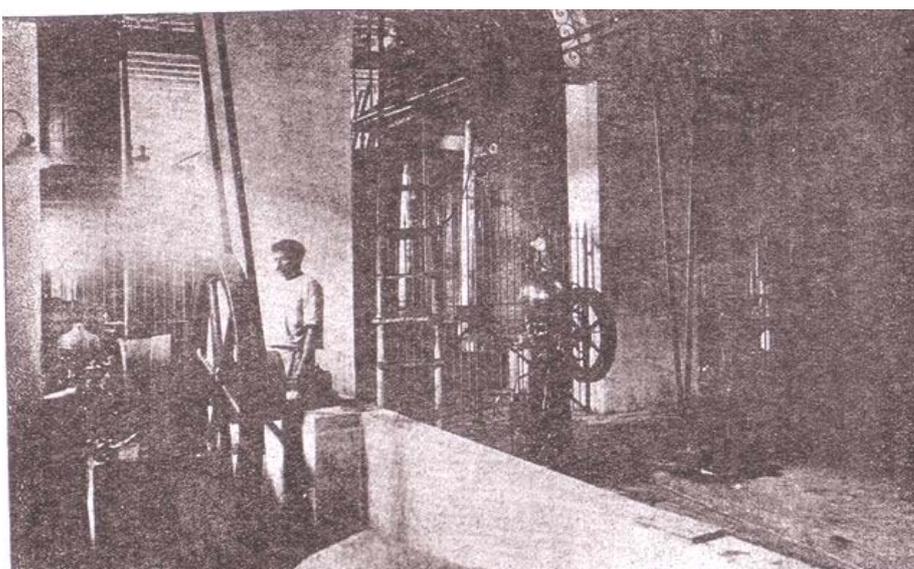
Fig.nº. 61



Fonte: FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. **Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco**. SNT. (Recife, 1913). p. 50. Foto, em preto e branco. Laboratório da Fábrica Progridior.

A fotografia do laboratório da Fábrica Progridior, com seu técnico em pé, tendo a sua frente uma balança, e, por pano de fundo, um armário encostado na parede, com diversos frascos e pacotes, mostra o investimento dos donos na pesquisa para preparação de bebidas e marca a separação entre trabalho intelectual e físico.

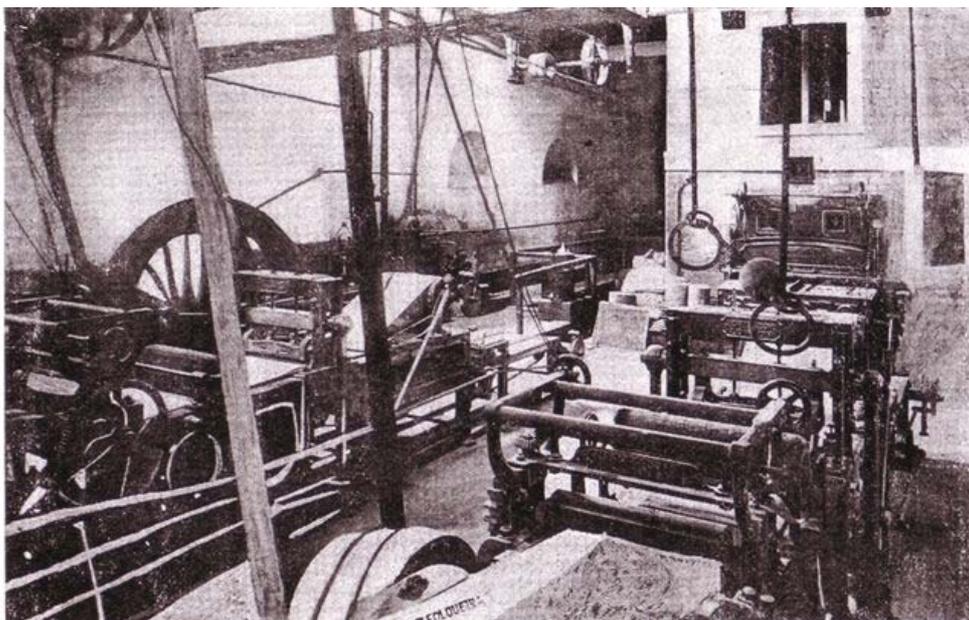
Fig.nº. 62



Fonte: FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. **Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco**. SNT. (Recife, 1913). p. 49. Foto, em preto e branco. Secção de maquinismo da Fábrica Progridior.

Mais que apresentar os funcionários e os trabalhos por eles desenvolvidos, as firmas solicitam fotografias de suas máquinas. Orgulho dos donos, acento da modernização das empresas e da qualidade de sua produção. Na secção de maquinismo, sério, em pé, diante da máquina, o operário da Progridior, encontra-se atento a sua função. Já a Fábrica de Biscoitos Pilar apresenta imagem apenas das cortadeiras de biscoitos, alinhadas em duas fileiras (fig.nº. 63).

Fig.nº. 63



Fonte: FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. **Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco**. SNT. (Recife, 1913). p. 147. Foto, em preto e branco. Secção de cortadeiras da Pilar.

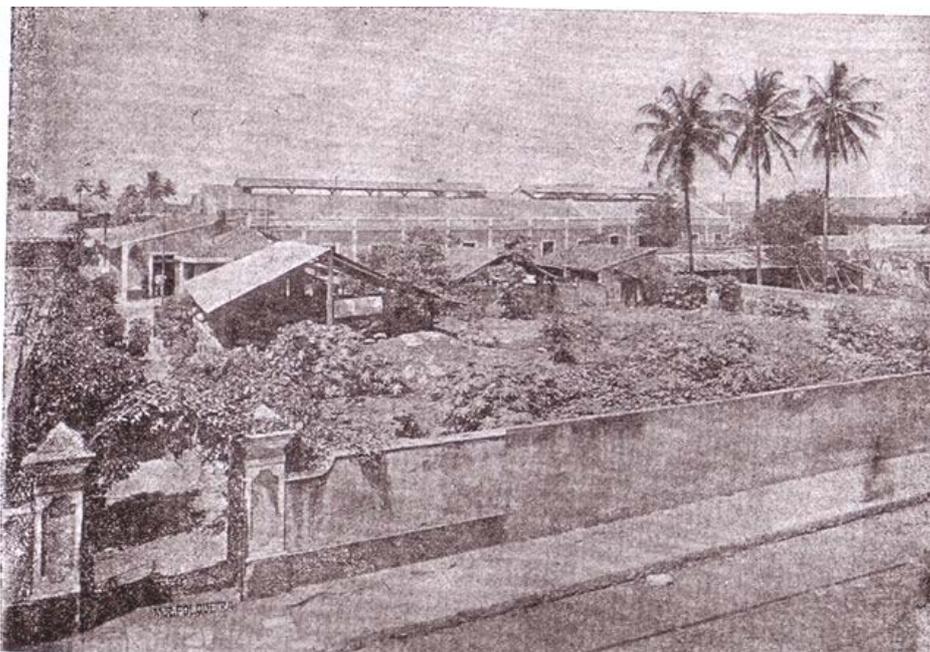
A produção agrícola ainda move a produção fabril. Empresas como a Companhia Fábrica de Tecidos de Cânhamo e Juta²⁷⁴ fornecem e tiram a maior parte de seu lucro da venda de sacos para acondicionar café, caroço, mamona, cereais, açúcar, cera e pano para enfardar algodão. Realiza no álbum uma propaganda industrial, já que visa o consumo por parte de outras empresas. No álbum, encontramos fábricas de beneficiamento de produtos agrícolas, como a Fábrica Zenith, de açúcar refinado e café moído, com sua loja de importação e exportação, de estivas, cereais e açúcar, provida de instalação elétrica e a vapor.

²⁷⁴ Companhia Fábrica de Tecidos de Cânhamo e Juta instala-se fora dos bairros centrais, pela disponibilidade maior de espaço mantendo um escritório na Rua Larga do Rosário.

A indústria alimentícia é representada pela Fábrica de Doces M. B., Marca Peixe, de propriedade do coronel Carlos Frederico Xavier de Britto que, situada na cidade de Pesqueira, mantém no Recife um depósito na Rua 15 de Dezembro n.º 17, de onde distribui seus produtos. Iluminada à luz elétrica e movida por um motor de força de cento e onze cavalos, produz trinta mil quilos por dia de doces em massa e em calda, de araçá, goiaba branca, goiaba vermelha, cajus e figos; compotas de frutas - abacaxi, imbu e manga; doces secos de caju cristalizado; massa especial de tomate; castanhas enfeitadas; cajus ralados e geléia de goiaba e emprega duzentos e vinte e um operários.

A Companhia Fábrica de Tecidos de Cânhamo e Juta, instalada nos arredores da cidade, por necessitar de amplos espaços para suas máquinas, tem seu galpão projetado com iluminação e aeração zenitais (fig.n.º.64). Mas, a maioria das fábricas situadas nas áreas urbana e suburbana funciona em sobrados e pequenos depósitos térreos, não projetados para o trabalho neles desenvolvidos, espaços criados ou adaptados, úmidos, com pouca luz natural e aeração. Neles, são inseridas máquinas, móveis e trabalhadores, sem atender as recomendações do Serviço de Salubridade Pública da Cidade.

Fig.n.º. 64



Fonte: FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. **Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco**. SNT. (Recife, 1913). p. 34. Foto, em preto e branco. Fábrica de Tecido de Cânhamo e Juta.

Fig.nº. 65



Fonte: FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. **Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco**. SNT. (Recife, 1913). p. 54. Foto, em preto e branco. Secção de encaixotamento da Fábrica Progredior.

Na secção de encaixotamento da Fábrica Progredior trabalham operários fardados (fig.nº. 65). O enquadramento de um cão no mesmo plano das caixas constitui um flagrante das condições de higiene no recinto. Na mesma fábrica, no terraço em que funcionam as oficinas de tanoaria (fig.nº. 66), posam para a câmara sete trabalhadores adultos e duas crianças, alguns nus da cintura para cima, tendo por volta inúmeros tonéis empilhados e alguns espalhados. As condições de conforto para o trabalho são mínimas, dispõem os operários apenas de estreitos bancos de madeira para sentar e de prateleiras onde são pendurados camisas e objetos de uso pessoal.

Fig.nº. 66



Fonte: FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. **Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco**. SNT. (Recife, 1913). p. 55. Foto, em preto e branco. Oficina de tanoaria da Fábrica Progridior.

A Fábrica de Cigarros Águia de Ouro, de propriedade do Coronel Alfredo Ferreira Pinto²⁷⁵, situada na Rua do Hospício nº. 9, divulga no álbum preocupações quanto à saúde de seus empregados, propõe instalar farmácia e contratar médico para atendê-los, cobrando uma pequena cota para pagamento do profissional e aquisição dos remédios.

Nas fábricas, o controle do tempo de trabalho é exercido pelo cartão de ponto e pelo relógio na parede. Também é efetivado o controle sobre a produção. A Fábrica de Cigarros Águia de Ouro²⁷⁶, por exemplo, desenvolve um meio de fiscalização: cada cigarro segue uma numeração e esta é relacionada a quem enrola o cigarro. Dessa forma, pode ser averiguada a qualidade desejada do produto e censurado(a) o(a) operário(a) que não a atinja.

²⁷⁵ Alfredo Ferreira Pinto participa da campanha abolicionista. Preso, por ordem do Marechal Floriano, em 15 de novembro de 1893, e junto com José Mariano e outros abolicionistas, é transportado num navio de guerra para o Rio de Janeiro, onde fica detido até 10 de agosto de 1894. Participa da vitoriosa campanha política de Dantas Barreto. Em 1910, funda a fábrica de cigarros da qual é o principal proprietário.

²⁷⁶ A Fábrica de Cigarros Águia de Ouro emprega cem operários(as), número expressivo para a época.

As imagens das fábricas permitem constatar em diversas etapas da produção a utilização do trabalho de adolescentes, supervisionado por adultos. Corpos e rostos jovens surgem tensos diante de nós. Nem mesmo o posar para o fotógrafo alivia seus ombros perfilados, eleva suas cabeças ou traz brilho aos seus olhos. Posam para o patrão, num registro de subordinados. Expressiva a foto da primeira secção da Fábrica de Cigarros Águia de Ouro (fig.nº.67), na qual operárias sentadas, tendo no colo uma espécie de gaveta, olham para a câmara. Em seus rostos, nenhum sorriso. Seus braços protegem o lugar onde desempenham o trabalho de manipular o fumo. Adolescentes negras, em sua maioria, estão vestidas até o pescoço, como manda o decoro. São rodeadas por mulheres de mais idade, prováveis fiscais da produção, que, em pé, com queixos altos posam para o fotógrafo. Por essa imagem vemos o emprego maciço de mulheres no trabalho de uma fábrica de cigarros.

Fig.nº. 67

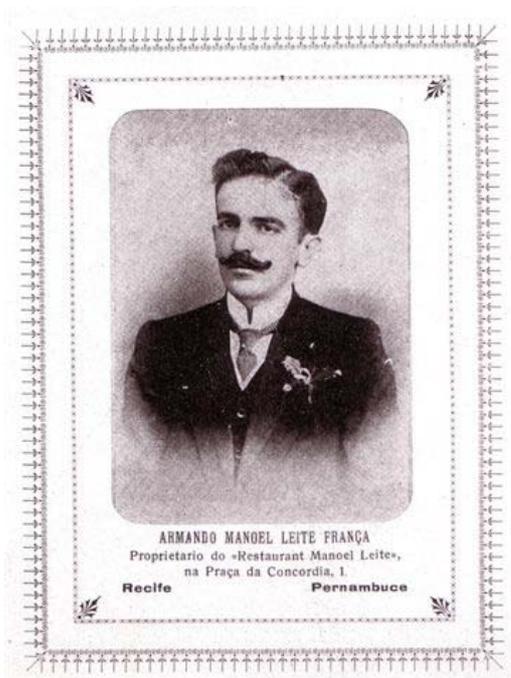


Fonte: FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. **Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco**. SNT. (Recife, 1913). p. 135. Foto, em preto e branco. Primeira secção do fabrico de cigarros da Fábrica Águia de Ouro.

Entre os tipos de fotografia realizados na época, o retrato é o trabalho que mais atrai a clientela dos fotógrafos no Recife. A produção, em atelier, de retratos é circunscrita às cidades. A representação da pessoa fotografada, retocada por procedimentos técnicos, permite ao retratado estar presente inspirando sentimentos de respeito, saudade e afeto.

O retrato consagra a pose. Bem vestidos, com expressão adequada à idade e condição social, as pessoas afluem ao atelier, onde dispõem de um improvisado cenário, com panos de fundo, iluminado especialmente para realização da fotografia, na busca de perpetuar a imagem com a qual querem ser lembradas pelos demais. Referindo-se ao Rio de Janeiro, Ana Maria Mauad (1997, p. 199) afirma - “freqüentar o atelier fotográfico faz parte de um conjunto de códigos de comportamento que pretende igualar o habitante do Rio ao de Paris, integrando a cidade à civilização”.

Fig.nº. 68



Fonte: FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. **Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco**. SNT. (Recife, 1913). p. 17. Foto, em preto e branco. Retrato de Armando Manuel Leite França.

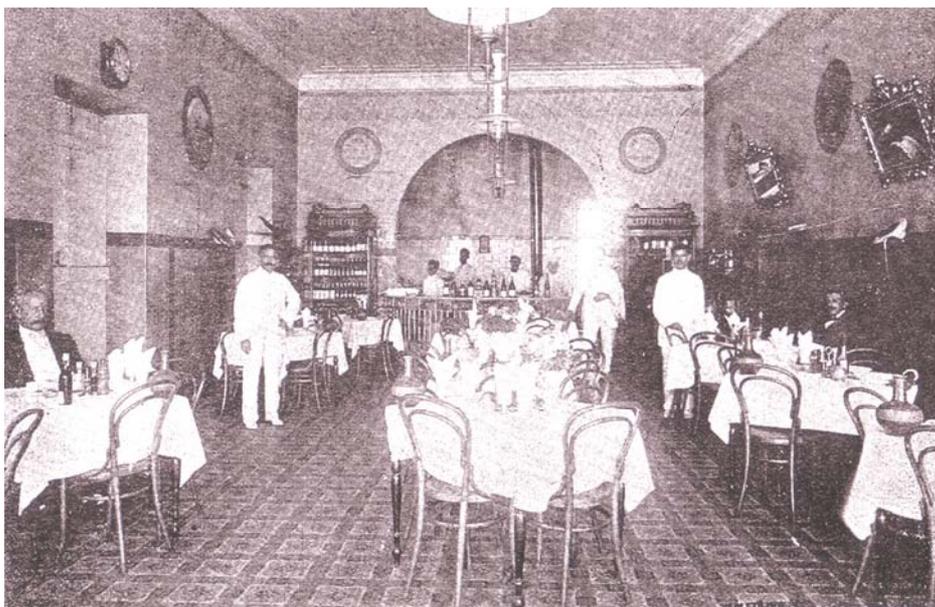
Os retratos, tirados em 1912 por Folgueira e apresentados no álbum, vêm acompanhados do nome do retratado, do estabelecimento do qual o mesmo é dono e do seu endereço. Funcionam como mais um veículo de propaganda, associando produtos e serviços à figura de seu responsável. Entre eles, destaca-se o retrato em meio-corpo, sobre fundo liso, de Armando Manoel Leite, proprietário do Restaurant Manoel Leite, que, com semblante sério e sereno, cabelo e bigodes penteados (fig. nº. 68)²⁷⁷, posa impecavelmente vestido de paletó, gravata, colete e flor na lapela. O

²⁷⁷ Segundo Alison Lurie, entre 1890 e 1920, os homens usam bigodes sem a barba que havia sido usada até então. O motivo alegado pelo autor para essa mudança é a participação das mulheres no mercado de trabalho, que leva os homens a quererem parecer mais jovens e menos como o pai de todos. LURIE, Alison. **A Linguagem das Roupas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. pp. 81,82.

retrato é uma prova material da existência humana e atende segundo Borges (2005, p. 41) ao desejo de transcender os muros do anonimato erigidos pelo ritmo acelerado e veloz da modernidade. No início do século XX, o retrato deve produzir uma imagem símbolo das qualidades do indivíduo retratado.

O Restaurant Manoel Leite²⁷⁸, criado, em 1882, pelo português Armando Manoel Leite de França como casa de refeição na Rua do Sol, pela qualidade de sua comida e serviço, atrai, em pouco tempo, uma clientela tal que força o dono a ampliar seu negócio e mudar de endereço. Em 1913, situado na Rua da Concórdia nº.1, servido pelas linhas de bonde Herval, da Ferro Carril e Estrada de Ferro Central, marca presença no álbum mercantil e introduz o hábito de comer em restaurante no cotidiano da cidade.²⁷⁹

Fig.nº. 69



Fonte: FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. **Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco**. SNT. (Recife, 1913). p. 16. Foto, em preto e branco. Interior do Restaurant Manoel Leite.

Na foto do interior do estabelecimento (fig.nº. 69), divisamos sala em sua profundidade ordenada por três filas de mesas, lustre no teto, espelhos, quadros e relógio nas paredes, clientes sentados em cadeiras de palhinha, garçons de

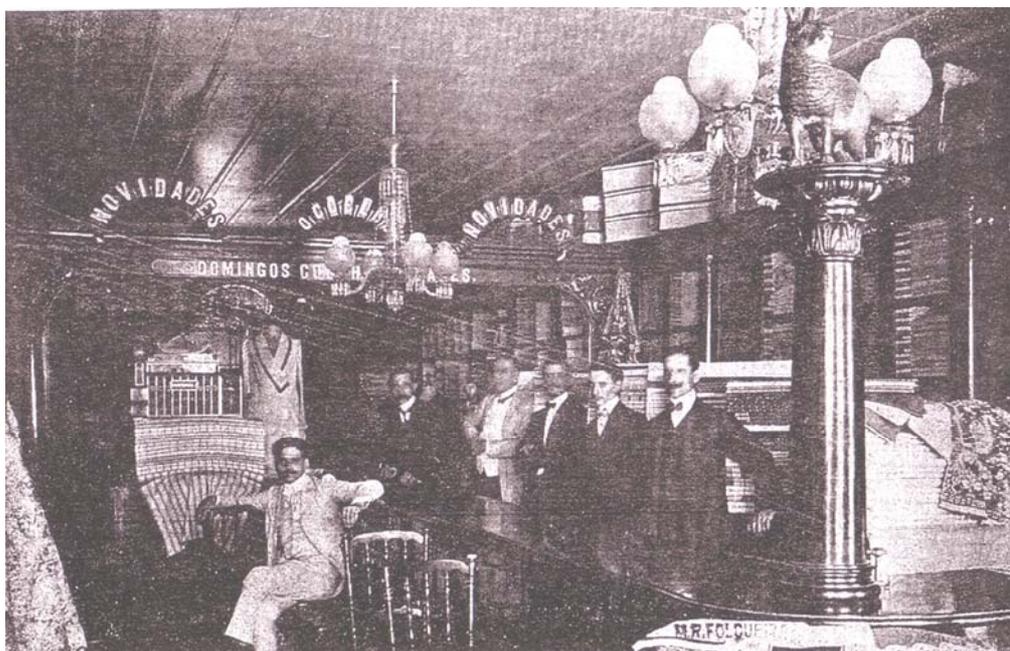
²⁷⁸ Sobre o Restaurante Leite ler de SOARES, Goretti. **O Leite ao Sabor do Tempo**. A História de um Restaurante. S.N.T.

²⁷⁹ O Restaurant Leite é o primeiro restaurante a existir no Recife. Antes havia os restaurantes dos hotéis e pensões que começam a atrair além dos hóspedes pessoas que circulam e trabalham na cidade.

uniforme branco e cozinheiros em pé, prontos para o serviço e para a pose. A imagem atrai o leitor do álbum para um novo hábito, o de reunir amigos para comer fora de casa. Nas mesas, rigorosamente arrumadas, entre louça inglesa, garrafas de bebidas, copos de cristal e guardanapos de pano, jarras de barro acusam a manutenção do gosto de tomar água de quartinha.

O diminuto número de restaurantes da cidade convive com a abertura das salas de refeição de hotéis como a do Hotel Continental para fregueses e famílias. Hotéis, hospedarias e pensões, sem identidade funcional definida, sempre se apresentam com mais de um destes nomes e abrigam comerciantes e estudantes. Os estudantes procuram, quando não têm casa de família para ficar, ocupar vagas em quartos de pensões ou de hospedarias, com as três refeições incluídas, por ser a forma mais barata de morar na cidade, enquanto os comerciantes que vêm do interior ou de Estados vizinhos alugam quarto em hotéis e hospedarias.

Fig.nº. 70



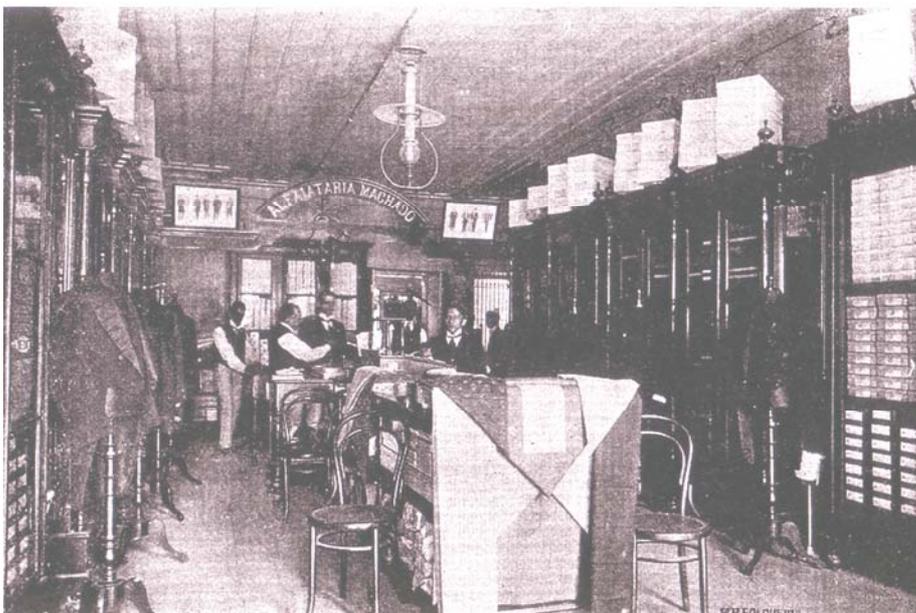
Fonte: FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. **Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco**. SNT. (Recife, 1913). p. 61. Foto, em preto e branco. Interior da Loja do Coelho. No fundo, ladeia o nome da loja a palavra novidades.

A propaganda destaca entre os ramos de negócios o ligado às confecções: alfaiatarias, camisarias, lojas de roupas feitas para adultos e crianças, a novidade da época. A busca de novidades, daquilo que acaba de ser criado e espera aceitação,

atraí o público de tal sorte que a Loja do Coelho²⁸⁰ afixa a palavra novidades em suas paredes como forma de convidar o cliente a entrar no recinto (fig.nº. 70).

Letreiros nas paredes fazem parte da decoração das lojas. A Floresta²⁸¹, armarinho e perfumaria, que vende artigos para homens, novidades para senhoras e brinquedos para crianças, cobre suas paredes com letreiros. A propaganda, ao anunciar produto para a família, não mais só para o público adulto, mas também para o infantil, introduz as crianças no cenário do consumo, ligando-as aos brinquedos que, até então, em grande parte são por elas fabricados. Na parede do fundo da Alfaiataria Machado, especializada em artigos para homens, desenhos de ternos da moda, traje “implacavelmente moderno”²⁸², ladeiam o nome da loja.

Fig.nº. 71



Fonte: FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. **Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco**. SNT. (Recife, 1913). p. 92. Foto, em preto e branco. Interior da Alfaiataria Machado.

Os consumidores da cidade são reconhecidos em sua civilidade por assumirem coletivamente o comportamento da moda, as idéias e opiniões em vigor, os gestos e o gosto do momento. Entre tantas novidades, mudar o vestuário parece

²⁸⁰ A Loja do Coelho de propriedade de Domingos Coelho & Soares fica na Rua da Imperatriz n.º 56.

²⁸¹ A Floresta, de M. Gomes da Silva, é situada na Rua Barão da Vitória n.º 23.

²⁸² Anne Hollander analisa o terno enquanto traje moderno, criado por alfaiates ingleses para ser utilizado pela coletividade e afirma que é a partir do vestuário masculino mais avançado que o feminino, que são feitas proposições estéticas no campo da moda. Trabalha também a relação entre a forma das roupas e a sexualidade. HOLLANDER, Anne. **O Sexo e as Roupas**. A Evolução do Traje Moderno. Rio de Janeiro: Rocco, 1996. p.13.

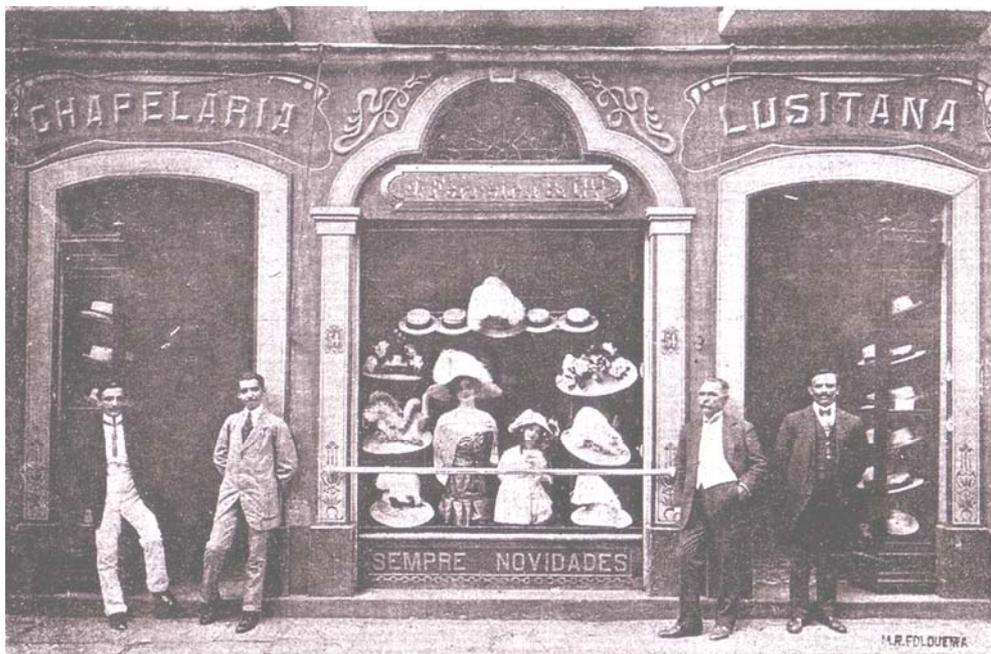
ser a forma mais fácil de uma pessoa se apresentar como moderna. Traje novo, novos costumes, novos comportamentos. Roupas prontas, feitas em série ou sob medida, mas segundo modelos europeus, dão nova aura ao recifense. A moda, que em outros momentos da história permanece durante décadas, agora sobrevive das mudanças, da transitoriedade. Estar na moda obriga a consumir permanentemente novos modelos, novos acessórios.

É moderno adquirir roupa reproduzida em série, por número, com tamanho padrão graduado ao qual o freguês tem que se amoldar ou ternos feitos em alfaiataria sob medida e, quando possível, com tecido importado. Os homens da época tendem a querer se apresentar vestidos de modo uniforme, compondo assim uma aparência similar, procurando se diferenciar uns dos outros apenas na escolha do modelo, do tipo e textura dos tecidos, na cor, no tamanho dos botões, seguindo padrões europeus ou atendendo as sugestões dos alfaiates. Chapéu, paletó e gravata é o traje dos homens do início do século XX.

Nas imagens, gravatas de diversos tipos, entre as quais as de estilo borboleta ganham o gosto da maioria.²⁸³ Símbolo de civilidade, o chapéu cobre a cabeça de homens de diversas classes sociais. O acessório exige móvel e espaço para guardá-lo e leva o usuário a aprender códigos de etiqueta: tirá-lo ao cumprimentar pessoas e ao entrar em recintos fechados. Gestos como os que os homens fazem com o chapéu começam a substituir palavras. Com eles, se pode demonstrar respeito, desejo de aproximação e afeto. Muitos são os códigos, as sentenças e as palavras que anunciam o simples portar, segurar e tirar chapéu, bengala e flores na lapela.

²⁸³ Acessório do traje moderno, a gravata é criada para ajustar a camisa ao corpo no final do século XVII, quando colarinhos e punhos de camisa flexíveis substituem as rígidas golas de tufos engomados. HOLLANER, Anne. **O Sexo e as Roupas**. A Evolução do Traje Moderno. Rio de Janeiro: Rocco, 1996. p. 85.

Fig.nº. 72



Fonte: FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. **Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco**. SNT. (Recife, 1913). p. 89. Foto, em preto e branco. Vitrine da Chapelaria Lusitana.

Por trás da câmara, o fotógrafo observa o interior das lojas através das vitrines, como se o que ali está quisesse ganhar as ruas. Na foto, filtra o ambiente interno e o articula com o ambiente externo. Vitrines de lojas como a da Chapelaria Luzitana (fig.nº. 72)²⁸⁴ são cuidadosamente arrumadas para prender o olhar do pedestre. O fotógrafo toma a vitrine como tema. Situada no centro da fachada, entre as duas portas do prédio, sua posição é reforçada pela presença, em frente às portas, de quatro homens, sem chapéus, que posam, distribuídos dois a dois, deixando a vitrine livre para o olhar do leitor. A vitrine chama atenção pela variedade dos modelos nacionais e estrangeiros, arrumados para deter olhares nas prateleiras e nas cabeças dos manequins. Embaixo da vitrine, as palavras sempre novidades dão o tom aos variados modelos de chapéus femininos, enfeitados com flores e plumas e aos chapéus masculinos de palhinha. O uso do vidro como elemento de construção permite sondar o interior da loja, detendo os passos do pedestre e despertando seu interesse para os artigos à venda.

²⁸⁴ Chapelaria Luzitana, de J. Ferreira & C., fica na Rua Duque de Caxias, nº. 54.

Em matéria de exposição dos artigos, destaca-se a foto da Casa Bijou²⁸⁵, onde o fotógrafo nos permite apreciar a forma inusitada como a Casa deixa à mostra os artigos que vende (fig.nº. 73). Arrumados no teto e numa vitrine no centro do estabelecimento, encontramos objetos para presentes, lenços, meias, fitas, perfumes, rendas e brinquedos.

Fig.nº. 73



Fonte: FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. **Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco**. SNT. (Recife, 1913). p. 88. Foto, em preto e branco. Interior da Casa *Bijou*.

O comércio do Recife é diversificado. Variados produtos podem ser encontrados em lojas diferentes ou numa mesma loja. Estabelecimento como A Viúva Alegre²⁸⁶ vende acessórios de bilhar, charutos de Havana, coroas mortuárias e pianos alemães e possui também um atelier de costuras de primeira ordem, com um sortimento completo de tapetes e diversos s os tipos de forros como cortinas e reposteiros. Casas de modas como A Atrevida²⁸⁷ dispõe em estoque, para venda em grosso e a retalho, de colarinhos, punhos, gravatas e camisas para homens, perfumes dos melhores fabricantes, sortimento de espartilhos, enxovais para batizado, capelas, véus e leques para noivas, bicos, fitas, mantilhas, meias, objetos para presente e brinquedos para crianças.

²⁸⁵ Casa Bijou de Joaquim Couceiro é situada na Rua Barão da Vitória nº. 27.

²⁸⁶ A Viúva Alegre de João Ferreira & C. fica na Rua 1º de Março nº. 3.

²⁸⁷ A Atrevida fica na Rua Duque de Caxias nº. 45.

Fig.nº. 74



Fonte: FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. **Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco**. SNT. (Recife, 1913). p. 82. Foto, em preto e branco. Interior da Rosa dos Alpes. Sobre o balcão, o espartilho. Em primeiro plano, o dono do estabelecimento. No segundo, caixeiros de diversas idades, elegantemente vestidos. Nas estantes de vidro, o estoque arrumado. No chão, manequins com roupas prontas para crianças.

No ramo de roupas, miudezas, perfumarias, tecidos e chapéus, artigos produzidos na cidade ou importados de outros centros estão à disposição do consumidor. A Alfaiataria Machado²⁸⁸ importa diretamente casimiras da França e da Inglaterra, a despeito da existência de fábrica de tecidos na cidade e em seus arredores. Na loja A Rosa dos Alpes²⁸⁹ o fotógrafo registra, entre todos os artigos que compõem seu variado sortimento, sobre o balcão, à vista de todos, espartilhos fabricados na Europa (fig.nº. 74).²⁹⁰ Novo tempo esse em que fica exposta ao público a roupa íntima das mulheres, exatamente aquela capaz de moldar seu corpo segundo o padrão de beleza da época.

²⁸⁸ Alfaiataria Machado²⁸⁸, de J. Machado, situa-se na Praça da Independência nº. 3.

²⁸⁹ Rosa dos Alpes, de Henrique Garcia, funciona na Rua Barão da Victoria nº. 32.

²⁹⁰ Segundo Alison Lurier as meninas vestem uma versão infantil do espartilho aos três ou quatro anos de idade. Ano após ano eles são alongados, enrijecidos e apertados. Em consequência, os músculos das costas atrofiam, e órgãos internos são deformados impossibilitando a respiração profunda, fato que, leva meninas e mulheres a corarem e desmaiarem freqüentemente. LURIE, Alison. **A Linguagem das Roupas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. p.230.

²³⁰ Sobre as mudanças na forma de vestir temos de James Laver. **A Roupas e a Moda: uma história concisa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989; de Gilda Mello e Souza. **O Espírito das Roupas: a moda no século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996; de Anne Hollader. **O Sexo e as Roupas: evolução do traje moderno**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

Fig.nº. 75

* ~ ~ ~ ~ ~ *
ALFAIATARIA
FIorentina
 RUA JOÃO DO REGO, 23 (Antiga das Florentinas)
 — CHIAPPETTA & IRMÃOS —
 Na casa Fiorentina os bons amigos e freguezes encontrarão um
 variado e bonito sortimento de casemira preta e de cores, fla-
 nella, alpaca, brim branco e de cores, corte de calça dos mais
 modernos e collete de fustão
 Bonito sortimento em camizas, collarinhos, punhos, meias, suspensorios,
 gravatas, etc., etc.
Trabalho garantido **Preço resumido**
 Recebem as cazemiras directamente da Europa
 Condições das encomendas metade adiantado
Pernambuco-Recife
 Leopoldo Reiss, Pernambuco.
 * ~ ~ ~ ~ ~ *

Fonte: FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. **Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco**. SNT. (Recife, 1913). p. 25. Anúncio da Alfaiataria Florentina.

Algumas lojas de roupa pronta também vendem tecidos com os quais são confeccionadas vestimentas no mesmo estabelecimento. Na Alfaiataria Florentina (fig.nº. 75)²⁹¹, por exemplo, o freguês pode escolher entre casimira, flanela, alpaca ou brim e mandar fazer camisas, calças e coletes ou comprar roupa e acessórios, colarinhos, punhos, meias, suspensórios e gravatas. Segundo o álbum, os preços dos artigos do vestuário são de reduzidos a cômodos. Hoje, com a consciência do lucro que os comerciantes subtraem em suas vendas, não temos idéia de que tipo de comodidade o freguês dessas lojas se apropriam com suas compras.

²⁹¹A Alfaiataria Florentina, de Chiappetta & Irmãos, localiza-se na Rua João do Rego, nº. 23 (antiga Rua das Florentinas).

Fig.nº. 76



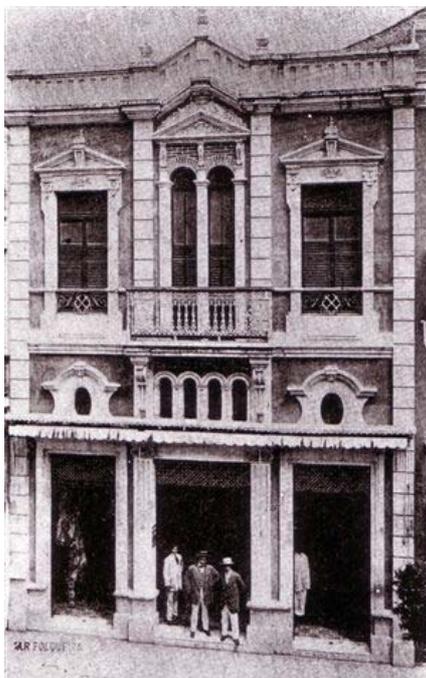
Fonte: FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. **Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco**. SNT. (Recife, 1913). p. 79. Anúncio de Gomes Matos & C..

Com tantas lojas de confecção e um número crescente de costureiras que disponibilizam seus serviços nos anúncios dos jornais, não é de admirar que os importadores e exportadores Gomes de Mattos Irmãos & C. (Fig.nº. 76)²⁹², comerciantes de miudezas, perfumarias e lonas inglesas, vendam, em grande número, máquinas para costura. Máquina que, aos poucos, ocupa espaço na área reservada à costura nas residências. Ao introduzir no ambiente doméstico a possibilidade de fazer na máquina uma tarefa há muito feita à mão, abrevia-se o tempo necessário aos cuidados com as roupas da casa, liberando as mulheres para outras atividades ou para ganhar dinheiro costurando para fora.

Várias casas de moda ocupam sobrados ecléticos, com aberturas, tipos diversos de janelas, algumas duplas, ornatos de gesso diferenciados nos pavimentos. Construídos ou reformados no início do século XX em bom número apresentam liberdade na composição das fachadas e criatividade nos elementos decorativos.

²⁹² O armazém Gomes de Mattos Irmãos & C., fica na Rua Quinze de Novembro nº. 24.

Fig.nº. 77



Fonte: FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. **Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco**. SNT. (Recife, 1913). p. 78. Foto, em preto e branco. Fachada do Armazém de Gomes de Mattos Irmãos & C..

As lojas, em sua maioria, possuem toldo para proteger o pedestre do sol. O mobiliário é composto de vários armários, de madeira de lei, com portas de vidro, para guardar os produtos acondicionados em caixas de papel; balcão onde são expostas peças de pano; cabides para exibição de ternos; cadeiras de palhinha onde os fregueses podem sentar e a caixa registradora.

Nas fotos os donos posam no primeiro plano (fig.nº. 78). Lá atrás instituindo o contraste, pelo tipo de roupa e posição na imagem, rapazes de pouca idade que trabalham na loja denunciam o emprego de adolescentes na atividade de caixeiro. O trabalho feminino é adotado mesmo em lojas especializadas em artigos masculinos como a Camisaria Nacional²⁹³, que contrata costureiras para ajustar as roupas ao gosto dos fregueses. Nas fotos, as mulheres quando flagradas pela câmara estão discretamente postadas no fundo da loja ou no mezanino. Na maioria das imagens os empregados no ramo da moda apresentam-se bem vestidos. Os homens de paletó, colete e gravata e as mulheres com vestidos compostos.

²⁹³ A Camisaria Nacional, de Álvaro Arthur Santos, fica na Rua da Imperatriz, nº. 50.

Fig.nº. 78



Fonte: FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. **Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco**. SNT. (Recife, 1913). p. 24. Foto, em preto e branco. Interior da Alfaiataria Fiorentina.

No álbum, a maioria das pessoas fotografadas olha para o fotógrafo. Ele, que não faz parte da cena, organiza a representação. Dispõe pessoas e objetos, elementos que dilui ou destaca por meio da graduação da luz, geradora de focos, sombras e reflexos, em torno do tema de sua composição. Utilizando noções de perspectiva, Folgueira apresenta, nas duas dimensões da fotografia, espaços com três dimensões, deixando o observador ver o interior das lojas, a distribuição dos móveis, espaços de circulação e a posição hierárquica dos que trabalham nos estabelecimentos.

Entre as sapatarias, a *Clark* (fig.nº. 79)²⁹⁴, em seu anúncio, associa sua marca à sensação de conforto e qualidade, prometendo ser o único sapato a dar satisfação no uso diário. A comodidade e a durabilidade que o sapato *Clark* garante passam a ser condição de compra para aqueles que agora percorrem grandes distâncias a pé ou circulam com mais frequência numa cidade que todo dia proporciona motivos para sair de casa. Em tempos de separação cada vez maior entre o local de residir e de trabalhar e de custo de vida elevado, o consumidor busca, mais que andar na moda, proteger os pés e o bolso na hora da escolha dos sapatos.

²⁹⁴ A *Clack*, com escritório em São Paulo, funciona no Recife na Rua Barão da Victoria nº. 31.

Fig.nº. 79



Fonte: FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. **Álbum Artístico Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco**. SNT. (Recife, 1913). p. 33. Anúncio dos sapatos Clark. Criação de Manoel Rodrigues Folgueira, usando o nome da firma como era escrito em São Paulo. Os tipos de letras simbolizam o produto. A marca já não está associada apenas ao nome, mas a uma grafia própria.

A propaganda, dirigida ao povo, colabora para que novos objetos e idéias invadam a vida cotidiana. O álbum personaliza produtos, os associa aos nomes, marcas, mensagens e donos das firmas, formando no público, uma nova percepção diante das informações. Olhando seus anúncios, desvendamos a sociedade recifense, os espaços de sociabilidade, os objetos do desejo, as doenças, os hábitos de consumo e as formas de tratar a cidade.

A produção, impressão e difusão do álbum demonstram o nível técnico já absorvido no Recife pelas tipografias e a qualidade dos serviços profissionais prestados.²⁹⁵ Demonstram também que há um crescimento de mercado para esse tipo de produto, com uma clientela formada por comerciantes, donos de fábrica e prestadores de serviço. A produção do álbum vem ainda divulgar a cidade, por meio de fragmentos de suas atividades econômicas e da fotografia como veículo de propaganda.

²⁹⁵ APÊNDICE nº. 5 – Tipografias do Recife em funcionamento entre 1880 e 1914.

Por seu trabalho, aqui apresentado, podemos afirmar que o fotógrafo e editor Manoel Rodrigues Folgueira, ao organizar o álbum, contribui com a fotografia e a impressão para divulgar, de modo atrativo, lugares, produtos e atividades públicas, por onde os homens podem circular o olhar.

As transformações vividas pelas populações da cidade, com a introdução de novas técnicas, instalação de indústria, infra-estrutura urbana e a criação de imagens-signos, formam um modo novo dos homens perceberem o que os cercam. Tais homens, agora já não precisam estar diante do que querem ver. Ajustam-se ao duplo, aos recortes, aos fragmentos. A velocidade, imposta aos seus atos, os mobilizam intelectual e afetivamente a se satisfazerem com instantâneos, que lhes cobrem de um número sempre crescente de informações necessárias às tomadas de decisão no seu dia a dia.

Em tempo marcado pelos minutos, idéias novas tendem a forçar a redefinição do olhar do cidadão, apelar para sua compreensão, gerar empatia e chamar sua atenção. Tempo em que a impressão é o que fica as imagens se fixam na memória e induzem as ações. O editor do Álbum Artístico, Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco, ao criar e divulgar a propaganda, não apenas chama atenção dos produtos, mas produz também uma nova forma de representação com o poder de alterar a percepção, a consciência e o comportamento do público.

Por imagens é possível visualizar as acomodações e as tensões que decorrem no momento da modernização. O álbum mostra mais acomodações que tensões. O olhar sobre essas tensões se torna mais amplo naquilo que pouco está presente nessas imagens: o impacto da modernização na vida de grande parte da população, que trabalha para sobreviver plantando, pescando e criando em pleno espaço da cidade, com pouco para consumir, à margem do mercado, das modas, dos novos costumes, da imprensa e das novas técnicas, objeto de pesquisa permanente a ser perseguido nas imagens e nos documentos.

III O OLHAR DA CRÍTICA. JORNAIS HUMORÍSTICOS DO RECIFE, 1880 - 1914

O homem é o único animal que ri.

Aristóteles

O Olhar da Crítica, Jornais Humorísticos do Recife, 1880 – 1914 é construído a partir das reflexões feitas sobre a forma como os habitantes da cidade representam seu viver e conviver. A elaboração de sua narrativa é um exercício de fazer circular o olhar sobre registros que cartunistas, humoristas e letrados apresentam, por meio da imprensa, diante das mudanças e permanências ocorridas na infra-estrutura, nos costumes, na moral e no comportamento dos habitantes da cidade do Recife, entre 1880 e 1914.

O Olhar da Crítica contempla a vida urbana do Recife, partindo do levantamento da memória humorística, do humor presente nas caricaturas, charges e desenhos com suas legendas, assim como nas anedotas, poesias, poemas-piadas, quadrinhas, reclames, crônicas, noticiários, charadas e artigos, que traduzem fantasias, esperanças, desejos e desenganos dos habitantes da cidade. O trabalho pretende analisar imagens e textos registrando emoções de satisfação, alegria, entusiasmo, repulsa, compaixão e repugnância que as mudanças na vida urbana despertaram nos habitantes do Recife.

Entre 1880 e 1914, a representação humorística se destaca no Recife, sobretudo nos circuitos dos jornais e revistas humorísticos semanais e quinzenais, periódicos, em sua maioria, de curta duração²⁹⁶ e preços módicos e, às vezes, de distribuição gratuita.²⁹⁷ Jornais ilustrados, que dizem representar a imprensa livre e se apresentam como humorísticos, joco-sérios, irônicos, satíricos, maliciosos, galhofeiros, amigos da troça, estiletos da crítica inofensiva e galhofeira.

²⁹⁶ Alguns jornais têm edição única, como **O Judarão**, que circula em 14 de abril de 1900, com o objetivo de ridicularizar, em prosa e verso, o jornalista Manuel Arão, chamado Judas Arão, que dirige a seção literária do Diário, chamada Álbum de Domingo em conjunto com os diretores do Judarão e que com eles se desentendem. A maioria circula de um a dois anos, como **O Olho** e **O Etna**. Alguns por mais tempo, como o **P. M.** órgão dos fracos, que durante doze anos é editado.

²⁹⁷ Vários desses jornais, como **O Arara** têm distribuição gratuita, financiado por particulares, ou lojas comerciais que neles divulgam sua propaganda.

Podemos afirmar que o Recife é, no Brasil, lugar de vanguarda na produção de jornais humorísticos. Ao primeiro deles, *O Diabo*, editado em 1836, seguem *A Forquilha*, 1841, *A Carranca*, 1845, *O Bezerro de Pêra*, o esqueleto e *Papangu*, 1846. Desse tempo até a publicação de *A Chupeta* em 1987, conto duzentos e vinte e cinco títulos. Esses jornais, nos mais variados formatos, tratam de vários aspectos da vida da cidade. Questões políticas, morais e sociais neles são abordadas, por meio de texto, desenho e fotografia. Como alguns humoristas, Tavares Bastos, daqui migra para o Rio de Janeiro onde torna famoso seu trabalho em diversos jornais. Outros vivem no Recife, onde participam da vida pública da cidade.

O periódico humorístico “envolve-se em assuntos da época mediante a influência sugestiva dos acontecimentos”²⁹⁸, por natureza, desliza, tocando de leve nesses acontecimentos sem aprofundar as questões, “nada se encara ao microscópio, nem se passa pelo cadinho”.²⁹⁹ Muitos são os jornais humorísticos editados.³⁰⁰ A maioria deles circula com poucas edições, embora os mesmos tenham alcançado grandes tiragens.³⁰¹ Fantasiados, pronto para se divertir, os humoristas apresentam jornais e a si mesmos, lembrando que seu trabalho lida com a farsa, desvenda o que se esconde por trás das máscaras, diverte e, ao mesmo tempo ajuda o enfrentamento diário com as condições reais da vida na cidade. Como exemplo, tem a primeira página do jornal *O Fantoche* (fig.nº. 80).

²⁹⁸ Razão de Ser. O título e a justificativa. **O Bisbilhoteiro**. Folha Satírica, Humorística e Noticiosa. Publicação semanal. Pernambuco, 2 de set. 1895. p.1.

²⁹⁹ Actos e factos. **América Ilustrada**. Recife, 3 de jan. 1886. p.3.

³⁰⁰ Foram pesquisados oitenta e cinco títulos de periódicos humorísticos, dois suplementos humorísticos de jornais diários e semanais e vinte e dois títulos de jornais não humorísticos que contém matérias de humor. Ver apêndices 1 e 3.

³⁰¹ **A Bisnaga**. Orgam do Club 33, segundo o próprio jornal, chega a ter uma tiragem de 33.000 exemplares. **O Bacurao** anuncia que sai com prazer e alegria e faz furor, 10.000 exemplares voaram pelas mãos dos garotos do Agostinho. Artigo de Fundo. **O Bacurao**. Terror da Noute. Recife, 10 de jun. 1903. nº. 2. p. 1. Para ter idéia de quanto são significativas essas tiragens, o jornal **O Chic**, distribuído grátis pela Maison Chic, como jornal de propaganda, tem tiragem de 5.000 exemplares. **O Chic**, Jornal Catita e Ilustrado. Recife, fev. 1903. p. 1.

Fig.nº. 80.



No alto da página, o fantoche abre o cartaz com o título do jornal. Em baixo, o humorista reaparece, com o chapéu na mão, fazendo reverência à imprensa e ao público pela acolhida. O fantoche traz nas costas a pena e apóia com o braço o porta crayon tipográfico.³⁰²

Fonte: O FANTOCHE. Recife, 23 de jul. 1891. p. 1.

Os programas dos jornais, quando formulados, têm por objetivo agradar o público e fazer rir, sempre e muito, produzir da gargalhada irônica ao riso malicioso e picante. Alguns jornais se propõem a “bulir com a humanidade inteira”³⁰³, mas um bom número deles anuncia que vai se privar da calúnia e do fel, especialmente no que diz respeito às famílias, pouco cuidar de política, mas se ocupar de “coisas grandes e pequenas, bonitas ou feias, alegres ou tristes”³⁰⁴, por meio das quais desejam “bater os crimes, danar os vícios”³⁰⁵, criticar e corrigir a sociedade, fazendo-a rir.³⁰⁶

³⁰² Na maioria, os jornais são apresentados na logomarca ou na primeira página, pelo humorista fantasiado, portando seus instrumentos de trabalho, a pena e o lápis ou o porta crayon tipográfico.

³⁰³ O Traquinas. **O Traquinas**. Órgão da Cascabulhada. Recife, 25 de ago.1900. nº. 1. p. 1.

³⁰⁴ ‘Cousas grandes e pequenas! tudo o que existe/ bonito ou feio/ alegre ou triste’, /serve de meio/ para chegar ao meu fim,/ que é fazendo rir/ criticar e corrigir/ batendo em cheio em tudo o que é ruim. **O João Fernandes**. Revista Crítica e Humorística. Recife, 11 de jul. 1886. p. 1.

³⁰⁵ A minha tarefa/ Custe o que custar/ É bater os crimes/ Os vícios danar. **O Cabeça de Burro**. Recife, 31 de out. 1890. p.1.

³⁰⁶ Nós, desde o princípio de nossa existência literária adotamos a velha divisa de – corrigir, fazendo rir, - a ela nos conservamos fiéis ainda hoje. **América Ilustrada**. Recife, 3 de jan. 1886. p. 1.

Alguns jornais mudam de objetivo com o correr dos anos e alterações na sua administração. Em edital de O Periquito, datado de 1901, denominado Programa³⁰⁷, o jornal declara não ter programa nem norma de conduta, ser órgão de comunhão com o indivíduo desocupado. Em 1908, esse mesmo jornal coloca sua nova posição em editorial sob o título Artigo de Fundo.³⁰⁸ Nesse, informa estar adotando uma nova disposição para agradar ao leitor, que consiste em não mais usar a linguagem vermelha que utilizou quando era porta voz da vida mundana.

O Recife, jornal da galhofa que sai às ruas em 1904, tem por programa trabalhar um humorismo quente e bem talhado, nos textos e nas gravuras de Guapy, Herculano de Albuquerque. Entre os trabalhos de Guapy, destaca-se a alegoria da imprensa (fig.nº. 81)³⁰⁹, mulher alta, bela segundo os padrões europeus de beleza, cabelos grande e liso, vestido longo, contrastando com o humorista, baixo, fantasiado para o carnaval do humor, de monóculo, consciente da importância de ver amplamente ao seu redor e apoiado nos seus instrumentos de trabalho, com os quais atua na vida da cidade.

Foto nº. 81.



O Recife e a Imprensa

Black

Tão novo, tão cheio de graças e encantos,

Tendo as traquinagens de um belo pimpolho,

Provoca sorriso por todos os cantos

O nosso Recife de monóculo no olho.

Fonte: GUAPY e BLACK. O Recife e a Imprensa. **O Recife**. Folha Alegre e Ilustrada. Recife, 2 de set. de 1904. p. 8.

³⁰⁷ Programa. **O Periquito**. Recife, 13 de nov. 1901. p.1.

³⁰⁸ Artigo de Fundo. **O Periquito**. Ano V. Recife, 6 de jul. 1908. p. 2.

³⁰⁹ A REDAÇÃO. Apresentando o Recife. **O Recife**. Folha Alegre e Ilustrada. Recife, 2 de setembro de 1904. p.2.

Todos os jornais pesquisados são redigidos e editados no Recife. Um deles, *A Tapioca*, é escrito à mão.³¹⁰ Vários diretores e gerentes de jornal cuidam da distribuição dos mesmos em seus escritórios, como *O Recife*, que tem escritório na Livraria *Boulitheau*, na Rua 15 de Novembro nº. 48. Outros, como *A Rua*, são encontrados na Agência Jornalística de Agostinho Bezerra e nos escritórios de jornais diários como *A Província*. Da agência ou dos escritórios chegam às mãos dos leitores por meio dos gazeteiros, jornaleiros jovens dispostos a correr e gritar anunciando notícias.

Os jornais humorísticos³¹¹, fontes pouco usadas pela historiografia, são privilegiados nesse trabalho por trazerem para o primeiro plano, questões dos meandros do cotidiano que, em outras fontes são pouco abordadas e tratadas de modo secundário. Na passagem do século XIX para o XX, momento marcado pela diversidade de mudanças e alterações na velocidade do ritmo da vida, tempo de intenso diálogo entre o antigo e o novo, de escolhas e imposições, de resistências e criação de novos hábitos, o humor é utilizado como prática dos jornalistas para apontar para si e para os leitores as ambivalências da vida, levando-os a rir dos enganos que esclarecem e do real que engana.

3.1 *O humor e os humoristas*

O humor é universal, mas a palavra humor foi utilizada a partir do século XVIII, na Inglaterra. Pierre Daninos conceitua humor como sendo: “uma disposição de espírito que nos permite rir de tudo sob a máscara do sério”.³¹² O humor, como forma de comunicação, é uma linguagem capaz de proporcionar uma compreensão da história das relações entre os habitantes das cidades. Elias Thomé Saliba (2002, p. 27) afirma que o pensamento do humorista procura apreender os diversos lados da realidade, exercitando ao máximo e levando ao limite sua percepção e o seu sentimento do contrário. O editorial do periódico humorístico pernambucano *O Relâmpago* afirma ser objetivo do humorismo “analisar com agudeza alegre os fatos

³¹⁰ **A Tapioca** é redigida à mão por Samuel Campelo, Zebedeu e Xico Lingüiça, alunos do Instituto Pernambucano. O jornal é escrito em dez páginas, utilizando meia folha de papel pautado.

³¹¹ APÊNDICE nº. 6 - **Jornais Humorísticos do Recife, em circulação entre 1880 e 1914**, pesquisados para esta tese. Contém o título dos jornais, nomes dos proprietários, diretores, gerentes, redatores e colaboradores, ano e localização.

³¹² MINOIS, Georges. **História do Riso e do Escárnio**. São Paulo: Editora UNESP, 2003. p. 17.

e na pilheria galante e inofensiva cicatrizar as muitas chagas que corroem o meio em que age”.³¹³

O humor se constrói no artifício de transformar o não dito e o dito em riso, mágica do jogo que esconde, sem encobrir o principal, e exhibe apenas o necessário para apontar ao receptor uma graça ou a necessidade de realizar, sobre o assunto, uma reflexão. É um dos recursos que a pessoa utiliza quando se vê diante de necessidades, valores e comportamentos que lhe causam espanto. Seu exercício registra alterações nas relações entre as pessoas e na forma como essas vêem o mundo.³¹⁴

No período estudado Bergson (1899), Freud (1905) e Pirandello (1908) teorizam sobre a natureza do humor. Henri Bergson, escrevendo sobre o riso, numa época em que as máquinas exigem que o ser humano adapte sua percepção à simultaneidade e à velocidade por elas impostas, analisa a inversão e a sobreposição dos processos psicológicos de dimensões espaço-temporal, enfatiza no humor o contraste entre “os elementos mecânicos e os elementos vivos” e chama atenção para a função social do riso.

Freud conceitua o chiste como “a habilidade de encontrar similaridades entre coisas dissemelhantes. Ou a habilidade de fundir, com surpreendente rapidez, várias idéias, de fato diversas umas das outras tanto em seu conteúdo interno, como no nexo com aquilo a que pertencem” (1977, p. 23).³¹⁵ Ele constata o prazer que os chistes provocam e o encanto peculiar exercido por eles na sociedade (1905, p. 28), por considerar que as idéias chistosas encobrem ou roçam a solução de problemas e por reconhecer que o núcleo da técnica dos chistes aponta para a formação dos sonhos, (1977, p. 108). Freud, avalia o chiste quanto as suas peculiaridades e sua técnica de produção. Assinala que as peculiaridades do chiste são a

³¹³ Nosso Fim. **O Relâmpago**. Periódico Humorístico. Recife, 18 de junho de 1909. p. 2.

³¹⁴ Recurso considerado positivo diante de outros como a loucura, que também é um esforço de reajuste da alma humana frente a uma realidade que desconhece.

³¹⁵ Os critérios e características do chiste: a atividade, a relação com o conteúdo de nossos pensamentos, a característica do juízo lúdico, a conjugação de coisas dissimilares, as idéias contrastantes, o sentido no nonsense, a sucessão de desconcerto e esclarecimento, a revelação do que estava escondido e a brevidade. FREUD, Sigmund. **Os Chistes e a relação com o inconsciente**. vol. VIII (1905). Rio de Janeiro: Imago Editora, 1977. p. 26, 27.

condensação³¹⁶; o múltiplo uso do mesmo material³¹⁷, o duplo sentido³¹⁸ e a brevidade³¹⁹ e destaca quanto recursos técnicos: o trocadilho ou jogo de palavras e o uso que se faz dele no discurso (1977, p. 23; 27).³²⁰

Freud em seu texto *O Humor* (1927, p.191), afirma que o humor tem como características básicas a “rejeição das reivindicações da realidade e a efetivação do princípio do prazer”, diante das demandas do real, exigindo uma resposta e, ou adaptação em tempo mais breve. O humor apresenta-se como meio que permite e concomitantemente rejeita o impacto do real efetivando o gozo.

Pirandello, em *O Humorismo*³²¹, afirma que “o cômico nasce da percepção do contrário”, de rupturas de expectativas, marcado por um sentimento de superioridade diante dos acontecimentos e das pessoas, mas pondera que ele pode se transformar em “compreensão do contrário” e para isso é necessário renunciar ao distanciamento e à superioridade. Saliba, a partir do pensamento de Pirandello, em seu livro *Raízes do Riso* (2002, p. 25), conceitua o humorismo como sendo “um sentimento contrário, provocado pela reflexão, que não se oculta nem se converte em forma de sentimento, mas em seu contrário, em sua negação, acompanhando o sentimento como uma sombra. Neste sentido, o humorismo seria uma reflexão que se exercita antes ou depois do fato cômico, conservando a possibilidade do contrário, mas eliminando nosso distanciamento e a nossa superioridade”. O humor provoca, assim, um estranhamento diante do que nos parece familiar, uma desfamiliarização.

³¹⁶ FREUD analisa a condensação, como a abreviação duas palavras em uma, a formação de palavra composta e a condensação acompanhada de leve modificação na palavra e o uso múltiplo da mesma palavra. Op. cit.. p. 33, 34; 39.

³¹⁷ Freud analisa o múltiplo uso do material, segundo: o todo e suas partes, a ordem diferente, que leva à modificação do sentido pleno no sentido esvaziado.

³¹⁸ O duplo sentido é visto por Freud segundo: o significado como um nome e como uma coisa; o significado metafórico e o significado literal; o jogo de palavras e a alusão. Op. cit. p. 45.

³¹⁹ A brevidade consiste em dizer tudo nada dizendo, segundo Freud “um chiste diz o que tem a dizer nem sempre em poucas palavras, mas em palavras poucas demais”.

³²⁰ Segundo Freud a técnica de produção do chiste consiste também na abreviação e a condensação acompanhada pela formação de um substituto. Op. cit..p. 31-33.

³²¹ PIRANDELLO, Luigi. *O Humorismo*. In: **Do teatro ao teatro**. Organização e tradução de Jacob Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1999. p. 149,150.

Os humoristas compreendem que em torno de si gravitam representações do real. Pessoas são ora autores, ora atores e cada uma produz ou representa vários papéis. Valem-se do chiste, juízo lúdico³²², da caricatura, da sátira e da ironia³²³ para desfazer as certezas que iludem os homens, provocando neles um juízo que se apresenta em forma do riso.

O humorista, ao processar o cômico, opera de vários lugares. Ora se isola do objeto gerador do riso, distanciando-se do mesmo, ora se apresenta como objeto de humor, rindo de si próprio, ou, ainda, mistura-se ao que provoca o riso, participando das transgressões como uma pessoa qualquer a quem o cotidiano se apresenta pleno em suas ambivalências. De qualquer lugar que se enquadre, o humorista pode perceber que seu processo de criação resulta em produzir e compartilhar prazer.

Os humoristas do final do século XIX e início do século XX, em grande número, trabalham nos jornais e revistas ilustradas onde traçam desenhos, caricaturas e charges, fotografam, escrevem legendas em prosa e versos para os mesmos, redigem artigos, crônicas, anúncios e letreiros, imprimem e paginam. A matéria-prima de seus trabalhos de humor é formada nas atitudes cotidianas individuais e coletivas, das quais se acercam em exercício de deslocamento, rerepresentando os acontecimentos pela face menos perceptível, provocando o riso no trato do lado sério e grave dos problemas da vida.

Críticos, formadores de opinião atuam frente aos leitores trazendo-lhes fatos corriqueiros, antigos ou novos, sobre muitos dos quais nem eles mesmos sabem o que pensar. Escrevem sobre o que incomoda, o que os deixam perplexos, quanto as mudanças no ambiente urbano, o trato da administração pública e os costumes. O ofício de escrever com humor força os humoristas a ter uma compreensão de quem é seu receptor. Saber para quem escreve é vital para provocar a interação entre o texto e a imagem e seu leitor. Não adianta desenhar, escrever, falar ou fazer algo se a mensagem não é recepcionada por aquele para o qual é produzida, uma vez que é o espectador que transforma tudo o que lhe é apresentado em espetáculo.

³²² Entre as caracterizações do chiste, a de Fischer – o chiste é um juízo lúdico, é considerada por Freud a que mais satisfaz. FREUD, Sigmund. **Os Chistes e a relação com o inconsciente**. vol. VIII (1905). Rio de Janeiro: Imago Editora, 1977. p. 23.

³²³ Segundo Freud a técnica que caracteriza a ironia é a representação pelo contrário. Op. cit. p. 92.

Fig.nº. 82.



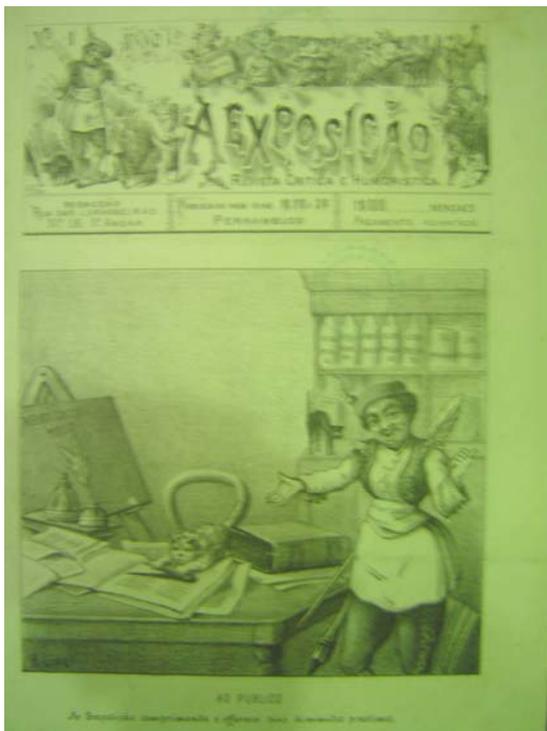
A consciência da importância da recepção leva os humoristas, por meio de imagem e texto, na primeira página ou em editais, a solicitar o apoio do público, informando que dele advém à manutenção do periódico. No cartaz da imagem ao lado, o jornalista, vestido de marinheiro, pede ao público do Recife benevolência e auxílio prometendo fazer rir.

Fonte: **RECIFE ILLUSTRADO**. Recife, 10 de jul. 1888. p.1.

Ao produzir humor, o humorista não tem como garantir a sua recepção. As primeiras páginas e os editoriais dos primeiros números dos jornais registram a apreensão dos que os fazem quanto a sua aceitação, mas o exercício de uma escrita construída no dia a dia conhecido e vivido pelo leitor amplia as chances de aquisição de assinaturas mensais e de números avulsos, garantindo recursos de ordem financeira para a edição dos jornais.

A inspiração para a criação de reportagem fina e perspicaz, repleta de humor, é encontrada pelas ruas, cafés, jardins, igrejas, teatros, maxixes, transportes, em todo tipo de reunião social. Frequentemente os humoristas se valem da produção de seus pares e até mesmo dos 'recursos'.³²⁴ Em qualquer lugar, pode-se vê-los anotando algo, mas a maioria produz no ambiente da redação, que, desenhado, nos dá idéia do espaço de criação (fig.nº. 83).

Fig.nº. 83.



O humorista, no primeiro plano, apresenta seu ambiente de trabalho. Ao seu lado, uma mesa, onde se encontram espalhados lápis, livros e jornais. Atrás, uma cadeira que lhe serve também ao desenhar na prancheta. Ao fundo, na estante, vemos frascos contendo vários tipos de venenos letais que utiliza para criar, Nos rótulos dos fracos lemos: ácido nítrico, strichinina, ácido phenico, sal, amoníaco, ácido prussico.

Fonte: **A EXPOSIÇÃO**. Revista Crítica e Humorística. Recife, 10 de ago. 1887. p.1.

Informações sobre os humoristas são raras. Livros, almanaques e jornais permitem que tenhamos alguns dados sobre aqueles que se apresentam acobertados pelos pseudônimos que criam para proteger suas identidades. A maioria tem seu nome ou pseudônimo ligado à direção, à gerência ou às redações dos jornais, onde fazem do desenho ao poema, da caricatura à anedota.

Os pseudônimos, por si, já expressam o humor de quem por eles responde. Eu, Fulano de Tal, dizem de quanto têm cuidado em não se revelar por meio do apelido. K. Britto, K. Cête, K. Cho, K. Dastro, K. Lado, K. Lunga, K. Lungoso, K. Peta, K Tão, K. Terra, nomes que, quando unificados, fazem alusão a um terceiro nome. Z. Bedeu, Zé Grilo, Zé Povo, Zé Timbú, Zé Perigo, pseudônimos que escolhem o Zé, por ser Zé um dos nomes de batismo mais populares, e, no dia a dia, por vezes, adjetivar os mais pobres. Tomado Zé como primeiro nome, vários humoristas reportam a uma identificação destes com as parcelas de população menos favorecidas.

De alguns humoristas encontramos nome e pseudônimo. Entre eles Léo, pseudônimo de Leônidas de Oliveira; Chico Arranca Touco, pseudônimo de Osvaldo Almeida, Pataca, pseudônimo de Graciliano Martins; Donzelo Mor, pseudônimo de Antônio Lopes, Juca Palheta, pseudônimo de Antônio I. Borges, Zé Grilo e Fortunato Ventura, pseudônimos de Ernesto Paula Santos, Leumas pseudônimo de Samuel Campello.

Alguns dados podem ser recuperados em jornais criados em homenagem aos humoristas como O Piparote, Órgão da Bohemia, que surge em 23 de agosto de 1903, data de nascimento do pernambucano, de Goiana, Arthur Benicio de Araújo Lima, conhecido pelos cognomes de Pio Piparote e Zamparino.

Fig.nº. 84.



Pio Piparote é fundador da Tertúlia Bohemia e d'O Raí, redator d'A Pimenta, d' A Cabra e d' O Chicote em sua primeira fase e colaborador de vários jornais humoristas, como Gazeta da Tarde, A Concentração e o Jornal Pequeno.

Fonte: PIO Piparote. **O Piparote**. Órgão da Bohemia Pio Piparote. Recife, 23 de agosto de 1903. p. 1.

Vários humoristas são os ilustradores de jornais, desenhistas e gravadores, empregados nas redações. Alguns são donos, outros diretores e uns poucos se apresentam como colaboradores. Entre os nomes e pseudônimos que assinam os desenhos, caricaturas e charges destacam-se: B. Telles, Vênus, Venú, Cap. Venú, pseudônimos de Benevenuto Telles. Benevenuto Telles³²⁵, Crayon, pseudônimo de Abelardo Maia; Crispim e C., de Crispim Amaral; E. Fonseca, de Euclides Fonseca; Guapy, de Herculano de Albuquerque; Libanio Amaral, Til e Gil Mascote, de

³²⁵ Benevenuto Telles encarrega-se de qualquer trabalho de zincografia ou das artes do desenho e da pintura no endereço do Largo do Paraíso nº. 26, primeiro andar, esse anúncio mostra que alguns profissionais também trabalham por conta própria, atendendo ao público em geral. **O Besouro**. Recife, 17 de maio de 1904. p. 7.

Oswaldo de Almeida; V. C. V. Cruz, C. V. e Joaquim Maria, de Carneiro Vilela; Vitu de J. Vitoriano Lima e Wald pseudônimo de Waldemar Costa.³²⁶

Vênus, que com o desmembramento do nome, vê nus, anuncia seu objeto de trabalho, assina o desenho, em traço largo, que traz por título Antes do banho, onde uma mulher, de formas arredondadas, se prepara para se refrescar. Os versos abaixo da cena além de descreverem a mesma, dialogam e provocam o leitor.

³²⁶ APÊNDICE nº. 7 - **Desenhistas, caricaturistas e chargistas que atuam no Recife, entre 1880 e 1914.** Contendo dados relativos aos jornais em que trabalham, nomes e pseudônimos.

Fig.nº. 85.



A primeira página de *O Periquito* apresenta mulher nua, toalha na mão, em frente à bacia. O desenhista flagra o instante de intimidade e chama o leitor a compartilhar com ele, no papel de *vouyer*, a pele, o perfil e o desejo.

Antes do Banho³²⁷

Alva, nua, voluptuosa,
 N'um conjunto raro e estranho,
 Ela, agora, descuidosa
 Vai refrescar-se n'um banho
 Seu perfil rosado e lindo
 Ao vê-lo, logo se sente
 Uma coisa andar bolindo
 Dentro do corpo da gente.
 Com esse frio que não cessa,
 Quem haverá que se aflija
 Ao lado possuindo essa
 Mundana de carne rija...
 E meu leitor, quantos diante
 D'essa gravura sadia
 Não desejam, n'esse instante,
 Ser o fundo da bacia.

Fonte: TELLES, Benevenuto. Vênus. Antes do Banho. **O Periquito**. Periódico Joco-sério e noticioso. Recife, 14 de maio 1908.

3. 1. 1 As Farpas de Jonio

Entre os muitos humoristas destacamos o trabalho do que assina por Jonio, quase que diariamente, em 1912, no *Jornal do Recife*, uma coluna intitulada de Farpas, na qual apresenta notícias seguidas de versos inspirados nas matérias dos jornais.³²⁸ O cotidiano da cidade, pessoas, instituições e da própria atividade de

³²⁷ Observar a composição da página, em duas colunas, onde, imagem e poema passam a mensagem do antes do banho.

³²⁸ Pesquisamos cento e sessenta Farpas de Jonio, que afixam seu trabalho diário em um jornal considerado sério, mas que, em 1912, já não pode prescindir do humor. Procuramos sem êxito identificar Jonio, seu humor em versos se aproxima, na forma de abordar o cotidiano, do trabalho que

escrever nos jornais define os temas das matérias de Jonio, permitindo compreender a vida urbana.

Nas Farpas, Jonio apresenta ao leitor, para rir e refletir, sua análise da política, dos costumes, situações e fatos novos, já publicados por outros jornalistas na imprensa local e nacional. Jonio também busca matéria para suas farpas nos textos e na redação dos anúncios dos jornais, que transforma em fonte do inusitado que provoca o riso.

Jonio não poupa os colegas de profissão. Alguns dos seus trabalhos se destinam a criticar, com humor, a redação de anúncios. Anúncio publicado em A Província, sob o título Cozinheira, traz o seguinte texto “precisa-se de uma que durma em casa dos patrões; quem não se julgar perita é excusado apresentar-se. Paga-se bem; a tratar na Praça Arthur Oscar nº. 64”.³²⁹ Jonio, de modo sarcástico, faz ver o absurdo do anúncio, uma vez que, de sua leitura se pode entender que se solicita uma cozinheira que se julgue perita somente para dormir.

Aguda também é a crítica ao colega do próprio jornal em que trabalha, por redigir o anúncio em que oferece uma ama de leite, de oito meses, portuguesa, para amamentar na casa dos patrões.³³⁰

Farpa XIV

Jonio

Uma ama, ao certo, decente

Muito nova e com feitiços,

De oito meses tão somente,

Oferece seus serviços.

É justo que se suspeite

Destas palavras amenas.

Nunca via ama de leite

Tendo oito meses apenas...

o recifense Bastos Tigre vai exercer durante cinquenta e três anos na coluna Pingos e Respingos no jornal Correio da Manhã do Rio de Janeiro.

³²⁹ JONIO. Farpas XXI. **Jornal do Recife**. Recife, 6 de mar. 1912. p.1.

³³⁰ JONIO. Farpas XIV. **Jornal do Recife**. Recife, 28 de fev. 1912. p.1.

A primeira das Farpas de Jonio, tendo por tema o uso cavanhaque, sugere uma nova teoria para explicar a evolução da espécie do tipo que adere a essa moda. Nessa farpa, Jonio apresenta a teoria da evolução de Darwin, em discussão na época, como teoria científica já popularmente aceita.

Farpa I³³¹

Jonio

A um typo, que usa em engraçado cavangnac.

Segundo Darwin, o eminente,

Nós quer queiramos, quer não,

Somos oriundos então

Do macaco simplesmente.

.....

É claro que, do macaco,

Todo o humano, forte ou fraco,

Descender de certo pode.

Mas tu, meu caro basbaque,

Com tamanho cavangnac

És um produto do bode!

Questões de ordem econômica se tornam temas de humor. Em época onde impera a falta de confiança, Farpas são escritas para dar conselhos, como o de não ser mais uma atitude fina dar carta de fiança³³² e para apresentar um novo profissional: o cobrador, pessoa que dá carta de fiança para ser cobrador de

³³¹ Farpa I. **Jornal do Recife**. Recife, 14 de fev. 1912. p. 1.

³³² A Farpa III, segundo Jonio, é inspirada em uma declaração publicada nos jornais, que afirma “declaro que a datar de hoje em diante não mais dou carta de fiança nem garanto por pessoa alguma”.

Farpa III

Bravo! Bravo! Muito bem!/ Mostrou o amigo ter tino,/ Pois garantir por alguém/ Hoje em dia, é não ser fino./ Se eu quisesse me livrar/ De ser vítima de um bolo/ Bastaria anunciar:/ “ eu já deixei de ser tolo!...” Farpa III. **Jornal do Recife**, 16 de fev. 1912. p. 1.

aluguéis de prédios e casas comerciais, garantindo o crédito que as relações pessoais passam a negar.³³³

O Jornal do Recife traz, em suas páginas, vários artigos contendo opiniões de jornalistas que por si já provocam o riso do leitor, como, por exemplo, ser causa da esterilidade feminina o excesso de intelectuais.³³⁴ Algumas dessas notícias são alvos das atenções de Jonio, como a que pergunta a quem compete tomar providências contra um indivíduo, que completamente despido, acha-se às três da tarde, numa das janelas que dão para a Praça da Independência.

Farpa V

Jonio

Oh! Da guarda! Oh! Da polícia!

Venham todos acudir

Sobre o caso da noticia,

Que acabei de referir.

Venham prender o patife!

Não há escândalo igual!

Querem fazer do Recife

O paraíso terreal!...

Nessa época quando a polícia exerce várias funções na cidade, suas ações e decisões são sempre criticadas. Quando prende o fato gera uma farpa, quando solta gera outra e, nos dois casos a polícia serve de alvo para a inspiração do humor.

Fatos corriqueiros de polícia, como uma discussão entre Joaquim Bezerra de Araújo e Francisco Gallo do Nascimento, da qual o primeiro saiu ferido e o último preso, e o recolhimento à Casa de Detenção, que já abriga José Pinto e outros por desordem, abrem espaço para a galhofa de Jonio, que, em versos utiliza os

³³³ JONIO. Farpas VII. **Jornal do Recife**. Recife, 20 de fev. 1912. p. 1.

³³⁴ GELASIO. Rascunhos e JONIO. Farpas III. **Jornal do Recife**. Recife, 16 de fev. 1912. p. 1.

sobrenomes dos presos para conceituar o estabelecimento carcerário. Jonio brinca em versos com o duplo sentido das palavras³³⁵, desmascarando o real.

Farpa XVIII³³⁶

Jonio

Foi Pinto, por turbulento,

Fazer logo companhia

Ao Gallo, tipo nojento,

Já recolhido outro dia,

Vejam todos se é ou não

Este caso galhofeiro:

A Casa de Detenção

Transformada em galinheiro!...

Em fevereiro de 1912, para atender aos pedidos de farpas relativas ao carnaval, Jonio escreve versos afirmando que no Recife, lugar que vive à toa, tudo é carnavalesco. O bonde, com sua tração, a maxambomba atrasada a conduzir toda a gente, o gás, com a sua luzerna, sempre a deixar a população no escuro, “os rapazes de hoje em dia / o velhote e coisa e tal / A sogra, nojenta enguia, / Tudo, tudo é carnaval”.³³⁷

Às redações, com frequência, chegam cartas de moradores reclamando dos serviços públicos. Divulgadas em noticiário, por jornais como o Jornal Pequeno, as queixas são recriadas em versos por Jonio, que têm uma solução bizarra às angústias diárias. Respondendo às queixas referentes ao serviço de higiene pública, quanto às exalações fétidas de sarjetas, Jonio aconselha a “quem se achar

³³⁵ Na farpa acerca do comentário do jornal O Pernambuco sobre ter sido posto em liberdade segundo a ordem do subdelegado do distrito da Graça, Bernadino Borracho de Oliveira, recolhido a Casa de Detenção como desordeiro, o verso é tecido em torno do sobrenome de Bernardino. Farpa nº. LXXIV - A Polícia - isto consome-/ Concedeu a liberdade/ A um tal Borracho no nome/ E borracho na verdade./ Falando do caso, eu acho,/ Que a polícia mal pensou,/ Pois, libertando Borracho,/ Por certo se esborrachou...**Jornal do Recife**. Recife, 15 de maio 1912. p. 1.

³³⁶ JONIO. Farpas XVIII. **Jornal do Recife**. Recife, 3 de mar. 1912. p. 1.

³³⁷ JONIO. Farpas VI. **Jornal do Recife**. Recife, 19 de fev. 1912. p. 1.

incomodado, pôr o lenço no nariz".³³⁸ Quanto ao fornecimento de luz, em Farpa sugere a intercessão do Criador. Tais respostas ao apresentarem a situação cômica da vida urbana, mostram a pouca confiança nas companhias encarregadas dos serviços e no governo que devem fiscalizá-los.

Farpas XV³³⁹

Jonio

Não me podendo furtar

De meter o meu bedelho,

Peço vênica para dar

Às famílias um conselho:

Requeiram do Padre Eterno

Muita lua, em profusão,

Para evitar este inferno

Da maldita escuridão.

Digam que às claras a gente

Não pode aqui viver mais,

Porque não quer, não consente,

A Companhia de Gás.

3. 2 . Os Jornais Humorísticos

Os jornais de humor também são entendidos por seus escritores como um grande melhoramento, na medida em que desvendam os atrapalhos da vida e denunciam a dissonância entre o volume de ofertas de novos bens e serviços e o custo desses luxos urbanos.³⁴⁰

³³⁸ Em virtude de inda não/ ser dada uma providência/ sobre a imundície de então/ que consome a paciência,/ Deixo a todos publicado, Este conselho feliz: Quem se achar incomodado, / Ponha o lenço no nariz. JONIO, Farpas XXIII. **Jornal do Recife**. Recife, 8 de mar. 1912. p. 1.

³³⁹ JONIO. Farpas XV. **Jornal do Recife**. Recife, 29 de fev. 1912. p. 1.

³⁴⁰ O Bumba. **O Bumba**. Recife, 25 de ago. 1898. p. 1.

Ao ler o título dos jornais humorísticos, o leitor imagina o que pode esperar do periódico. Seus nomes anunciam sua comicidade, plenos de duplo sentido. Entre eles encontramos nomes de animais como O Periquito; de objetos de investigação, como O Binóculo; de objetos que provocam desconforto ao fixar as notícias, como O Prego e O Martello; alguns aludem ao erotismo como O Badalo e outros recebem nome de alimentos que ardem como A Pimenta.

Jornal como O Patusco³⁴¹ que diz só crer na brincadeira e ter por meta fazer rir, apresenta editorial comentando que a fisionomia da cidade é triste. Os rostos nas ruas são horrendos, feios, carregados de medo. Negociantes andam gesticulando contra a inconstitucionalidade do giro³⁴², os artistas manifestam-se sorumbáticos diante das necessidades da vida e os lentes da faculdade discutem a supressão das propinas.

Fig.nº. 86.



Apesar da consciência de que o Recife ainda permanece como uma cidade onde a vida social acontece no recôndito doméstico, os jornais humorísticos surgem com o intuito de adentrar os lares e impulsionar uma mudança de comportamento.

Fonte: A tolice em doce far niente com a preguiça. **América Ilustrada**. Recife, 13 de maio 1883. p. 8.

Ao utilizarmos como fonte os jornais humorísticos, temos que ter em mente que, entre todos os jornais, são esses os que exercem uma crítica mais aguda aos acontecimentos da cidade, uma vez que os mesmos são criados como contraponto aos jornais sérios, por alguns intelectuais, os quais, em sua maioria, são

³⁴¹ Outros jornais comentam a tristeza da cidade, como **O Raio** que diz vir para exterminá-la e **A Rua** que afirma correr a vida no Recife difícil e tristíssima sendo necessário esquecer e rir um pouco. **O Patusco**. Ilustrado e Humorístico. Recife, 7 de set. 1886. p. 2. El-lo. **O Raio**. Recife, primeira quinzena de out. 1902. p.1. **A Rua**. Semanário Ilustrado. Recife, 8 de dez. 1903. p. 1.

³⁴² O giro é o imposto do consumo que já havia sido revogado como inconstitucional, mas que em 1885, volta a ser discutido na Assembléia de Pernambuco por parlamentares, que desejam diminuir o déficit dos cofres provinciais. **O Comércio**. Gazeta do Povo. Recife, 17 de jul. 1885. nº. 7. p.1.

desconhecidos quanto a sua trajetória de vida e trabalho. Cabe também fazer registro do pequeno, embora crescente na época, número de leitores da cidade.³⁴³

O primeiro número de 1889 do Recife Illustrado, com quatro páginas litográficas, apresenta, na primeira delas, uma alegoria ao Ano Novo (fig.nº. 87)³⁴⁴. um grande ovo repleto de palavras de esperança que para ficar em pé tem que ser apoiado. Ao seu lado, o jornalista e abaixo a quadrinha que registra a apreensão da imprensa quanto à recepção dos jornais por parte da população.

Fig.nº. 87.



“O Recife, empunhando o machado
Do progresso, trabalha constante
para abrir este ovo gigante,
Pra sair dentro dele o saber,
A ciência, as indústrias, as artes,
Tudo quanto adianta à nação;
Mas encontra esta interrogação:
“Nosso povo aprendeu já a ler?”

Fonte: AMARAL, Libânio. Alegoria do ano novo. **Recife Illustrado**. Periódico literário, crítico e humorístico. Recife, 22 de jan. de 1889. p. 1.

No fim do século XIX, a população do Recife conta aproximadamente com cento e noventa mil pessoas, segundo dados do Anuário da Estatística Demógrafa-Sanitária, para 1897, organizado pelo Dr. Octavio de Freitas. Em 1906, segundo

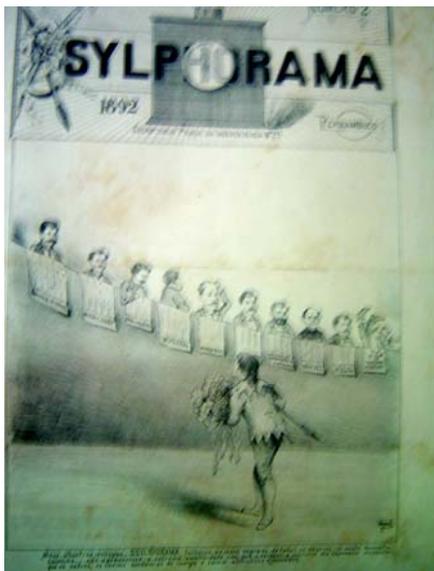
³⁴³ Embora pequeno o número dos que sabem ler alguns jornais humorísticos, como A Penna têm por objetivo estimular a leitura e difundir textos escritos por pequenos leitores. Com esse intuito cria a Secção Infantil, estimulando as crianças a participarem de concurso respondendo a perguntas da secção. Secção Infantil. **A Penna**. Recife, 22 de ago. de 1909. p. 2.

³⁴⁴ A alegoria do Ano Novo é de autoria de Libânio Amaral, responsável também pelas demais ilustrações do Recife Illustrado. Libânio Amaral dedica-se em especial, a criar, em *crayon*, várias alegorias representando com seus traços idéias abstratas. **Recife Illustrado**. Periódico literário, crítico e humorístico. Recife, 22 de jan. de 1889. p.1.

estatística escolar³⁴⁵, apenas 2% dessa população freqüenta as escolas de primeiras letras. A despeito do pequeno número de pessoas letradas, os jornais humorísticos como O Martello³⁴⁶, criado em 1900, comenta como o jornal O Olho “em roupagem de humorismo, nos requebros da crítica” é ansiado por gazeteiros e leitores que esgotam rapidamente a edição. A recepção de O Olho por parte do público leva à criação de outros jornais de humor como O Prego.

Para que o riso aflore é necessário que o assunto desenhado ou escrito seja reconhecido pelos leitores. Assim é o nível de cultura dos que recebem os jornais humorísticos que orienta a elaboração das mensagens. O humor criado tende a se tornar mais grotesco ou mais refinado no correr dos números dos jornais, de acordo com a forma como o público reage adquirindo ou não os jornais e escrevendo às redações.³⁴⁷

Fig. nº. 88.



Os representantes de cada jornal atrás de suas folhas acolhem a reverência e a homenagem, com flores, do jornalista do Sylphorama, enquanto no canto esquerdo só se vê as pernas para o ar do representante do jornal que não o acata.

Fonte: AMARAL, Libânio. **Sylphorama**. Recife, 30 de mar. 1892. p. 1.

³⁴⁵ O total de alunos, de ambos os sexos, matriculadas nas escolas das freguesias do Recife, Santo Antônio, São José, Boa Vista, Graças, Afogados, Poço da Panela e Várzea é três mil, seiscentos e sessenta e três, dos quais apenas freqüentam a escola dois mil quinhentos e setenta e três. **INSTRUÇÃO PÚBLICA. Relatório apresentado ao Sr. Prefeito do município, Comendador Eduardo Martins de Barros**, em 14 de maio de 1906. Recife: Typografia do Diário de Pernambuco, 1906.

³⁴⁶ Zé. Manias e Eu. Martellando. **O Martello**. Recife, 3 de ago. 1900. p. 1, 2.

³⁴⁷ Para avaliar a recepção contamos apenas com testemunhos de jornalistas que nas suas matérias comentam, tecem elogios, criticam e gracejam de seus colegas.

Os editais, que apresentam jornais e seus programas, destacam, entre os objetivos que motivam a elaboração do periódico, a procura de adquirir a simpatia do público. A imagem acima (fig.nº. 88)³⁴⁸ ilustra o quanto é importante para cada novo título de jornal lançado a recepção de seus pares. Jornais anunciam, em prosa, versos e imagens, a existência e o fim dos concorrentes. Por vezes, mantêm entre si querelas, expõem queixas, criticam os erros de ortografia, rima e concordância dos versos dos seus concorrentes. Em outros momentos, aliam-se e mesmo cedem suas instalações tipográficas para que apareça um novo jornal.

Alguns jornais têm páginas só de imagens. Em outros, as imagens em forma de desenho, caricaturas ou charges, com freqüência, vêm acompanhadas de textos.³⁴⁹ A integração entre textos e imagens sofre com os limites técnicos que interferem na composição das páginas dos jornais. Explica Joaquim Marçal Ferreira de Andrade (2004, p. XII) que a causa desse problema se deve à “incompatibilidade entre a impressão tipográfica e os processos de reprodução de imagem existentes – em especial, a litografia”.

Os desenhos ilustram as páginas dos jornais. Sob ou ao seu lado, encontramos poesias e diálogos que descrevem as ilustrações. Texto e imagem chegam ao leitor como linguagens que se completam. A produção dos dois para divulgar uma mensagem registra que, ainda naquela época, o humorista considera a necessidade de associar seu traço à linguagem verbal para melhor explicá-lo. Os desenhos das primeiras páginas dos jornais, especialmente as do primeiro número, servem de veículo de apresentação e de comunicação com o público. Nos exemplos que se seguem há mais imagem que texto (fig.nº. 89), feito raro para uma época em que os desenhistas ainda escrevem para explicar a mensagem que a imagem criada revela.

³⁴⁸ Imagem criada para agradecer a recepção da imprensa local ao jornal. **Sylphorama**. Recife, 30 de mar. 1892. p. 1. Alguns jornais agradecem com ênfase a recepção, por parte da denominada imprensa grave, como o Diário de Pernambuco, o que podemos comprovar no editorial com o título de O Badalo. **O Badalo**. Folha Crítica, Satyrica e Humorística. Recife, 8 de abr. 1895. p. 2.

³⁴⁹ A forma como são compostos os jornais, tamanho, diagramação, tipografia, páginas dedicadas às caricaturas, charges e desenhos, consta do APÊNDICE nº. 9 - **Jornais do Recife (1880- 1914) – questões técnicas**.

Fig.nº. 89.



O Etna, rosto com os símbolos da imprensa, sai de uma cratera, surpreende e assusta o povo do Recife. Na boca, a pena e o lápis litográfico. No olho, a lupa para ver melhor. Nesse exemplo a imagem traz a mensagem sem explicação além do título.

Fonte: **O Etna**. Hebdomadário Illustrado e Satyrico. Recife, 8 de out. 1881. p. 1.

Na primeira página encontramos imagens contendo a apresentação do jornal, homenagem a políticos e personalidades de destaque na vida pública (fig.nº. 90), alegorias alusivas ao momento histórico e charges sobre o cotidiano da cidade (fig.nº. 91).

Fig.nº. 90.



Fonte: DESENHO em homenagem a José Mariano. **O Etna**. Hebdomadário Illustrado e Satyrico. Recife, 15 de out. 1881. p. 1.³⁵⁰

Fig.nº. 91.



Fonte: LIMA, A. Alegoria da República. **A Exposição**. Revista Crítica e Humorística. Recife, 17 de maio 1888. p. 1.

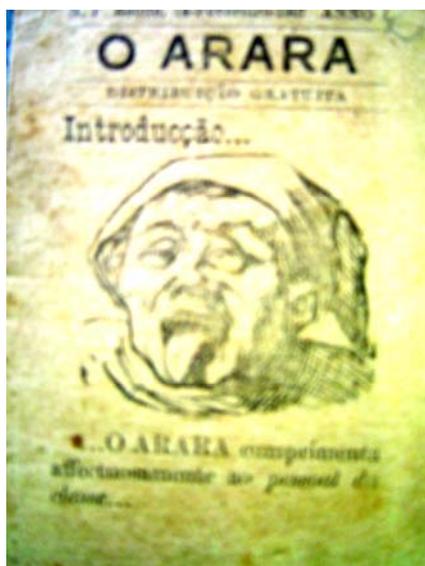
Freqüentes nos jornais humorísticos, as alegorias são representações de pensamentos e idéias por meio de formas figuradas em que cada elemento funciona como disfarce dos elementos da idéia representada. A alegoria informa outra coisa a partir da imagem que apresenta. Na primeira página do jornal *A Exposição*, a mulher simboliza a República. Ao mesmo tempo em que ergue em uma das mãos uma venda e na outra a bandeira da abolição, calca com um pé um monstro que representa a monarquia e com o outro dá uma passo à frente.³⁵¹

³⁵⁰ A primeira página traz o abolicionista José Mariano Carneiro da Cunha, quando candidato à Assembléia Geral pelo segundo distrito.

³⁵¹ A vitalidade com que é desenhada a alegoria da República no final do século XIX, como apresenta **A Exposição**. Revista Crítica e Humorística. Recife, 17 de maio 1888. p. 1, irá contrastar com o descrédito e desengano com o regime republicano, o qual será assinalado pelos humoristas, especialmente na década de 1920, como apresenta PIRES, Maria da Conceição Francisca, **Humor, Política e Cotidiano: Um olhar sobre a modernidade no Recife dos anos 20**. 2000. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal de Pernambuco. p. 91.

A caricatura apresenta, de forma clara e para rápida leitura, o feio, a deformação, revelando um olhar cômico sobre pessoas, situações e objetos. O desenho caricato que, como o chiste, formula um juízo que produz o cômico ³⁵² é uma das ações por meio da qual o humorista consegue levar as pessoas a contemplarem o objeto de seu trabalho. Muitas das caricaturas do período são criadas com o intuito de homenagear individualmente personalidades, inclusive do meio jornalístico.³⁵³ Algumas caricaturas apresentam-se em forma de careta, outras, pelo traço, deformam pessoas conhecidas ou reapresentam cenas do cotidiano de domínio público. Frequentemente chamam atenção sobre um aspecto da pessoa ou fato, de modo a provocar um rápido reconhecimento do leitor, fazendo-o rir.

Fig.nº. 92.



Cariacatura de cabeça com a língua de fora. Esse desenho é encontrado em outros jornais. As imagens, especialmente as litografias, uma vez utilizadas passam a ser revendidas, criando um mercado para esse tipo de produção.³⁵⁴

Fonte: **O ARARA**. Recife, 14 de fev. 1907. p. 1.

Em 1914, algumas caricaturas assinadas por Crayon, pseudônimo de Abelardo Maia, no jornal *O Cinema*, têm por objeto tipos coletivos como os novos tipos de mulheres que causam estranhamento pela cidade, inclusive aos humoristas, especialmente por frequentarem o cinema. A ação de incorporar ao desenho aspectos comuns das mulheres do período produz uma sátira social e provoca uma reflexão sobre as mudanças de comportamento feminino em voga.(fig.nº. 93 e nº.

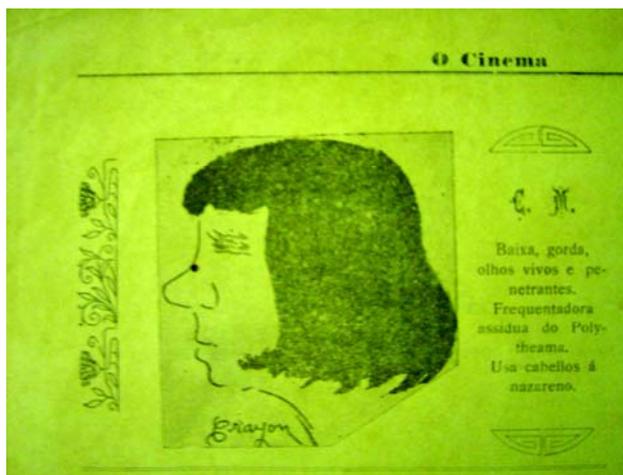
³⁵² Fischer (1889) toma a caricatura para ilustrar a relação entre o chiste, um juízo lúdico, e o cômico. Apub. FREUD, Sigmund. *Os Chistes e a sua Relação com o Inconsciente*. In: **Obras Completas**. v. VIII.- 1905. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1977. pp. 22, 23.

³⁵³ Caricaturas assinadas por Guapy, Herculano de Albuquerque, nas primeiras páginas dos números 17 a 21 do jornal **A Rua**, enfocam jornalistas em evidência.

³⁵⁴ A *Cobra* anuncia “ As gravuras já publicadas nesta revista vendem-se pela quarta parte do seu valor, servem para anúncios, jornais ilustrados, almanacks e livros”. **A Cobra**. Revista Ilustrada e Humorística. Recife, 18 de jun. 1903. p. 7.

94)³⁵⁵ Ampliam o desconcerto da imagem os textos que constam ao seu lado os quais pouco esclarecem ao público, mas reforçam a idéia do humorista. As mulheres apresentadas pelo humorista Crayon, com traços e textos, que ora as esconde, ora as desvaloriza esteticamente, revelam, das duas formas, o desconforto masculino ante esse novo ser que circula nos espaços culturais da cidade.

Fig.nº. 93.



C. M.

Baixa, gorda, olhos vivos e penetrantes, freqüentadora assídua do Polytheama. Usa cabelo à nazarena. No desenho, C. M., o caricaturista, não se dá ao trabalho de distorcer os traços. A atitude atenta no rosto sério a faz um tipo diferente das demais.

Fonte: MAIA, Abelardo. C.M. **O Cinema**. Recife, 27 de set. 1914. p. 3.

Fig.nº. 93.



“Alta, franzina, de porte elegante são os únicos traços que podemos apontar desta gentil senhorita. Deixamos aos leitores o cuidado de distingui-la no meio das gentis senhoritas que freqüentam esta casa de diversões”.

Fonte: MAIA, Abelardo. Conhece-na. **O Cinema**. Recife, 27 de set. 1914. p. 4.

³⁵⁵ Herman Lima chama atenção para a tipificação de homens no seu livro **História da Caricatura no Brasil**. Rio de Janeiro, José Olímpio Editora, 1963.

Sob o título *Conhecem-na*, Crayon esconde, em baixo de uma touca, meio perfil da mulher magra que frequenta o Polyteama. Não importa identificá-la como alguém em especial. Ela está ali, no espaço público, interessada mais no filme do que em se arrumar para agradar aos homens. Essa mulher moderna Crayon não conhece e os que dividem o espaço com ela ainda não sabem de quem se trata.

As charges traçadas em diversos jornais do período têm por tema as questões do cotidiano na cidade. A charge deixa mais aparente o fato do cômico ser o tipo de documento que tem por particularidade a produção de um sentido irônico ou satírico para tratar dos acontecimentos. É o desenho do absurdo, daquilo que todos comentam, mas que traz dificuldades ao se assumir publicamente. É um desenho que prende rapidamente o olhar do leitor, e, ao mesmo tempo, exige dele conhecimento do fato que o gera (fig.nº. 95).

Fig.nº. 95.



A charge ao lado comunica uma situação real - o empobrecimento dos funcionários públicos numa cidade em que considerável número de pessoas dispõe desse emprego. Ao vê-la o leitor ri o riso amargo, o riso de si mesmo, de seus problemas e, quem sabe, sorri também de sua capacidade de sonhar, de recomeçar a vida, construir família quando os recursos econômicos são tão parcos.³⁵⁶

Fonte: **AMÉRICA ILLUSTRADA**. Recife, 10 de jul. 1883. p. 3,4.

³⁵⁶ Charge, em *crayon*, do Jornal **América Ilustrada**, sem identificação do autor, contém crítica social. Nela, funcionário público maltrapilho, acompanha a noiva ao altar, numa alusão sobre o estado financeiro dos funcionários públicos provinciais de Pernambuco. **América Ilustrada**. Recife, 10 de jul.1883. p. 3, 4.

A América Ilustrada, jornal fundado por Carneiro Vilella e José Caitano da Silva³⁵⁷, inova no que diz respeito ao uso das charges, formando história em quadrinhos, em suas páginas centrais. Em historietas, critica costumes e fatos corriqueiros da vida.

Os humoristas utilizam como recurso a metáfora, designação de objeto ou qualidade, mediante outro objeto ou qualidade que tem com o primeiro uma relação de semelhança, como por exemplo, o poema Chapelaria: “Enquanto ele vai à loja, / Comprar chapéus elegantes, / Ela com modos galantes, / Mostrando ser bem pitéu, / Espera um seu preferido, / Para num tom divertido / Arranjar para o marido / Outro chapéu”. Com traços, os chargistas também fazem uso da metáfora e, com ela, exercem a liberdade de expressão. Comentando de forma não aparente e substituindo significantes constroem novos significados³⁵⁸, trazendo para o debate assuntos delicados que acabam por incluir os leitores como sujeitos da crítica.

Após o advento da República, várias charges têm por tema a democracia, a qual, quase sempre, é apresentada por uma figura alegórica de mulher pouco atraente fisicamente, em situação de difícil sustentação ou de perigo iminente (fig.nº. 96). Tais imagens traduzem a insegurança dos humoristas ante as novas relações que se estabelecem na política e na sociedade.

³⁵⁷ O América Ilustrada entra em circulação no dia 06 de agosto de 1871 e se mantém até 1886. Carneiro Vilella nasce no Recife em 9 de abril de 1846, filho de Dr. Joaquim Vilella de Castro Tavares e de Maria Magdalena Rios Vilella. Formado em Direito, funda e dirige o América Ilustrada; funda o Jornal da Tarde, o primeiro vespertino do Recife, e O Oriente, de propaganda maçônica. Colabora no Diário de Pernambuco e no Jornal do Recife e faz parte do corpo de redatores do Correio do Recife e da Província, do qual se torna, depois, colaborador bem como do Jornal Pequeno. Vilella é romancista, novelista, poeta, dramaturgo, pintor, cenógrafo e escultor. Morre em 1º de julho de 1913. Dr. CARNEIRO VILELLA (Joaquim Maria Carneiro Vilella). In: **ALMANACH DE PERNAMBUCO**. Recife: Imprensa Industrial, 1914. O **América Ilustrada** circula no formato 32x22 cm, com oito páginas, a primeira e a última litogravadas, sendo o desenho do cabeçalho (mulher numa colina) assinado por W. de Melo Lins. A parte tipográfica está a cargo da Tipografia Americana, situada à rua Duque de Caxias nº. 9. Cf. NASCIMENTO, Luiz do. **História da Imprensa em Pernambuco** (1821-1954). v. V. Periódicos do Recife – 1851-1875. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1970. p. 313-321.

³⁵⁸ Chapelaria. **O Periquito**. Periódico Joco-sério e Noticioso. Recife, 27 de jul. 1908. p. 1.

Fig.nº. 96.



Fonte: A democracia nos paroxismos da morte. **O Etna**. Hebdomadário Ilustrado e Satyryco. Recife, 8 de out. 1881. p. 4,5.

Com a corda no pescoço, a democracia segura com a ponta dos dedos o jornal, o qual tem um exemplar no chão servindo de repositório à urina de um cachorro. No lado esquerdo, o aro de uma bicicleta, artefato dos tempos modernos. A charge revela as dúvidas quanto à manutenção da democracia no início do período republicano.

A posição inusitada da democracia, com a corda no pescoço, pernas abertas e se equilibrando nos jornais com seu nome, anuncia a importância da imprensa na formação de opinião e mesmo na sustentação de um regime político ao levar o leitor a problematizar o tema em questão.

Nas primeiras páginas dos jornais, as logomarcas são intensamente trabalhadas no que diz respeito às letras e aos desenhos. As logomarcas, por vezes, mudam ao longo do tempo, quando o jornal passa às mãos de um novo dono, há troca de diretoria ou o jornal suspende sua edição e volta depois numa nova fase. Algumas logomarcas quanto mais antigas, mais ousadas e sensuais, como no caso do *O Periquito*, que, com o tempo, troca os desenhos de um periquito, em um poleiro, contemplando uma mulher nua tendo acima um letreiro que acompanha as curvas do corpo feminino (fig.nº. 97), por letras enquadradas entre duas régua que aprisionam o pássaro (fig.nº. 98).

Fig.nº. 97.



Fonte: Logomarca. **O Periquito**. Periódico Joco-sério e Noticioso. Vai ou racha. Entra ou arrebenta. Recife, 24 de dez.1901. p. 1.

Fig.nº. 98.



Fonte: ALMEIDA, Osvaldo. Logomarca. **O Periquito**. Periódico Joco-sério e Noticioso. Vai ou racha. Entra ou arrebenta. Recife, 14 de dez. 1906. p. 1.

A maioria dos desenhos divulgados pela imprensa humorística contém crítica social, política ou de costumes. Novos comportamentos sociais satirizam o momento marcado pela rapidez e a intensidade das mudanças nas relações entre os habitantes das cidades (fig.nº. 99).

Fig.nº. 99.



Negra, completamente vestida, segura um exemplar do jornal **O Raio**. Ela contrasta com a mulher que fita o horizonte e expõe, ao sol e ao leitor, costas, nádegas e pernas na praia.

Fonte: **O RAIO**. Recife, Primeira quinzena de out. 1902. p. 8.

A imagem de O Raio alerta e atrai o leitor para o jornal e para a praia como espaço de sedução.³⁵⁹ Registra a íntima relação entre o jornal humorístico e os comportamentos eróticos, dos quais tanto se valem os jornais para manterem a atenção e a procura de seus leitores.

Para sair às ruas os jornais têm que receber licença do Chefe de Polícia, que, entre suas funções, exerce a censura aos jornais. A Cobra narra que a digna autoridade “esteve com ela entre as mãos, mirou-a de um lado e de outro, deliciouse com sua leitura e deu o seu *placet*”.³⁶⁰

Os textos e as imagens dos jornais humorísticos do Recife publicam o dito que não convém. Neles, os jornalistas exercitam o fazer rir a sociedade, de seus limites, mazelas e problemas. Com freqüência, utilizam o trocadilho³⁶¹, valendo-se do duplo sentido das palavras³⁶², para rirem de si mesmos, do exercício de sua profissão, como no soneto Reportagem.

³⁵⁹ Acerca da praia como objeto de investigação histórica e cultural ver o original trabalho de ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. **A Praia e os Dias**. História social das praias de Recife e Olinda. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2007.

³⁶⁰ **A Cobra**. Recife, 21 de fevereiro de 1903. p. 7.

³⁶¹ O trocadilho usa uma mesma palavra em mais de um sentido ou faz correspondência entre palavras.

³⁶² George Minois cita que Hegel (em *Cous d'esthétique*, p. 217) chama de humor o fato de “fazer farsas e brincadeiras consigo mesmo e com coisas que existem em torno de si”. MINOIS. *Op.cit.*. p. 513.

Reportagem³⁶³

Atrás de um furo de estrondo,

Caminha vertiginoso,

O repórter Marimbondo

Tipo já velho e nervoso.

Em um bairro duvidoso,

Tiras e tiras compondo.

Vê, o bruto, um vulto airoso

Que os olhos nele vai pondo

Ao convite da madama

Feito com voz bem tremida

O “reporte” grita em chama

Tendo o corpo semi duro:

- Não posso agora, querida...

Só depois de dar o “furo”.

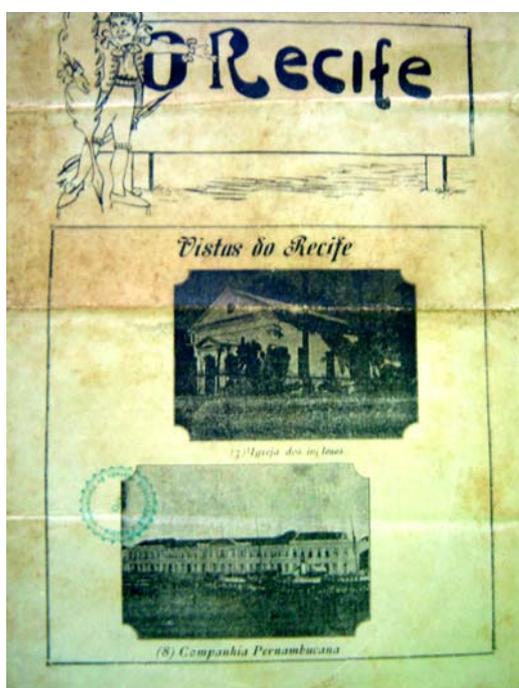
Nas últimas décadas do século XIX, para imprimir as imagens dos jornais é necessário utilizar os processos da litografia e da xilografia. No final desse século, novas técnicas de impressão e reprodução permitem aos jornais e revistas editar fotogravuras. Segundo ANDRADE³⁶⁴ (2004, p. XII), os processos de reprodução foto-mecânica se tornam viáveis para utilização na imprensa periódica, a partir da confecção de matriz para impressão das fotografias, o que permite que essas passem a ser realizadas por um processo direto também fotográfico, assegurando a impressão de imagens junto com o texto e amplia a utilização e a credibilidade da fotografia.

³⁶³ Reportagem. **A Pimenta**. Periódico Humorístico, Ilustrado e Noticioso. Recife, 10 de jul. 1909. p.3.

³⁶⁴ Joaquim Marçal Ferreira de Andrade estuda a história da fotorreportagem e do fotojornalismo no Brasil a partir de uma investigação de suas técnicas e dos seus processo no seu livro **História da Fotorreportagem no Brasil**. A fotografia e a imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

Com o uso do moderno recurso técnico da fotogravura, chegam às páginas dos periódicos flagrantes do cotidiano da cidade, de prédios públicos e de personalidades, em forma de fotorreportagem, de propaganda ou de anúncios para comemorar aniversários de adultos e crianças. As fotogravuras ao ganharem espaço nos jornais, aos poucos ocupam o lugar das ilustrações, diminuindo a presença dos desenhistas nas redações, ao mesmo tempo em que exigem maior concisão na produção do texto que as segue, levando o redator por vezes, a apenas anunciar seu nome, como demonstram as vistas do Recife.

Fig.nº. 100.



Fonte: **O RECIFE**. Recife, 28 de out. 1904. p. 1. Fotos, em preto e branco, da Igreja dos Ingleses e da Companhia Pernambucana.³⁶⁵

Vários jornais se auto-intitulam satíricos e joco-sérios por produzirem humor. Utilizam meios reconhecidos literariamente como a poesia, mas neles há diversos tipos de texto, dos literários aos que, propositadamente ou não, vêm repletos de diversos tipos de erros gramaticais e de linguagem; incorreções que, por vezes, reproduzem a fala comum na cidade. Escritos por uma classe média letrada, os textos veiculados tratam da vida de todos os segmentos da população.

³⁶⁵ As fotos, de números sete e oito, mostram que o jornal vem sistematicamente utilizando fotogravuras em suas páginas. **O Recife**. Recife, 28 de out. 1904. p.1.

Se a crítica é geral e em alguns jornais se diz dirigida aos burgueses, colunas com denúncias mais virulentas têm por sujeito as pessoas mais pobres, em especial as prostitutas. Assim, os jornais circulam em via dupla, numa condição ambígua, ora cedendo espaço aos problemas e queixas dos que não têm outro veículo de luta por seus direitos ora expondo a privacidade de quem não tem recursos para reclamar.

3. 3. Os Assuntos dos Jornais de Humor do Recife

Os humoristas tratam de assuntos diversos: política, sociedade, religião, costumes, trabalho, propaganda, serviços, sexo, de tudo um pouco. Os jornais elegem tipos populares presentes em suas matérias que são apresentados como personagens, sobre os quais incidem todo tipo de troça que não se pode fazer a uma pessoa. Tais tipos, chamados pelos humoristas de Judas, caindo ou não nas graças do leitor, geram vínculos de comunicação (fig.nº. 101). Comenta-se sobre eles nas ruas como se tratasse de indivíduos reais, estabelecendo, assim, uma relação interativa entre produtor e receptor dos tipos criados e dos textos a eles associados.

Fig.nº. 101



Em bico de pena, o desenhista detalha os Nossos Judas ou os Judas da imprensa. Entre os tipos: *la cocotte*, o deputado, a vendedor de bilhetes, a pastora, o namorado, a namorada, o doutor, o leão, o cachorro, o recitador, o titular e o advogado.

Fonte: Nossos Judas. **AMÉRICA ILLUSTRADA**. Recife, 27 de mar. 1881. p. 3, 4.

Tipo conhecido e presente nos periódicos de humor, nas primeiras décadas da República é o Zé Povo.³⁶⁶ Nele, sobre ele e em volta dele os desenhistas difundem as misérias pelas quais passa a denominada gente miúda de várias cidades brasileiras. No Recife, o encontramos em vários números do jornal *A Lanceta*. Seu semblante nem sempre é o mesmo. Varia de acordo com a situação. Personifica o Cristo, caminhando com a cruz da carestia da vida, ou o homem comum às voltas com a oferta de consumo de jornais (fig.nº. 102). As charges que o têm por tema quase não utilizam texto. Sua presença, por si, é sinal de crítica.

Fig.nº. 102.



Com o título *Actualidades*, encontramos, no primeiro plano, Zé Povo, em andrajos de mendigo a esmolar, carregando o peso da carestia da vida. Ao lado, um sol na altura do seu rosto, pisca um olho solidário e duvidoso. Em seus raios a palavra liberdade está subtendida, mas se destacam em negrito as letras que formam a palavra *iedo*, que lembra medo. No outro lado, criança e mulheres magras denunciam a fome. Sob o desenho, frase carregada de ironia arremata a idéia do

Fonte: ACTUALIDADES. *A Lanceta*. Periódico humorista: Zé Povo triunfando...
 Ilustrado. Recife, 19 de mar. 1913. p. 1.

Zé Povo atua desmascarando o real nas charges em que se encontra. O contraste entre imagem e texto, entre o desejo de consumir e as posses do pobre são o mote do humor. Ele ganha força ao retratar os problemas, os limites e as imperfeições do homem comum. As necessidades para as quais estende a mão esperando socorro alheio mostram a consciência da impotência financeira do Zé

³⁶⁶ Em torno de Zé Povo, Marcos Silva discute o Brasil, nos primeiros anos da República. *A Caricata República – Zé Povo e o Brasil*. São Paulo: Marco Zero, 1990.

diante das demandas da vida moderna e, ao mesmo tempo, a invulnerabilidade do seu ego que triunfa ante as provocações do dia a dia (fig.nº. 103).

Fig.nº.103.



O texto informa que no Recife funcionam oito jornais, sendo um deles o periódico A Lanceta. Gazeteiros abordam Zé Povo, que se atrapalha com seu corpo envolvido por tantos jornais. Gazeteiros ameaçam – “compra as foias (sic) do dia ou leva soquetes e pitombas!” O leitor pondera que são agressivos os gazeteiros na venda dos jornais.

Fonte: ACTUALIDADES. **A Lanceta**.
Periódico Ilustrado. Recife, 15 de jan. 1913.
p. 1.

3. 3. 1 A Política

Os jornais humorísticos exigem do leitor além de saber ler tomar posição crítica diante dos fatos, uma vez que é na interpretação de quem lê, mais que do fato que origina imagens e textos, que reside o humor. O humorista, por vezes, ao apresentar fatos políticos desafia o leitor a refletir junto com ele.

A República, um dos temas políticos prediletos na virada do século, estimula a criatividade dos artistas do traço. O desenhista utiliza o humor de forma pedagógica ao mostrar, em seqüência de desenhos nos jornais A Província e O Periquito, as diversas faces da nova forma de governo. Com figuras de mulheres, compara o sonho de República, pelo qual muitos lutaram, com a realidade da velha República que se instala no país (fig.nº. 104 e n.º. 105).

Fig.nº. 104

Fig.nº. 105.



A bela mulher, com barrete e facho na mão, simboliza a República de Vieira de Melo, Tiradentes e Caneca ao lado de uma velha de bengala na mão que representa a República de Deodoro, Floriano, Prudente e Campos Sales.

Fontes: FONSECA, Euclides. 15 de novembro. Através de um sonho, em plena realidade. **O Periquito**. Semanário Ilustrado. Periódico Joco-sério e Noticioso. Recife, 15 de nov. de 1901. p.1.

Pessoas ligadas à política, especialmente as que se expressam pela imprensa no Recife, não perdem o espírito nem nos embates eleitorais. Em forma de versos, constroem representação dos políticos praticando o riso partidário³⁶⁷, criam tipos, enaltecendo seus ídolos e tratando com sarcasmo as vítimas do seu humor e expõem freqüentemente a vida íntima dos indivíduos considerando ser esse o espaço em que melhor podem apresentá-los.

As eleições, alvo constante dos humoristas, muitas vezes os deixam no centro da discussão, sem condições de utilizar seus instrumentos de trabalho, sem ter o que dizer. Sem saber como opinar, apresentam sua perplexidade com o recurso do desenho (fig.nº. 106).

³⁶⁷ O riso partidário caçoa do adversário político e social. MINOIS, Georges. Op. cit. p. 471.

Fig.nº. 106.



Um morcego³⁶⁸ sobrevoa os diversos partidos políticos. O conservador de um lado e o republicano e o liberal de outro, os três com duas caras. No centro, o humorista de braços abertos, murmura seu estranhamento: - assim não sabemos em quem votar.

Fonte: ASSIM não sabemos em quem votar. **América Ilustrada**. Publicação Humorística. Recife, 3 de jan. 1886. p. 4, 5.

As eleições, assunto que toma as primeiras páginas dos jornais sérios, deixam os humoristas perplexos, por entenderem que, no Recife, a eleição não exprime coisa alguma, “não é uma coisa séria, patriótica e respeitável, não passa de um acordo entre partes protegidas pelo poder”.³⁶⁹

No início do século XX, o momento histórico, que vai da apresentação da candidatura de Dantas Barreto³⁷⁰ ao Governo do Estado de Pernambuco até a sua posse, de muita tensão popular, com brigas de rua e grandes comícios é o mais assinalado pelos pasquins e registrado, em carvão, na forma de desenhos e palavras nos muros da cidade.³⁷¹ Na disputa eleitoral para governador, dia após dia, durante meses, ocorre a explosão popular de ódio ao Sr. Rosa e Silva e demais integrantes do seu partido. Vários humoristas críticos e mesmo alguns céticos quanto aos políticos apóiam a candidatura de Dantas Barreto, cognominado o libertador do povo, que inspira versos, prosas e hinos. A poesia popular circula nos

³⁶⁸ Sobre caricaturas que tratam do movimento político nacional ver **Traço e História**. A Caricatura na Madrugada da República. Recife: Arquivo Público Estadual/ Editora Massangana, 1990.

³⁶⁹ Pontos nos ii. **América Ilustrada**. Recife, 3 de jan. 1886. p. 3.

³⁷⁰ Emydio Dantas Barreto nasce em Bom Conselho, Pernambuco, em 1850. Faz carreira militar tornando-se General de Brigada em 1906 e Ministro da Guerra no Governo do Marechal Hermes da Fonseca. Convidado por amigos para disputar o cargo de Governador de Pernambuco, ganha a eleição em 5 de novembro de 1911 e toma posse em 19 de dezembro do mesmo ano.

³⁷¹ Nas paredes da cidade lê-se, escrito em carvão: Nem tudo que luz é ouro/ Nem toda pancada é murro/ Nem todo burro é rosista/ Mas todo rosista é burro. A política pernambucana e a poesia popular. **O Norte**. Recife, 28 de jan. 1912. p.1.

assobios e no piano. O som da música Vassourinhas, do bloco do mesmo nome, hino do carnaval recifense, utilizada na campanha política, transforma a eleição num fato popular. Canta-se a seguinte paródia.³⁷²

“Pela onda popular (bis)

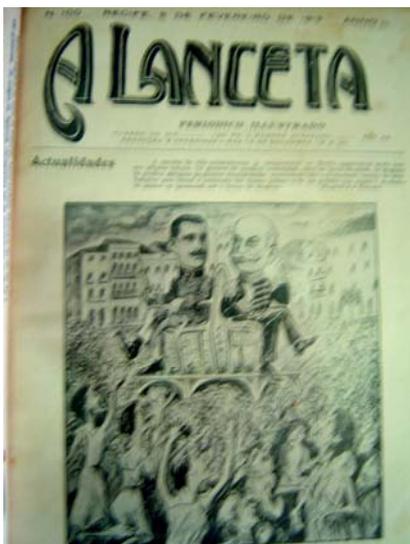
Rosa e Silva é esmagado

E o general Dantas Barreto (bis)

Vem salvar o nosso Estado”.

Eleições e carnaval³⁷³ se misturam como momentos de folia, de presença e participação de segmentos diversos da população nas ruas. Nas eleições de 1911, há toda sorte de violência, denúncias de fraude, brigas nas ruas. Os candidatos utilizam largamente a força, a intimidação, o controle das urnas. Os humoristas registram o confronto como na charge que cobre a primeira página de A Lanceta.

Fig.nº. 107.



Na imagem ao lado, o povo carrega pelas ruas um andor com duas cadeiras, uma de costas para a outra, onde estão sentados Dantas Barreto e Rosa e Silva. Enquanto os populares clamam pelos políticos, os dois se medem com o olhar. O humorista salienta, assim, ser a disputa entre eles, mais que os anseios populares, a razão das eleições.

Fonte: ACTUALIDADES. **A Lanceta**.
Periódico Ilustrado. Recife, 5 de fev. 1912.
p.1.

³⁷² Com o recurso da paródia, as inversões no texto original conferem novo sentido ao frevo, tornando-o facilmente assimilado pelos foliões e eleitores.

³⁷³ Os jornais humorísticos informam que, até o fim do período imperial, celebra-se o carnaval com o entrudo partilhado por senhores e escravos, guardando as distâncias sociais. No início do período republicano, um novo e mais higiênico formato para o carnaval em que figuram bailes, passeios pela cidade e a mascarada, é estimulado. Sobre o carnaval do Recife inserido no processo de construção da cidade, ler ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de, **Festas: Máscaras do Tempo**. Entrudo e Mascarada no Carnaval do Recife. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1996.

A democracia é preocupação permanente dos humoristas que fazem rir partindo dos embaraços que a mesma tem de enfrentar, especialmente quando há eleição e o resultado dos pleitos é obtido à custa de toda sorte de falcatruas. A fragilidade do regime político e o modo como o mesmo é conduzido pelos que detêm o poder vira charge que revela o que todos sentem, mas é indizível, caracterizando a situação.

Fig.nº.108. A Democracia



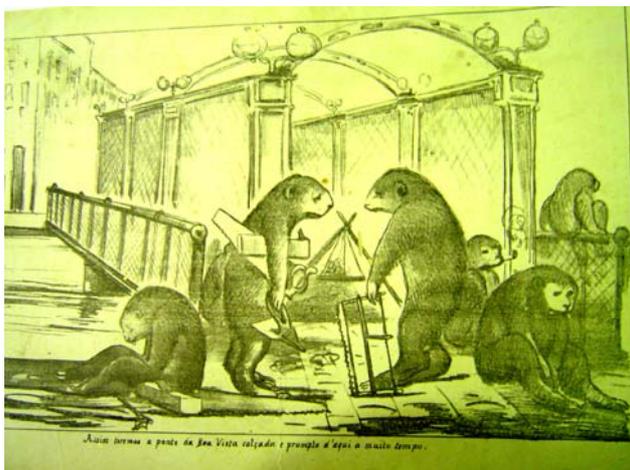
A Democracia, em traje de gala, dança valsa, visivelmente constrangida nos braços de um lobo, que lhe estende a língua tentando alcançar sua boca. Ela recua o rosto, mas está enlaçada, próxima e conduzida pelo parceiro.

Fonte: A Democracia.

3. 3. 2 Ações do Governo

As queixas quanto à administração da cidade e à higiene pública são freqüentes. No final do século XIX, os jornalistas apontam a Intendência como órgão responsável pelas ruas causarem nojo e o calçamento não ser reparado. Essas queixas provêm em parte da situação real das ruas e da idéia de que o progresso exige uma cidade embelezada, com amplas avenidas calçadas, limpas e arborizadas. O humorista aproveita o clamor popular e, com sua charge, denuncia como é realizado o serviço de calçamento numa das mais utilizadas pontes da cidade (fig.nº. 109).

Fig.nº.109.



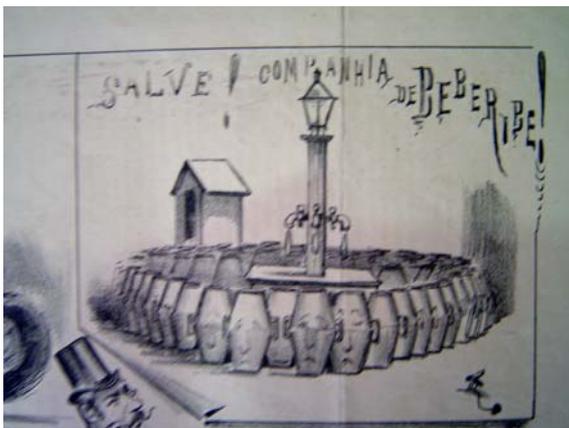
Fonte: Assim teremos a Ponte da Boa Vista calçada e pronta daqui há muito tempo. **América Ilustrada**. Recife, 31 de out. 1880. p. 8.

Calçamento de pontes e demais cuidados com a conservação da cidade são vistos pelos humoristas como tarefas “executadas” pelos bichos preguiça, que observam a paisagem, conversam e descansam, marcando um ritmo de trabalho que contrasta com a rapidez das mudanças vividas pela sociedade.

Serviços públicos, como fornecimento de água e esgoto, não acompanham as necessidades do crescimento urbano, nem são tratados como prioridade pelos governos, que os cedem a particulares, por contrato firmado após concorrência pública, e se limitam, quando muito, a fiscalizar sua execução e seu fornecimento. O abastecimento de água, precário mesmo com a prestação de serviços da Companhia do Beberibe, leva o chargista a criar e espiar para um desenho no qual ironicamente saúda a Companhia (fig.nº. 110).³⁷⁴

³⁷⁴ Sobre a Companhia do Beberibe e demais serviços públicos urbanos do Recife, ler JUCÁ, Gizafran Nazareno Mota. **A implantação dos serviços urbanos no Recife**: o caso da Companhia do Beberibe. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1979.

Fig.nº.110.



Fonte: Salve! A Companhia do Beberibe!

Com seu traço, o humorista circunda um chafariz, de onde pinga água, com vários caixões de defuntos, de madeira, em cujas tampas estão desenhados rostos tristes, anunciando o engodo do fornecimento de água da cidade e responsabilizando a Companhia pela higiene e saúde da população.

A Câmara Municipal é o órgão administrativo mais criticado pelos humoristas quanto ao desempenho de suas funções. A crítica gira em torno da falta de fiscalização da execução das posturas municipais, nomeadas por imposturas, e da pouca fiscalização da higiene no matadouro e no mercado público; da morosidade na execução e acompanhamento na implantação de serviços; da ausência de cuidado com o lixo que se espalha pelas ruas, becos e pontes; da falta de conservação das estradas de rodagem e de reparo no calçamento.³⁷⁵ Os jornais humorísticos com irreverência assinalam as incoerências das leis criadas, as ações dos servidores públicos que, por si, já dão ensejo à galhofa e que servem de matéria-prima para os que vivem de reaperatar os devaneios administrativos.

O humor calcado na ironia é via de resistência aos descabros da legislação e das ações dos governos. O Governo do Recife, ao aprovar para a cidade leis esdrúxulas, cai na pena dos humoristas. Em uma das edições do PM.³⁷⁶, seus redatores protestam, ironicamente, contra a lei de 1902, que proíbe conduzir as aves de cabeça para baixo, uma vez que tal lei, “iníqua e absurda” rasga um dos principais artigos do estatuto do jornal, desde que é totalmente impossível para seus “membros” obedecerem à disposição municipal.³⁷⁷

³⁷⁵ A Câmara Municipal. **O Escarpello**. Bi-semanário Crítico, Humorístico e Literário. Recife, 16 de out. 1887. p. 3. e Vista d' Olhos. **O Cabeça de Burro**. Recife, 31 de out. 1890. pp. 1, 3.

³⁷⁶ O jornal **PM**. Órgão dos Fracos. “Coloca-se sempre pelos fracos, contra os fortes e duros, pelos humildes e encolhidos contra os grandes e esticados”. Seus sócios têm que mostrar comprovante de idade, que justifique a entrada para o Clube dos PM.

³⁷⁷ No Nosso Posto. **PM**. Órgão dos Fracos. Carnaval de 1903. p.1.

Populares estão sempre dispostos a criticar os serviços públicos. O trabalho da polícia é um dos mais ridicularizados. Os policiais chamados para resolverem os mais variados tipos de problemas, estão sempre aquém da expectativa de quem demanda sua ação. Os humoristas vêem esse serviço sendo exercido na contramão dos infortúnios urbanos e, com o traço, conclamam o leitor a rir das autoridades policiais, transgredindo o respeito às mesmas, que a lei exige.

As imagens apresentam a polícia ora iludida pelos criminosos ora defendendo os interesses dos mais afortunados. A charge a polícia descobrindo a pista do crime é marcada pelo deslocamento. Nela, há uma representação pelo oposto, uma trapaça. Polícia e ladrão estão fora de lugar.

Fig.nº. 111



Enquanto o criminoso escapa pedindo silêncio ao leitor, o policial, com nariz de palhaço, segue a falsa pista. Na frase sob o desenho, a ironia do chargista.

Fonte: A polícia descobrindo a pista do crime. **A Pimenta**. Periódico Humorístico, Ilustrado e Noticioso. Recife, 14 de nov. 1908. p. 3.

Os serviços de transportes públicos também sofrem críticas. Populares assinam matéria nos jornais humorísticos, queixas quanto ao serviço prestado pelos bondes. Comparam o transporte com a carroça pública, reclamam dos bancos molhados, das candeias de azeite de carrapato que os ilumina e da forma como o cocheiro guia os animais, gritando para os mesmos: olha à esquerda! Olha à direita!³⁷⁸ Nos gritos a brevidade pontua o humor.

O fato é que para os humoristas o bonde e seus passageiros são causa de riso. Entre os motivos sobressai o comportamento em espaço público, as conversas e discursos sem fim das questões do dia, em voz alta e acalorada, e o fato de que todos fazem questão de sentar na ponta do banco. O transporte, por ser público, é tido como espaço onde cada qual se sente livre para fazer e dizer o que quiser, da

³⁷⁸ Transeuntes. Rua Nova. **A Pimenta**. Periódico Humorístico, Ilustrado e Noticioso Recife, 13 de ago. 1902. p. 8.

forma que bem entender. O jornal *O Periquito* traz uma coluna intitulada *Segue o Bond...*, por vezes assinada por *O Homem da Sota*, que trata de episódios ocorridos no bonde, dos quais participam passageiros e empregados da Companhia, notícias da vida íntima dos que utilizam o transporte e críticas dos empregados à forma como os passageiros se comportam, discriminando-os de acordo com a linha que utilizam³⁷⁹, ou dos passageiros quanto ao serviço concedido.

3. 3. 3. O Trabalho

Novas e antigas profissões, novos hábitos, relações de trabalho e transgressões nos comportamentos dos trabalhadores inspiram os humoristas que trazem às páginas dos jornais profissionais da cidade, valorizados ou marginalizados devido às mudanças que a modernização empreita que, até então encontram pouco espaço nos chamados “jornais sérios”.

Os jornais de humor servem como via de denúncia de empregados contra gerentes e patrões. *O Periquito*, em 1908, publica uma carta, assinada por uma cigareira em nome do corpo operário da Fábrica Lafayette³⁸⁰, sobre o comportamento da gerente da seção feminina e solicita atenção para a mesma dos proprietários da fábrica. Os empregados acusam a senhora de passar descompostura nas empregadas, impedi-las de namorar no interior do estabelecimento fabril, se intrigar com as cigareiras, chegando a despedir algumas sem motivo justificável. A solidariedade entre as operárias pode ser apreciada, quando da greve pacífica que as cigareiras da Fábrica Lafayette, de propriedade de Moreira & C., empreendem por terem sido despedidas quatro companheiras, fazem manifestação em que um chefe, o Sr. Moreira Ponte, usa da força para obrigar a operária Antônia Santiago a retirar-se, provocando grande desordem nas oficinas. Esse episódio conta com a adesão dos operários de ambos os sexos da Fábrica de Cigarros Caxias e dos operários da Fábrica Moreninha, que exigem, além da

³⁷⁹ O *HOMEM* da *SOTA* comenta que o fiscal José Caretão vai mal com a mudança para a linha de Afogados e diz que é de morrer de caretas porque os passageiros são muitos diferentes dos da linha Fernandês Viera. Mas como não se pode voltar ... *Segue o bond. O HOMEM da SOTA. Segue o Bond.... Pela Ferro Carril. O Periquito*. Periódico Joco - sério e Noticioso. Recife, 14 de maio 1906. p. 2. Passageiros das linhas como as da Madalena, Torre e Fernandes Vieira chamam atenção de jornalistas até de jornais de esportes, como a matéria de D. Farias, *Passageiros de bonds. Sport*. Recife, 7 de jan. 1905. p. 2.

³⁸⁰ *Mulherzinha das Arábias, a Gerente da Lafayette. Cigareiras demitidas. Com vistas aos proprietários. O Periquito*. Periódico Joco - sério e Noticioso. Recife, 3 de set. 1908. p. 5.

readmissão das operárias demitidas, aumento de Réis 30\$000 para Réis 40\$000 pelo fabrico de cada maço de cigarros e diminuição do desconto semanal para asseio das oficinas.³⁸¹

As fábricas de cigarro do Recife empregam, de preferência, moças pobres e com pouco estudo para embrulhar o fumo - as cigarreiras. A profissão de cigarreira é por alguns jornalistas, com certa freqüência, associada à prostituição. Valendo-se da tênue fronteira que separa, no imaginário e no trato cotidiano, as mulheres que trabalham das prostitutas, o humorista Leônidas de Oliveira, que assina Leo, escreve no jornal *O Chicote*³⁸², soneto-piada seduzindo a cigarreira a exercer trabalho nessa outra função.

A Uma Cigarreira

Leo

Te vejo muito cedo, isto é diário,

Sempre vestida de cambraia fina,

Quando passas em busca de oficina

Para ganhar um mísero salário.

E à tardinha de feições desfeitas

Caneleira assanhada ao vento solta,

Eu te vejo passar na tua volta,

Mulher perfeita d'entre as mais perfeitas.

Como eu lastimo a tua sorte avara,

Tu, a beleza da mulher mais rara.

Não vês que a indústria por demais te atrasa.

Escuta, pois se gosta do ofício,

Vem ter comigo, não é sacrifício,

Eu tenho fumo e bom... Trabalho em casa.

³⁸¹ 2 de setembro de 1909. **Almanach de Pernambuco para o ano de 1909**. Recife: Imprensa Industrial, 1908. p. LXXIII.

³⁸² Observar o uso erótico do duplo sentido no solavanco ou anticlímax final do soneto-piada. LEO. A Uma Cigarreira. **O Chicote**. Periódico Humorístico e Livre. Recife, 8 de jun. 1903. p. 2.

O assédio às mulheres que trabalham para garantir seu sustento é constante. A prática de empregar mulheres no serviço doméstico é comum em várias camadas sociais. Anúncios diários informam que, em 1912, as empregadas domésticas são procuradas para serviços específicos tais como: lavadeira, engomadeira, arrumadeira. O número de mulheres que ficam pouco nos serviços domésticos³⁸³ dá conta, no começo do século, da forma como são tratadas em tal trabalho. Entre os motivos anunciados da alta rotatividade das empregadas destaca-se o assédio do patrão, por vezes, contando com a conivência de sua mulher, contrariado a ordem do ciúme, dado presente em anedotas que circulam nos jornais.³⁸⁴

Fig.nº. 112.



Abaixo da imagem ao lado consta a seguinte anedota:

Vem cá mulata, deixa ver uma beijoca!

- Esteja quieto, seu professor Trindade! Olhe que a patroa pode chegar de repente.

- Não te dê isto cuidado. Ela já está acostumada com minhas safadezas.

Fonte: O pedido da beijoca. **O Periquito**. Periódico Joco-sério e Noticioso. Recife, 29 de out. 1908. p. 5.

³⁸³ Coluna Alfabética. **Jornal do Recife**. Recife, 3 de fev. de 1912. p. 4.

³⁸⁴ **O Periquito** nas capas de vários números, tais como 318, 319, 320. Ano V. Recife, 8,12,13 de outubro de 1908, publica uma série de textos e desenhos intitulada Criados da Época, registrando mudanças nas relações de trabalho doméstico. Nos jornais, encontramos também anúncios diversos de emprego para tarefas já definidas, como copeira, arrumadeira e cozinheira, o que denota certa especialização no trato com a casa.

Mulher que trabalha pelas ruas vendendo alimento, como a preta dos pastéis, desperta o apetite e inspira os versos dos humoristas, plenos de cobiça e preconceito, que a apresentam como mulher de chamuscada tez, venta chata, nédia, peixão com catanga de xexéu.³⁸⁵

Novas profissões atizam o imaginário das mulheres e dos homens. Profissionais que lidam com máquinas modernas, capazes de efetuar a mágica de congelar em papel a imagem ou de transportar pessoas e cargas, são alvos dos sonhos de quem anseia pelos prazeres que o novo desperta. A curiosidade feminina diante do trabalho dos fotógrafos leva K. Zuza a escrever uma poesia, repleta de subentendidos e trocadilhos, em que revela como Elysa, jovem pura, conhece o segredo da câmara escura.

Câmara Escura³⁸⁶

K. Zuza

Quis a Elysa – jovem pura
 Que um photographo famoso
 Lhe desse supremo gozo
 De saber da câmara escura,
 O segredo misterioso
 Breve, à obra pondo mão,
 A ensina a tirar retratos
 E com tanta aplicação,
 Que aos nove meses, exatos,
 Fez uma re...produção!

Ser boleador significa dominar da boleia a condução do bonde de burros. Essa profissão rende suspiros das mulheres que, vez por outra, vêem publicados seus chamegos pelos condutores, como a estrela conhecida por Chica Varigeira,

³⁸⁵ A preta dos pastéis. **O Periquito**. Periódico Joco-sério e Noticioso. Recife, 24 de dez. 1901. p. 3.

³⁸⁶ K. Zuza. Câmara Escura. **O Prego**. Recife, 28 de jul. 1900. p. 3.

que fica dia inteiro na janela agüentando chuva e sol na esperança de ver o boleador do carro de Santo Amaro, da Ferro Carril.³⁸⁷

O fato é que, no início do século XX, as mulheres desempenham, a cada dia, novos e antigos trabalhos fora do ambiente doméstico, o que as levam a circular por vias públicas, lugares até então livres apenas para o caminhar solitário de escravas, prostitutas e mulheres pobres. A costureira, agora promovida à modista, com endereço nas ruas centrais da cidade e dinheiro certo, ganha o coração de homens práticos, afeitos aos amores novos, sem muitas exigências românticas como o do humorista Ernesto de Paula Santos, que assina seus poemas joco-sérios com o nome de Fortunato Ventura.

Amores Novos³⁸⁸

Fortunato Ventura

Um novo amor me trás em pasmaceira,
 Passo a sonhar com ele noite e dia:
 É um tipo ideal de costureira,
 Guapa morena vivida e sadia.
 Não ama a fantasia, é um tanto rude...
 Não compreende a cadência de uma estrofe
 Sabe, porém, que o beijo é uma virtude,
 E, assim, de beijos me regala o bofe... (...)
 Vivo contente deste afeto novo
 Que me trás a novidade e sutileza
 D'alma expansiva da mulher do povo
 Em vez dos fingimentos da burguesa.

³⁸⁷ Vida Mundana. A Varigeira. **O Periquito**. Periódico Humorístico e Ilustrado. Recife, 6 de jun. 1908. p. 3.

³⁸⁸ VENTURA, Fortunato. Amores Novos. **A Rua**. Semanário Ilustrado. Recife, 14 de dez. 1903. nº. 2. p. 6. Sob título Costureira Moderna, encontramos gravura de B. Telles acompanhada por versos que destacam o trabalho e a saúde física da costureira, registrando o lugar das costureiras da época no imaginário dos humoristas. **O Periquito**. Periódico Humorístico e Ilustrado. Recife, 24 de ago. 1908. p. 3.

A tensão provocada pelo controle que os médicos exercem sobre a população, com suas visitas às casas, multas e normas instituídas para a vida privada das famílias, acaba por gerar reação, em forma de zombaria, que chega às páginas dos jornais humorísticos, contribuindo para aumentar tal tensão.

Entre vários registros do mal-estar que a presença dos médicos produz, selecionamos os versos da quadrinha Cartão Postal, que circula no carnaval de 1903, assinada por Doutor Messias Filho. Messias, enviado da Parvonia, terra dos tolos, em alusão ao poder dos médicos no ambiente urbano.

Cartão Postal³⁸⁹

Fundou-se de medicina

Uma tal sociedade,

Para acabar mais depressa

Com a vida da humanidade.

Riso de protesto, carregado de receio e medo das conseqüências da ação dos médicos no ambiente urbano e no ambiente doméstico. Risos de desforra daqueles que vêm com apreensão as mudanças instituídas pelos médicos, respaldados por um discurso construído em torno da higiene e salubridade pública. Na brevidade da anedota Terra de Promissão uma mostra do sentimento que os médicos disseminam.³⁹⁰

Terra de promissão

- Na minha terra o clima é tão saudável que num ano só morreu uma pessoa: o médico.
- De que morreu ele?
- De fome.

Os jornais homenageiam as mulheres que se tornam profissionais liberais. Advogadas e médicas ganham desenho em *crayon* de página inteira. O desenho, no entanto, não as apresenta no exercício da profissão (fig.nº. 113)³⁹¹ Naquilo não

³⁸⁹ Cartão Postal. **PM**. Órgão dos fracos. Carnaval de 1903. p. 2.

³⁹⁰ Terra de promissão. **A Lanceta**. Periódico Ilustrado. Recife: 13 de ago. 1913. p. 7.

³⁹¹ Maria Augusta Generosa Estrella. Dra. em medicina e Josepha Agueda Felisbella de Oliveira. St. em medicina. **O Etna**. Recife, 12 de nov. 1881. p. 8.

desenhado fica gravado o registro do preconceito, da falta de confiança no trabalho feminino em áreas secularmente ocupadas pelos homens.

Fig.nº. 113.



As doutoras em medicina, homenageadas pelo jornal, aparecem fora do ambiente de trabalho. Com ar romântico, elas olham para o desenhista enquanto deixam repousar no colo caderno de anatomia.

Fonte: MARIA Augusta Generosa Estrella. Dra. em medicina e Josepha Agueda Felisbella de Oliveira. St. em medicina. **O Etna**. Recife, 12 de nov. 1881. p. 8.

Outros profissionais são criticados por seu comportamento e pela forma como exercem seu trabalho como os caixeiros.³⁹² Do atrevimento deles com as freguesas os jornais apresentam denúncias diárias.³⁹³

Fig.nº. 114.



Ao desenho de Euclides Fonseca, segue o comentário: “não vos escandalizeis, leitoras. Este é o sistema que adotam certas casadinhas da atualidade. Não se contentam em pedir ao caixeiro da loja um espartilho pelo número. Vão para o interior e o experimentam com o auxílio do mesmo ou do seu patrão”.

Fonte: FONSECA, Euclides. O Caixeiro e o Espartilho. **O Periquito**. Periódico humorístico e Ilustrado. Recife, 10 de dez. 1908. nº. 336. p.1.

³⁹² Para lutar pelos direitos dos comerciários é fundada em 8 de setembro de 1885 a Associação dos Empregados do Comércio e inaugurada em 28 de dezembro de 1886, com sede na Rua Barão da Vitória nº. 46. Em 1900, edita o jornal **A Propaganda** para lutar pelos direitos da classe.

³⁹³ Em Casa Amarela, o caixeiro Tomé pergunta a uma respeitável senhora se está cheiroso e bonitinho. Pelos Arrabaldes. Arrayal. **O Periquito**. Periódico Humorístico e Ilustrado. Recife, 23 de jan. 1908. p.4.

Há no olhar dos humoristas, no entanto, um foco de estranhamento em relação às mudanças no comportamento feminino no que diz respeito aos caixeiros e donos de lojas, uma vez que esse assunto é tratado com referências obscenas, por meio do qual o jornalista apresenta seu desconforto diante da liberdade feminina de comprar roupa íntima em lojas, atendidas por pessoas do sexo masculino.³⁹⁴

Nos jornais, encontra-se registro de relação homossexual entre o dono de uma loja, Antônio S. Júnior e o caixeiro que teve como resposta carta à redação com ameaça de surra ao repórter, levando o jornal a ratificar com versos o que já havia tornado público.

Do Periquito de 5 de andante³⁹⁵

Cavaleiro Negro

Guarda a tua valentia

P'ra o teu caixeiro sem sexo,

Diz coisa que tenha nexo,

E deixa a pederastia.

O povo já desconfia

D'essa amizade indecente

P'ra o pessoal cá de casa,

Senão ficarás sem asa

E adeus, Antônio Valente.

Matérias e imagens que registram mudanças nas relações de trabalho, por vezes, denotam certo saudosismo quanto à escravidão. Na charge *Outrora e Hoje*, imagem e versos anunciam o inesperado, uma inversão na hierarquia social, uma mudança de lugar nas relações entre patrão e empregados. Nela, o cômico é produzido pelo desnudamento dos ódios ocultados durante séculos de exploração.

³⁹⁴ Vestindo o espartilho. Para o Viégas diz ela:/ - Vem cá, escuta, meu filho,/ Devagar que eu sou donzela/ tira direito o espartilho./ O Viegas, todo ternura/ o trabalhinho começa/ Passa as mãos pela cintura/ E desataca depressa. **A Pimenta**. Recife, 30 de jun. 1909. p. 4.

³⁹⁵ Cavaleiro Negro. Do Periquito de 5 de andante. **O Periquito**. Periódico Humorístico e Ilustrado. Recife, 3 de set. 1908. p. 4.

Fig.nº. 115.



Fonte: ALBUQUERQUE, Herculano. Outrora e hoje. **O Periquito**. Periódico Humorístico e Ilustrado. Recife, 3 de dez. 1908. p. 7.

Outrora e Hoje³⁹⁶

No tempo da escravidão

Havia rigor, respeito,

Hoje vedes o patrão,

Sem moral e sem conceito.

Analisai bem a fundo

Este quadro aqui estampado;

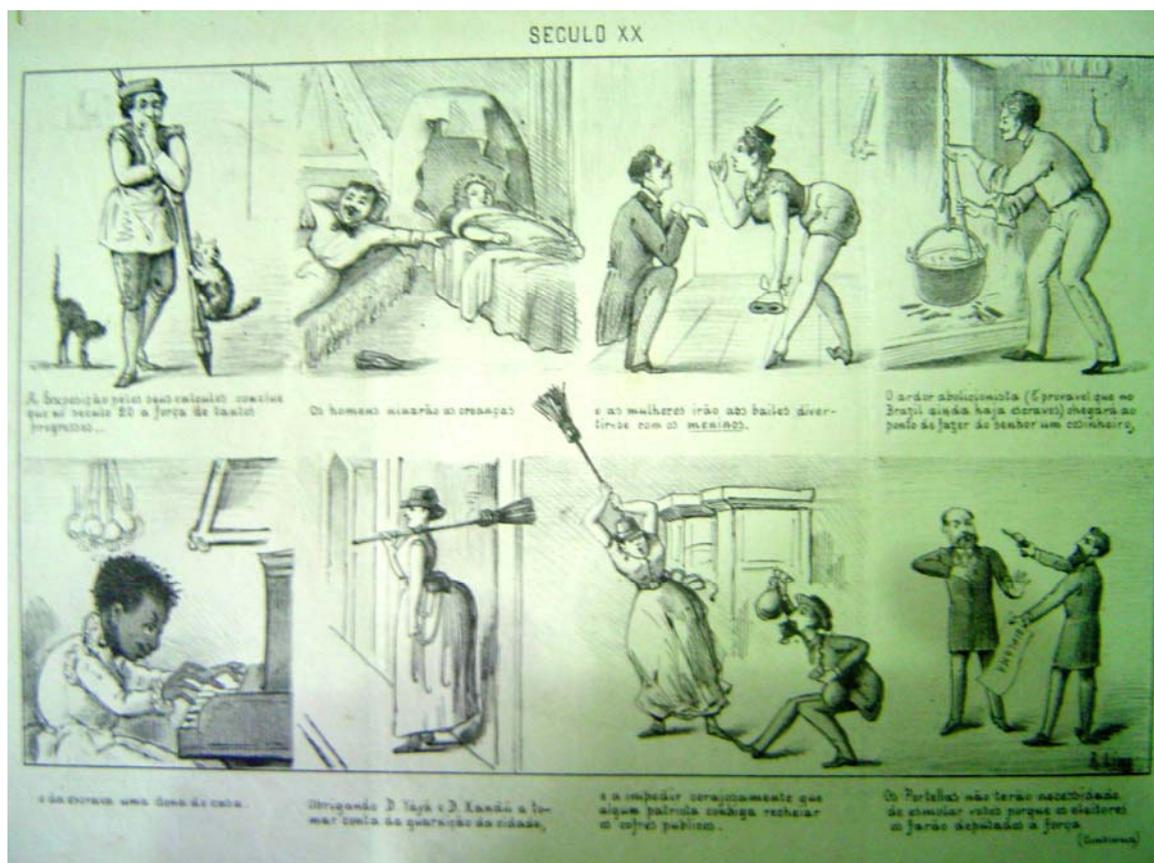
Vede mudado este mundo...

Vede patrão cavalgado.

Charges e desenhos assinalam as alterações nas relações de trabalho entre negros e brancos, entre mulheres e homens e prevêm que novas mudanças ocorrerão. Nas imagens abaixo, sob o título de Século XX, o desenhista do jornal A Exposição, coloca-se no primeiro quadro, com a mão na boca e nos demais quadrinhos observa perplexo várias “desordens” que presente assinalar o novo século.

³⁹⁶ Guapy ou Herculano de Albuquerque. Outrora e hoje. **O Periquito**. Periódico Humorístico e Ilustrado Recife, 3 de dez. 1908. p. 7.

Fig.nº. 116.



Fonte: Século XX. **A Exposição**. Revista Crítica e Humorística. Recife, 10 de ago. 1887. p. 8.

O Século XX, século do imprevisto, é tema de charges reunidas em uma espécie primitiva de história em quadrinhos, na qual a narrativa humorística apresenta rupturas quanto aos papéis e as relações sociais. A narrativa inicia com a imagem do jornalista apoiado no lápis tipográfico a pensar que no século XX, sob a força de tantos progressos, haverá inversão da ordem: o homem acalantarão seu filho, a mulher irá aos bailes sem ouvir queixas do marido, a escrava se tornará dona de casa com direito de tocar piano, Dona Yaya, com vassoura sobre o ombro em atividade militar³⁹⁷, há de se tornar responsável pela guarnição da cidade e inibirá os assaltos aos cofres públicos.

³⁹⁷ Nessa época e até as últimas décadas do século XX, a atividade militar no Brasil é exclusivamente masculina.

3. 3. 4 Modernização, máquinas e equipamentos

O encanto e a sedução dos equipamentos e máquinas modernas expõem pessoas à ilusão de que podem estabelecer relação com os objetos. Novas invenções, como o automóvel, o bonde, o telefone, o telégrafo, a máquina de costura, as máquinas das fábricas e equipamentos de todos os tipos, que prometem facilitar a vida, são temas de humor por atíçarem mudanças de percepção e hábitos. Em torno da bicicleta³⁹⁸, objeto de desejo dos tempos modernos, o chargista anuncia o vínculo entre a liberdade feminina e o novo tipo de transporte enquanto o poeta K Bloco tece o presente e o futuro de sua prima em soneto erótico se valendo largamente do duplo sentido.

Foto nº. 117.



O jornalista parece não acreditar no que desenha, ao se representar espiando, cauteloso, a mulher que anda pela rua de monociclo, em roupas íntimas, tocando cavaquinho.

Fonte: A mulher de bycicleta. **A Pimenta**. Folha Noticiosa e Humorística. Recife, 2 de dez. 1908. p. 6.

Cromo

A minha querida prima

Menina demais inquieta

Só queria estar em cima

D'uma bela bicicleta

Levava dia mais dia

Escanchada na gangorra

Aprendendo a montaria

Com muito jeito a pachorra

Mas uma noite a encontrando

Com outras moças passeando

Lhe disse em palavras ternas:

D' aqui a uns anos mais

P' lo que vejo o que lhe apraz

É ter aquilo entre as pernas.

³⁹⁸ O primeiro registro da circulação de bicicleta no Recife data de 1876. Contém essa informação e a história da bicicleta e suas influências nas políticas públicas a dissertação de SILVA, Terezinha de Jesus Pereira da. **Estudo do uso da bicicleta no deslocamento casa-trabalho**: caso do distrito industrial do Curado – Recife – Jaboatão dos Guararapes. 1992. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1992.

Lugar de encontros, desencontros, romances e desesperos dos habitantes da cidade, o bonde se torna mais que um meio de transporte. Não só desloca pessoas, mas, no seu interior, as mesmas vivem as mais diversas experiências. Suas linhas e destinos cruzam com desejos nem sempre realizados. Transporte de passageiros, com freqüência, o bonde é cenário de escândalos. No espaço público do seu interior, alguns homens, protegidos pela distância dos olhos dos maridos e dos policiais, gozam de um lugar de impunidade que lhes permite os galanteios e, por vezes, a afoiteza de bolinar as senhoras.³⁹⁹

Fig. nº. 118.



No bonde, o homem está apertado entre duas mulheres que escondem uma de suas pernas sob a saia. Os braços de todos cruzados sugerem que estão a se tocar discretamente.

Fonte: V. T. No Bond. In médio consistit virtus. **América Ilustrada**. Recife, 16 de mar. 1879. p. 8.

O andar de automóvel torna-se a aventura predileta do pessoal de “vida alegre”⁴⁰⁰. A aventura é registrada pelos jornalistas, com uma ponta de preconceito e outra de despeito, em tom de denúncia como se essa máquina, alugada nas garagens da cidade⁴⁰¹, não pudesse deleitar mulheres popularmente conhecidas como Santana Galinha e Amélia Dramática, que tiram o domingo para passear de carro sem a preocupação de pagar o passeio.⁴⁰²

³⁹⁹ Garanhão Afoito. Escândalo no bond. **O Periquito**. Periódico Joco-sério e Noticioso. Recife, 14 de maio 1906. p. 8.

⁴⁰⁰ Pessoal de vida alegre é como se denomina as prostitutas no período estudado.

⁴⁰¹ Anúncios informam que em 1909 funciona um estabelecimento de carros de aluguel na Rua da Palma nº. 21 e nº. 23, que tem por proprietária Euthalia Rodrigues de Paula Mafra. **O Pelintra**. Periódico Humorístico e Noticioso. Recife, 6 de fev. 1909. p. 3.

⁴⁰² Pessoal de Vida Alegre. O passeio. **O Periquito**. Periódico Humorístico e Ilustrado. Recife, 27 de agosto de 1908. p. 2.

O automóvel, artefato moderno, além de meio de transporte é representado como espaço de fazer amor ou, na linguagem da época, pintar o diabo, fato registrado pela reportagem de O Lobishomem que conta a história da cobaia Maria Mendes. É o primeiro registro de mulher que se mete num carro com três cafajestes e ali cede aos rogos de um deles e “numa posição crítica amorosa, meteu-se no vai-vem da sorte, de acordo com o movimento do carro marcando o compasso binário de três por um”.⁴⁰³

3.3. 5. Sexualidade e sensualidade

Fig.nº. 119.



Na charge, o padre deita e rola, regozijando-se ante a possibilidade de realizar intensamente dois pecados: a gula e a luxúria. Na composição apenas três imagens fazem uma síntese dos “anseios espirituais”.

Fonte: ALELUIA. **América Ilustrada**. Recife, 27 de mar. 1881. p. 8.

O pecado é fonte de humor. Alguns humoristas denunciam, com uma pitada de inveja, o comportamento dos padres.⁴⁰⁴ No entanto, os jornais dedicam menos espaço a rir dos devaneios dos eclesiásticos e mais ao pecado praticado pelos fiéis, nas festas religiosas, nos arredores dos arcos⁴⁰⁵, no interior de igrejas católicas e

⁴⁰³ **O Lobishomem**. Semanário que circula em 1903 e tem por programa descascar muita pouca vergonha sem distinção de classe e sem ofender a moral pública e nem se meter na vida privada. A Cobaia Maria Mendes. **O Lobishomem**. Semanário esculhambado. Recife, 20 de jan. 1903. p. 1.

⁴⁰⁴ Aos Leitores. Os frades cor da Penha/ Santos apóstolos que fazem,/ Grandíssima beberagem/ Lá da igreja no fundo/ Corrompem lindas senhoras/ Mulheres de idiotas,/ Por meio das vis rezotas,/ Que deitão a perder mundo. **O Chicote**. Jornal Crítico e humorístico. Recife, 29 de set. 1883. p. 4.

⁴⁰⁵ Entre os costumes do povo há o de rezar o terço ao anoitecer no Arco da Conceição. Maurício, redator de **A Pimenta**, assim relata os motivos que o levam diante de Nossa Senhora:

Choniqueta

Para alívio eu vejo apenas

A falta de distração

As animadas novenas

Do arco da Conceição

Todas as noites lá vou

Quase nunca perco a vasa;

protestantes e no culto afro do catimbó. Nesses espaços, não faltam jornalistas para registrar escândalos. Com um olho eles procuram, junto ao sagrado, a informação da transgressão tão pouco encontrada nas ruas, praças e pontes e com o outro aproveitam a ocasião para dirigir o pensamento e as ações no desvio dos percursos da fé.⁴⁰⁶ Os namoros e adultérios freqüentes nas quermesses, novenas, procissões e sacristias são registrados pelos jornalistas, por vezes dando dicas sobre a identidade dos que transgridem, chamando atenção dos maridos, noivos, pais e mesmo da polícia para a ousadia daqueles que aproveitam momentos de adoração para venerar de perto o objeto do seu desejo.⁴⁰⁷

A linguagem livre, da boca dos mestres e mestras, nas casas de bruxaria é estranhada e denunciada pelos humoristas⁴⁰⁸. Logo eles que têm por profissão utilizar esse tipo de linguagem, reivindicam que a polícia visite as casas de culto afro. O catimbó espalha-se pela cidade. Centro e arrabaldes abrigam seu culto. O preconceito de jornalistas da época que adjetivam o catimbó de perigoso os leva a questionar os motivos pelos quais as autoridades não iniciam uma campanha contra o que eles denominam esses “pontos de depravação”. Denunciam também que as casas de catimbó servem de recurso, chamam de gatunos os mestres de mesa e ponderam até que por causa dessa religião pessoas têm sido recolhidas ao Hospital de Alienados.⁴⁰⁹

Os jornais humorísticos se apropriam do sofrimento alheio, encampam-no, às vezes com ironia e o divulgam apresentando a dor como algo menor, de domínio público. Além da dor, as questões de ordem sexual e sensual são abordadas livremente. Quase todos os temas são publicados, escreve-se sobre tudo. O

Religioso não sou,
Mas é pra não estar em casa.

⁴⁰⁶ Santino escreve na coluna *Pela Semana* do jornal **A Pimenta**, versos carregados de metáforas que nos deixam a idéia do apego do mesmo aos chamados de Deus. “Se vou a uma igreja / Não é como quem deseja/ Ver-se livre do inferno ou purgatório/ E no genuflexório / Vai de um padre escutar a voz tão meiga/ Como bolinho de ovos com manteiga./Vou atrás de um biscate/ Um biscate qualquer, muito barato/ Que em qualquer canto mate/ Um desejo qualquer que acometa/ Ou pra ouvi-lo de modo que arrebate/ Tocando...clarineta”. SANTINHO, *Pela Semana*. **A Pimenta**. Recife 16 de jun. de 1901 p. 2.

⁴⁰⁷ Na palavra do redator de **O Periquito** observações da novena na Igreja de Santa Cruz: “Assistimos quase todas as novenas e admiramos o quanto tem progredido no Recife a arte de bolinar, a afoiteza (...) e como são iludidos uma certa parte dos homens casados que confiam nas esposas e deixam que compareçam ao terço e se deixem apalpar e até mesmo beijar.(...)”

⁴⁰⁸ Vergonha. Na Rua das Hortas. Sessões de bruxarias, pornografia em penca. **A Pimenta**. Recife, 8 de ago. 1908. p. 5.

⁴⁰⁹ Um catimbó perigoso em Santo Amaro. A viúva quenga. Ponto de depravação. Apelo a polícia. **O Periquito**. Recife, 21 de dez. 1908. p. 5.

indizível, o não-dito, o escondido e o apenas sussurrado chega muitas vezes até os leitores, com os nomes daqueles que transgridem regras sociais. O riso testemunha a consciência de um comportamento novo, um desvio da conduta social aceita como norma. As mudanças nas relações de poder no ambiente doméstico, provocadas pela inserção das mulheres no mercado de trabalho, deixam perplexos os humoristas que, em notícias, versos e desenhos, registram a assimilação e a negação das alterações de papéis, valores há muito estabelecidos entre casais.

Jornais criados para animar a cidade e fazer rir a população de sua própria vida, desde o final do século XIX, denunciam comportamentos não aceitos socialmente. No entanto, conferem a essas denúncias o tom de troça, do riso que não pretende criar problemas, mas apenas roçar e, quem sabe “lamber os lábios dos leitores”.⁴¹⁰ As poesias e histórias cômicas presentes nos jornais humorísticos são repletas de surpresas. O adultério é apresentado como um comportamento que embora seja notícia deve ser visto com certo humor. Há informações da existência de maridos modernos, coniventes com os desejos de suas esposas, que chegam os mesmos a levar suas mulheres ao encontro do outro.⁴¹¹ São textos que revelam a prática de absurdos na vida, de comportamentos inaceitáveis socialmente, mas que ocorrem com os outros e, quando expostos, provocam o riso.

Fig. nº. 120.



Na charge, em crayon, enquanto o marido dá uma esmola em dinheiro, a mulher passa um bilhete, esmola de desejo, olhando com cumplicidade para o leitor.

Fonte: UMA esmola de festas. **América Ilustrada**. Recife, 31 de out. 1880. p. 3, 4.

⁴¹⁰ Sob o título Manifesto d' O Papagaio ao povo pernambucano temos os seguintes versos: “ Ah! Preparai-vos! Terei milhões/ de tremeleques e faniquitos! Nestas colunas de indiscrições,/ Vossos namoros vereis descritos/ Mas não zangueis vós; é pura troça;/ jamais o bicho virá mordendo./ Quando ele o curvo biquinho roça,/ Nos vossos lábios, vai se lambendo...” **O Papagaio**. Recife, 11 de nov. 1902. p. 1.

⁴¹¹ “ Caso moderno (...) o marido é quem leva a carne para o marchante, ou seja, leva sua cara metade para visitar o homem do boi e depois leva bilhetinhos e lhe dá facadinhas de gosto”. Marchant. Que marcha na carne da mulher do outro em São José. **O Periquito**. Recife, 23 de jan. 1908. p. 7.

Nas anedotas, os diálogos economizam o desgaste afetivo que quase sempre segue o adultério⁴¹², apontando caminho diferente para as dores do amor, que evita a cólera, a indignação e a tristeza e faz da situação meio de vida, sinal dos tempos modernos, quando a honra, que faz parte dos códigos de conduta, dilui sua importância. Momento em que se exerce o que Freud chama da essência do humor, ou seja, “poupar os afetos a que a situação daria origem e afastar com a pilhéria a possibilidade de tais expressões de emoção”. Em suma, praticar o humor que permite atingir o prazer, apesar das dores e das dificuldades que devem perturbá-lo.⁴¹³ Como exemplo do exercício desse humor, reproduzimos a anedota Humorismo:

Humorismo

Um sujeito encontrando um amigo, que não vê há muito tempo, nota seu rosto triste e acabrunhado. Condoído de vê-lo assim lhe pergunta qual a origem de seu padecer.

- É um desgosto, responde o amigo, que por certo me levará à sepultura.
- Como assim? Que desgosto será esse que motiva tão triste resultado?!
- A infidelidade de minha mulher, responde o mísero apaixonado.
- Ora deixa-te de loucuras! D'esse mal nenhum marido morre, e até d'ele, muitos vivem!...⁴¹⁴

O fato é que a mulher começa a ganhar espaço na sociedade e isso provoca estranheza. Raramente se encontra como no poema-piada A emancipação da mulher⁴¹⁵, uma posição crítica de humoristas ao comportamento dos homens e favorável à saída das mulheres do recôndito do lar e da dependência do pai e do marido.

⁴¹² Em seu artigo O Humor, Freud ao analisar sua obra Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente (1905) avalia que considera o humor apenas do ponto de vista econômico, uma vez que seu objetivo é descobrir a fonte de prazer que se obtém do humor e demonstra que a produção do prazer humorístico surge de uma economia de um gasto de sentimento. O Humor. **Obras Completas**. Vol. XXI – 1927. Rio de Janeiro: Imago - editora, 1969. p, 189.

⁴¹³ FREUD, Sigmund. O Humor. In: **Obras Completas**. Vol. XXI – 1927. Rio de Janeiro: Imago - editora, 1969. p. 190.

⁴¹⁴ Humorismo. **Jornal Pequeno**. Recife, 30 de jul. 1903. (Suplemento ao nº. 143). p. 2. Sobre mudanças que ocorrem na família ao longo do século XIX, ver de FREYRE, Gilberto, **Sobrados e Mocambos** e Novais, Fernando Antônio, **Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997-1998. v. 3,4.

⁴¹⁵ Assinado por RASCO, esse poema-piada narra uma conversa entre duas lavadeiras Rita Pencuda e Justina e utiliza o solavanco mental. A Emancipação da Mulher. **O Papagaio**. Periódico Crítico e Noticioso. Recife, 17 de ago.1902. p. 4.

A emancipação da Mulher

Rasco

Muito já tenho aprendido.

Dés que estou associada

O nosso grito é sabido

- Viva a mulher emancipada

.....

Devemos, pois refilar

É preciso sermos bravas!...

Quero a mulher a votar,

Acabaram-se as escravas!

Pra deixarmos de ser tolas,

Levantemos bem a voz:

Os homens = que mariolas

Obram sempre contra nós...

Justina ouvia calada

Com a mais profunda atenção

Ao tanque estando encostada,

Com umas ceroulas na mão;

E, por fim, já convencida,

Com o discurso da colega

Toma posse e decidida

Esta piada pespega:

Dizer bem, razões nos sobram,

Pra deixarmos de ser tolas...

A prova de que eles obram...

Ei-la aqui nestas ceroulas!...

Anedotas e desenhos são criados em profusão em momentos de mudanças quando, segundo Georges Minois⁴¹⁶ (2003, p.516), constata-se uma divergência entre uma convicção profunda, de natureza intelectual e abstrata, e a intuição de uma realidade que se opõe. Esse é o riso da constatação do engano, o riso amargo.

Notícias diárias de comportamentos masculinos e femininos tidos, até então, como impensados são divulgadas nos jornais e servem de inspiração para os humoristas. Entre esses comportamentos constam pedidos de mulheres-damas aos seus parceiros para que tenham paciência, compreensão e exercitem a cumplicidade⁴¹⁷; conversa entre pai e filha sobre ser melhor procurar uma pessoa do mesmo sexo para casar⁴¹⁸ e existência de mãe alcoviteira que facilita a sedução da filha em sua casa, onde o professor de música contratado a ensina para além da lição.⁴¹⁹

Desvios da norma nas relações entre mulher e homem ganham espaço nos jornais humorísticos: mulheres que espancam os maridos⁴²⁰, moças que escolhem namorados pelas roupas que vestem, meninas que provocam beliscando braços, tocando nas pernas⁴²¹ e colocando as mãos nos bolsos dos homens.⁴²²

⁴¹⁶ Minois baseia sua análise no pensamento de Shopenhauer, (SHOPENHAUER, A. *Lê mounde comme colante et comme représentation*. Paris: 1966, livro 1, cap.13, p. 93-96) segundo o qual o fenômeno do riso sempre revela a súbita percepção de um desacordo entre o conceito e o objeto real que ele representa, isto é, entre o abstrato e o intuitivo. Op. cit, p. 515.

⁴¹⁷ “Meu querido filhinho.

Saúde.

Comunico-lhe que não vou hoje ao maxixe, porque acaba de chegar do Rio de Janeiro um rapaz que há muito estava comigo por isto mando-te dizer, porque tu és um pouquinho arreliado. Peço-te que não te zangue, meu filhinho, pois não imaginas que me acho partida de saudades por não poder te ver hoje.

Podes meu filhinho, fazer comigo, o que eu faço contigo que não me zangarei”.

Maria Emília d’ Conceição. Carta achada. **O Periquito**. Periódico Joco-sério e Noticioso. Recife, 14 de maio 1906. p. 7.

⁴¹⁸ **Norte Ilustrado**. Recife, 14 de set. 1901. p. 3.

⁴¹⁹ ZÉ. Uma lição de música. **O Martello**. Recife, 11 de ago. 1900. p. 4.

⁴²⁰ O Espectador, periódico particular, noticia sob o título Apanha da Mulher todos os dias, o fato que ocorre na Rua da Praia nº. 33, terceiro andar, onde a mulher de nome Santa espanca de modo escandaloso o marido e o cujo nem sequer se incomoda, tanto que escolhe para apanhar uma das janelas de sua casa, permitindo que os transeuntes observem a surra. Apanha da Mulher todos os dias. **O Espectador**. Recife, 31 de ago. 1908. p. 1. Dr. Fura Óleo. **O Prego**. Jornal Humorístico e Crítico. Recife, 21 de jul.1900. p. 4.

⁴²¹ Jornais humorísticos lançam aos seus colaboradores mote como “Menina não me provoque / senão você se dá mal”. Entre as glosas destaca-se a assinada por Dr. Fura Óleo: Pra que belisca meu braço?/ P’ra que nas pernas dás toques?/ Depois te ponho embaraço/ Menina não me provoque/ Sou moço desempenado/ Tu tens um corpo engraçado/ Que para mim tudo val;/ Depois, depois eu nem digo/ Vá pra lugar sem perigo/ Senão você sai-se mal.

⁴²² O Pelintra denuncia que certas mocinhas da Rua do Jasmim vão todas as noites para a esquina conversar com o namorado e metem as mãos no bolso da calça dos mesmos. Coisas com que me

Contrariando o costume dos pais de arranjar casamento para as filhas, o humorista narra, em versos, uma escolha feminina, com anuência do pai, feita a partir da mira do corpo do pretendente, que é preterido por ter um “tacho” grande atrás e ser minguido demais na frente.⁴²³

O desenho, publicado na primeira página de *O Periquito*, sob o título *Dada Parteira*⁴²⁴, mostra mulher, com rosto e roupa respeitável, segurando uma corda que prende pela cintura o negro a sua frente, dá uma idéia da leitura que os humoristas fazem da atitude de algumas mulheres da época em relação ao seu desejo. Sob o mesmo, a quadrinha, com seus subentendidos e metáforas, conta a história da aventura amorosa de Dada.

Foto nº. 121.



Parteira

Convida, Dadá parteira
Um negro sem mais aquela,
Mas o moleque Bandeira
Não simpatiza com ela.
Danada, amarra o tição;
À força arrasta-o consigo.
E, em casa como castigo,
Fá-lo entrar no seu vulcão.

Fonte: DADÁ Parteira. *O Periquito*. Recife, 31 de ago. 1908. p. 3.

O registro dos novos comportamentos das mulheres sempre é submetido à crítica dos jornalistas da época. Dentre essas atitudes, dá para perceber no título *Coisas do Diabo*⁴²⁵ o estranhamento que causa ao humorista a história em que uma mulher deixa o marido e vai viver com outra mulher. A matéria conta a trajetória de

zango. *O Pelintra*. Periódico Humorístico e Noticioso. Recife, 6 de fev. 1909. p. 2. Sobre as regras do namoro à antiga ler de AZEVEDO, Thales. *O cotidiano e seus ritos: praia, namoro e ciclos de vida*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/ Editora Massangana, 2004. p. 68-246.

⁴²³ Não corresponde. *O Trovão*. Recife, 1 de jun. 1903. p. 1.

⁴²⁴ Dadá Parteira. *O Periquito*. Recife, 31 de ago. 1908. p. 3. Circula no Recife em 1906 e 1907 o jornal *O Bebê*. Órgão do Clube Parteiros da Boa Vista, em pequeno formato, três colunas, com matérias humorísticas e carnavalescas.

⁴²⁵ Coisa do Diabo. *O Periquito*. Periódico Joco-sério e Noticioso. Recife, 14 de maio 1906. p. 7.

Chiquinha, mulher de marido dedicado, em Lagoa do Carro, Pernambuco, que, por sonhar melhorar de vida, deixa o marido e vai para o Recife, tornando-se criada de servir em casa de família, serviço que logo abandona. Chiquinha, moça simpática, atraída por Quina, costureira que mora no Beco da Ramélla, nº. 4, em São José, com ela vai viver e, segundo o jornal, usufruir as delícias que há muito anseia.

O humor, por vezes, apresenta-se pornográfico nos flagrantes das relações entre homens e mulheres. Assuntos não conversados, detalhes do dia a dia das relações entre casais, carregados da tensão que gera o não dito, quando vêm à tona quase sempre se tornam fonte do grotesco.

Conselho à leitora⁴²⁶

Ella, aqui, zanga-se, e zaz!

Dá-lhe as costas por pirraça;

Ele volta-se e, por graça,

Faz-lhe cócegas atrás

As traseiras, diz cupido

Jamais deis aos namorados;

Pois os tornando viciados,

Não conteis ter bom marido

Anedotas longas e curtas circulam em diversos jornais, e, até por volta de 1907, tratam com muita liberdade de temas como prostituição, homossexualismo, impotência e adultério, narrando estórias construídas com diálogos que buscam prender a atenção com seu desenrolar e surpreender o leitor com seu desfecho.

É fato que, em 1904, o jornal A Pimenta, entre matérias jocosas, gravuras licenciosas e reportagem de escândalos promove campanha contra o jogo do bicho,⁴²⁷ mas é a partir de 1907, com a reforma urbana, sanitária e moral, que vários jornais humorísticos mudam de tendência e passam a tomar para si a tarefa de

⁴²⁶ Conselho à leitora. **O Periquito**. Periódico Joco-sério e Noticioso. Recife, 19 de nov. 1908. p. 3.

⁴²⁷ Em 1902 **O Piolho** denuncia que chefiada por Carlos Tabajara existe no bilhar da Encruzilhada uma jogatina infame e pergunta – O que é que a polícia faz? **O Piolho**. (Recife) s/d. (1902). p.3, ver também CONDE. Trapalhadas. **O Automóvel**. Periódico Humorístico, Literário e Noticioso. Recife, 15 de nov. 1907. p. 4.

vigiar os costumes do povo, como forma de civilizar a população.⁴²⁸ Com essa nova postura, diminuem o espaço das anedotas, ficam sérios, sem graça.

Na luta contra as mudanças que se impõem, jornais humorísticos resolvem participar de campanhas moralizantes junto com outros segmentos da população e instituições. Em 1909, encontramos, por exemplo, o jornal *A Pimenta*, em seu décimo ano e nova fase “disposto a pôr a limpo essas chagas que tanto enfeiam o organismo da sociedade pernambucana”. Entre seus artigos destaca-se uma campanha em que o jornal se propõe a apontar ao público os recursos ou casas de tolerância (fig.nº. 122).⁴²⁹ Na primeira década do século XX estes estabelecimentos se elevam em número, instalados nos bairros centrais e em alguns subúrbios da cidade.⁴³⁰ Com essa mudança de conduta, o jornal dura pouco tempo em circulação.

Fig.nº. 122.



Cupido, fazendo xixi, olha o desenhista, que, com seu lápis, capta um instantâneo de homens e mulheres aos afagos brindando à vida num ambiente de alegria e móveis leves. A imagem chama atenção para a devassidão que deve ser combatida. Quadro vivo, segundo o jornal, das relações entre casadinhas e personagens conhecidos na cidade.

Fonte: TELLES, Benevenuto. Venu. Recurso. *A Pimenta*. Recife, 21 de nov. 1908. p. 1

Em matérias contra tais recursos, jornalistas de *A Pimenta* contam fatos que ocorrem como presença de mocinhas ingênuas nos recursos, resistência de mulheres em aceitarem manter relações sexuais com fregueses devido a sua cor,

⁴²⁸ **O Pelintra** apresenta-se como jornalzinho humorístico destinado a corrigir certos tipos que vivem a praticar toda a sorte de indecências e imoralidades. *O Pelintra*. **O Pelintra**. Periódico Humorístico e Noticioso. Recife, 6 de fev. 1909. p. 1. NOLIDO em matéria intitulada Moralizando, comenta ser penosa a tarefa de moralizar costumes de um povo, quando ele já se acha consuetudinado com os maus hábitos. **O Arara**. Recife, 26 de set. 1908. p. 1.

⁴²⁹ Os chamados recursos ou casa de tolerância são as casas de prostituição que funcionam na cidade.

⁴³⁰ Os recursos do Recife. **A Pimenta**. Periódico Ilustrado e Noticioso. Recife, 7 de jul. 1909. p. 5.

maus tratos e exigências das donas das casas de prostituição, solicitando que a polícia tome as devidas providências.⁴³¹

Segundo informa June E. Hahner (2003, p. 217) pelo Código Penal da República, elaborado no final do século XIX, somente o proxenetismo é ilegal, não a prostituição. As prostitutas podem, sem medo, circular pelas cidades. Os registros do cotidiano das mesmas nos jornais de humor do Recife permitem afirmar que elas andam livres e alegremente no ambiente urbano. Algumas são muito jovens, pois moças desonradas com frequência são expulsas de casa por seus pais e, sem profissão, acabam caindo na prostituição.

Jornais humorísticos denunciam em média quatro defloramentos por dia na cidade⁴³², dando nome, idade e endereço das vítimas, dos pais e dos responsáveis pelo ato. Nos casos de defloramento, segundo os jornais, a polícia limita-se às providências de prisão, soltura do criminoso e vistoria da vítima. Vejamos um dos relatos: “O desvirginamento da menor Maria Francisca Auxiliadora, filha de Ana Thereza de Sant’Ana. Esta menor sendo ofendida⁴³³ pelo indivíduo João Aureliano da Silva Costa, (...), seu ofensor foi preso e depois de oito dias atirado da cadeia para o meio da rua, ficando ela na prostituição”.⁴³⁴

Há registros, também, de roubo de moças das casas dos pais, quando o pedido de casamento é negado, como meio de conseguir o consentimento.⁴³⁵ Matérias desse tipo nos colocam diante dos princípios éticos da época, quando moça uma vez desonrada não tem volta, nem direito à privacidade, cai na boca do povo e nas tintas dos jornais, onde não se encontram queixas de pais quanto à divulgação do fato. A questão da virgindade também é discutida com registros de “barulho de boca”, diante da falta da mesma, no dia do casamento. Apesar do

⁴³¹ Uma noite de orgia na Rua do Imperador. Fato repugnante. **A Pimenta**. Periódico Ilustrado e Noticioso. Recife, 7 de jul. 1909. p. 5. No artigo Queria Ser há denúncia de que na casa de uma meretriz na Rua das Cruzes existe uma rapariga menor de idade de nome Joana que sofre maltrato. Queria Ser. **O Periquito**. Periódico Humorístico e Ilustrado. Recife, 6 de jul. 1908. p. 6.

⁴³² Quatro casos de defloramento. Tudo na polícia. Continua a depravação. **O Periquito**. Periódico Humorístico e Ilustrado. Recife, 17 de ago.1908. p. 5.

⁴³³ Ofendida é o nome que a população utiliza como sinônimo de deflorada.

⁴³⁴ Caso de defloramento, o ofensor impune, confiança na polícia. **O Periquito**. Periódico Humorístico e Ilustrado. Recife, 23 de out. 1908. p. 8.

⁴³⁵ Arrabaldes. Várzea. **O Periquito**. Periódico Humorístico e Ilustrado. Recife, 27 de jan. 1908. p. 7.

engano, alguns maridos acabam escolhendo ficar com a mulher e acolhem o filho de outra autoria que suas noivas carregam.⁴³⁶

As matérias humorísticas divulgadas, especialmente a partir de 1907, registram, assim, um desencontro entre uma conduta moral que setores engajados da população em civilizar a cidade têm por ideal e o comportamento real de pessoas que vivem um momento em que mudanças de ordem social, econômica, política, tecnológica e espacial alteram relações e quebram tabus.

3.3.6. Jogos

O jogo no bicho, que nasce no Rio de Janeiro e se espalha pelo país, alcança enorme popularidade. Assim, jogar no bicho, na época tanto quanto hoje, é muito comum no Recife. Imperando das chácaras às palhoças, envolve todas as classes sociais. Nas casas onde se costuma jogar, o café da manhã é o momento de rememoração de sonhos com águia, galo, tigre... O hábito de jogar no bicho, que depende da capacidade de sonhar, narrar e interpretar o sonho do povo, vez por outra, é comentado na imprensa local.⁴³⁷

Enquanto órgãos da imprensa e a polícia abrem campanha e caça feroz contra o jogo do bicho, com matérias diárias e prisão dos que passam o jogo e até mesmo apreensão dos talões, o jornal O Bumba sai em sua defesa uma vez que vê nesse costume um meio de vida para os desempregados da época. Já o redator de O Badalo aproveita a popularidade do jogo para escrever o poema-piada, Palpites.⁴³⁸

Palpites

Quem pensa que viu no sonho

O bem amado a seu pé

Esteja calmo e risonho

⁴³⁶ Dr. Mangana. Rápidos. Ele viu-a num baile/ Ela gostou de seu porte elegante/ Amaram-se e namoraram-se/ Casaram-se e beijaram-se/ Na noite do casamento houve um barulho de boca, porque ele não achou o que queria. Cinco meses depois de casados ela deu à Pátria um bebe gorducho que se parece muito com ela e não se parece coisíssima alguma com ele. **O Piparote**. Recife, 30 de set. 1903. p. 2.

⁴³⁷ CONDE. Trapalhadas. **O Automóvel**. Periódico Humorístico, Literário e Noticioso. Recife, 15 de nov. 1907. p. 1.

⁴³⁸ Palpites. **O Badalo**. Recife, 17 de out. de 1898. p. 2.

Quando jogar jacaré.
 Quem nos sonhos hoje sente
 Que a polícia põe-lhe a mão,
 Só jogue um bicho valente:
 Cachorro, touro ou leão.
 Aquele que ouvir no sonho
 Um deputado a falar
 Não jogue, fique tristonho
 Porque o palpite é de azar.

A repressão não intimida os banqueiros que deliberam fazer um *meeting* de protesto contra o jogo às escancaras, sugerindo mantê-lo escondido pois segundo a sabedoria popular: “faz-se, então escondido... que as coisas ocultas não correm risco”.⁴³⁹ A popularidade dos bicheiros é tanta que jornalistas de O Bicho comentam que corre de boca em boca que no próximo pleito eleitoral eles se apresentarão como candidatos.

Outro jogo popular é o caipira.⁴⁴⁰ Encontro diário de homens em espaço público para jogar caipira é considerado pernicioso por jornalista do Jornal Pequeno que convoca o subdelegado do bairro para visitar o local e coibir a vadiagem.⁴⁴¹

Na década de 1910, o hábito de jogar a dinheiro é disseminado na cidade. Os jornais O Leão do Norte e O Pernambuco, entre outros, imersos na campanha para o saneamento físico e moral dos cidadãos, denunciam diariamente a jogatina, indicando os endereços das espeluncas com rótulo de *Club*, onde se joga desbragadamente com o conhecimento da polícia. O Cassino, O Democrata, O Fantoche e o Jonatas são lugares que abrem as portas todas as noites aos

⁴³⁹ O Jogo do Bicho. **O Bumba**. Recife, terceira dezena de set. 1898. p. 4.

⁴⁴⁰ Sobre lazer no Recife, ler COUCEIRO, Sylvia Costa. **Artes de Viver a Cidade**. Conflitos e convivências nos espaços de diversão e prazer do Recife nos anos 1920. UFPE, Programa de Pós-Graduação em História. Tese de doutorado. Recife, 2003.

⁴⁴¹ Vagabundos. **Jornal Pequeno**. Recife, 17 de ago. 1905. Suplemento ao nº. 183. p.2. O caipira era jogado em subúrbios como a Encruzilhada. Coluna Noticiário. **A Pimenta**. Periódico Ilustrado, Noticioso e Humorístico. Recife, 7 de dez. 1901. p. 5.

jogadores. Nesses ambientes respira-se o cheiro de bebidas alcoólicas e perfumes usados por mulheres de grandes chapéus e minúsculas saias.⁴⁴²

No início do século XX, o bicho, as cartas, os dados e as máquinas de fichet multiplicam-se ocupando as ruas da Imperatriz, Aurora, União, Nova, Concórdia, Larga do Rosário, Cruzes, Imperador e Rangel, tecendo uma geografia dessa prática exercida também em barraquinhas como as da Encruzilhada ou em associações nas ruas centrais da cidade como gêneros de comércio lucrativo, livres de responsabilidades e impostos.⁴⁴³

3. 3. 7. A propaganda

A propaganda surge como um veículo capaz de formar mercado para produtos, um meio de acomodar as pessoas às transformações que têm que absorver além de assinalar as novidades que o mercado disponibiliza. Segundo Olga Brites⁴⁴⁴ (2000, p. 256) “a propaganda apareceu como mito da vida moderna, apresentando-se como solução mágica para tudo”. No mundo moderno, a visão torna-se o sentido essencial. É necessário aprender a ler, a ver e a pensar para tomar decisões e se acercar dos benefícios que os novos produtos e serviços prometem conceder.

A propaganda, no período em estudo, pressupõe um letramento, uma vez que é quase toda texto. Aos poucos, as imagens dividem espaço com o texto. A oralidade, por vezes, é encontrada nos diálogos que a mesma tenta entabular com os leitores, nas falas de quem apresenta o produto e nas conversas entre personagens do texto. Com o passar do tempo a imagem ganha espaço na linguagem publicitária em detrimento do texto.

A propaganda leva os jornalistas a escreverem com um novo ritmo, breve e conciso, e os desenhistas e fotógrafos a utilizarem as novas técnicas de produção e reprodução para marcar cada criação com particularidades que definem o estilo de

⁴⁴² Desbragada Jogatina. **O Leão do Norte**. Recife, 6 de dez. 1913. p. 1.

⁴⁴³ Cartazes à esquina. **A Rua**. Semanário Ilustrado. Recife, 26 de jan. 1904. p. 2.

⁴⁴⁴ Olga Brites em seu artigo Infância, Higiene e Saúde na Propaganda (usos e abusos nos anos 30 a 50). In: **Revista Brasileira de História**. Dossiê Brasil, Brasis. São Paulo: Anpuh, Humanitas Publicações, vol. 20, nº. 39, 2000. Relata aspectos da propaganda presentes nos primeiros anos do século XX. Entre os mesmos, destaca-se a utilização da criança na propaganda e os reclames dos remédios atestados pelos médicos.

cada um. A necessidade de difundir novos hábitos de consumo⁴⁴⁵ junto às elites e às camadas médias urbanas impele donos de firmas a solicitar aos humoristas seus préstimos para criar versos que chamem atenção para a qualidade e o preço dos produtos. Os versos são bem aceitos pelo público acostumado a ouvir pregões dos vendedores ambulantes.⁴⁴⁶ Anúncios publicitários com humor são produzidos nas redações dos jornais do Recife.⁴⁴⁷ Os humoristas elaboram sonetos-piada, pequenos textos, anedotas e desenhos, diagramam as páginas e se dão ao trabalho de criar para cada número do jornal propagandas diferentes, guardando o estilo e a mensagem e alterando a imagem.⁴⁴⁸

Em 1901, A Pimenta cria, com o título Reclamos Especiais, uma seção onde publica gratuitamente pequenos anúncios das mais procuradas casas comerciais, com a condição dos estabelecimentos assinarem o jornal.⁴⁴⁹ No jornal O Prego, jornalista que, por profissão, é formador de opinião escreve, com humor, versos de propaganda para casas comerciais, às vezes em troca de refeição, colocando-se como testemunha da qualidade do alimento e do serviço prestado pelo estabelecimento.

Pensão Siqueira⁴⁵⁰

Quem quiser jantar supimpa,

Regado ao vinho Madeira:

Vista o *frack* dê um giro,

Na grande Pensão Siqueira

⁴⁴⁵ Desde 1858 são introduzidos na cidade do Recife o rapé e o sorvete, fabricado com gelo natural, importado da Europa, cujo preço varia entre Réis 240\$000 e Réis 300\$000, o feito à mão, e Réis 320\$000, o produto anunciado no poema Sorvete por Maquinismo: Sorvete por Maquinismo/ Na rua do Rosário/ Quer de noite, quer de dia,/ Há sorvete de patente/ Feita por engenharia./ Quem deste néctar suave/ Uma dose quer tomar,/ Trezentos e vinte reis / Deve ao Soares pagar.

⁴⁴⁶ Pregões como “a banha de jasmim, para espichar pixaim”, gritados pela negra Beatriz ou aqueles dos vendedores de fruta “ Caju e manga! Chegou o barateiro. Compra fiado, vende a dinheiro”. Anúncios em versos. In: **Almanaque de Pernambuco para o ano de 1907**. Recife: s/ ed. (1906). p. 182-186.

⁴⁴⁷ Anúncios em versos circulam no Recife desde 1847, quando loja de fazenda da Rua do Crespo anuncia: Eleva tua voz, excelsa fama! / Anuncia as mui belas princesinhas / Lindo adorno que serve a toda dama./ Sejam velhas, ou moças, ou crianças. Anúncios em versos. In: **Almanaque de Pernambuco para o ano de 1907**. Recife: s/ ed. (1906). p. 182-186.

⁴⁴⁸ Como exemplo, temos as últimas páginas de propaganda de dois números do jornal Norte Ilustrado. **Norte Ilustrado**. Recife, 14 de set. 1901 e **Norte Ilustrado**. Recife, 25 de set. 1901.

⁴⁴⁹ NASCIMENTO, Luis do. **História da Imprensa em Pernambuco** (1821-1954). Vol.VII. Recife: Universidade Federal de Pernambuco: Editora Universitária, 1975. p. 42.

⁴⁵⁰ Pensão Siqueira. **O Prego**. Jornal Humorístico e Crítico. Recife, 21 de jul. 1900. p. 2.

Numa lista bem formada
 Ela tem tudo que é bom;
 Desde o peixe de escabeche
 Até carne com Perón

.....

E que comida alimenta
 Estão todos nisto d' acordo
 Pois o Siqueira que é dono
 Só de comê-la anda gordo
 E agora pelo reclame
 Que a repeti-lo não nego
 Prepare a bóia de graça
 Pra os redatores do Prego.

Os remédios são os produtos com maior número de propagandas em jornais, revistas e almanaques. Jornais semanalmente dão um mote para ser respondido, com glosa do punho do leitor, sobre os mais diversos assuntos. Entre eles, encontram-se os benefícios do Elixir Sanativo, publicado pelo jornal PM. Órgão dos Fracos que utiliza chistes e metáforas.

Mote

Provocado pelo jornal

Sou um P. M. atrevido
 Mas inda brinco contigo

Glosa

Respondido por Dezr. Delfino

O mutilado⁴⁵¹

Fui soldado bem valente,
 Em muitos fogos entrei!

⁴⁵¹ DELFINO, Dezr. O Mutilado. **PM**. Recife, 29 de janeiro de 1902. p. 4.

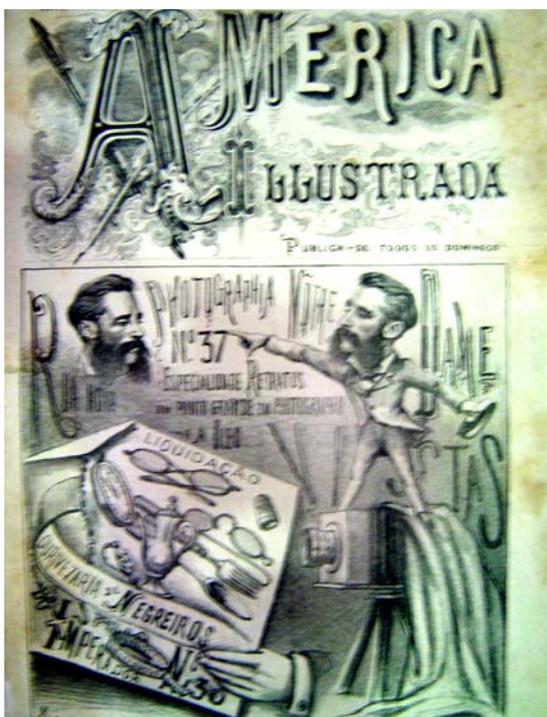
Nos combates conquistei
A mais subida patente!
Hoje triste, decadente,
Mutilado, semi – vivo...
Mesmo assim eu não me esquivo
De um combate moderado
Tendo uma dose tomado
Do Elixir Sanativo!

Vários jornais humorísticos saem às ruas sem propaganda.⁴⁵² Aos poucos ela ganha espaço, se firma e se populariza como uma nova forma de linguagem e como meio de financiar custos até chegar a ocupar a primeira e a última página, espaços antes dedicados aos temas de cada número do periódico.⁴⁵³

⁴⁵² No fim do século XIX, o espaço reservado para a propaganda é pequeno nos jornais humorísticos. Geralmente ocupam parte da última página.

⁴⁵³ Durante a pesquisa encontramos um jornal inteiramente dedicado à propaganda, fato que denota a aceitação da mesma como meio de acesso a produtos e serviços em voga, como **O Homeopata**. Órgão de propaganda homeopática. Propriedade da Pharmacia e Laboratório Especial Homeopático do Doutor Sabino. Publicado em 1883.

Fig.nº. 123.



Fonte: **América Illustrada**. Recife, 29 de jun. 1879. p.1

A propaganda do Photographia Notre Dame destaca a presença da câmara e do fotógrafo a apontar para o duplo de seu rosto, a sua frente. Encontra ainda espaço para sobrepôr o cartaz com a propaganda da Ourivesaria de Negreiros. Nele, o desenho dos produtos vendidos pela firma tais como óculos, talheres, relógio, pulseira e dedal.⁴⁵⁴ Em uma mesma página defrontamos com o desdobramento do fotógrafo, sua sensibilidade no desempenho de seu trabalho e objetos, sem que entre eles tenha sido estabelecida uma hierarquia. Tudo é propaganda.

A propaganda dos cigarros da Fábrica Flora, do punho de V. Cruz, ocupa página inteira (fig.nº. 124), chamando atenção para a manufatura de cigarros finos, feitos com superiores tabacos de Minas Gerais, e de outros produtos como charutos da Bahia e Havana, ponteiras, cachimbos de espuma vendidos a grosso e a retalho.⁴⁵⁵

⁴⁵⁴ Primeira página. **América Illustrada**. Recife, 29 de jun. 1879. p.1.

⁴⁵⁵ Sobre cigarros escreve MOTA, Mauro, **História em Rótulos**. 2. ed. Recife, Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais - Mec, 1971. Nesse livro, Mota observa a crítica social presente nas caricaturas e nos retratos que compõem os rótulos de cigarros no século XIX e início do século XX.

Foto nº. 124.



Na imagem, uma mulher toca em flores de um lado e do outro apoia seu braço na tampa da caixa de cigarros para relacionar os dois aromas. A tampa da caixa apresenta o endereço do estabelecimento e seu interior aberto mostra os cigarros. Acima, a cena é contornada pelo nome da fábrica. Em baixo, uma informação de valor para o usuário - o registro da marca da fábrica.

Fonte: V. Cruz. Carneiro Vilela. Fábrica Flora. **América Ilustrada**. Recife, 27 de jul. 1879. p. 8.

Verso em forma de propaganda, por vezes, dissemina hábitos como o das mulheres fumarem cigarros e charutos. Em poesia XP usa a palavra charuto⁴⁵⁶, que dá título aos versos, com duplo sentido, vinculando o fumo ao sexo, o que, até hoje, se mantém nas propagandas e estimula a popularidade do hábito de fumar.

O Charuto

(...)

Fuma ela quando trabalha,

Fuma quando está contente,

Fuma mesmo quando ralha,

Fuma até quando doente.

A fumar eu sou forçado

O meu charuto escondido;

Si ela o pilha ei-lo mascado,

Ei-lo babado e mordido.

(...)

⁴⁵⁶ XP. **O Charuto**. Recife, 29 de jun. 1901, p. 3.

Se em certo momento dado,
 Eu não fosse resoluto,
 Já estaria liquidado,
 Já não teria mais charuto.

No final do século XIX e início do século XX já encontramos imagens de crianças nos jornais, como consumidores de artigos postos à venda em lojas. Para elas existem brinquedos e roupas como o fardamento escolar. As crianças dependem dos adultos para escolher e comprar, mas a propaganda ao vincular a imagem delas aos produtos associa à idéia de adquiri-los a de cuidar bem dos filhos.

Em propaganda publicada no Jornal do Recife, a Maison Chic edita jornal com seu nome⁴⁵⁷ para divulgar o estabelecimento e mudar costumes. Loja de roupa pronta para adultos e crianças luta com versos no campo da contra propaganda para ganhar o consumidor que, há pouco, tinha trocado o hábito de costurar suas vestes pela modista.

A Costureira

Leitoras se evitar quiseses

As maçadas da modista

Tens um remédio fácilimo

E remédio comodista

Por isso dou-lhe um conselho

Guarda-o bem toma sentido

É vires a Maison Chic

E comprar feito um vestido.

Por meio das imagens de crianças e da idéia que a publicidade constrói sobre as mesmas as mensagens publicitárias chegam aos adultos, na época seu público alvo. A propaganda, no que se refere às crianças, concentra seu discurso na alimentação, vestuário, saúde e higiene. O vestir roupa feita, comer Farinha

⁴⁵⁷ **O Chic.** Jornal Catita, Ilustrado e impresso à la diable e distribuido a locil pela Maison Chic. Recife, dez. 1903. p. 4. Traz textos ligados à moda e ao comportamento e imagens dos artigos ali vendidos.

Láctea⁴⁵⁸ e brincar com brinquedos vendidos nas lojas faz com que a criança seja apresentada como tema de propaganda. As compras para os filhos passam a ser prova de carinho e atenção, laço de afeto entre os pais, as crianças e a família. Campanhas valorizando alimentos feitos pela indústria circulam ao mesmo tempo em que as mulheres passam a participar do mercado de trabalho e ter menos tempo para preparar a comida de seus filhos.

A mudança na alimentação das crianças, com a introdução da Farinha Láctea⁴⁵⁹, também é alvo de vários artigos na imprensa local⁴⁶⁰, que partem do fato da Farinha Láctea Nestlé ser admitida pela Inspeção Geral de Saúde Pública e do discurso pautado na preocupação das mães com a nutrição de seus filhos, ao qual acrescenta a idéia de que somente a amamentação não é suficiente e que para baratear o produto é necessário que o mesmo seja produzido no país. Em 1912, aparecem produtos fabricados no Brasil preparados com resíduo de leite e rotulados como sendo leite condensado. Tais produtos sofrem uma contrapropaganda, tendo sido comparados em qualidade com o Leite Condensado Suíço, Marca Moça.⁴⁶¹

Os jornais também não se furtam a fazer propaganda de si mesmos como veículos de bem-estar e disposição física, remédio para o corpo e para a alma. Na primeira página de A Pimenta, encontramos Pancrácio de cartola, lendo o jornal, deixado sobre a cadeira por sua esposa que o havia lido com ansiedade.

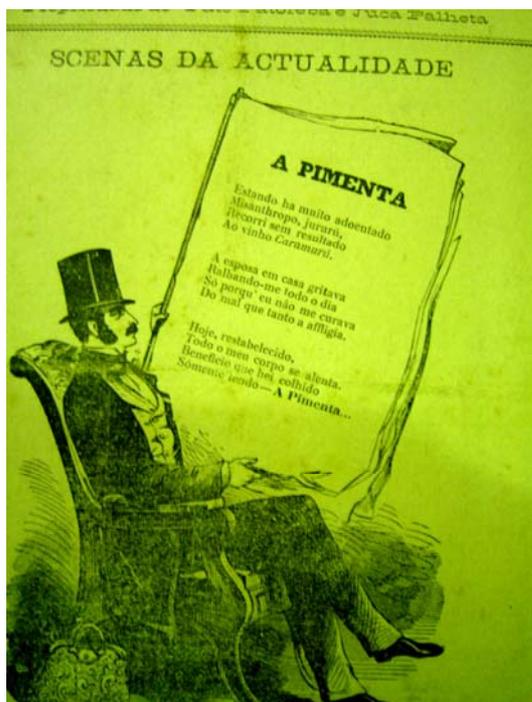
⁴⁵⁸ A Farinha Láctea da Nestlé, exportada para o Brasil no fim do século XIX, abre caminho para a implantação da fábrica da Nestlé no país e para a propaganda do leite em pó e do leite condensado. A Farinha Láctea da Nestlé, devido ao aumento da sua venda, promove no Recife, a cada dois meses, sorteios de cadeiras confortáveis para crianças para quem apresentasse dez envoltórios das latas do produto. **Jornal do Recife**. Recife, 4 de set. 1912. p. 3.

⁴⁵⁹ A Nestlé começa a importar Farinha Láctea para o Brasil em 1876. **Nestlé faz bem**. A Nestlé conta sua história. S.N.T.

⁴⁶⁰ Manah. **A Pátria**. Órgão defensor das classes laboriosas. Recife, 18 de fevereiro de 1909. p.4. Esses artigos abrem espaço para a inauguração da primeira fábrica da Nestlé em Araras, São Paulo, em 1921. Op. cit. p. 45,46.

⁴⁶¹ A propaganda informa que os produtos locais são imitações grosseiras do leite condensado Nestlé, preparadas com resíduos de leite. As mães cautelosas. Leite condensado. **Jornal do Recife**, 7 de fevereiro de 1912. p. 2. Essa propaganda se repete em outros números do Jornal do Recife como no de 3 de março de 1912.

Fig. nº. 125.



Fonte: L. Jonhson & C.. Scenas da Atualidade. **A Pimenta**. Folha Noticiosa e Humorística. Recife, 29 de jun. 1901. p. 4.

Scenas da atualidade

Estando há muito adoentado

Misantropo, jururú,

Recorri sem resultado

Ao vinho caramuru

A esposa em casa gritava

Ralhando-me todo o dia

Só porque não me curava

Do mal que me affligia

Hoje, restabelecido

Todo o meu corpo alerta

Benefício que hei colhido

Somente lendo — A Pimenta

O público da propaganda é o das pessoas que podem pagar, primeiro o jornal, depois o artigo em exibição ou o serviço. Entre os destinatários da propaganda encontramos profissionais como advogados e médicos, que não recorreram ao humor para divulgar seus trabalhos, provavelmente por considerarem sérias suas atividades. Mesmo assim, um ou outro cai nas tintas dos humoristas que não perdoam comportamentos abusivos daqueles que por terem um diploma se acham com direito sobre a lei e sobre as pessoas.

O olhar dos humoristas-jornalistas pode ser chamado de o olhar da crítica, pois eles a exercem com humor no que diz respeito ao diálogo travado entre a tradição e o moderno, que envolve as suas vidas e a da comunidade. Por vezes esse olhar supera as novidades da época, profetizando mudanças de comportamentos que, de fato, ocorrem no século XX e em outras fica embaçado por preconceitos. Das duas formas, o olhar é crítico, aborda o cotidiano dos habitantes do Recife e é raro, na época, em outros profissionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Livros

ALBERTI, Verena. **O Riso e o Risível**: na história do pensamento. Rio de Janeiro: Zahar / Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999.

ALMEIDA, M. das Graças. LEITÃO, Maria do Rosário. **História (nem sempre) bem humorada de Pernambuco**. Recife: Bagaço, 2002. v. I.

ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. **História da Fotorreportagem no Brasil**. A fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. **Festas**: Máscaras do Tempo. Entrudo e Mascarada no carnaval do Recife. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife/ PCR, 1996.

_____. **As praias e os dias**. História Social das praias do Recife e de Olinda. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2007.

ARENDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1979.

ARISTOFANES. **Lisístrata ou a Greve dos Sexos**. São Paulo: Ed. 34, 2002. (Coleção Infante - Juvenil).

ASSIS, Machado. **Melhores Crônicas**. São Paulo: Global, 2003.

AUMONT, Jacques. **A Imagem**, 3. ed. São Paulo: Papyrus, 1993.

Barthes, Roland. **A Câmara Clara**. Nota sobre a fotografia. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. **Imagem e moda**. São Paulo: Martins Fontes, 2005. v. 3.

_____. **Inéditos**. Imagem e moda. São Paulo: Martins Fontes, 2005. v. 3.

_____. **O Óbvio e o Obtuso**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1990.

_____. **Oeuvres Completes**. Paris: Seuil, 1994.

BASBAAUM, Leôncio. **História Sincera da República**. São Paulo: Edições LB, 1962.

BELUZZO, Ana Maria. **De M. Voltolino e as Raízes do Modernismo**. São Paulo: Ed. Marco Zero, 1991.

BENEVOLO, Leonardo. **História da Arquitetura Moderna**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: Ensaio sobre literatura e história da cultura 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. v.1. (Obras Escolhidas).

BENVILACQUA, Clóvis. **Código Civil dos Estados Unidos do Brasil**. Comentários. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1965.

BERGSON, Henri. **O Riso** – ensaio sobre o cômico. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

BERMAN, Marshall. **Tudo Que é Sólido Desmancha no Ar**. A Aventura da Modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BERNARDES, Denis e PERRUCCI, Gadiel. Recife: **O Caranguejo e o Viaduto**. Notas para uma história social e econômica do Nordeste, 1889-1930. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1996.

BORBA, Fernando de Barros. **Pernambuco**: viagem à estética do tempo: manual do Patrimônio Cultural de Pernambuco. Recife: FUNDARPE, 1993.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História & Fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BRUCKNER, Pascal. **A Euforia Perpétua**. Ensaio sobre o dever de felicidade. 2. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. **Mulher de Papel**. A representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

BURKE, Peter. **A Escrita da História**: Novas Perspectivas. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

_____. **Variedades da História Cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

_____. **Testemunha Ocular**: História e Imagem. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CALVINO, Ítalo. **As Cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAMARGO, Francisco Carlos e HOFF, Tânia Márcia Cezar. **Erotismo e Mídia**. São Paulo: Expressão & arte, 2002.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Uma Introdução à História**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

CARDOSO, Ciro Flamarion e MAUAD, Ana Maria. **Domínios da História**. Ensaios de teoria e metodologia. São Paulo: Ed. Campus, 1997.

CARDOSO, Rafael (org.). **O Design Brasileiro antes do design**: aspectos da história gráfica. 1870-1960. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

CARVALHO, Alfredo de. **Annaes da imprensa periódica pernambucana de 1821-1908**. Recife: Tipografia do Jornal do Recife, 1908.

CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados**: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CARVALHO, Marcos Joaquim Maciel. **Liberdade**. Rotina, e Ruptura do Escravismo (Recife 1822-1850). Recife: Massangana, 1998.

CASTELLS, Manuel. **A Questão Urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

CASTORIADES, Cornelius. **As Encruzilhadas do Labirinto**. Ascensão da insignificância. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CAVALCANTI, Carlos Bezerra. **O Recife e seus bairros**. Recife: Câmara Municipal do Recife, 1998.

CALVALCANTI, Lailson de Holanda. **Humor diário**: A ilustração humorística do Diário de Pernambuco (1914- 1996). Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1996.

- CAVALCANTI, Vanildo Bezerra. **Recife do Corpo Santo**. Recife: Prefeitura Municipal do Recife, 1977.
- CERTEAU, Michel. **A Escrita da História**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- _____. **A Invenção do Cotidiano**: Artes de Fazer. Petrópolis: Vozes, 1994. v. 1.
- _____, GIARD, Luce. MAYOL, Pierre. **A Invenção do Cotidiano**: Morar, cozinhar. 5. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2003. v. 2.
- CIAVATTA, Maria. **O Mundo do Trabalho em Imagens**. A fotografia como fonte histórica. (Rio de Janeiro, 1900-1930). Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: suas práticas e representações. Rio de Janeiro: Difel, 1991. (Coleção Memória e Sociedade).
- CONNOR, Steven. **Cultura Pós-Moderna**. Introdução às Teorias do Contemporâneo. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- CORREIA, Lepê. **Canoeiros e Curandeiros**. Resistência negro-urbana em Pernambuco, século XIX. Recife: Funcultura, 2006.
- COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro, Graal, 1978.
- DEAECTO, Marisa Midori. **Comércio e Vida Urbana na Cidade de São Paulo**. (1889-1930). São Paulo: Editora SENAC, 2001.
- DEZINCORT, Elizângela. O Brasil caricato: a imprensa do humor faz o país rir e pensar há 167 anos. In: **A Imprensa do Brasil**: de D. João a FHC – 190 anos de história. Brasília/ Fenaj, 1908.
- DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas, SP: Papyrus, 2001.
- ECO, Humberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- _____. **O Nome da Rosa**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1986.
- EISENBERG, Piter. **Modernização sem mudança**. A Indústria açucareira em Pernambuco; 1840- 1910. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- ELIAS, Norbert. **Sobre o Tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- FALCON, Francisco. **História Cultural**. Uma nova visão sobre a sociedade e a cultura. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2002.
- FERRAZ, Maria do Amparo Pessoa. **O Gás em Pernambuco**. Breve História da utilização do Gás a partir do séc. XIX. Recife: Copergás, 2001.
- FERREZ, Gilberto. **Velhas fotografias Pernambucanas**, 1841-1900. Recife: Departamento de Documentação e Cultura, 1956.
- FONTENELLE, Isleide Arruda. **O Nome da Marca**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 19. ed. São Paulo: Edições Graal, 2004.
- _____. **As Palavras e as Coisas**. 8. ed. Uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FRANCA, Rubem. **Monumentos do Recife**: estátuas, bustos, igrejas e prédios, lápides, placas, inscrições históricas do Recife. Recife; Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco, 1977.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. **Homens Livres na Ordem Escravocrata**. São Paulo: Ática, 1974.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano. 6. ed. Recife: Câmara dos Deputados, Governo do Estado de Pernambuco: Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes, 1981.

FREUD, Sigismund. O Humor. In: **Obras Completas**. Rio de Janeiro, Imago Editora Ltda, 1969. (**Obras Completas**. vol. XXI, 1927).

_____. **Os Chistes e sua relação com o inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1977. (Obras Psicológicas Completas. vol. VIII. 1905).

_____. O Mal-Estar na Civilização. In: **Freud**. (1856-1939). São Paulo: Abril Cultural, 1978.(Os Pensadores).

FREUND, Gisele. **Fotografia e Sociedade**. 2. ed. S/l: Vega, 1995. (Comunicação e linguagens).

FONTENELLE, Isleide Arruda. **O Nome da Marca**, McDonald's, fetichismo e cultura descartável. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

FRIDMAN, Carlos Luis. **Vertigens Pós-Modernas**. Configurações institucionais contemporâneas. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

GALVÃO, Sebastião de Vasconcelos. **Dicionário Chorográfico, Histórico e Estatístico de Pernambuco**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1921.

GAMA, Miguel do Sacramento Lopes. **O Carapuço 1832-1842**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1983. vs. 1-3 (Coleção Recife, 27).

GAY, Peter. **O Coração Desvelado**: a experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GOMINHO, Zélia de Oliveira. **Veneza americana x mocambóles**: o Estado Novo na cidade do Recife (décadas de 30 e 40). Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1998.

GUERRA, Flávio. **Velhas Igrejas e Subúrbios Históricos**. Recife: Departamento de Documentação e Cultura. Prefeitura Municipal do Recife, 1959.

GUINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. **Relações de Força**. História, retórica, prova. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GUINSBURG, J. (Org.). **Do teatro ao teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

HAHNER, June E. **Emancipação do Sexo Feminino**. A luta pelos direitos da mulher no Brasil, 1850-1940. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

HOLLANDA, Sergio Buarque de. **História Geral da Civilização Brasileira**. O Brasil Monárquico. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1962-72. vs. 3-7,

_____. **História Geral da Civilização Brasileira.**, O Brasil Republicano. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1962-72. v. 8.

HOLLANER, Anne. **O Sexo e as Roupas: A Evolução do Traje Moderno.** Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

JATOBÁ, Lucivânio. (Org.) **Estudos Nordestinos sobre o Crescimento Urbano.** Recife: Fundaj, 1987.

JUREMA, Aderbal. **O Sobrado na Paisagem Recifense.** Recife; Editora Nordeste, 1952.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Uma fotografia Desbotada.** Atitudes e Rituais do Luto e o Objeto Fotográfico. João Pessoa: Manufatura, GREM, 2002.

KOSSOY, Boris. **Dicionário Histórico-Fotográfico Brasileiro.** Fotógrafos e ofícios da Fotografia no Brasil (1833-1910). São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2002.

_____. **Fotografia & História.** 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

_____. **Origens e Expansão da Fotografia no Brasil: Século XIX.** Rio de Janeiro: Ed. Funarte, 1980.

_____. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica.** São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

LACAN, Jacques. **O Seminário.** As formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. Livro 5.

LAGE, Beatriz e Milone, Paulo. **Propaganda e Economia para Todos.** São Paulo: Summus Editorial, 1994.

LAYER, James. **A Roupas e a Moda.** Uma História Concisa. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LE GOFF, Jacques. **Por amor as cidades.** Conversação com Jean Lebrun. São Paulo: Fundação da Editora Unesp, 1998.

_____. Antigo e Moderno. In: **Enciclopédia Einaudi.** Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda. 1984. vol. I.

_____. **História e Memória.** 2. ed. Campinas: UNICAMP, 1992.

LEITE, Sylvia H. T. A. **Chapéus de palha, panamás, plumas, cartolas:** a caricatura na literatura paulista (1900-1920). São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1996.

LEVINI, Robert M. **A Velha Usina.** Pernambuco na Federação Brasileira 1889 - 1937. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

LIMA, Herman. **História da Caricatura no Brasil.** Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1963.

LOPES, Luis Carlos. **O Espelho e a Imagem.** O Escravo na Historiografia Brasileira (1808 - 1920). Rio de Janeiro: Achiamé, 1987.

LUBAMBO, Cátia W. **Bairro do Recife.** Entre o Corpo Santo e o Marco Zero. Recife: CEPE/ Fundação de Cultura da Cidade do Recife. 1991.

LURIE, Alison. **A Linguagem das Roupas.** Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

LUSTOSA, Isabel. O texto e o traço: a imagem de nossos primeiros presidentes através do humor e da caricatura. **O tempo do liberalismo excludente:** da

Proclamação da República à Revolução de 1930. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. (O Brasil Republicano; v.1).

MACHADO, Arlindo. **A Ilusão Especular**. São Paulo: Brasiliense / FUNARTE, 1984.

MANGUEL, Alberto. **Lendo Imagens**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MARX, Karl. **O Capital**. Crítica da economia política. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

MELLO, José Antônio Gonsalves de. **Diário de Pernambuco**. Arte e natureza no Segundo. Reinado. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 1985.

_____. **Diário de Pernambuco**: economia e sociedade no Segundo Reinado. Recife: UFPE: Ed. Universitária, 1995.

_____. **A Capunga: crônica de um bairro do Recife**. Recife: Edição do Conselho Municipal de Cultura, 1979.

MELO, Mario. **Síntese Cronológica de Pernambuco**. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1985.

MELO, Mario Lacerda. **Metropolização e Subdesenvolvimento: o caso do Recife**. Recife: UFPE, 1978.

MINOIS, Georges. **História do Riso e do Escárnio**. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História Oral e Memória: a cultura popular revisitada**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

MORAES, José Geraldo V. de. **Cidade e cultura urbana na Primeira República**. 2. ed. São Paulo: Atual, 1994. (Discutindo a história do Brasil).

MOTA, Mauro, **História em Rótulos**. 2. ed. Recife, Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais-Mec, 1971.

MOURA, Ana Maria da Silva. **Cocheiros e carroceiros**. Homens livres no Rio de senhores e escravos. São Paulo: Hucitec; Brasília, CNPq, 1988.

MUNFORD, Lewis. **A Cidade na História**. São Paulo; Martins Fontes, 1982.

NASCIMENTO, Luiz do. **História da Imprensa em Pernambuco**. Periódicos do Recife – 1851-1875. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1970. vol.V.

_____. **História da Imprensa de Pernambuco**.. Periódicos do Recife – 1876-1900. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, ed. Universitária, 1972. vol. VI

-----, **O Recife pela voz dos poetas**. Recife: Prefeitura Municipal do Recife, 1977.

NOVAIS, Fernando Antônio. Coordenador geral. ALENCASTRO, Luis Felipe. Organizador do volume. **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. (História da Vida Privada no Brasil; v. 2).

NOVAIS, Fernando Antônio. Coordenador geral. SEVCENKO, Nicolau. Organizador do volume. **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. (História da Vida Privada no Brasil; v. 3).

ORLANDO, Arthur. **O porto e a cidade do Recife**. Recife: Typografia do Jornal do Recife, 1905.

PENNA FILHO, Carlos. **Guia Prático da Cidade do Recife**. Recife: Prefeitura do Povo, 1996.

PEREIRA DA COSTA, F. A. **Vocabulário Pernambucano**. 2. ed. Recife: Governo do Estado de Pernambuco, Secretaria de Educação e Cultura, 1976.

_____, **Arredores do Recife**. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife/ PCR, 1981.

PEREIRA, Nilo. **Um Tempo do Recife**. Recife: Edições do Arquivo Público Estadual, 1978.

PERRUCCI, Gadiel. **A república das usinas: um estudo de história econômica e social do Nordeste**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

PIO, Fernando. **Meu Recife de Outrora**. 2 ed. Recife: Departamento de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura, 1969.

PIRANDELLO, Luigi. **O Humorismo, em Pirandello**. Do teatro ao teatro. São Paulo: Perspectiva, 1999.

RABELO, Evandro. **Memórias da Folia**. O Carnaval do Recife pelos Olhos da Imprensa. 1822-1925. Recife: Funcultura, 2004.

RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao Lar**. A Utopia da Cidade Disciplinar. Brasil 1890-1930. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RAMOS, Ricardo. **Do Reclame à Comunicação**. São Paulo: Atual, 1987.

REZENDE, Antônio Paulo. **(Des)encantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte**. Recife: Governo do Estado, Secretaria de Cultura, Fundarpe, 1997.

_____. **O Recife; histórias de uma cidade**. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2002.

ROCHA, Leduar de Assis. **História da Medicina em Pernambuco**. Século XIX. Recife, Arquivo Público Estadual, 1962.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Campinas: Editora Papirus, 1994. Tomo 1.

ROCHA, Oswaldo Porto. **A Era das Demolições: cidade do Rio de Janeiro: 1870-1920**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação, Divisão de Editoração, 1995.

SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do Riso**. A representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SANTANA, Jair Gomes de, EGITO, Jucelino Lima do e PERES, Pedro Correia, Coordenação Antônio Paulo Rezende. **Recife: 100 anos de Escola Pública Municipal. 1894-1929**. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife, Departamento de Capacitação Profissional, 2000. 1ª parte.

SANTOS, Milton. **Espaço e Sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1979.

SANTOS, Noronha. **Meios de Transporte no Rio de Janeiro**, 2. ed. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1996.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Metafísica do Belo**. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

SETTE, Mário. **Anquinhas e Bernardas**. Recife: Fundarpe, 1987. (Coleção Pernambucana) 2. Fase. vol. XXXIV).

_____. **Arruar**. História Pitoresca do Recife Antigo. Rio de Janeiro: C.E.B., 1948. (Coleção Brasil que não Conhecemos)

_____. **Maxambombas e Maracatus**. 3. ed. Rio de Janeiro: Casa do Estudante, 1958.

_____. **Terra Pernambucana**. 10. ed. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1981.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu Extático na Metrópole**. São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. **Literatura como Missão**. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SILVA, Leonardo Dantas (Org.) **O monitor das famílias**. Recife: Fundarpe: Diretoria de Assuntos Culturais, 1985. (Coleção Pernambucana, segunda fase, v. 16).

_____. **A Imprensa e a Abolição**. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1988.

_____. **Estudo sobre a escravidão negra**. Recife: Fundaj, Editora Massangana, 1988.

_____ e SOUTO MAIOR, Mário. **Recife: quatro séculos de paisagem**. Recife: Massangana / PCR, 1992.

SILVA, Marcos. **A Caricata República – Zé Povo e o Brasil**. São Paulo: Marco Zero, 1990.

SINGER, Paul. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

SOARES, Goreti. **O Leite ao Sabor do Tempo**. A História de um Restaurante. S.N.T.

SODRÉ, Nelson W. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

SONTAG, Susan. **Sobre a fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SOUZA, Gilda de Mello e. **O Espírito das Roupas**. A Moda no Século Dezenove. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SUSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo de Letras**. Literatura, técnica e modernização no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

VALERY, Paul. **Introdução ao método de Leonardo da Vinci**. São Paulo: Ed. 34, 1998.

VASQUEZ, Pedro Karp. **Fotógrafos Alemães no Brasil do Século XIX**. São Paulo: Metalivros, 2000.

VESTERGAARD, Torben e SCHRODER, Kim. **A Linguagem de Propaganda**. São Paulo: Martins Fonte, 2004.

VIANNA, A. J. Barbosa. **Recife**, capital do Estado de Pernambuco. Recife: Secretaria do Estado de Educação e Cultura, 1970.

VERAS, Lucia Maria de Siqueira Cavalcanti. **De APÉ-PUC a APIPUCOS**: numa encruzilhada a construção e permanência no lugar urbano. Recife: Bagaço, 1999.

WANDERLEY, Eustórgio. **Tipos populares do Recife Antigo**. 2. ed. Recife: Colégio Moderno, 1953. 1. Série.

Folhetos raros

BRITO, F. Saturnino Rodrigues de. **Saneamento do Recife**, descrição e relatórios. Recife: Typografia da Imprensa Oficial, 1917.

FREITAS, Octavio. **Do Registro Sanitário das Habitações**. Recife: Imprensa Industrial, 1909.

Traço e História. A Caricatura na Madrugada da República. Recife: Arquivo Público Estadual/ Editora Massangana, 1990.

RECIFE, Governo de (1905 1908: Barros). **INSTRUÇÃO PÚBLICA**. Relatório apresentado ao Ex. Sr. Prefeito do município. Comendador Eduardo Martins de Barros em 14 de maio de 1906. Exposição com que abriu a 3^a. sessão ordinária do Conselho Municipal em 15 de maio de 1906. Recife: Typografia do Diário de Pernambuco, 1906.

NESTLÉ: Setenta Anos no Brasil. São Paulo: Assessoria de Imprensa da Nestlé, 1991.

Nós somos a Nestlé do Brasil. S.N.T.

Obras raras

FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues & C. **Álbum Artístico, Commercial e Industrial do Estado de Pernambuco**. SNT. (Recife, 1913).

100 Anos de Propaganda no Brasil. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

2 Periódicos

2. 1. Almanques

ALAMANAQUE DE PERNAMBUCO para o ano de 1906. Recife: Imprensa Industrial (1905).

ALAMANAQUE DE PERNAMBUCO para o ano de 1907. Recife: s/ ed. (1906).

ALAMANAQUE DE PERNAMBUCO para o ano de 1908. Recife: Livraria Contemporânea, 1907.

ALMANACH DE PERNAMBUCO para o ano de 1909. Recife: Imprensa Industrial. 1908.

ALMANAQUE DE PERNAMBUCO. Recife: Imprensa Industrial, 1912.

ALMANAQUE DE PERNAMBUCO para o ano de 1913. Recife: Imprensa Industrial, 1912.

ALMANAQUE DE PERNAMBUCO para o ano de 1914. Recife: Imprensa Industrial, 1913.

ALMANAQUE DE PERNAMBUCO para o ano de 1915. Recife: Imprensa Industrial, 1914.

Boletins

ESTATÍSTICA. **Boletim da Cidade e do Porto do Recife.** Recife, n. 1 set.1941. Anexo. Anual.

Jornais

AMÉRICA ILLUSTRADA. Recife, 16 de mar. 1879

AMÉRICA ILLUSTRADA. Recife, 29 de jun. 1879.

AMÉRICA ILLUSTRADA. Recife, 31 de out. 1880.

AMÉRICA ILLUSTRADA. Recife, 27 de mar. 1881.

AMÉRICA ILLUSTRADA. Recife, 10 de jul.1883.

AMÉRICA ILLUSTRADA. Recife, 3 de jan. 1886.

O ARARA. Recife, 14 de fev. 1907.

O ARARA. Recife, 26 de set. 1908.

O ARRAZA. Recife, 25 de maio1891.

O AUTOMÓVEL. Periódico Humorístico, Literário e Noticioso. Recife, 15 de nov. 1907.

O BADALO. Folha Crítica, Satyrica e Humorística. Recife, 8 de abr. 1895.

O BACAMARTE. Recife, 1 de dez. 1888.

O BACURAO. Terror da Noute. Recife, 10 de jun. 1903.

O BADALO. Recife, 8 de abr. de 1895.

O BADALO. Recife, 17 de out. de 1898.

O BESOURO. Recife, 17 de maio de 1904.

O BISBILHOTEIRO. Folha Satírica, Humorística e Noticiosa. Publicação semanal. Pernambuco, 2 de set.1895.

O BUMBA. Recife, 25 de ago. 1898.

O BUMBA. Recife, terceira dezena de set. 1898.

O CABEÇA DE BURRO. Recife, 31 de out. 1890.

O CINEMA. Recife, 27 de set. 1914.

- O CHIC. Jornal Catita, Ilustrado e impresso à la diable e distribuido a locil pela MAISON CHIC. Recife, fev. 1903.
- O CHIC. Jornal Catita, Ilustrado e impresso à la diable e distribuido a locil pela MAISON CHIC. Recife, dez. 1903.
- O CHICOTE. Jornal Critico e humorístico. Recife, 29 de set. 1883.
- O CHICOTE. Periódico Humorístico e Livre. Recife, 8 de jun. 1903.
- O COMÉRCIO. Gazeta do Povo. Recife, 17 de jul. 1885.
- A COBRA. Recife, 21 de fevereiro de 1903.
- DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 23 jul. 1851.
- DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 26 dez. 1859.
- O ESCALPELLO. Bi-semanário Crítico, Humorístico e Literário. Recife, 16 de out. 1887.
- O ESPECTADOR. Recife, 31 de ago. 1908.
- O ETNA. Recife, 8 de out. 1881.
- O ETNA. Recife, 15 de out. 1881.
- O ETNA. Recife, 12 de nov. 1881.
- A EXPOSIÇÃO. Revista Crítica e Humorística. Recife, 10 de ago. 1887.
- A EXPOSIÇÃO. Revista Crítica e Humorística. Recife, 17 de maio 1888.
- O FANTOCHE. Recife, 23 de jul. 1891.
- O GRÊMIO DOS PROFESSORES PRIMÁRIOS. Folha quinzenal – órgão da mesma sociedade. Recife, 10 de setembro de 1884.
- O HOMEOPATHA. Órgão de propaganda homeopática. Propriedade da Pharmacia e Laboratório Especial Homeopático do Doutor Sabino. Publicado em 1883.
- INDEPENDÊNCIA OU MORTE. Recife, 7 de set. 1904.
- O JOÃO FERNANDES. Revista Crítica e Humorística. Recife, 11 de jul. 1886.
- JORNAL DO COMÉRCIO. PERNAMBUCO IMORTAL. CADERNO ESPECIAL, 1995.
- JORNAL DE MEDICINA DE PERNAMBUCO. RECIFE, 16 DE JAN. DE 1905.
- JORNAL PEQUENO. Recife, 30 de jul. 1903.
- JORNAL PEQUENO. Recife, 17 de ago. 1905.
- JORNAL PEQUENO. Recife, 11 de abr. 1907.
- JORNAL DO RECIFE. Recife, 13 de maio 1888.
- JORNAL DO RECIFE. Recife, 14 de ago. 1901.
- JORNAL DO RECIFE. Recife, 07 de set. 1904.
- JORNAL DO RECIFE. Recife, 3 de fev. 1912.
- JORNAL DO RECIFE. Recife, 7 de fev. 1912.
- JORNAL DO RECIFE. Recife, 16 de fev. 1912.

JORNAL DO RECIFE. Recife, 19 de fev. 1912.
JORNAL DO RECIFE. Recife, 20 de fev. 1912.
JORNAL DO RECIFE. Recife, 28 de fev. 1912.
JORNAL DO RECIFE. Recife, 29 de fev. 1912.
JORNAL DO RECIFE. Recife, 3 de mar. 1912
JORNAL DO RECIFE. Recife, 6 de mar. 1912.
JORNAL DO RECIFE. Recife, 8 de mar. 1912.
JORNAL DO RECIFE. Recife, 15 de maio 1912.
JORNAL DO RECIFE. Recife, 4 de set. 1912.
JORNAL DA TARDE. Recife, 8 de jun. de 1885.
O JUDARÃO. Recife, 14 de abril de 1900.
A LANCETA. Periódico Ilustrado. Recife, 5 de fev. 1912.
A LANCETA. Periódico Ilustrado. Recife: 15 de jan. 1913.
A LANCETA. Periódico Ilustrado. Recife, 19 de mar. 1913.
A LANCETA. Periódico Ilustrado. Recife: 13 de ago. 1913.
O LEÃO DO NORTE. Recife, 6 de dez. 1913.
O LOBISHOMEM. Semanário esculhambado. Recife, 20 de jan. 1903.
O MARTELLO. Recife, 3 de ago. 1900.
O MARTELLO. Recife, 11 de ago. 1900.
O NORTE. Recife, 28 de jan. 1912.
NORTE ILUSTRADO. Recife, 14 de set. 1901.
NORTE ILUSTRADO. Recife, 25 de set. 1901.
PM. Órgão dos fracos. Recife, 29 de jan.1902.
PM. Órgão dos fracos. Carnaval de 1903.
O PAPAGAIO. Periódico Crítico e Noticioso. Recife, 17 de ago.1902.
O PAPAGAIO. Periódico Crítico e Noticioso. Recife, 11 de nov.1902.
A PÁTRIA. Órgão defensor das classes laboriosas. Recife, 18 de fevereiro de 1909.
O PATUSCO. Ilustrado e Humorístico. Recife, 7 de set. 1886.
O PELINTRA. Periódico Humorístico e Noticioso. Recife, 6 de fev. 1909.
A PENNA. Recife, 22 de ago. de 1909.
O PERIQUITO. Semanário Ilustrado. Periódico Joco-sério e Noticioso. Recife, 13 de nov. 1901.
O PERIQUITO. Semanário Ilustrado. Periódico Joco-sério e Noticioso. Recife, 15 de nov. de 1901
O PERIQUITO. Periódico Joco-sério e Noticioso. Recife, 24 de dez. 1901.

- O PERIQUITO. Periódico Joco-sério e Noticioso. Recife, 14 de maio 1906.
- O PERIQUITO. Periódico Humorístico e Ilustrado. Recife, 23 de jan. 1908.
- O PERIQUITO. Periódico Humorístico e Ilustrado. Recife, 27 de jan. 1908.
- O PERIQUITO. Periódico Humorístico e Ilustrado. Recife, 14 de maio. 1908.
- O PERIQUITO. Periódico Humorístico e Ilustrado. Recife, 6 de jun. 1908.
- O PERIQUITO. Periódico Humorístico e Ilustrado. Recife, 5 de jul. 1908.
- O PERIQUITO. Periódico Humorístico e Ilustrado. Recife, 6 de jul. 1908.
- O PERIQUITO. Periódico Humorístico e Ilustrado Recife, 20 de jul. 1908.
- O PERIQUITO. Periódico Humorístico e Ilustrado Recife, 27 de jul. 1908.
- O PERIQUITO. Periódico Humorístico e Ilustrado. Recife, 17 de ago. 1908
- O PERIQUITO. Periódico Humorístico e Ilustrado. Recife, 24 de ago. 1908.
- O PERIQUITO. Periódico Humorístico e Ilustrado. Recife, 24 de ago. 1908.
- O PERIQUITO. Periódico Humorístico e Ilustrado. Recife, 27 de ago. 1908.
- O PERIQUITO. Periódico Humorístico e Ilustrado. Recife, 31 de ago. 1908.
- O PERIQUITO. Periódico Humorístico e Ilustrado Recife, 3 de set. 1908.
- O PERIQUITO. Periódico Humorístico e Ilustrado Recife, 8 de out. 1908.
- O PERIQUITO. Periódico Humorístico e Ilustrado Recife, 12 de out. 1908.
- O PERIQUITO. Periódico Humorístico e Ilustrado Recife, 13 de out. 1908.
- O PERIQUITO. Periódico Humorístico e Ilustrado Recife, 23 de out. 1908
- O PERIQUITO. Periódico Humorístico e Ilustrado Recife, 29 de out. 1908.
- O PERIQUITO. Periódico Humorístico e Ilustrado Recife, 19 de nov. 1908.
- O PERIQUITO. Periódico Humorístico e Ilustrado Recife, 3 de dez. 1908.
- O PERIQUITO. Periódico Humorístico e Ilustrado Recife, 10 de dez. 1908.
- O PERIQUITO. Periódico Humorístico e Ilustrado Recife, 21 de dez. 1908.
- A PIMENTA. Folha Noticiosa e Humorística. Recife, 16 de jun. 1901
- A PIMENTA. Folha Noticiosa e Humorística. Recife, 29 de jun. 1901.
- A PIMENTA. Periódico Ilustrado, Noticioso e Humorístico. Recife, 7 de dez. 1901.
- A PIMENTA. Periódico Humorístico, Ilustrado e Noticioso Recife, 13 de ago. 1902.
- A PIMENTA. Periódico Humorístico, Ilustrado e Noticioso Recife, 8 de ago. 1908.
- A PIMENTA. Periódico Humorístico, Ilustrado e Noticioso. Recife, 14 de nov. 1908.
- A PIMENTA. Periódico Humorístico, Ilustrado e Noticioso Recife, 21 de nov. 1908.
- A PIMENTA. Periódico Ilustrado e Noticioso. Recife, 30 de jun. 1909.
- A PIMENTA. Periódico Ilustrado e Noticioso. Recife, 7 de jul. 1909.
- A PIMENTA. Periódico Humorístico, Ilustrado e Noticioso. Recife, 10 de jul. 1909.
- O PIOLHO. (Recife) s/d. (1902).

- O PIPAROTE. Órgão da Bohemia Pio Piparote. Recife, 23 de ago. 1903.
- O PIPAROTE. Órgão da Bohemia Pio Piparote. Recife, 30 de set. 1903.
- POLYANTRO. Recife, 20 de agosto de 1904.
- O PREGO. Jornal Humorístico e Crítico. Recife, 21 de jul. 1900.
- O PREGO. Jornal Humorístico e Crítico. Recife, 28 de jul.1900.
- A PROVÍNCIA. Recife, mar. 1887.
- O RAIO. Recife, Primeira quinzena de out. 1902.
- O RECIFE. Folha Alegre e Ilustrada. Recife, 2 de set. 1904.
- O RECIFE. Folha Alegre e Ilustrada. Recife, 28 de out. 1904.
- RECIFE ILLUSTRADO. Recife, 10 de jul. 1888.
- RECIFE ILLUSTRADO. Periódico literário, crítico e humorístico. Recife, 22 de jan. de 1889.
- O RELÂMPAGO. Periódico Humorístico. Recife, 18 de junho de 1909.
- A RUA. Semanário Ilustrado. Recife, 8 de dez. 1903.
- A RUA. Semanário Ilustrado. Recife, 14 de dez. 1903.
- A RUA. Semanário Ilustrado. Recife, 26 de jan. 1904.
- SPORT. Recife, 7 de jan. 1905.
- SYLPHORAMA. Recife, 30 de mar. 1892.
- O TRAQUINAS. Órgão da Cascabulhada. Recife, 25 de ago.1900.
- O TROVÃO. Recife, 1 de jun. 1903.

Revistas

- BOTELHO, Carla. O calçamento do Recife no século XIX. **Revista do Arquivo Público**. Recife, v. 42. n. 46. p. 45-63, dez. 1996. Semestral.
- BRECIANNI, M. Stella. Metrôpoles: as faces do monstro urbano (as cidades no século XIX). **Revista Brasileira de História**. v. 5, n. 8,9. Ed. Marco Zero, 1985.
- BRITES, Olga. Infância, Higiene e Saúde na Propaganda (usos e abusos nos anos 30 a 50). **Revista Brasileira de História**. Dossiê Brasil, Brasis. São Paulo, v. 20, n. 39, p. 249-278, 2000. Semestral. ISSN 0102-0188.
- CERRI, Luís Fernando. Ensino de História e Nação na propaganda do milagre econômico. **Revista Brasileira de História**. Tempos do Sagrado. São Paulo, vol. 22, n. 43, p. 195-224, 2002. Semestral. ISSN 0102-0188.
- FOURNIÉ, Victor e BERENQUER, Emilio. Memórias acerca do Porto do Recife. **Arquivos**. Recife, n. 1. p. 179-213. 1942.
- MACIEL, Laura Antunes. Cultura e Tecnologia: a constituição do serviço telegráfico no Brasil. **Revista Brasileira de História**. Ciência e Sociedade. São Paulo, v. 21, n. 41, p. 127-144. 2001. Semestral. ISSN 0102-0188.

MENEZES, José Luis da Mota. A ocupação do Recife numa perspectiva histórica. **Clio**. Revista de pesquisa histórica da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, n.14, p. 147 -162, 1993. (Série História do Nordeste). Anual. ISSN 0102-9487

REZENDE, Antônio Paulo. O Recife: Os espelhos do passado e os labirintos do presente ou as tentações da memória e as inscrições do desejo. **Projeto História**. Espaço e Cultura. São Paulo, n.º. 18. maio de 1999.

Dissertações e teses

ANDRADE, Ana Maria Mauad de Sousa. **Sob o Signo da Imagem**: a produção e o Controle dos Códigos de representação social da classe dominante, no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX. 1990. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1990.

ARRAIS, Raimundo Ferreira Alencar. **Recife**: culturas, confrontos, identidades: A participação na campanha salvacionista de 1911. 1995. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1995.

_____, **O Pântano e o Riacho**: a formação do espaço público no Recife do século XIX. 2001. Tese (Doutorado em História Social). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

BARROSO, Geraldo. **Criminalidade e Marginalidade na Cidade do Recife**: século XIX. 1985. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1985.

COUCEIRO, Sylvia Costa. **Artes de Viver a Cidade**: conflitos e convivência nos espaços de diversão e prazer do Recife nos anos 1920. 2003. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

DUARTE, José Luis. **Recife no Tempo da Maxambomba (1867-1889)**: o primeiro trem urbano do Brasil. 2005. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

HUANG, Maria Tereza B. **Lembranças do Futuro**: Recife a espera do século XX. 1969. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1969.

DINIZ, Fernando. **A construção de uma cidade moderna**: Recife (1909-1926). 1994. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 1994.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **A implantação de Serviços Urbanos no Recife. O caso da Companhia do Beberibe**: (1838-1912). 1979. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1979.

LIRA, José Tavares Correia de. **Mocambo e Cidade**: regionalismo na arquitetura e ordenação do espaço habitado. 1996. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

LOPES, Maria Aparecida Vasconcelos. **Cidade sã, corpo são**: Urbanização e saber médico no Recife. (Final do século XIX, início do século XX). 1996. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1996.

MEDEIROS, Maria da Glória Dias. **O social no governo de Sigismundo Gonçalves**. 1989. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1989.

OLIVEIRA JÚNIOR, Antônio de. **Do reflexo à mediação**: um estudo da expressão fotográfica e da obra de Augusto Malta. 1994. Dissertação (Mestrado em Multimeios) Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.

PIRES, Maria da Conceição Francisca. **Humor, Política e Cotidiano**: um olhar sobre a modernidade no Recife dos anos 20. 2000. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.

SANTOS, Ana Maria de Barros. **Introdução ao estudo da escravidão em Pernambuco e sua transição para o trabalho livre**. 1978. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1978.

SILVA, Fabiana de Fátima Bruce. **Caminhando numa cidade de luz e de sombras**: a fotografia moderna no Recife na década de 1950. 2005. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

SILVA, Terezinha de Jesus Pereira da. **Estudo do uso da bicicleta no deslocamento casa-trabalho**: caso do distrito industrial do Curado – Recife – Jaboatão dos Guararapes. 1992. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1992.

SOUSA, Fábio Gutemberg Ramos Bezerra de. **Cartografias e Imagens da cidade**: Campina Grande – 1920-1945. 2001. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

SOUZA, Maria Ângela de Almeida. **Posturas do Recife Imperial**. 2002. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.

TEIXEIRA, Flavio W. **As cidades enquanto palco da modernidade**. 1994. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 1994.

Z Aidan, Noemia Maria. **O Recife nos trilhos dos bondes de burro**. (1870-1914). 1991. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 1991.

ZANCHETI, Silvio Mendes. **O Estado e a cidade do Recife (1836-1889)**. 1989. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) Universidade de São Paulo. 1989.

Documentos impressos

PERNAMBUCO, Governo de. (1904-1908: Gonçalves). **Relatório apresentado pelo Secretário Geral Dr. Elpidio de Abreu e Lima Figueiredo em 30 de janeiro de 1907**. v. 1. Recife: Typografia do Diário de Pernambuco, 1907.

PERNAMBUCO, Governo de. (1904-1908: Gonçalves). **Relatório apresentado ao Exmo.sr. Governador do Estado pelo Secretário Geral Dr. Elpidio de Abreu e Lima Figueiredo em 31 de janeiro de 1908**. Recife: Typografia do Diário de Pernambuco, 1908.

PERNAMBUCO, Governo de. (1912-1916: Barreto). **Relatório apresentado ao Exmo.sr. General Emydio Dantas Barreto, Governador do Estado pelo**

Secretário Geral Dr. Hersilio Lupercio de Souza. Pernambuco: Typpografia do Colégio Orphanologico São Joaquim, 1912.

PERNAMBUCO. Lei nº. 1050, de 4 de julho de 1872. Proíbe os comerciantes de manterem seus estabelecimentos abertos além das 22 horas. **Coleção de Leis Provinciais da Província de Pernambuco para o ano de 1872.** SNT. p. 17.

PERNAMBUCO. Lei nº. 1.129, de 26 de junho de 1873. Sobre a obrigatoriedade da matrícula dos cocheiros e os condutores de carros, seges, carruagens, ônibus, ou qualquer outro veículo de condução pública. **Leis Provinciais do ano de 1873.** Pernambuco: Typografia de M. Figueroa de F. e Filhos.1873. p. 111-137.

PERNAMBUCO. Lei nº. 1.187, de 14 de junho de 1875. Publica posturas municipais **Leis Provinciais, ano de 1875.** Pernambuco: Typografia de M. Figueroa de Faria e Filhos, 1875. p. 53, 54.

PERNAMBUCO. Lei nº. 1.532, de 22 de abril de 1881. Divisão da Freguesia de Afogados e criação da Freguesia da Madalena. **Leis Provinciais do ano de 1881.** Pernambuco, Typografia de M. Figueroa de Faria e Filhos, 1881. p. 12.

PERNAMBUCO. Lei nº. 1.608, de 19 de julho 1881. Permite a qualquer pessoa a construção de casas de formas e tamanhos diversos, em terrenos apropriados inclusive fora do alinhamento, contanto que o desenho seja apresentado à Câmara. **Coleção de Leis da Província de Pernambuco para o ano de 1881.** SNT. p.119, 120.

PERNAMBUCO. Lei nº. 1. 751 de 31 de maio de 1883. Exigências de numeração dos carros de passeio. **Leis Provinciais do Ano de 1883.** SFR. p. 30.

PERNAMBUCO. Lei nº. 1.733, de 10 de maio de 1883. Define o prazo de seis meses para que o transporte das carnes verdes seja feito apenas em carros apropriados, segundo modelo dado pela Câmara. **Leis Provinciais de Pernambuco de 1883.** Recife, Typografia de Manoel de Faria & Filhos, 1883. p. 8.

PERNAMBUCO. Lei nº. 1.777, de 1883. Proíbe o depósito de lixo na Praia de Santa Rita. **Leis Provinciais do Ano de 1883.** SFR p. 89.

PERNAMBUCO. Lei nº. 1. 845, de 15 de junho de 1885. Sobre isenção da décima urbana. **Leis Provinciais de Pernambuco 1884 a 1886.** Recife: Typografia de Manoel de Faria & Filhos, 1886. p. 20, 21.

PERNAMBUCO. Lei nº.1.903, de 3 de outubro de 1888. Regulamenta o transporte de lixo, cal, estrume e outras matérias. **Leis Provinciais de Pernambuco de 1888.** Recife, Typografia de Manoel de Faria & Filhos. 1889. p. 3.

PERNAMBUCO. Lei nº. 1.909, de 24 de outubro de 1888. Proíbe o uso de lixo e a varredura de casas e ruas para aterrar alagado. **Leis Provinciais de Pernambuco de 1888.** Recife, Typografia de Manoel de Faria & Filhos, 1889. p. 7.

PERNAMBUCO Lei nº. 1.910, de 24 de outubro de 1888. Remove do centro as cocheiras ou casas de depósito de carros fúnebres **Coleção das Leis Provinciais de Pernambuco, sancionadas no ano de 1888.** Recife, Typografia de Manoel de Figueroa Faria e Filhos, 1888. p. 8.

PERNAMBUCO, Lei nº. 1.934, de 17 de novembro de 1888. Lei que proíbe a criação de animais no município do Recife e em terrenos destinados à pequena e grande

lavoura. **Leis Provinciais de Pernambuco 1888**. Recife: Typografia de Manoel de Faria & Filhos. p. 29.

PERNAMBUCO, Lei nº. 1.953, de 19 de dezembro de 1888. Regula a numeração dos prédios e designação das praças, ruas e travessas das quatro freguesias centrais da cidade. **Coleção das Leis Provinciais de Pernambuco sancionadas no ano de 1888**. Recife: Typografia de Manoel de Figueroa Faria e Filhos, 1888. p. 90, 91.

PERNAMBUCO. Lei nº. 2.147, de 1889. Autoriza o Governo na pessoa de Manoel Alves de Araújo, a contratar com quem melhores vantagens oferecer para o estabelecimento de carros de praça. **Leis do Estado de Pernambuco do ano de 1889**. Recife, Typografia de Manoel Figueroa de Faria e Filhos, 1899. p. 253.

PERNAMBUCO, Lei nº. 28, de 16 de novembro de 1891. Cria a Secretaria dos Negócios da Instrução Pública e Particular, Assistência Pública e Estatística **Leis do Estado de Pernambuco, 1891**. SFR. S/p.

PERNAMBUCO. Lei nº. 205 de 19 de novembro de 1896. Sobre a concessão de crédito extraordinário para pagar as despesas das obras do forno de incineração do lixo do Recife. **Leis do Estado de Pernambuco dos anos de 1896 e 1897**. Recife: Typografia de Manoel de Figueroa de Faria & Filhos, 1897. p. 4.

PERNAMBUCO. Lei nº. 668, de 26 de maio de 1904. **Sobre escrituras de vendas e permutas e carta de arrematação de imóveis. Leis do Estado de Pernambuco do ano de 1904**. Recife: Typografia do Diário de Pernambuco, 1904. p. 24.

PERNAMBUCO. Lei nº. 684, de 8 de junho de 1904. Sobre a obrigação de pagar o imposto da décima urbana. **Leis do Estado de Pernambuco do ano de 1904**. Recife: Typografia do Diário de Pernambuco, 1904. p. 66.

PERNAMBUCO. Lei nº. 407, de 19 de agosto de 1905. Sobre o serviço de limpeza pública a limpeza da cidade e dos subúrbios. **Leis do Estado de Pernambuco, 1905**. Recife: Imprensa Oficial, 1905. p. 58.

PERNAMBUCO. Lei nº. 902, de 15 de maio de 1908. Sujeita à fiscalização todas as empresas que operam meios de transportes **Leis do Estado de Pernambuco**. Recife, Typografia de Pernambuco, 1908. p. 17,18.

PERNAMBUCO, Lei nº. 1032 de 20 de junho de 1910. A décima urbana não aumenta, no prazo de dez anos, para os prédios que são reformados segundo as regras da arquitetura eclética. **Coleção de Leis do Estado de Pernambuco**. Recife: Typografia do Diário de Pernambuco. 1910.

RECIFE, Governo de. (1899-1904: Moreira). **Exposição apresentada ao Concelho Municipal do Recife na 4ª. sessão ordinária em 17 de agosto de 1901 pelo Prefeito Dr. Manoel dos Santos Moreira**. Recife: Typographia do Diário de Pernambuco, 1901.

RECIFE, Governo de. (1899-1904: Moreira). **Exposição apresentada ao Concelho Municipal do Recife na abertura da quarta sessão ordinária em 18 de agosto de 1902 pelo Prefeito Dr. Manoel dos Santos Moreira**. Pernambuco, s/ed., 1902.

RECIFE, Governo de. (1899-190: Moreira). **Exposição apresentada ao Concelho Municipal do Recife na 4ª sessão ordinária em 17 de agosto de 1903 pelo Prefeito Dr. Manoel dos Santos Moreira**. Recife: Typographia do Diário de Pernambuco, 1903.

RECIFE, Governo de. (1899-1904: Moreira). **Exposição apresentada ao Concelho Municipal do Recife na 5ª. sessão ordinária em 19 de outubro de 1903 pelo Prefeito Dr. Manoel dos Santos Moreira.** Recife: Typographia do Diário de Pernambuco, 1903.

RECIFE, Governo de. (1899-1904: Moreira). **Exposição apresentada ao Concelho Municipal do Recife na quarta sessão ordinária em 22 de agosto de 1904 pelo Subprefeito comendador Eduardo Martins de Barros.** Recife: Typographia do Diário de Pernambuco, 1904.

RECIFE, Governo de. (1904-1908: Barros). **Exposição que abriu a 4ª. sessão ordinária em 21 de agosto de 1905 o prefeito em exercício Comendador Eduardo Martins de Barros.** Recife: Typographia do Diário de Pernambuco, 1905.

RECIFE, Governo de. (1904-1908: Barros). **Exposição que abriu a 1ª. sessão ordinária em 15 de fevereiro de 1906 o Prefeito em exercício Comendador Eduardo Martins de Barros.** Recife: Typographia do Diário de Pernambuco, 1906.

RECIFE, Governo de. (1904-1908: Barros). **Exposição que abriu a 2ª. sessão ordinária em 15 de março de 1906 o Prefeito em exercício Coronel Eduardo Martins de Barros.** Recife: Typographia do Diário de Pernambuco, 1906.

RECIFE, Governo de. (1904-1908: Barros). **Exposição que abriu a 3ª. sessão ordinária em 15 de maio de 1906 o Prefeito em exercício Coronel Eduardo Martins de Barros.** Recife: Typographia do Diário de Pernambuco, 1906.

RECIFE, Governo de. (1904-1908: Barros). **Exposição que abriu a 4ª. sessão ordinária em 16 de agosto de 1906 o Prefeito em exercício Coronel Eduardo Martins de Barros.** Recife: Typographia do Diário de Pernambuco, 1906.

RECIFE, Governo de. (1904-1908: Barros). **Exposição com que abriu a 3ª. sessão ordinária do Concelho Municipal em 15 de maio de 1907 o Prefeito Coronel Eduardo Martins de Barros.** Recife: Typographia do Diário de Pernambuco, 1907.

RECIFE, Governo de. (1904-1908: Barros). **Exposição com que abriu a 1ª. sessão ordinária do Concelho Municipal em 15 de janeiro de 1908 o Prefeito Coronel Eduardo Martins de Barros.** Recife: Typographia do Diário de Pernambuco, 1908.

RECIFE, Governo de. (1904-1908: Barros). **Exposição com que abriu a 2ª. sessão ordinária do Concelho Municipal em 16 de março de 1908 o Prefeito Coronel Eduardo Martins de Barros.** Recife: Typographia do Diário de Pernambuco, 1908.

RECIFE, Governo de. (1908-1911: Souza). **Exposição com que abriu a 3ª. sessão ordinária do Concelho Municipal em 15 de maio de 1908 o Prefeito Dr. Achimedes de Oliveira Souza.** Recife: Typographia do Diário de Pernambuco, 1908.

RECIFE, Governo de. (1908-1911: Souza). **Exposição com que abriu a 4ª. sessão ordinária do Concelho Municipal em 17 de agosto de 1908 o Prefeito Dr. Achimedes de Oliveira Souza.** Recife: Typographia do Diário de Pernambuco, 1908.

RECIFE, Governo de. (1908-1911: Souza). **Exposição com que abriu a 5ª. sessão ordinária do Concelho Municipal em 15 de outubro de 1908 o Prefeito Dr. Achimedes de Oliveira Souza.** Recife: Typographia do Diário de Pernambuco, 1908.

RECIFE, Governo de. (1908-1911: Souza). **Exposição que abriu a 1ª. sessão ordinária do Concelho Municipal em 15 de janeiro de 1909 o Prefeito Dr. Archimedes de Oliveira Souza.** Recife, Typographia do Diário de Pernambuco, 1909.

RECIFE, Governo de. (1908-1911: Souza). **Exposição com que abriu a 2ª. sessão ordinária o Concelho Municipal do Recife, em 15 de março de 1909 o Prefeito Dr. Archimedes de Oliveira Souza.** Recife: Typographia do Diário de Pernambuco, 1909.

RECIFE, Governo de. (1908-1911: Souza). **Exposição com que abriu a 3ª. sessão ordinária o Concelho Municipal do Recife, em 17 de maio de 1909 o Prefeito Dr. Archimedes de Oliveira Souza.** Recife: Typographia do Diário de Pernambuco, 1909.

RECIFE, Governo de. (1908-1911: Souza). **Exposição com que abriu a 5ª. sessão ordinária o Concelho Municipal do Recife, em 18 de outubro de 1909 o Prefeito Dr. Archimedes de Oliveira Souza.** Recife: Typographia do Diário de Pernambuco, 1909.

RECIFE, Governo de. (1908-1911: Souza). **Exposição com que abriu a 1ª. sessão ordinária do Concelho Municipal do Recife, em 17 de janeiro de 1910 o Prefeito Dr. Archimedes de Oliveira Souza.** Recife: Typographia do Diário de Pernambuco, 1910.

RECIFE, Governo de. (1908-1911: Souza). **Exposição com que abriu a 3ª. sessão ordinária do Concelho Municipal do Recife, em 1 de junho de 1910 o Prefeito Dr. Archimedes de Oliveira Souza.** Recife: Typographia do Diário de Pernambuco, 1910.

RECIFE, Governo de. (1908-1911: Souza). **Exposição com que abriu a 1ª. sessão ordinária do Concelho Municipal do Recife, em 17 de janeiro de 1911 o Prefeito Dr. Archimedes de Oliveira Souza.** Recife: Typographia do Diário de Pernambuco, 1911.

RECIFE, Governo de. (1908-1911: Souza). **Exposição que abriu a 2ª. sessão ordinária do Concelho Municipal em 15 de março de 1911 o Prefeito Dr. Archimedes de Oliveira Souza.** Recife, Typographia do Diário de Pernambuco, 1911.

RECIFE, Governo de. (1908-1911: Souza). **Exposição que abriu a 3ª. sessão ordinária do Concelho Municipal em 17 de maio de 1911 o Prefeito Dr. Archimedes de Oliveira Souza.** Recife, Typographia do Diário de Pernambuco, 1911.

RECIFE, Governo de. (1911-1915: Corrêa). **Exposição com que o Prefeito Eudoro Corrêa abriu a 2ª. sessão ordinária de 15 de março de 1912.** Pernambuco: Typographia do Jornal do Recife, 1912.

RECIFE, Governo de. (1911-1915: Corrêa). **Exposição com que Dr. Eudoro Corrêa Prefeito do Município abriu a 3ª. sessão do Conselho Municipal em 15 de maio d 1913.** Recife: Empreza d' O Tempo, S/d.

RECIFE, Governo de. (1911-1915: Corrêa). **Exposição com que o Prefeito Eudoro Corrêa abriu a sessão extraordinária de 10 de agosto e o Subprefeito Coronel**

Silvino Pinto, a ordinária de 15 do mesmo mês. Pernambuco: Typographia do Diário de Pernambuco, 1914.

RECIFE, Governo de. (1911-1915: Corrêa). **Exposição Municipal.** Recife 1911. Recife: Livraria Contemporânea, 1911.

RECIFE, Governo de. (1904-1908: Barros). **INSTRUÇÃO PÚBLICA.** Relatório apresentado ao Sr. Prefeito do município, Comendador Eduardo Martins de Barros, em 14 de maio de 1906. Recife: Typografia do Diário de Pernambuco, 1906.

RECIFE, Governo de. (1896-1899: Cintra). **MENSAGEM que ao Concelho Municipal do Recife dirigiu o Ex^{mo}. Sr. Dr. Jose Cupertino Coelho Cintra, Prefeito do Município por ocasião da abertura da primeira sessão em 15 de janeiro de 1897.** Recife: Typographia d' a Cidade, 1897.

RECIFE, Governo de. (1911- 1915: Corrêa). **MENSAGEM apresentada pelo Capitão Dr. Eudoro Correa Prefeito do Recife ao Concelho Municipal ao abrir a 3^a. sessão ordinária em 15 de maio de 1912.** Pernambuco: Typographia do Jornal do Recife, 1912.

RECIFE, Governo de. (1896-1899: Cintra). **MENSAGEM que ao Concelho Municipal do Recife dirigiu o Exmo. Sr. Dr. Jose Cupertino Coelho Cintra, Prefeito do Município por ocasião da abertura da primeira sessão em 15 de janeiro de 1897.** Recife: Typographia d' a Cidade, 1897.

RECIFE, Governo de. (1911-1915: Corrêa). **MENSAGEM apresentada pelo Capitão Dr. Eudoro Correa Prefeito do Recife ao Concelho Municipal ao abrir a 3^a. sessão ordinária em 15 de maio de 1912.** Pernambuco: Typographia do Jornal do Recife, 1912.

SINOPSE Estatística do Estado. n. IV. Recife: Imprensa Industrial, 1938.

Documentos Manuscritos

AUGUSTO, Antônio. **Ofício nº. 68.** Recife, 1885. 2 p. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano).

BARRETO, Manoel de Barros. **Relatório da Companhia Pernambuco Street Railway.** Recife, 1872. 5 p. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano).

BARROS, Eduardo Martins de Barros. **Ofício nº. 5.** Recife, 1907. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano).

BARROS, Luis Francisco do Rego. **Ofício nº. 2.** Recife, 1905. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano).

BARROS, Luis Francisco do Rego. **Ofício nº. 41.** Recife, 1905. 3 p. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano).

CÂMARA MUNICIPAL. **Ofício nº. 7.** Recife, 1887. 2 p. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano).

CÂMARA MUNICIPAL. **Ofício nº. 23.** Recife, 1887. 2 p. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano).

CÂMARA MUNICIPAL. **Relatório.** Recife, 1887. 5 p. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano).

- CINTRA, José Cupertino Coelho. **Ofício nº. 201.** Recife, 1896. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano).
- CRUZ, Antônio de Siqueira Carneiro da. **Ofício nº. 19.** Recife, 1885. 2 p. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano).
- CUNHA, Antônio de Siqueira Carneiro da. **Ofício nº. 41.** Recife, 1886. 2 p. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano).
- CUNHA, de José Mariano Carneiro. **Ofício nº. 2.** Recife, 1883. 1 p. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano).
- DÂMASO, Manoel Pinto. **Ofício nº. 382.** Recife, 1892. 3 p. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano).
- DÂMASO, Manoel Pinto. **Ofício nº. 136.** Recife, 1893. 3 p. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano).
- DAMASO, Manoel Pinto. **Ofício nº. 160.** Recife, 1894. 1 p. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano).
- FONSECA, Décio de Aquino. **Ofício. nº. 06.** Recife, 1884. 2 p. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano).
- FONSECA, Décio de Aquino. **Ofício. nº. 118.** Recife, 1883. 2 p. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano).
- FONSECA, Décio de Aquino. **Ofício. nº. 175.** Recife, 1883. 1 p. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano).
- LEAL, Francisco A. **Ofício nº. 160.** Recife, 1889. 1 p. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano).
- LEAL, Francisco A. **Ofício nº. 200.** Recife, 1892. 1 p. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano).
- MELO, Antônio de. **Ofício nº. 63.** Recife, 1885. 3 p. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano).
- MONTENEGRO, Emigdio. **Ofício nº. 243.** Recife, 1896. 1 p. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano).
- MORAES, José Cândido. **Ofício nº. 57.** Recife, 1884. 2 p. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano).
- MORAES, José Cândido. **Ofício nº. 78.** Recife, 1884. 2 p. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano).
- NEVES, João Pedro. **Ofício nº. 24.** Recife, 1883. 1 p. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano).
- NEVES, João Pedro. **Ofício nº. 33.** Recife, 1883. 2 p. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano).
- NEVES, João Pedro. **Ofício nº. 72.** Recife, 1883. 1 p. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano).
- NEVES, João Pedro. **Ofício nº. 85.** Recife, 1883. 2 p. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano).

NEVES, João Pedro. **Ofício nº. 97.** Recife, 1883. 2 p. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano).

NEVES, João Pedro. **Relatório.** Recife, 1883. 6 p. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano).

OLIVEIRA, Paulo José d'. **Relatório da Estrada de Ferro do Recife a Caxangá.** Recife, 1881. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano).

OLIVEIRA, Paulo José d'. **Relatório da Estrada de Ferro do Recife a Caxangá.** Recife, 1882. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano).

OLIVEIRA, Paulo José d'. **Relatório da Estrada de Ferro do Recife a Caxangá.** Recife, 1883. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano).

OLIVEIRA, Paulo José d'. **Relatório da Estrada de Ferro do Recife a Caxangá.** Recife, 1884. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano).

OLIVEIRA, Paulo José d'. **Relatório da Estrada de Ferro do Recife a Caxangá.** Recife, 1885. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano).

OLIVEIRA, Paulo José d'. **Relatório da Estrada de Ferro do Recife a Caxangá.** Recife, 1886. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano).

OLIVEIRA, Paulo José d'. **Relatório da Estrada de Ferro do Recife a Caxangá.** Recife, 1887. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano).

OLIVEIRA, Paulo José d'. **Relatório da Estrada de Ferro do Recife a Caxangá.** Recife, 1888. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano).

OLIVEIRA, Paulo José d'. **Relatório da Estrada de Ferro do Recife a Caxangá.** Recife, 1889. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano).

PERNAMBUCO, J. A. de Almeida. **Carta.** Recife, 12 de dezembro de 1910. 2 p. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano).

PITANGA, Góis S. **Ofício nº. 36.** Recife, 1887. 1 p. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano).

PITANGA, Góis S. **Ofício nº. 57.** Recife, 1887. 1 p. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano).

RECIFE, **TABELA de rendimentos do Mercado de São José.** Recife, 1899. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano).

RECIFE. **TERMO do contrato de arrecadação das rendas dos mercados e matadouros municipais e dos serviços de limpeza pública e urbana.** Recife, 1902. 12 p. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano).

RECIFE, **TERMO de contrato celebrado entre a Câmara Municipal do Recife e o Tenente Coronel José de Oliveira Castro para execução das obras do Mercado da Boa Vista.** Recife, 1885. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano).

ROCHA, Joaquim José Ferreira da. **Parecer sobre isenção de impostos.** Recife, 1897. 2 p. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano).

SANTOS, Albino José dos. **Carta.** Recife, 1886. 1 p. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano).

SIQUEIRA, Antônio. **Ofício nº. 19.** Recife, 1886. 2 p. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano).

SIQUEIRA, Antônio. **Ofício nº. 55.** Recife, 1886. 6 p. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano).

SOUZA, Archimedes de Oliveira. **Ofício nº. 1.** Recife, 1911. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano).

VEREADORES DO RECIFE. **Ofício nº. 74.** Recife, 1883. 1 p. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano).

VEREADORES DO RECIFE **Ofício nº. 79.** Recife, 1883, 2 p. (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano).

APÊNDICES

APÊNDICE n. 1. - PINTORES DE PAISAGEM E RETRATOS TRABALHANDO NO RECIFE (1880–1914)

Período de trabalho na cidade	Nome do pintor	Nome e endereço da litografia
1881	Aurélio de Figueiredo	Rua Duque de Caxias, nº. 6.
1881	A. Barradas	Rua da Aurora, nº. 1.
1881	G. a. Roth	Estrada do Manguinho, Jaqueira.

Fonte: **ALMANAK Administrativo, Mercantil, Industrial e Agrícola da Província de Pernambuco** para o ano de 1881. Recife, Typographia Mercantil, 1881. p. 206.

APÊNDICE N. 2 - IMPOSTOS URBANOS DO RECIFE (1880–1914)

Imposto	%	Lei	Observação
Territorial	7	Nº. 52 de 03.08.1892	Cobrado sobre todas as propriedades dos municípios servidos por estrada de ferro, navegação fluvial efetiva ou situados a margem de estradas de rodagem. O produto do imposto será destinado à conservação das estradas, pontes e canais.
Terreno baldio	8	1895	Imposto sobre terreno baldio, não edificado, ainda que murado, à razão de Réis 100\$000 por m ² nas freguesias urbanas e Réis 10\$000 nas suburbanas. O imposto sobre terreno baldio sobe para Réis 500\$000 nos distritos urbanos e Réis 100\$000 nas suburbanas.
Décima urbana	10	Lei n.º. 684, de 8 de junho de 1904	São obrigados ao pagamento do imposto de décima todos os prédios do município do Recife.

Fontes: PERNAMBUCO, Leis e Decretos. **Coleção de Leis e Decretos do Estado da Província e do Estado de Pernambuco.** 1880-1914.

APÊNDICE nº. 3 - PASSAGEIROS DA ESTRADA DE FERRO DO RECIFE A CAXANGÁ

Ano	Número de passageiros
1880	591.015
1881	609.763
1882	650.927
1883	708.507
1884	729.500
1885	774.046
1886	808.103

Fontes: **Relatórios da Estrada de Ferro do Recife a Caxangá. De Paulo José de Oliveira, engenheiro fiscal, para os Presidentes da Província, 1881-1887.** Fundo Estradas de Ferro. EF. v. 27. pp. 19; 7,7v; 83; 132;167; 230; 311, 312; 419.

APÊNDICE NO. 4 - ESTABELECIMENTOS INDUSTRIAIS EM PERNAMBUCO (1882-1895)

Ramo	1882	1886	1893	1894	1895
Estaleiro	-	-	3	3	3
Fábrica de charutos e fumo	3	4	29	30	50
Fábricas de azeite de coco	1	1	-	-	-
Fábricas de caixas de papelão	1	1	-	-	-
Fábricas de camisas	5	4	-	-	-
Fábricas de carroças	3	6	7	7	7
Fábricas de carros a passeio	2	2	-	-	-
Fábricas de carvão	1	1	1	1	1
Fábricas de cerveja	5	3	-	-	-
Fábricas de chapéus	1	-	10	10	10
Fábricas de chocolate	1	1	-	-	-
Fábricas de colchões	1	1	-	-	-
Fábricas de envernizar coró	1	1	-	-	-
Fábricas de escovas e vassouras	1	1	-	-	-
Fábricas de gelo	2	1	-	-	-
Fábricas de licores, genebra	5	4	-	-	-
Fábricas de limonada gasosa	1	2	-	-	-
Fábricas de macarrão	1	1	-	-	-
Fábricas de óleos vegetais	2	1	-	-	-
Fábricas de pianos, órgãos, realejos	1	1	-	-	-
Fábricas de sabão	4	5	-	-	-
Fábricas de vinagre	5	8	-	-	-
Fábricas de vinho de caju e abacaxi	1	1	-	-	-
Fundições e caldeirarias	7	-	3	3	3
Serrarias	6	21	-	-	-

Fontes: **Almanack de Pernambuco**, para os anos de 1882,1886,1893,1894, 1895. Recife, Typografia de Manoel de Farias e Filhos.

APÊNDICE nº. 5 – TIPOGRAFIAS QUE FUNCIONAM NO RECIFE (1880-1914)

Tipografias	Período em que editam
Albergue Typográfico	1907
Atelier Miranda	1900
Empresa d'A Província	1885-1913
Escola Typográfica Salesiana	1906
Imprensa Industrial	1882-1914
Imprensa Oficial	1913
Officinas Graphics D'A Agência Jornalística Pernambucana	1912
Pantheon das Artes	1896-1898
Papelaria Americana Hugo	1895
Typografia de Afonso Regueira	1900
Typografia Cais 22 de Novembro	1890
Typografia Central	1882-87
Typografia d'cidade	1896
Typografia do Commercio	1888-1892
Typografia do Commercio de Pernambuco	1889
Typografia do Diário de Pernambuco	1901-1913
Typografia Econômica	1888
Typografia D'O Estado	1896
Typografia do Estado de Pernambuco	1890
Typografia da Empresa Gazeta da Tarde	1893
Typografia da Fábrica Apollo	1883
Typografia do Homeopata	1887
Typografia do Jornal do Commercio	1903-1907
Typografia do Jornal do Recife	1882-1914
Typografia de Lins Vieira & C.	1902
Typografia Luso Brasileiro	1896
Typografia de Manoel Figueroa de Faria & Filhos	1882-1897
Typografia Mercantil	1881-1885
Typografia Moderna	1911-1913
Typografia do Norte	1889
Typografia de Silva & Ribeiro	1905

Typografia do Tempo	1881
Typografia Universal	1883-1888
Typografia a Vapor	1909-1913
Typografia a Vapor da Agência Jornalística Pernambucana	1911
Typografia a Vapor J. Agostinho Bezerra	1909- 1913
Typografia a Vapor L. C.	1909
Typografia a Vapor da Livraria Francesa	1907-1914

Fontes: Pesquisa realizada nos folhetos raros editados por tipografias pernambucanas.

APÊNDICE 6 - JORNAIS HUMORÍSTICOS DO RECIFE, EM CIRCULAÇÃO ENTRE 1880 E 1914.

Título do Jornal	Ano	Proprietários, diretores e redatores.	Localização
América Ilustrada.	1880-1883	A partir de 1883 é propriedade de José Caetano da Silva.	MR-XIX
O Arara. Crítico e Ilustrado. Periódico Humorístico.	1902	Propriedade de uma Associação - 1902. Diretor: Dr. Gavroche. Redatores: Celso Júnior e Albino Meira Filho, que assinava Doutor Platão.	MR-XX A-27
O Arara. Periódico Humorístico. (Distribuição gratuita).	1907, 1908	Proprietário e diretor Maninho. 1907, 1908. 1907 - Redatores: Bicudinho, Zé Povo e Gil Gregório. 1908 - Gerente: Maninho. Diretor: Nolido. Redatores: Zé Timbú e Jobeiro.	MR-XX A-27
O Arraza. Demolidor, Crítico, Satírico e Noticioso.	1891	Diretores: Paulo Sobel, Manuel de Oliveira e Faustino Pessoa. Colaboradores: Fábio Rimo Bacharel, A. Silveira, Dr. K. Leite, O pé de bronze, Theo.	MR-XIX A-38
O Automóvel. Periódico Humorístico, Literário e Noticioso (Publicação quinzenal).	1907, 1908	Diretor: Alfredo Rodrigues de Fonseca. Redatores: Góes Telles Junior, Sebastião Caldas e Monte Sabino.	J-19
O Azucrim. Jornal Crítico e Desbragado.	1883	Propriedade de José Miranda Coitinho	MR-XIX A-57
O Bacamarte. Periódico contra a corrupção e a imoralidade.	1888	Sem informação.	MR-XX B-1
O Badalo. Periódico Crítico.	1884	Redator-chefe: Pataca. Gerente: Trezentos e vinte.	MR-XIX B-2

O Badalo. Folha Crítica, Satyrica e Humorística.	1895	Redator-chefe: Graciliano Martins "Pataca"; Gerente: "trezentos e vinte".	MR-XIX B-3
O Badalo. Periódico Crítico e Jocosos.	1898	Redator-chefe: Freitas Barbosa.	MR-XIX B-4
O Bacurao. Periódico Humorístico e Noticioso. Terror da Noute.	1903	Diretor: Frei Bacurao.	MR-XX B-2
A Baronesa Rabugenta. Periódico Crítico, Noticioso e Joco-sério.	1883	Proprietário: Raimundo B. Ramos da Silveira.	MR-XIX B-10
O Beija-flor. Periódico Crítico e Joco-sério.	1889	Propriedade de uma Associação. Redatores: Demóstenes de Olinda e Filipe Cruz. Colunistas: M. do Sacramento, A. P. Guerra Junqueiro, M. S. e Dr. Mequetrefe.	MR-XIX B-14
O Bem-te-vi. Jornal Crítico e Humorístico.	1883	Redator: O Estudante.	MR-XIX B-17
O Besouro. Humorístico, Satyrico e Crítico. (Publicação indeterminada).	1896	Redatores; Gil Valério, Vaz Bui e Paty Bandeira.	MR-XIX B-19
O Besouro. Ilustrado e Humorístico. Em 1904 - O Besouro. Jornal de Troças. Litero Humorístico e Noticioso.	1902-1904	Propriedade de Thomaz Caminha (Carlos Martins) e Félix Patife. Em 1904, a propriedade pertence a uma associação anônima cujo diretor é Zé Perigo. Em 1902: Diretores: Sá Cantor, Gil Minhoca e Simplório Baiacú. Em 1903, nº. 5, passa para um novo diretor, Cir. Nolasco. Em 1907, muda a direção de Temerário II. Redatores: Em 1902, Chico Arranca Toco, pseudônimo de Osvaldo de Almeida; Donzelo Mor pseudônimo de Antônio Lopes e Petrônio disfarce de Valfrido de Almeida. Em 1907, são redatores do jornal Lulu Regadas, pseudônimo de Severo de Barros; Jobeiro, pseudônimo de João Ribeiro; Solano Peres pseudônimo de	MR-XX B-12

		Valfrido Leonardo Pereira.	
O Bicho. Jornal Crítico, Satyrico e Noticioso.	1897	Redator-chefe: José Berebêbé. Gerente: Cabra Roxo.	MR-XIX B-22
O Bilontra. Órgão oposicionista a todos os partidos e dedicado a defesa das sogras.	1892	Redatores – Dr. Finório e Dr. Patusco, escondendo-se, num desses dois pseudônimos, o escritor Olímpio Galvão.	MR-XIX B-23
O Binóculo.	1881-1895	Redatores: Felipe Figueroa Sobrinho, Fernandes Barros e Joaquim Monteiro de Seixas Borges. Conta com a colaboração de Gavroche, K. Terra, Fulano de Tal e Z. Bedeu. Em 1895, trabalham no jornal Crispin, Azucrim, Pangloss, Braz, o Audas e Jope.	DJ-25; 109 MR-XIX B-24
O Bisbilhoteiro. Folha Satyrica Humorística e Noticiosa (Publicação semanal).	1895	Colunistas: Assis e Eponina.	MR-XIX B-25
A Bisnaga. Folha Jocosa para desenfastio dos carrancudos.	1890	Proprietário e redator em chefe João Patusco.	MR-XIX B-26
A Bisnaga. Orgam do Club 33.	1903	Redator-chefe: General Pando (R.M. Braga). Tiragem de trinta e três mil exemplares que circulam no carnaval de 1903.	MR-XIX B-27
Bistoryl. Crítico e Recreativo.	1889	Colunistas: Rangel Sobrinho, Beatriz e O Santinho.	MR-XIX B-29
O Bumba. Interessante repositório de notas e chacotas. (Publicado três vezes ao mês).	1898	Propriedade de Joaquim Cruz, Órgão da Tertúlia Bohemia. Trindade garatujadora: Pio Piparote, Juca Tymbirassu e Malon Zure.	MR-XIX B-51
O Cabeça de Burro.	1890	Redatores diversos.	MR-XIX C-1
A Cachorra.	1880	Sem informação.	MR-XIX C-6
A Caiporinha. Jornal Crítico e Joco-sério.	1890	Redatores diversos, entre os quais Budião, Major Leal, Frei Mocó e Bravo.	MR-XIX C-11
O Capadócio. (Jornal do bairro de Campo Grande).	1911	Diretor: Serezarp, anagrama de Casemiro Prazeres. Redatores: Júlio Severino da Paz e Manuel de Larraz Mindelo.	MR-XX C-7
O Capeta. Órgão neutralizado. (Número	1897	Redatores: Seraphim, Careca, Budião e Chico Congo.	MR-XIX C-21

único).			
O Capetinha. Periódico Crítico e Pilhérico.	1889	Proprietários: F. Moreira da Cruz e J. Conzaga.	MR-XIX C-22
O Cara Molle. Periódico Crítico e Caricato.	1889	Redator responsável: João Dez.	MR-XIX C-24
O Carrossel.	1900	Redatores: Adelino Costa; Cici, pseudônimo de Alfredo Leal, Budião, pseudônimo de F. Guimarães e Bim, pseudônimo de Gastão Diniz.	MR-XX C-13
O Certamen. Jornal Literário e Satyrico.	1883	Redatores: J. Virgílio Galvão e J. Pacifico dos Santos.	MR-XIX C-38
O Chicote. Jornal Satírico e Humorístico.	1883	Colunistas Olympio e Lulú da Volla.	MR-XIX C-40
O Chicote. Periódico Humorístico e Livre.	1902, 1903	Propriedade de uma sociedade anônima. Redatores: Léo, Pio Paparote, Petrônio Murta, Gil Macotte, K Lungoso, Já Maica, Zé Bohemio e Jean Lamche.	MR-XX C-22
O Clarim. Órgão Monarchista por interesse. Republicano por conveniência.	1892	Redator: Fulano de Tal. Colunistas: Menna, Dr. Panglone, K. C.T. e Serafim Mimoso.	MR-XIX C-52
A Cobra. Revista Ilustrada. (Distribuição gratuita. Publicação semanal).	1903	Propriedade de uma sociedade anônima. Diretor: Juca Palheta, pseudônimo de Antônio I. Borges. Secretário: Gosnopante. Redatores: Legran; Leo ou João Ninguém, pseudônimos de Leônidas de Oliveira; Manrico e Dr. Thesoura pseudônimos de Pio Piparote; Donzelo – Mor pseudônimo de Antônio Gomes Lopes; Selvagem Congestionado pseudônimo de Antônio Gomes Lopes.	MR-XX C-41
A Coisa. Folha Crítica, Satyrica, Humorística.	1893	Redatores: Juvenal, Tito, Botelho, Ismael, Diabel e Honório.	MR-XIX C-57
A Coisa. Crítica, Satyrico e Livre.	1901	Redator – chefe – K. Pitao Redatores: K. Tão, K. Peta e K. Lunga, K. Britto e K. Lado. Bilontra.	MR-XX C-43
A Colher.	1906	Diretor: Fr. K. Cête, pseudônimo do jornalista e fotógrafo Antônio Chagas	J-19

		Ribeiro.	
O Combate. Órgão Republicano e Jocosório. Franqueza, Justiça e Verdade.	1889	Redatores: Carlos Jilmar, R. Sobrinho e A. Pessoa.	MR-XIX C-59
O Corisco. Jornal Litero – Humorístico e Noticioso.	1903	Redator: K Bral Colunistas: Diávoló, Tutu Manhoso, Zumbino, K. T. Espero, O Gereba.	MR-XX C-61
O Cri-cri. (Jornal avulso).	1884	Colunistas: Marrasquinho & C ^a , Japonez, Zenóbia, Pedrinho e Petit Duc.	MR-XIX C-97a
Cri-cri. Semanário Humorístico e Noticioso. (Revista).	1908	Redatores: Tullius pseudônimo de José Campelo; Rastignac pseudônimo de Teotônio Freire Filho; Petrônio, pseudônimo de Valfrido de Almeida; Renê pseudônimo de Renato Faleante da Câmara; Altamir, pseudônimo de Francisco Pessoa de Queiroz e Til pseudônimo de Osvaldo de Almeida.	MR-XX C-75
O Encouraçado. Jornal Satyrico e Jocosório.	1883	Comandante: J. F. R. S.	MR-XIX E-15
O Escalpello. Crítico, Humorístico e Literário.	1887	Propriedade de Izidro Lavrador.	MR-XIX E-32
O Etna. Hebdomadário Ilustrado e Satyrico.	1881, 1882	Redatores: Honório Silva, Ribeiro da Silva, Alfredo Falcão, Antônio Pepes de Vasconcelos e Ovídio Filho.	MR-XIX E-59
A Exposição. Revista Crítica e Humorística.	1888	Redatores: Gregório Jr, pseudônimo de João Gregório Gonçalves; João Gongo; Veludo; J. R. S. Duarte; Major A. Afonso Leal: D. Salustio; X; Pansudo e Aníbal Barroso.	J-4
O Fantoche.	1891	Relator e proprietário - Olímpio de Seixas Borges.	MR-XIX F-8
O Filhote. Órgão Distinctíssimo.	1899	Redator-chefe – Pafúncio Semicupio Pechincha.	MR-XIX F-16
O Holophote. Jornal Independente de Publicação Social. Satyrico, Político, Sportivo, Grevista, Moralizador e Noticioso.	1895	Em 1895, diretor: T.F., pseudônimo de Targino Filho. Depois passa a ter novos proprietários.	MR-XIX H-14

A Ilustração. Jornal Literário e Humorístico.	1895	Diretor: Augusto Aristeu; Secretário: Malaquias da Rocha; Gerente: Afonso Duarte. Redatores: Matias ou Meneláu, Minervino ou Simplício, pseudônimos de Manfredo de Magalhães e Ramon Duval ou Álvaro Dalva, pseudônimos de Augusto Álvaro de Carvalho Aranha.	MR-XIX I-7
O Jacaré Jornal Crítico, Diabólico e Pandego.	1883	Sem informação.	MR-XIX J-1
O João Fernandes Revista Crítica e Humorística.	1886	Proprietários: Carneiro Villela e Antônio Moraes.	MR-XIX J-6
O Judarão. Periódico Artístico, Científico e Literário. (Distribuído como prêmio no Álbum de Domingo).	1900	Redatores: Olympio Galvão e Bráulio da Cunha, Gastão, Xico Maroto, Oscar Leal, Dr. Sombra. Fr. Marotti. ⁴⁶²	MR-XX J-82
A Justiça. Jornal Literário, Humorístico, Noticioso e Político.	1910	Redatores: Alberto Saldanha, Benjamin Fonseca, Horácio Saldanha e Theobaldo Saldanha.	MR-XX J-84
A Lanceta. Jornal de Crítica Humorismo e Sátira Política.	1889	Redação: Faleante da Câmara. Gerente: Francisco de Paula Mafra.	MR-XIX L-4
A Lanceta. Periódico Ilustrado. (Semanal).	1912, 1913	Proprietário: Júlio Agostinho Bezerra. Redatores: Leovigildo Júnior, Oswaldo Aníbal de Almeida, Carlon Oton de Melo Gonçalves. Colaboradores: Dom Xiquote, pseudônimo de Bastos Tigre; Mário Melo Paulo Judeu; Osvaldo A. e Zeca Brito, pseudônimo de José Ferreira da Silva.	MR-XX L-7
Lanterna Mágica. Periódico Livre e Humorístico.	1882	Diretor proprietário Luiz Antônio da Silveira Távora.	MR-XIX L-9
O Lobishomem. Semanário Esculhambado.	1903	Redator: Especto de Pão.	MR-XX L-27
O Martello. (Semanal).	1900	Redatores: Droba, Frita, Zé, Job, Mandú e Eu.	MR-XX M-06
O Olho. Periódico	1900	Redator: Juca Vergueiro,	MR-XX O-05

⁴⁶² Jornal feito para ridicularizar a pessoa de Arão, que dirige a seção literária do Álbum de Domingo do Diário de Pernambuco e se desentende com os colegas que redigem o Judarão.

Popular.		pseudônimo de José Bento Ribeiro e Fortunato Ventura, pseudônimo de Ernesto de Paula Santos.	
PM. Órgão dos Fracos. Grátis. PM. Revista Galhofeira e Trocista (a partir de 1905).	1902; 1903; 1905; 1907- 1909; 1914	Redatores: Domingo Codeceira, Afonso de Albuquerque, João Caetano de Abreu; Gerente: João Mole. Em 1905, redatores: J. Galhardo, J. Teixeira, J. de Abreu. Em 1914, por galhofa aparecem como redatores, Dantas Barreto e o Prefeito Eudoro Correia.	MR-XX P-32
O Papagaio. Periódico Crítico e Noticioso. (Trimestral).	1902	Redatores: Dr. Pitombo, Tenente Bico Doce, Mané de Arão, Major Pataca. Joca Arara, professor Philó, Gil Minhoca. Em 1903, conta com a participação de: Donzelo Mor, pseudônimo de Antônio Gomes Lopes; Tutu Manhoso pseudônimo de Sebastião Pinto e Ribeiro; Leumas, pseudônimo de Samuel Campelo; Selvagem Congestionado, pseudônimo de João Cláudio Carneiro Campelo, K Cho, pseudônimo de Manuel Lima e o diretor espiritual: Xico Carnaúba pseudônimo de Arthur Benício de Araújo Limí.	MR-XX P-05
O Pau. Periódico Crítico e Satírico.	1900	Redatores: Ferdinando e Preventivo, Gaspar Ponte d' Uchoa e Pajuaba.	MR-XX P-12
O Patusco. Ilustrado e Humorístico. (Semanal).	1886- 1887	Sem informação.	MR-XIX P-24
O Pelintra. Periódico Humorístico e Noticioso. (Distribuição gratuita).	1909	Diretor: Alba Tros. Redatores: Penetrante e Dr. Catolé.	Sem informação.
A Penna. Periódico Ilustrado Humorístico e Noticioso. (Publicação quinzenal).	1909	Diretor proprietário: Francisco de Oliveira Silva. Redatores: Abdon Gomes Fernandes e Venâncio Rodrigues Teixeira. Gerente: José Waldemar de Figueredo.	Sem informação.

<p>O Periquito. Semanário Ilustrado. Periódico Joco-sério e noticioso. Em 1908, intitula-se Periódico Humorístico e Ilustrado.</p>	<p>1901; 1906; 1908.</p>	<p>1901, Diretor: Zé Grillo. Redatores: Zé Grillo, Fortunato Ventura, pseudônimo de Ernesto de Paula Santos; Bibelot; J. Vergueiro, pseudônimo de José Bento Ribeiro; Yoyo Boêmio pseudônimo de Domingos Magarino de Souza Leão. Em 1905, em nova fase, o redator-chefe: J. Papelão e o redator secretário – Heleno. Colaboradores dessa fase: Raul Pimpolho, pseudônimo de Armando Oliveira, Dr. Pif Paf, pseudônimo de José Figueiredo; Tutu Manhoso, pseudônimo de Sebastião Pinto Ribeiro; Tasciro, pseudônimo de Fausto Rabelo; Sea Man, pseudônimo de Antônio Carlos Vital, Mário Didier Melo, pseudônimo de Coimbra Lobo, Acronauta, pseudônimo de J. Daniel. Em 1906, Juca Letrado, pseudônimo de Miguel Magalhães. Em 1907, muda a direção e assume Gil Mascote, pseudônimo de Osvaldo de Almeida e J. Rebouças, pseudônimo de Severo de Barros, tendo como novos colaboradores, Vulcano e Lulu Regendas.</p>	<p>MR-XX P-16</p>
<p>O Philomomo Júnior. Bisnagrada Carnavalesca.</p>	<p>1901</p>	<p>Colunista: Comendador Lorôso, pseudônimo de Sr. Alfredo.</p>	<p>MR-XX P-24</p>
<p>A Pimenta. Folha Noticiosa e Humorística. Em 20 de outubro de 1901, modifica o subtítulo para Periódico Ilustrado, Noticioso e Humorístico. Em 1909, intitula-se A Pimenta. Periódico Humorístico, Ilustrado e Noticioso. (Semanal).</p>	<p>1901- 1903; 1908, 1909. 1914.</p>	<p>1901- Fundadores e proprietários: Juca Palheta, pseudônimo de Antônio I. Borges e Pato Petoreba, pseudônimo de Samuel José dos Santos. 1902 – Em 15 de fevereiro a propriedade passa a uma Sociedade Anônima, sob a direção de J. Papelão, que, no mês seguinte, é substituído por Zé Grillo, pseudônimo de Ernesto de</p>	<p>MR-XX P-27 J-10</p>

		Paula Santos. 1903 - Em 20 de junho assume a direção Língua de Prata, pseudônimo de José Luis de Melo. 1914 – Propriedade de Zé de Guila. Diretor: Língua de Fogo. Colaboradores: Favônio, pseudônimo de Ovídio Guimarães; K Dastro, pseudônimo de José P. Nunes de Melo; Bibelote, pseudônimo de Euniciano Ribeiro; Chacón Leite; Téó, pseudônimo de Teodoro de Albuquerque; Gil Mascote, pseudônimo de Osvaldo de Almeida; Léo, pseudônimo de Leônidas de Oliveira; Leumas, pseudônimo de Samuel Campelo, Joroalba Almeida Braga; Bilontra, pseudônimo de Osvaldo de Almeida; Vulcano, pseudônimo de Severo de Barros, Pio Piparotte e Zamparino, pseudônimos de Arthur Benício de Araújo Lima.	
O Pimentão. Semanário Humorístico, Noticioso e Ilustrado.	1901, 1902	Diretores: Lúçifer do Sacramento e Manoel Lima. Colunistas: Pacífico Valente, Félix Mimoso, Chiquinho das Moças, Phona, Fra. Diácono. Luiz do Sacramento e Pacífico Leão, pseudônimo de Osvaldo de Almeida.	MR-XX P-28
O Piolho. (Publicação diária).	1902	Diretor: Manoel Lima. Colaboradores: K. Mello, Curisco e Mangará.	MR-XX P-30, e J-19
O Piparote. Órgão da Bohemia Pio Piparote.	1903; 1904	Diretor: Leumas, pseudônimo de Samuel Campelo. Gerente: Gil Pandago. Redatores: Farrusco e K. Boelo. Em 1904. Diretor: Farrusco. Gerente: Gil Pândego. Redatores: Gasoquin, anagrama de Gabriel Soares Quintas e J. Sultão.	MR-XX P-31
O Pregó. Jornal Humorístico e Crítico.	1900; 1906	Redatores: Fra Diavolo, Bananeira, Cabaceira Gomes, Sizenando e Bastião. Colaboradores: Gregório Neto,	MR-XX P-50

		pseudônimo de José D. Castro, A. Cunha Carvalho, Gravata Azul e Pipoca.	
O Raio. (Publicação quinzenal).	1902	Diretor literário: Pio Piparote. Diretor artístico: Eduardo Fonseca. Gerente: Carlos Russel.	MR-XX R-5
O Recife. Folha Alegre e Ilustrada.	1904	Diretores: Black, pseudônimo de Severino Alves Barbosa e Zeca Franze. Direção artística: Guapy, pseudônimo de Herculano de Albuquerque.	MR-XX R-9
Recife Ilustrado. Periódico Literário, Crítico e Humorístico. (Trimensal).	1888-1889	Redatores: Jack, pseudônimo de Joaquim Tiago Lopes da Fonseca e Libolio, pseudônimo de Antônio Vieira.	MR-XIX S-8
O Relâmpago. Periódico Humorístico.	1903	Propriedade de uma sociedade misteriosa. Redator-chefe: Dr. Petit. Redatores: Antônio das Moças, Zig, Diadema, Dr. Zabumba, Zé Boêmio, Tagarela, Dr. Volúvel.	MR-XX R-17
A Rua. Semanário Ilustrado.	1903, 1904	Diretor: humorista Alfredo de Carvalho. Redatores: Gonçalves Maia e Manuel Caitano.	MR-XX R-32
O Satanás. Periódico Chistoso e Satírico.	1882	Redatores: Horácio Vernet, Jonkopings e Moço Pálido.	MR-XIX S-8
Syphorama.	1892	Redator: Olinto Victor.	J-4
A Tapioca. (Semanal e às vezes bissemanal).	1901	Redatores: Samuel Campelo, Zebedeu e Xico Lingüiça.	MR-XX T-05
O Traquinas. Órgão da Cascabulhada. (Publicação semanal).	1900	Redatores: Dudu, Chico, Timpirra e Rumba.	MR-XX T-26
O Trocista.	1900	Propriedade de uma associação. Redatores: Drs. Sipó, Chico Tripa, Casaca do Homem, Barata, Frango de Tristão e João Grillo.	MR-XX T-36
O Trovão.	1903	Propriedade de uma sociedade anônima. Colaboradores: Maximus, pseudônimo de Felisberto dos Santos Pereira.	MR-XX T-38
O Zum-zum. Eletro-crítico Herdomadário.	1901	Redatores: Almeida Junior, L. Rabellais e M. Sylla.	MR-XX Z-6

Fontes: jornais humorísticos sob a guarda do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

APÊNDICE nº. 7 - DESENHISTAS, CARICATURISTAS E CHARGISTAS QUE ATUAM NO RECIFE, ENTRE 1880 E 1914.

Jornal	Nome e/ ou pseudônimo com que assina os desenhistas	Tipografia
América Ilustrada.	W. de Melo Lins; J. te Kock; C.V, V. C, V. Cruz e Joaquim Maria, Quinquim das Moças e Juca das Mercês, pseudônimos de Carneiro Vilela; F. Brasil, F. ou L de F; Crispim ou C, pseudônimos de Crispim do Amaral. Em 1882, Hilarino Lopes trabalha no serviço litográfico.	Em 1880 e 1881, Tipografia da América Ilustrada na Rua da Ponte Velha, nº.1. Tipografia Americana, situada à Rua Duque de Caxias, nº9. Tipografia de Antônio Irineu da Silva, instalada, em 1882, no Cais 22 de Novembro nº79 (atual Avenida Martins de Barros). Em 1886, passa a ser impressa na Tipografia Mercantil.
O Arara. Crítico e Ilustrado.	Desenhistas: B.T., pseudônimo de Benevenuto Telles.	Trabalho gráfico agência jornalística Rua 15 de Novembro, nº. 31.
O Besouro. Humorístico, Satyrico e Crítico.	Desenhistas e caricaturista: B.T, B. Telles, pseudônimos de Benevenuto Telles, que é encarregado de toda a arte de desenho, caricatura e pintura.	Em 1907, passa a ser impresso na Tipografia da Agência Pernambucana, Rua do Imperador, nº. 31-33.
O Binóculo	Desenhista e chargista: <i>Crayon</i> , pseudônimo de Abelardo Maia e litografias de Xico.	Oficina gráfica do Diário de Pernambuco. Rua Duque de Caxias nº. 42. Em 1890, transfere a redação para a Rua Barão de Vitória (atual Rua Nova), nº. 39. Primeiro andar. Impresso na Tipografia Comercial nº. 22.
O Chicote. Periódico Humorístico e Livre.	Desenhistas: B.T., B. Telles, pseudônimos de Benevenuto Telles e E. Fonseca, pseudônimo de Euclides Fonseca.	Tipografia d' O Fonógrafo. Beco do Sarapatel, nº. 12.
O Cinema. Polytheama Elegante. (Distribuição gratuita).	Caricaturista: <i>Crayon</i> , pseudônimo de Abelardo Maia.	Redação à Rua do Rosário da Boa Vista, nº. 2.
A Cobra. Revista Ilustrada.	Encarregado da parte artística; Garnopante. Ilustrações de Benevenuto Telles e Euclides Fonseca.	Oficina d'A Província, Rua do Imperador nº. 12-19, e agência Jornalística de J. Agostinho Bezerra, Rua do Imperador nº. 33.

<p>O Cri-cri. Semanário Humorístico e Noticioso. (Revista).</p>	<p>Redator artístico: Til, pseudônimo de Osvaldo de Almeida. Caricaturas e charges de Guapy, pseudônimo de Herculano de Albuquerque; B. Telles Jr, pseudônimo de Benevenuto Telles Jr; Pivot, Pierre e Til, pseudônimo de Osvaldo de Almeida.</p>	<p>Produzido na Tipografia Ramiro e Filhos. Recife, Tipografia da Livraria Contemporânea de Ramiro M. Costa & Filhos.</p>
<p>O Etna. Hebdomadário Ilustrado e Satyrico.</p>	<p>Até o nº. 4, as ilustrações estão a cargo de Antônio Vera Cruz. A partir do nº. 5, passam a ser assinadas por A. Roth. Confecção litográfica de Hilarino Lopes & Cia.</p>	<p>Typografia do Etna. Redação: Praça Pedro II nº. 54-A.</p>
<p>A Exposição. Revista Crítica e Humorística.</p>	<p>Desenhos de Rodolfo Lima, L. Amaral ou Libânio Amaral; A.V Cruz ou Antônio Vera Cruz e Crayon, pseudônimo de Abelardo Maia.</p>	<p>Escritório Rua da Independência nº. 21.</p>
<p>O João Fernandes. Revista Crítica e Ilustrada</p>	<p>Desenhistas: R. Lima ou Rodolfo Lima e C. Vilela ou Carneiro Vilela.</p>	<p>Tipografia Apolo. Rua do Hospício nº. 79. A partir do número 13 é impresso na Tipografia Universal e a partir do nº. 20 transfere-se para oficina própria, funcionando com redação na Rua das Laranjeiras, nº. 18.</p>
<p>A Lanceta. Semanário Ilustrado, Crítico, Político e Noticioso.</p>	<p>Desenhistas: Vitu, pseudônimo de J. Vitoriano Lima; Wald, pseudônimo Waldemar Costa; Yoyô, pseudônimo de Manuel Caitano de Albuquerque Melo Filho; <i>Crayon</i>, pseudônimo de Abelardo Maia e Pinheiro ou José Pinheiro, que faz, sobretudo, charges.⁴⁶³</p>	<p>Depois de muitas tipografias, passa a Tipografia d'A Lanceta.</p>
<p>Lanterna Mágica. Periódico Livre e Humorístico.</p>	<p>Epaminondas Mariano de Souza, responsável pela execução das ilustrações e o caricaturista cearense Luiz Antônio da Silva Távora, fundador da Lanterna</p>	<p>Tipografia Mercantil e depois em oficina própria à Rua do Rangel, nº. 16, 1º andar.</p>

⁴⁶³ Colaboradores de a Lanceta: Dom Xiquote, pseudônimo de Bastos Tigre; Mário Melo pseudônimo de Paulo Judeu e Osvaldo e Zeca Brito pseudônimos de José Ferreira da Silva Crônica de Pernambuco, 1909. In: **ALMANACH DE PERNAMBUCO**. Recife: Imprensa Industrial, 1914. Dezembro, item 5.p 47.

⁴⁶⁴ Luiz Antônio da Silva Távora fundador da 'Lanterna Mágica'. Espirituoso rabiscador, Humorista, que com seu rabisco espirituoso, torna-se muito apreciado pela sociedade recifense. Morreu viúvo,

	Mágica. ⁴⁶⁴	
Norte Ilustrado.	Desenhista – Paulo de Souza	Sem informação.
O Papagaio. Periódico Crítico e Noticioso.	Desenhista – Benevenuto Telles	Redação a Rua Coronel Suassuna, nº26, transferida para o subúrbio de Areias e depois vai para o Oco do Mundo.
O Patusco. Ilustrado e Humorístico.	Desenhista, chargista – Libânio Amaral.	Redação à Rua Estreita do Rosário, nº28. Tipografia Mercantil. Rua da Trincheira, nº. 1-8. e Tipografia Central nº. 9, 10. Tipografia d'O Patusco.
O Periquito. Semanário Ilustrado. Periódico Jocosero e Noticioso. Em 1908, intitula-se Periódico Humorístico e Ilustrado.	Desenhista - E. Fonseca ou Euclides Fonseca; CEF; Dio Jr; R.T; Til e Gil Mascote pseudônimos de Osvaldo de Almeida; B. Telles, Vênus, Cap. Vanú, Venú, pseudônimos de Benevenuto Telles; B ₁ Gilblac; Guapy, pseudônimo de Herculano de Albuquerque; Valdo g fu e Apim.	Confeccionado na Imprensa Industrial, na Rua Visconde de Itaparica (hoje do Apolo).
A Pimenta. Folha Noticiosa e Humorística. Em 1909, Periódico Humorístico, Ilustrado e Noticioso.	Redator fotográfico: Dr. Esfolatripa. Desenhos de: L. Johson e Co, E. Fonseca ou Euclides Fonseca; Venu, B. Telles pseudônimos de Benevenuto Telles e caricaturas de Bila pseudônimo de Abdon Fernandes e desenho de Raul Pimpolho.	Impresso na Oficina Gráfica da Agência Jornalista Pernambucana de Júlio Bezerra, Rua do Imperador nº. 31-33. Escritório Rua 15 de Novembro nº. 65 térreo e em 1902 é transferida para a Rua do Cano nº. 31.
O Polytheama.	Caricaturas assinadas por <i>Crayon</i> , pseudônimo de Abelardo Maia.	Oficina do Diário de Pernambuco. Redação Rua Gervásio Pires.
O Prego. Jornal Humorístico e Crítico.	Desenhistas: José Pinheiro e Wald pseudônimo de Waldemar Costa.	Sem informação.
O Raio.	Diretor artístico: E. Fonseca ou Euclides Fonseca.	Tipografia de O Tribuno, do jornalista Fortunato Pinheiro. Redação a Rua da Palma, nº. 43.
O Recife. Folha Alegre e Ilustrada.	Direção artística: Guapy, pseudônimo de Herculano de Albuquerque, que é seu caricaturista exclusivo.	Impresso na oficina da Livraria Boukitran à Rua do Imperador nº. 48.

Recife Ilustrado. Periódico Literário, Crítico e Humorístico.	Desenhista, chargista – Libânio Amaral. Desenhistas de retratos de personalidades e de tipos populares – Antônio Vera Cruz, Crispim Amaral e Livino Amaral.	Impresso na Tipografia Industrial.
A Rua. Semanário Ilustrado.	Desenho de C. do Amaral, pseudônimo de Crispim Amaral. Caricaturas de Guapy, pseudônimo de Herculano de Albuquerque. Ilustradores Pierre, Ley Marie e Aru.	Oficina gráfica do jornal A Província.
A Silueta. Hebdomadário Humorístico, Satyrico, Artístico, Literário, Sportivo, Imaginação, etc.	Em 1892, E.V. Em 1896, Manuel Gomes de Souza.	Sem informação.
Syphorama.	L. Amaral ou Libânio Amaral e A. V. Cruz ou Antônio Vera Cruz.	Escritório na Rua da Independência n.º. 21.

Fontes: jornais humorísticos sob a guarda do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

APÊNDICE nº. 8 - JORNAIS DO RECIFE, EM CIRCULAÇÃO ENTRE 1880 - 1914, COM MATÉRIAS DE HUMOR, CHARGES, DESENHOS E ANEDOTAS.

Título do Jornal	Anos	Diretores e redatores	Localização
O Apipucos. Órgão de interesse deste belo arrabalde.	1900	Redator- gerente: Sarapião Maranhão.	MR-XX A-24
O Chic. Jornal Catita e Ilustrado. Atribuído a Maison Chic.	1903	Redatores: Angelita T., Beatriz. S. A.	MR-XX C-21
O Cinema. (Distribuição gratuita).	1914	Diretor: Romualdo Silva. Secretário: Manfredo F. Cunha. Redator-chefe: Aristheu Accioly Lins. Gerente: A. B. Silva.	MR-XX C-30
O Conspirador. Órgão do Atelier Miranda.	1892	Colunistas: Dr. Talhor e Dr. Pilheria.	MR-XIX C-78
O Espectador. (Periódico particular de publicação quinzenal).	1908	Sem informação.	J-19
A Esperança.	1907	Redator- chefe Paulo Leite Moreira.	Sem informação.
O Grilo.	1907	Redatores: Q. Luz e Barzebú.	J- 19.
O Leão do Norte.	1913	Diretor: Capitão Emílio Pessoa de Oliveira. Diretores: João de Oliveira, Manuel Rodrigues de Souza Viana e José de	MR-XX L-12

		Amorim.	
Jornal Pequeno. (Suplemento aos números 143 e 183).	1903; 1905	Sem informação.	MR-XX J-55a
Jornal do Recife	1912	Sem informação.	
A Lanceta. Jornal de Crítica, Humorismo e Sátira Política.	1889	Redação: Faelante da Câmara. Gerente: Francisco de Paula Mafra.	MR-XIX L-4
Lanterna Mágica. Periódico Livre e Humorístico	1882	Diretor proprietário: Luiz Antônio da Silveira Távora.	MR-XIX L-9
O Norte.	1912	Diretor: Rodolpho Gomes Filho. Redatores: Baltazar Pereira, Gonçalves Maia, Raul Azedo.	MR-XX N-09
Norte Ilustrado.	1901	Diretores: Augusto Monteiro, João Cunha, Manuel Monteiro.	MR-XX N-11
O Polytheama.	1914	Diretor: Courado da Costa. Secretário: Accioly Lins. Redator chefe: Rômulo Silva. Gerente: A.B. Silva.	MR-XX P-40
A Propaganda. Órgão da Associação dos Empregados no Comércio de Pernambuco.	1900; 1901	Redatores: Bráulio da Cunha, Manuel Duarte e Francisco dos Santos Moreira.	MR-XX P-57
A Semana.	1910	Propriedade de uma associação. Colaboradores: Zinda, Epitácio Pessoa.	MR-XX S-08
A Sentinela. Periódico semanal independente. Contém o suplemento Zé do Povo.	1909	Redator-chefe: Bacharelado Adaucto Acton. Diretor artístico: Baltazar Câmara. Secretário: Monte Sobrinho. Suplemento sob a direção de Zé da Gaita Junior.	MR-XX S-15
Sport.	1905	Propriedade de uma empresa particular. Colaboradores: Lulu Pelintra, D. Fuas.	MR-XX S-29
O Stylus. (Publicação Mensal).	1903	Órgão da Sociedade Literária Pestalozzi. Comissão de redação: Eugenio Saboya, Lauro Beltrão e Bernardo Corrêa.	MR-XX S-32

Fontes: jornais humorísticos sob a guarda do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

APÊNDICE nº. 9 - JORNAIS DO RECIFE (1880- 1914) – QUESTÕES TÉCNICAS.

Nome do Jornal	Formato	Composição	Tipografia, redação e correspondência
América Ilustrada.	32x22	Oito páginas, a primeira e a última	Typografia da América Ilustrada. Rua São

		litogravadas. Muda seu formato várias vezes.	Francisco, nº. 12, escritório da redação.
O Apipucos. Órgão de interesse desse belo arrabalde.	26x18	Quatro páginas de duas colunas.	Typographia e redação Travessa da Rua Nova, Apipucos.
O Arara. Crítico e Ilustrado. (1907-1908).	37x27. No nº. 20 23x16	Edição em forma de revista, em papel <i>couché</i> . Oito páginas de três colunas. Contêm charges zincográficas.	Correspondência e trabalho gráfico dirigidos para a Agência Jornalística, à Rua 15 de novembro, nº. 31. (Atual Rua do Imperador).
O Arara. Periódico Humorístico.	10x7 no primeiro número e 14 x 11 a partir do segundo número	Quatro páginas.	Impresso na oficina do Jornal do Recife.
O Automóvel. Periódico Humorístico Literário e Noticioso.	22x16	Quatro páginas de duas colunas, impresso em papel <i>couché</i> .	Redação na Rua de Horta, nº. 2, segundo andar.
O Badalo. Periódico Crítico. 1892 (Publicação avulsa).	22x16	Quatro páginas.	Sem informação.
O Badalo. Folha Crítica, Satyrica e Humorística. (1895).	31x22	Quatro páginas de três colunas.	Sem informação.
O Badalo. Periódico Crítico e Jocosos (1898).	32x23	Quatro páginas. As externas de charges em litogravura e as internas de composição tipográfica.	Sem informação.
O Bacurao. Periódico Humorístico e Noticioso. O Terror da Noute.	32x21	Quatro páginas de três colunas de composição.	Correspondência a ser dirigida para a Agência Jornalística do Sr. Agostinho Bezerra na Rua do Imperador, nº. 31.
A Baroneza Rabugenta. Periódico	23x16	Quatro páginas de duas colunas.	Typografia do Phonographo. Beco do Sarapatel, nº. 2.

Crítico, Noticioso e Joco-sério.			
O Beija-flor. Periódico Crítico e Joco- sério.	22x16	Quatro páginas de duas colunas.	Escritório e redação Rua do Visconde de Albuquerque, nº. 44.
O Bem-te-vi. Jornal Crítico e Humorístico.	22x16	Quatro páginas de duas colunas.	Typografia d' O Phonographo. Beco do Sapateiro, nº. 2.
O Besouro. Ilustrado e Noticioso.	36x25	Estréia com seis páginas, aumentando para oito, a partir do número dois, sempre com três colunas de composição.	A partir de outubro de 1902, passa o trabalho gráfico para o Atelier Guttenberg, localizado na Rua Duque de Caxias, nº. 34, continuando a ser feita a distribuição pela Agência Jornalística do Sr. Agostinho Bezerra. Rua do Imperador, nº. 31- 33 – Tipografia Pernambucana. Em 1908, é impresso na Tipografia da Agência Pernambucana na Rua do Imperador, nº. 31, 32.
O Besouro. Humorístico, Satyrico e Crítico.	26x18	Quatro páginas de duas colunas.	Redação à Rua Estreita do Rosário, nº. 12, 1º andar.
O Bicho. Jornal Crítico, Satyrico e Noticioso.		Formato de bolso, impresso em papel azul.	Sem informação.
O Bilontra. Órgão oposicionista a todos os partidos e dedicado à defesa das sogras.	32x21	Quatro páginas e três colunas.	Sem informação.
O Binóculo.	31x22	Quatro páginas a duas colunas largas de composição.	Oficina gráfica do Diário de Pernambuco. Rua Duque de Caxias, nº. 42. Em 1890, transfere a redação para a Rua Barão de Vitória (atual Rua Nova), nº. 39. Primeiro andar. Impresso na Tipografia

			Comercial, nº. 22.
O Bisbilhoteiro. Folha Satyrica Humorística e Noticiosa.	32x23	Quatro páginas de três colunas.	Sem informação.
A Bisnaga. Folha Jocosas para desenfastio dos carrancudos (1890).	32x22	Quatro páginas de duas colunas largas.	Impresso em Machina rotativa Maccarone.
A Bisnaga. Orgam do Club 33.	33x25	Quatro páginas de três colunas.	Impresso na oficina gráfica d'O Estado.
Bistoryl. Crítico e Recreativo.	23x16	Quatro páginas.	Sem informação.
O Bumba. Interessante Repositório de Notas e Chacotas.	33x22	Quatro páginas de três colunas.	Colaborações dirigidas à Praça Dezessete, nº. 2. Transfere a redação para a Travessa São Pedro, nº.10 e depois para a Rua da Horta, nº.11, 1º andar.
O Cabeça de Burro.	22x16	Quatro páginas de duas colunas.	Sem informação.
A Cachorra.	21x16	Quatro páginas.	Typografia de A Cachorra.
A Caiporinha. Jornal Crítico e Joco-sério.	22x16	Quatro páginas de duas colunas.	Sem informação.
O Capadócio. (Semanário de Campo Grande).	30x 20	Quatro páginas de duas colunas.	Redação: Rua da Mangueira, nº. 7.
O Capeta. Órgão Neutralizado.	38x27	Quatro colunas e três páginas acolhem matéria satírica e humorística, em prosa e verso.	Sem informação.
O Capetinha. Periódico Crítico e Pilhérico.	23x16	Quatro páginas de duas colunas.	Escritório da redação – Rua das Pernambucanas, nº. 6.
O Cara Molle. Periódico Crítico e Caricato.	22x16	Quatro páginas.	Escritório e redação Beco (travessa) do Falcão, nº.10.
O Carrossel.	26x 19	Quatro páginas.	Sem informação.

O Certamen. Jornal Literário e Satyrico.		Três colunas com quatro páginas.	Impresso na Tipografia Industrial.
O Cinema.	32x 23	Quatro páginas de três colunas.	Sem informação.
O Chicote. Jornal Crítico, Satírico e Humorístico.	21x16	Quatro páginas.	Tipografia d' O Phonographo. Beco do Sarapatel, nº. 12.
O Clarim. Órgão Monarchista por interesse. Republicano por conveniência.	22x16	Quatro páginas. A primeira e a última de charges litográficas.	Escritório Rua de Tal, número tanto. Assinatura nada, coisa nenhuma.
A Cobra. Revista Ilustrada e Humorística.	36x25	Oito páginas de três colunas e a partir do número 13, passa a ter doze páginas, em <i>couché</i> , trabalhada a primeira página com vinhetas, tendo ao centro cabeçalho e três páginas com propagandas.	Agência Jornalística do Sr. Agostinho Bezerra. Rua do Imperador, nº. 31. Redação Rua Direita, nº. 132, primeiro andar. A partir do nº.13, a parte gráfica fica a cargo d' A Província, Rua do Imperador, nº.19.
A Coisa. Crítica, Satyrica e Livre.	16x11. A partir do número 4 26x18.	Quatro páginas.	Em julho de 1901-Redação na Rua dos Collegas, nº. 69. Em agosto de 1901 a correspondência é enviada para a Travessa do Ouvidor, nº. 12 onde funciona a tipografia de A Coisa.
A Coisa. Folha Crítica, Satyrica e Humorística.	37x25	Quatro páginas de quatro colunas.	Impressa na oficina da Gazeta do Recife a Rua do Imperador, nº. 43. Endereço de sua redação e administração.
A Colher.	12x9	Quatro páginas e coluna única. Exibe na primeira página caricatura de cabeça.	Impresso na oficina do Jornal do Recife.
O Combate. Órgão Republicano e Joco-sério. Franqueza, Justiça e Verdade.	22x16	Formato pequeno com quatro páginas de duas colunas.	Redação à Rua Visconde de Albuquerque nº. 44. Depois a redação é transferida para a Rua Estreita do Rosário nº. 4, 2º. andar.

O Conspirador. Órgão do Athelieer Miranda.	18x22	Quatro páginas de duas colunas.	Tipografia do Atelier Miranda.
O Corisco. Jornal Litero-humorístico e Noticioso.	32x22	Quatro páginas.	Sem informação.
Cri-cri. 1884 (Jornal avulso).	32x21	Duas páginas, só impressa a da frente. Duas colunas largas.	Typografia de A. I. Silva.
O Cri-cri. Semanário Humorístico e Noticioso. (Revista).	28x19	Vinte páginas, com capa ilustrada e impressa em papel <i>couché</i> . Ilustrada com instantâneos fotográficos, charges e caricaturas.	O trabalho gráfico fica ao encargo da Agência Jornalística Pernambucana até o número sete. A partir do oito a revista passa a ser produzida na Typografia Ramiro e Filhos. Recife, Tipografia da Livraria Contemporânea de Ramiro M. Costa & Filhos para onde deve ser endereçada a correspondência.
O Encouraçado. Jornal Satyrico e Joco-sério.	25x 15	Duas páginas de duas colunas.	Typografia do Livre Pensador, para onde deve ser encaminhada a correspondência. Localizada na Travessa da Bomba, nº. 7.
O Espectador.	24x17	Quatro páginas de três colunas.	Tipografia Serra Grande, de João e Frederico Regadas, localizada à Rua da Rangel, nº. 35.
A Esperança.	14x 10	Quatro páginas	Tipografia do Jornal do Recife a Rua do Imperador nº. 47.
O Etna. Hebdomadário Ilustrado e Satyrico.	32x22	Oito páginas, sendo quatro de matéria tipográfica e quatro de desenhos litográficos. As duas páginas centrais contêm charges.	Typografia do Etna. Redação a Praça de São Pedro, nº. 54.
A Exposição. Revista Crítica e Humorística.	30x22	Oito páginas, sendo quatro em litogravura.	Escritório Rua da Independência, nº. 21. Redação à Rua das Laranjeiras, nº. 18, 1º andar.

			Impresso na Tipografia Central à Rua do Imperador, nº. 73.
O Fantoche.	33x22	Quatro páginas, duas em litogravura.	Tipografia Miranda à Rua Duque de Caxias, nº. 39. Escritório a Rua Nova, nº. 39, 1º andar.
O Filhote.	22x16	Quatro páginas de duas colunas.	Endereço telegráfico – Filhote. Impresso na Tipografia Laemmert & Cia. à Avenida Marquês de Olinda, nº. 4.
O Grilo.	13x 9	Os dois primeiros números são manuscritos. A partir do terceiro, aparece com quatro páginas de duas colunas estreitas, sendo larga a primeira.	Serviço gráfico do Jornal do Recife, à Rua do Imperador, nº. 47.
O Holophote. Jornal Independente de Publicação Social. Satyrico, Político, Sportivo, Grevista, Moralizador e Noticioso.	32x22	Quatro páginas de três colunas.	Sem informação.
A Ilustração Jornal Literário e Humorístico.	32x22	Quatro páginas. Impresso em papel superior.	Editado pelo Atelier de Artes gráficas de Afonso Duarte & Cia. à Rua do Imperador, nº. 2.
O Jacaré. Jornal Crítico, Diabólico e Pandego.	21x 16	Quatro páginas.	Impresso na Tipografia d' O Phonographo.
O João Fernandes. Revista Crítica e Humorística.	32x22	Oito páginas, sendo quatro em litogravuras. A primeira, a quarta e a quinta e a oitava.	Tipografia Apolo.
O Jornal Pequeno. Órgão do Clube 22.	33x21	Quatro páginas de três colunas. Impresso em papel <i>couché</i> .	
O Judarão. Periódico Artístico,	26x17	Quatro páginas.	Sem informação.

Scientífico e Literário.			
A Justiça. Jornal Literário, Humorístico, Noticioso e Político.	34x23	Quatro páginas de três colunas.	Tipografia da Agência Jornalística Pernambucana de Agostinho Bezerra à Rua do Imperador, nº. 31/33. Redação no subúrbio de Caxangá.
A Lanceta. Jornal de Crítica Humorismo e Sátira Política.	31x22	Quatro páginas de três colunas.	Impresso na oficina d' A Província.
A Lanceta. Periódico Ilustrado.	32x22	Oito páginas de três colunas, em papel acetinado, contendo fotografias de fatos ou figuras importantes da época.	Redações e oficinas Rua do Imperador, nº. 18 e 20, na Agência Jornalística Pernambucana. ⁴⁶⁵
Lanterna Mágica. Periódico Livre e Humorístico.	31x22	Oito páginas, quatro com litogravuras e quatro tipográficas com duas colunas largas de composição. As restantes em litogravuras levando ao ridículo os pontos fracos da sociedade recifense.	Impresso na Tipografia Mercantil, depois passa a ter oficina própria, com redação na Rua do Rangel nº. 16, primeiro andar. Suas litogravuras ficam a cargo da Litografia de Mariano Souza Gouveia, que funciona no térreo do mesmo edifício.
O Leão do Norte.	53x38	Quatro páginas de cinco e seis colunas.	Oficina própria localizada no Beco do Ouvidor (atual Rua Marquês de Olinda).
O Lobisomem. Semanário esculhambado.	27x19	Quatro páginas.	Sem informação.
O Martello.	31x22	Quatro páginas de três colunas.	Redação lá em casa.
O Norte.	53x37	Quatro páginas de cinco colunas.	Escritório e redação Rua do Imperador, nº. 33.
Norte Ilustrado.	32x 22	Oito páginas, possuindo a primeira e a quarta fotografias e a quinta charges.	Correspondência para o Hotel Republicano.
O Olho.	30x22	Quatro páginas de três colunas.	Tipografia e redação de Afonso Rgueira & Cia, a Rua de São Francisco atual

⁴⁶⁵ A Agência Jornalística Pernambucana em 1912 passa a contar com um atelier de fotogravura cobrando Réis 100\$000 por cm² de zincografia, Réis 150\$000 por cm² de estereotípia em bloco de madeira e Réis 250\$000 em metal.

			Rua Siqueira Campos.
O PM.	31x22	Quatro páginas de três colunas.	Redação, escritório e oficina na Rua do Imperador, nº. 18-20. Agência Jornalística de J. Agostinho Bezerra.
O Papagaio. Periódico Crítico e Noticioso.	26x18, a partir do número 7 33x22 e a partir do nº. 26 33x22.	Quatro páginas de três colunas. A partir do nº. 26 têm oito páginas ainda com três colunas.	Redação à Rua Coronel Suassuna, nº. 26, transferida para o subúrbio de Areias depois vai para o Oco do Mundo. A correspondência deve ser encaminhada para Agência Jornalística Pernambucana na Rua do Imperador, nº. 31.
O Papagaio. Jornal Maquiavélico, Humorístico e Noticioso.	22x15	Quatro páginas de duas colunas.	Impresso na Tipografia d'O Phonographo, Beco do Sarapatel, (Travessa do Carmo) nº.12, 1º andar.
O Pau. Periódico Crítico e Satírico.	27x19	Quatro páginas.	Sem informação.
O Patusco. Ilustrado e Humorístico.	32x22	Oito páginas. Quatro com textos tipográficos, a duas colunas de composição, circuladas de linhas e quatro em litogravuras.	Redação à Rua Estreita do Rosário, nº. 28. Tipografia Mercantil, na Rua da Trincheira, ns. 1-8. Tipografia Central, nº. 9,10. Tipografia d' O Patusco.
O Pelintra. Periódico Humorístico e Noticioso.	18x14	Quatro páginas de duas colunas.	Typografia: Rua Particular, nº. 7777
Pequeno Jornal.	32x22	Quatro páginas de duas colunas largas de composição.	Sua tiragem no segundo número é de dois mil exemplares. Tipografia Industrial, nº. 75.
O Periquito. Periódico Joco - sério e Noticioso.	32x22	Oito páginas de três colunas. A primeira página apresenta, em cada edição, uma alegoria ou charge de um dos seus desenhistas.	Imprensa Industrial; em 1908, passa a ser impresso na tipografia que fica na Rua das Cruzes, atual Rua Diário de Pernambuco. Em 1909, é impresso na oficina do Atelier Miranda.
O Philomomo Junior. Bisnagrada Carnavalesca.	-	Quatro páginas em formato acima do médio, em papel <i>couché</i> . Páginas	Sem informação.

		litografadas, a primeira e a última desenhadas e as do centro gravadas em manuscrito.	
A Pimenta. Folha Noticiosa e Humorística.	36x25	Quatro páginas. A primeira página com desenhos, gravuras e fotografuras. Exibe diferentes <i>clichês</i> no cabeçalho.	Impresso na Oficina Gráfica da Agência Jornalística Pernambucana, de Júlio Bezerra, Rua do Imperador, nºs. 31-33. Escritório Rua Quinze de Novembro, nº. 65, térreo. Em 1902, Rua do Cano, nº. 31 e Agência Jornalística a Rua do Imperador, nº. 31.
O Pimentão. Semanário Humorístico Noticioso e Ilustrado.	36x25	Quatro páginas. A primeira com desenhos, gravuras e fotografuras.	Colaboração- Rua da Independência, nº. 30. (Hoje Av. Manuel Borba), Impresso pela Tipografia Industrial a Rua do Bom Jesus, nº. 34-36.
O Piolho.	11x9	Quatro páginas de duas colunas.	Trabalho gráfico do Atelier Gutenberg, a Rua Duque de Caxias, nº. 34.
O Piparote. Órgão da Bohemia Pio Piparote.	27x19	Quatro páginas.	Redação na Rua Marcílio Dias, antiga Rua Direita, nº. 119. Primeiro andar.
O Polytheama.	33x23	Quatro páginas de três colunas	Oficina do Diário de Pernambuco. Redação na Rua Gervásio Pires e escritório na Rua Rosário da Boa Vista.
O Prego. Jornal Humorístico e Crítico.	31x22	Quatro páginas de três colunas.	Sem informação.
O Prego. Órgão das classes laboriosas, respeito, ordem e moralidade. Periódico Ilustrado e Satírico (1914).	38x26	Quatro páginas de quatro colunas. Exibe fotografuras de mulheres seminuas e publica artigos de revistas francesas. Traz desenhos em zincografia assinados por J. Pinheiro ou Wald (Waldemar Costa).	Agência Jornalística Pernambucana de J. Agostinho Bezerra, Rua do Imperador, nº. 18- 20.

A Propaganda. Órgão da Associação dos Empregados no Comércio de Pernambuco.	53x37	Quatro páginas de cinco colunas.	Correspondência para a Rua Barão da Vitória, nº. 16.
O Raio.	32x22	Duas colunas largas de composição e oito páginas.	Sede na Agência Jornalística de Augusto Bezerra. Redação e gerência à Rua da Palma, nº. 43.
O Recife. Folha Alegre e Noticiosa.	38x26	Oito páginas, a primeira ilustrada com fotografias de aspectos da cidade.	Escritório nas dependências da Livraria Boulitheau a Rua 15 de Novembro, nº. 48.
Recife Ilustrado. Periódico Literário, Crítico e Humorístico.	30x 20,8	Oito páginas. Quatro com litogravuras de charges, as centrais, a primeira e as últimas páginas. Quatro com textos tipográficos.	Tipografia Industrial.
O Relâmpago.	32x 22	Quatro páginas, a primeira ilustrada com desenho.	Correspondência Agência Jornalística do Sr. Agostinho Bezerra, Rua do Imperador nº. 3.
A Rua. Semanário Ilustrado.	31x22	Quatro páginas no primeiro número. Do segundo em diante, com oito páginas impressas em papel <i>couché</i> . As páginas são divididas em três colunas, com a primeira e a oitava constituídas de ilustrações. A partir do nº. 34, as ilustrações passam a ocupar as páginas 4 e 5, em forma de charges.	Oficina gráfica do jornal A Província. A Rua é encontrada nas mãos dos vendedores e na Agência Jornalística do Sr. Agostinho Bezerra e no escritório de A Província.
O Satanás. Periódico Chistoso e Satírico.	31x 22	Quatro páginas de duas colunas largas.	Typografia do Satanaz.

A Sentinela.	28x 24	Oito páginas.	Oficina da Agência Jornalística Pernambucana, à Rua do Imperador n.º. 18-20, com redação e escritório na Praça da Independência, n.º. 10, primeiro andar.
Syphorama.		Sem Informação.	Escritório Praça da Independência n.º. 21.
A Tapioca.	Meia folha de papel pautado dobrada.	Dez páginas.	Escrito a lápis pelos alunos do Instituto Pernambucano.
O Traquinas.	22x16	Quatro páginas.	Redação aqui mesmo.
O Trocista.	25x15	Quatro páginas de duas colunas.	Escritório e redação na Rua do Passa a Perna.
O Trovão.	37x26	Quatro páginas de três colunas.	Correspondência dirigida para a redação na Rua Duque de Caxias, n.º. 37. Impresso no Atelier Miranda a Rua Padre Nóbrega, n.º. 18-22.
O Zum-zum.	27x18	Quatro páginas. Impresso em papel róseo.	Typografia do Zum-zum.

Fontes: jornais humorísticos sob a guarda do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

ANEXOS

ANEXO nº. 1 – FOTÓGRAFOS E ESTABELECIMENTOS FOTOGRÁFICOS NO RECIFE (1880-1914).

Fotógrafos e estabelecimentos fotográficos no Recife. 1880/1889	Fotógrafos e estabelecimentos fotográficos no Recife. 1890/1899	Fotógrafos e estabelecimentos fotográficos no Recife. 1900/1914
<p>Barza, Constantino. Rua Barão da Victória, nº. 52. Recife, PE 1880. Provável sócio e sucessor, em Recife, da Photographia Allemã de Alberto Henschel. Coleções: Fundaj; Museu Histórico Nacional, Boris Kossoy.</p> <p>Castro, Joaquim Canelas de. Rua Primeiro de Março, nº.7 Recife, PE 1887. Fotógrafo que é funcionário ou sócio da Photographia Moderna, de Hermina de Carvalho Menna da Costa.</p> <p>Costa, Hermina de Carvalho Menna da. Rua Barão da Victoria, nº.10 (14) (12). Recife, PE 1883-1887. Rua Primeiro de Março, nº. 7. Recife, PE. 1887. Hermina participa em 1885 da quinta Exposição Artístico-Industrial, promovida pela Imperial Sociedade dos Artistas Mecânicos e Liberais, recebendo diploma de mérito. Coleção Museu Histórico Nacional.</p> <p>Costa, Manoel Inocência Menna da. Rua da Imperatriz, nº. 48. Recife, PE 1875/1881; Rua Primeiro de Março, nº. 7. Recife, PE.1887.</p> <p>Menna da Costa divulga,</p>	<p>Bérard, Daniel. Rua do Barão da Victoria, nº. 61, 2º andar. Recife, PE 1892, 1893.</p> <p>Bocage, Francisco du. Rua da Imperatriz, nº. 31. Recife, PE 1894. No princípio de 1894 se lê na imprensa: acha-se concluído e abre-se hoje para o público o atelier da Empreza Centro Artístico Photographico, à Rua da Imperatriz nº. 31, estando a sua direção técnica aos cuidados do hábil profissional Sr, Francisco du Bocage (Jornal do Recife, 5 de janeiro de 1896, p. 2) A Bocage se deve importante coleção de vistas urbanas e dos arredores do Recife, que dá origem à edição de cartões-postais. Tudo indica que tenha sido indicado pela administração municipal para a documentação do andamento das obras do Porto do Recife: incluem-se neste conjunto aspectos da demolição e vistas do Cais Martins de Barros, Kossoy, (1980, pp. 88-9). Coleções: Fundaj; Museu da Cidade do Recife; UFPE; Museu de Arte Moderna;</p>	<p>Barreto, Arthur. Rua da Imperatriz, nº. 70 Recife, PE 1900. Rua Dr. Rosa e Silva, nº. 70 (68), Recife PE. Em 1910. (o endereço é o mesmo só muda o nome da rua). Sucede a Photographia Victória, de Cintra & C. Coleção: Museu Histórico Nacional.</p> <p>Bocage, Francisco du.</p> <p>Cintra. Rua da Rosa e Silva (Imperatriz), nº. 68. Recife, PE 1907. É proprietário da Photographia Victória.</p> <p>Costa, Ludgero Jardim da. Rua Barão da Victoria, nº. 65. Recife, PE1895-1920. Anuncia-se sucessor da Photographia Ducasble.</p> <p>Mello, Borges de. Rua Dr. Rosa e Silva, nº. 39. Recife, PE 1900. Retratista em atividade entre o fim do século XIX e o início do século XX na capital de Pernambuco. Coleções: Fundaj; Museu Histórico Nacional.</p> <p>Monteiro. Rua Rosa e Silva, nº. 24. Recife, PE 1904. A atividade de Monteiro & C. é determinada no Recife nos primeiros anos do século XX. Seu</p>

<p>além da “Photo-pintura”, retratos “inalteráveis a carvão” e os executados em porcelana e esmalte. Retratos de sua autoria são apresentados na Exposição de História do Brasil, em 1881. Coleções: Arquivo Nacional; Biblioteca Nacional; Museu Histórico Nacional.</p> <p>Ducasble, Alfredo. Rua Nova, nº. 65 (55). Recife, PE 1879 -1894. Retratista. Seu estabelecimento se torna conhecido como A. Ducasble & Cia. e Photographie Parisienne. Participa da exposição Artístico- Industrial, em 1885, promovida pela Imperial Sociedade dos Artistas Mecânicos e Liberaes, obtendo o diploma de Progresso, além da Exposição da Antuérpia e no mesmo ano, da exposição internacional de Paris (1889), como fotografo e delegado especial da Província. Embora sua atividade como retratista tenha sido a mais divulgada, Ducasble apresenta também um excelente nível de qualidade técnica e estética nas vistas topográficas, como se pode comprovar nas imagens que toma da cidade do Recife, incluídas na obra de <i>Levasseur Le Brésil</i>. Coleções: Oliveira Lima Library, Catholic University of América; Museu da Imagem e do Som, Boris Kossoy.</p>	<p>Livio Spiegler; Boris Kossoy; Instituto Moreira Salles.</p> <p>Costa, Herminia de C. Menna da. Rua 15 de Novembro nº. 7 A. 1892 - 1894.</p> <p>Costa, Ludgero Jardim da. Rua Barão da Victoria, nº. 65. Recife, PE.1895-1920. Sucessor, em 1895, da Photographia Duscable.</p> <p>Costa, Manoel Inocência Menna da. Rua Quinze de Novembro, nº. 44 1º andar. Recife PE 1892, 1893.</p> <p>Duscable, Alfredo. Rua Barão da Victoria, hoje Rua Nova, nº. 65. Recife PE 1879 – 1894.</p> <p>Gaensly, Guilherme. Suíço, com atividade fotográfica em Salvador até 1890, de onde se transfere para São Paulo. Na década de 1890 produz vistas de Pernambuco. Coleções: Biblioteca Nacional; Arquivo Nacional; Arquivo Público do Estado da Bahia; Instituto Moreira Sales; Boris Kossoy.</p> <p>Jardim, Ludgero. Rua Marcílio Dias nº. 9. 1894.</p> <p>Magalhães, Flósculo de. Rua da Imperatriz nº. 54 A. Recife, PE 1898.</p> <p>Mello, Borges de. Rua Dr. Rosa e Silva, nº. 39. Recife PE. Retratista em</p>	<p>estabelecimento recebe o nome de Photographie Chic. Coleções: Museu Histórico Nacional; Boris Kossoy.</p> <p>Oliveira, João José de. Rua da Imperatriz, nº. 79. Recife, PE 1906. Coleções: Fundaj; Livio Spiegler; Boris Kossoy.</p> <p>Piereck, Louis. Rua da Imperatriz, nº. 54ª. Recife, PE 1906. Rua Doutor Rosa e Silva, nº. 54 Recife PE 1906 (A Rua da Imperatriz tem seu nome mudado para Rosa e Silva). Retratista. Coleção: Fundaj.</p> <p>Ribeiro Filho, Manoel. Rua Dr. Rosa e Silva, nº. 39. Recife, PE 1904.</p> <p>Tondella, Manuel. Rua da Imperatriz, nº. 79. Recife, PE 1900-1904. Associado a João José de Oliveira (Oliveira & Tondella). Autor de vistas do Recife que são editadas em cartões – postais. Coleção: Livio Spiegler.</p>
---	---	--

<p>Henschel, Alberto Rua do Barão da Victoria nº. 52. 1877-1882. Alberto Henschel, alemão, de Berlim, nasce em 13 de junho de 1827. Desembarca no Recife em maio de 1866. Em 1877 é obrigado a se mudar para a Rua Barão da Vitória nº. 52. No principio de 1880 anúncio da casa Henschel & Cia. informa a chegada de Moritz Lamberg, que cuidará da parte técnica e artística do estabelecimento. São de 1881 as fotografias do Recife tiradas pelo estabelecimento, que são recomendadas ao público como as melhores que conhecemos até hoje. Elas documentam os principais edifícios públicos, pontes, ruas, praças e aspectos do porto, etc. Algumas são apanhadas instantaneamente, como exige o movimento das cenas fotografadas. Coleções: Biblioteca Nacional; Museu Histórico Nacional; Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; Casa Rui Barbosa; CPDOC/FGV; Arquivo Público do Estado da Bahia; Instituto Moreira Salles; Livio Spiegler; Reiss Museum; Institut für Länderkunde.</p> <p>Labadie, Francisco. Rua Barão da Victoria, nº. 14. Recife, PE 1876-1883. Funcionário da Photographia Imperial de Lopes e Cia. É de sua autoria a vista da Igreja de</p>	<p>atividade entre o fim do século XIX e início do século XX.</p> <p>Oliveira, João José de. Rua da Imperatriz, nº. 79. Recife, PE 1898. Associado a Manuel Tondella no estabelecimento Photographia Popular. Os dois produzem cartões postais. Coleções: Fundaj; Livio Spiegler; Boris Kossoy.</p> <p>Ramos, Frederico. Rua 15 de Novembro nº. 44, 1º andar. 1892.</p> <p>Roth, Jorge Augusto. Rua do Barão da Victoria, nº. 12. Recife, PE 1892, 1893. Alemão. Presta serviços para João Ferreira Villela e a Manoel Inocência Menna da Costa.</p>	
---	---	--

<p>Nossa Senhora da Penha, no Recife, que é apresentada na Exposição de História do Brasil. Falece em 1883, no Recife.</p> <p>Lamberg, Moritz. Rua do Barão da Victoria, nº. 52 Recife, PE1880-1884. Chega ao Recife em 1880. Funcionário da Photographia Allemã. Louvado pela imprensa e por Constantino Barsa como uma celebridade europeia como fotógrafo (Diário de Pernambuco, Recife, 29 de janeiro de 1880), foi naturalizado em 1885. Coleções: Livro Spiegler, Instituto Moreira Salles.</p> <p>Magalhães, Flósculo de. Rua Barão da Vitória, nº. 14 (12). Recife, PE 1886 - 1887. Trabalha no estabelecimento de Hermina de Carvalho Menna Barreto, de quem é sócio e funcionário. Coleções: Museu Histórico Nacional; Boris Kossoy.</p> <p>Ramos, Frederico Rua 15 de Novembro nº. 44, 1º andar. Recife, PE 1889. Proprietário de estabelecimento no Recife.</p>		
--	--	--

Fonte: KOSSOY, Boris. **Dicionário Histórico- Fotográfico Brasileiro**. Fotógrafos e ofícios da Fotografia no Brasil (1833-1910). São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2002.

ANEXO nº. 2 - DADOS DEMOGRÁFICOS DO ESTADO DE PERNAMBUCO E DO RECIFE. RECENSEAMENTOS GERAIS.

ESPECIFICAÇÃO	1872	1890	1900	1920
Totais de Pernambuco.	841.539	1.030.224	1.178.150	2.154.835
Totais do Recife.	116.671	111.556	113.106	112.553
Homens de Pernambuco.	428.588	503.555	586.012	1.055.313
Mulheres de Pernambuco.	412.951	529.669	592.138	1.099.522
Homens do Recife.	62.123	51.947	53.838	112.553
Mulheres do Recife.	54.538	59.509	59.268	126.290
Solteiros de Pernambuco.	578.383	704.943	808.492	1.543.860
Casados de Pernambuco.	230.555	280.921	311.402	498.356
Viúvos de Pernambuco.	32.601	44.360	58.256	112.619
Solteiros do Recife.	83.769	79.614	-----	162.350
Casados do Recife.	27.866	23.984	-----	58.076
Viúvos do Recife.	5.036	7.958	-----	18.417
Nacionais de Pernambuco.	828.095	1.027.534	1.167.328	2.142.267
Estrangeiros de Pernambuco.	13.444	12.690	10.822	12.568
Nacionais do Recife.	108.623	109.431	-----	228.556
Estrangeiros do Recife.	8.048	12.125	-----	10.287
De menos de um ano do Recife.	3.310	2.383	-----	5.023
De 1 ano do Recife.	1.972	2.110	-----	3.966
De 2 anos do Recife.	2.273	2.440	-----	5.290
De 3 anos do Recife.	2.443	2.532	-----	5.596
De 4 anos do Recife.	2.467	2.341	-----	5.164
De 5 a 9 anos do Recife.	16.062	11.204	-----	24.792
De 10 a 14 anos do Recife.	12.817	10.459	-----	25.259
De 15 a 29 anos do Recife.	42.415	36.975	-----	83.747
De 30 a 39 anos do Recife.	13.664	16.315	-----	34.372
De 40 a 49 anos do Recife.	8.519	11.889	-----	22.226
De 50 a 59 anos do Recife.	5.578	6.635	-----	13.010
De 60 a 69 anos do Recife.	2.869	3.708	-----	6.420
De 70 a 79 anos do Recife.	1.396	1.509	-----	2.476
De 80 a 89 anos do Recife.	564	503	-----	707
De 90 a 99 anos do Recife.	152	128	-----	200
De 100 mais anos do Recife.	98	34	-----	43
Idade ignorada do Recife.	72	391	-----	552
Sabendo ler e escrever do Recife.	36.293	41.698	-----	123.172
Não sabendo ler e escrever do Recife.	80.378	69.858	-----	115.671

Fonte: **Sinopse Estatística do Estado**. nº. 2. Recife: Imprensa Industrial, 1938. p. 39.

ANEXO nº. 3 – ARROLAMENTO PREDIAL E DOMICILIÁRIO DO ESTADO E DO MUNICÍPIO DA CAPITAL, SEGUNDO RECENSEAMENTOS GERAIS.

FONTE	ESPECIFICAÇÃO	DO ESTADO	DO MUNICÍPIO
Censo de 1872.	Número de prédios.	138.301	17.097
	Número de domicílios.	134.765	16.380
Censo de 1900.	Número de prédios.	228.158	-----
	Números de domicílios.	221.681	-----
Censo de 1920.	Número de prédios.	340.457	36.537
	Números de domicílios.	318.344	35.229

Fonte: **Sinopse Estatística do Estado**. n. IV. Recife: Imprensa Industrial, 1938. p. 43. Obs. Pela tabela acima a maioria dos prédios da capital e do interior são destinados à habitação.

ANEXO nº. 4 – ESTATÍSTICA ESCOLAR DE 1906. NÚMERO DE ESCOLAS E DE ALUNOS POR FREGUESIAS.

Freguesia	Fem.	Mas.	Mista	Infantil	Matriculados	Frequêntado
Recife	1	2	0	0	169	121
Santo Antônio	3	6	0	2	675	452
São José	3	8	0	0	651	481
Boa Vista	4	12	0	1	892	649
Graça	2	5	0	1	377	282
Afogados	2	3	2	0	376	245
Poço	0	4	0	1	318	202
Várzea	2	2	1	0	205	141
Totais	17	42	3	5	3.663	2.573

Fonte: INSTRUÇÃO PÚBLICA. Relatório apresentado ao EX. SR. Prefeito do município. Comendador Eduardo Martins de Barros, em 14 de maio de 1906. **Exposição com que abriu a 3ª sessão ordinária do Conselho Municipal em 15 de maio de 1906**. Recife: Typografia do Diário de Pernambuco, 1906.

Anexo nº. 5 - Pernambuco - Indústrias instaladas (1900-1919).

SETORES	1900/1909	1910/1919
Indústria de bebidas	2	3
Indústria de roupas e calçados	2	7
Indústrias de abastecimento d'água e de esgoto	3	10
Indústrias de madeira e produto similares	-	1
Indústrias de produtos alimentícios	17	30
Indústrias extrativas de sais minerais	1	8
Indústrias metalúrgicas	-	1
Indústrias químicas e farmacêuticas	1	10
Indústrias têxteis	2	5
TOTAL	27	75

Fonte: PERRUCCI, Gadiel. A cidade do Recife (1880-1930): o crescimento urbano, o comércio e a indústria. Em: **Anais do VII Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História**, v.I. São Paulo, 1974. p. 592.